UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Marcélia Picanço Valente

IMPRENSA E EDUCAÇÃO: REGISTRO DA ESCRITA FEMININA NO JORNAL *O OPERARIO* (1909-1913)

Sorocaba/SP
2014

Marcélia Picanço Valente

IMPRENSA E EDUCAÇÃO: REGISTRO DA ESCRITA FEMININA NO JORNAL *O OPERARIO* (1909- 1913)

Dissertação apresentada à banca examinadora, como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Soares de Almeida

Sorocaba/SP
2014

Marcélia Picanço Valente

IMPRENSA E EDUCAÇÃO: REGISTRO DA ESCRITA FEMININA NO JORNAL *O OPERARIO* (1909- 1913)

Dissertação apresentada à banca examinadora, como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 25 de fevereiro de 2014

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. Jane Soares de Almeida

Universidade de Sorocaba

_____

Prof. Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho

Universidade de Sorocaba

_____

Prof. Dr. Waldemar Marques

Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu filho Ian que abriu concessão para que eu estivesse ausente mesmo presente. Obrigada, filho, sua compreensão foi fundamental para realização deste trabalho. Ao seu padrinho Jun Sawao, meu compadre, amigo e irmão que me auxilia na missão de educar um filho, obrigada meu querido.

A minha orientadora, Profa. Dra. Jane Soares de Almeida, que me sugeriu o tema imprensa com participação feminina e, por conta disso, me pôs em contato íntimo com a cidade de Sorocaba e as mulheres que escreviam ao jornal *O Operario*. Diz o poeta guatemalteco Facundo Cabral que *la vida es el arte del encuentro*, considero este encontro algo muito significativo em minha vida.

Aos meus irmãos queridos, Marcia, Nadson e Nadilson, que, para me consolar, saíram do Amapá e bateram à minha porta, em uma das surpresas mais emocionantes da minha vida. Obrigada, maninhos.

Ao Henrique Cunha por me levar a conhecer os bairros operários da cidade, por dicas preciosas e sagazes chamando a atenção para detalhes que me passaram durante a pesquisa, pela foto da Edição fac-similar, pela inspiração e pela ajuda em organizar os anexos deste trabalho. Obrigada, querido.

A minha amiga e comadre Letícia Lara Avancine, que concedeu madrugadas comigo decifrando os códigos macabros da ABNT. Minha querida, sem você eu não conseguiria. Muito obrigada!

A Janaína Caldeira que corrigiu os erros do meu português ruim, sempre atenta à história que eu contava, me ligando ora emocionada, oras revoltada e dizendo-se, agora, feminista. Obrigada, Janoca.

A Maria Cristina Villas, que me ajudou a organizar o pensamento e, por diversas vezes, me acalmou com seu sorriso sereno.

A eterna amiga Jaqueline Gomes da Silva, que sempre me ampara nos momentos de desespero e insegurança. Essa parceria de mais de 30 anos é vital em minha vida. Valeu irmã!

Ao professor Rogério Lopes de Carvalho, pela doação da Edição Fac-similar.

Ao Gabinete de Leitura da cidade de Sorocaba, principalmente, o auxílio de Lidiane sempre muito atenciosa aos meus pedidos.

A CAPES/PROSUP que apoiou este projeto por meio de uma bolsa de estudos.

DEDICATÓRIA

A Zuleide, minha mãe, e a Dodoca, meu pai, trabalhadores incansáveis, que abriram mão de muitas possibilidades na vida para dar oportunidade de instrução aos filhos. Como é grande o meu amor por vocês.

EPÍGRAFE

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão.

Somente nós, mulheres organizadas autonomamente, podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista. (A carta política, 1976, apud: PINTO, 2003, p. 54).

RESUMO: Este trabalho investiga os escritos de mulheres trabalhadoras na imprensa operária do Brasil nos anos de 1909 a 1913, na cidade de Sorocaba/SP. Examina seus discursos e as questões que os envolviam como reivindicações por educação, emancipação feminina e a exigência de plenos direitos na sociedade. Analisa as relações entre poder e trabalho e suas experiências coletivas. A principal fonte desta pesquisa é o jornal *O Operario*, periódico de orientação socialista que surge no seio da sociedade industrial emergente em Sorocaba. O jornal destaca-se como um contraponto à imprensa hegemônica do período e deu oportunidade para que algumas mulheres nele se manifestassem. Nessas manifestações houve espaço para que se discutisse a formação do movimento operário e seus principais argumentos para instrução dos trabalhadores.
Palavras chave - Mulheres, Movimento Operário e Educação.

ABSTRACT: This work investigates the writings of working women in the working press of Brazil in the early 20th century in the years 1909 to 1913, in the town of Sorocaba-SP. Examines his speeches and that the issues involved as claims for education, emancipation and the requirement of full rights in society. Analyzes the relations hips between power and work and their collective experiences. The main source of this research is the newspaper *O Operario* Journal of Socialist orientation that emerges within the industrial society. The paper emerged as a counterpoint to the hegemonic media of the period and gave opportunity for some women it manifest. In these demonstrations there was space to discuss the formation of the labour movement and its main arguments for instruction of workers.
Keywords;Women. Workers movement and Education.

Lista de Figuras

Figura 1: Edição Fac-similar de *O Operario* 31
Figura 2: Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) 79
Figura 3: Maria Firmina dos Reis 81
Figura 4: Ernestina Lesina(século XX). 89
Figura 5: Nelly Roussel (1879- 1922) 91
Figura 6: Elvira Boni de Lacerda 92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 URBANIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E IMPRENSA OPERÁRIA 16

2.1 O jornal *O Operario* na vida da cidade 30

2.2 Os Gabinetes de Leitura 40

3 IMPRENSA E EDUCAÇÃO 46

3.1 Movimento Anarquista e Escola Moderna 57

3.2 Mulheres e Educação 61

4 MULHERES E A CIDADE 67

4.1 As mulheres e o espaço público 67

4.2 As mulheres e o espaço público no Brasil 69

4.3 Presença feminina na imprensa 71

4.4 Escritoras de vanguarda no Brasil 75

4.5 Os primeiros jornais femininos no Brasil 81

5 ESCRITAS FEMININAS NO JORNAL *O OPERARIO* 87

5.1 Mulheres que escreveram para o jornal *O Operario*. 88

5.2 O que as mulheres de *O Operario* disseram 93

5.3 Condições de trabalho 98

5.4 Educação: resgate das vozes femininas 105

5.5 Emancipação dos corpos femininos no *O Operario* 114

CONSIDERAÇÕES FINAIS 125

REFERÊNCIAS 129

ANEXO – ARTIGOS DO JORNAL *O OPERARIO* 138

1 INTRODUÇÃO

Ao reler a história, nos aproximamos das transformações que os sujeitos operam na sociedade. Ao revisitar o passado, nos damos conta das teias que envolvem os homens no seu caminhar. No processo solitário da pesquisa, um envolvimento que nos transporta para outro tempo, nos faz relacionar com novos sujeitos, viver suas aspirações, dissabores, sonhos e projetos. Viagem que a pesquisa possibilita quando nos deparamos com uma fonte tão rica como o jornal *O Operario*[1] (1909-1913), da cidade de Sorocaba.

A historiadora Maria Helena Capelato (1998), afirmou ser a imprensa manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois "possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos." (CAPELATO, 1988, p.13). Possibilita, inclusive, que pesquisadores ingressem, timidamente, na prática de historiador, revirando os documentos do passado e seguindo suas trilhas. Mérito também da Escola dos *Annales* que, a partir da década de 1970, amplia e inova os métodos de investigação, quando considera os periódicos na produção historiográfica como um importante meio para pesquisa.

Meritório também por considerar, a partir dessa fonte, o registro dissonante dos sujeitos que constroem a história, mas não constam nos documentos oficiais. Por permitir ao historiador não distanciar-se de seu objeto de pesquisa, adotando uma postura neutra, pois são os questionamentos às fontes que darão forma ao "objeto histórico". (DOSSE, 2003). De acordo com Ciro Flamarion Cardoso (1986), tal alargamento na concepção de documento trouxe para a produção historiográfica uma ampliação das possibilidades de investigação.

No decorrer da leitura de *O Operario*, algumas indagações foram surgindo: qual a contribuição deste trabalho para a história social da cidade? O movimento operário de Sorocaba constituiu-se representativo naquele dado momento da história? Influi na educação da população em geral e feminina, em particular?

Ao ler os artigos do Jornal[2] foi possível entender o universo deste pequeno grupo e o quanto as questões debatidas nesse periódico remetiam a um momento importante da história do Brasil. Um momento de tensão social por conta da mudança de regime político e econômico, transformações que alteraram a configuração da vida em sociedade.

---

[1] A palavra operário, na época de circulação do Jornal, não era grafada com acento, por isso optou-se por utilizar a grafia original no título do veículo.

[2] Conforme o Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo, optou-se por grafar a palavra jornal com letra maiúscula quando se refere ao veículo, sem o título do mesmo.

O ponto central deste trabalho é entender como as transformações ocorridas na sociedade brasileira foram percebidas pelas mulheres que escreveram nas páginas do jornal *O Operario*, entender, a partir de seus artigos, qual o modelo de educação que elas aspiravam e que esteve presente em sua formação, ressaltando suas necessidades com vistas a entender sua visão de mundo e suas reivindicações por educação.

Uma referencial bibliográfico foi pesquisado e estudado no que se refere ao gênero biográfico, a história das mulheres, em especial a militância destas nos jornais operários, bem como o estudo historiográfico das relações discursivas – para quem o discurso se direcionava e com quais intenções – recorrentes na imprensa operária das duas primeiras décadas do século XX.

A principal fonte desta pesquisa é o jornal *O Operario*, disponível no Gabinete de Leitura da cidade de Sorocaba, acervo conservado graças à iniciativa de grupos particulares dispostos a contribuir com a produção intelectual, beneficiando grande número de profissionais ligados à pesquisa na cidade de Sorocaba. Graças, também, à iniciativa do historiador Rogério Lopes de Carvalho, que gentilmente doou para pesquisa um exemplar da Edição Fac-similar (2007) elaborada por ele e que muito contribuiu para que as páginas fossem reviradas, pois o acervo original encontra-se em delicado estado para manipulação do periódico, fato que já está sendo contornado pela digitalização dos exemplares pelo Gabinete de Leitura.

Por fim, apontou-se algumas questões acerca do projeto identificado nos escritos de mulheres sobre instrução e as contribuições históricas do trabalho destas militantes, iniciado há quase um século, no projeto de emancipação feminina e de luta pela igualdade dos sexos.

O ponto de partida é compreender o impacto que o processo de industrialização instalado na cidade trouxe para a sociedade no começo da República do Brasil. Para um plano geral recorremos a Hobsbawn (2003) para entender "a formação da cidade, da indústria e da classe trabalhadora" e suas novas características sociais. Considerando que com o "trabalho industrial" ocorreram mudanças na estrutura e organização dos mesmos.

Para o conceito de classe, elegeu-se Thompson (1987), pois este autor, em seus trabalhos historiográficos, procurou dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiadores contemporâneos seus. Para ele, a experiência histórica do operariado inglês se constituiu em um modelo unificador das ações dos trabalhadores.

Carvalho (1987, 1990) propiciou para este trabalho o embasamento acerca do período republicano no Brasil, dissertando sobre o problema do relacionamento entre o povo (cidadão)

e o Estado, o cidadão e o sistema político, concluindo sobre a inexistência de participação pelo povo na Proclamação da República.

E, para o entendimento das demandas e processos locais no período republicano, requereu-se a contribuição de historiadores da cidade de Sorocaba como Bonadio (2004), pesquisador que traça um panorama da instalação do parque industrial da cidade, considerando seus antecedentes, forças políticas e geografia. Cavalheiro (2009) e Araújo Neto (2005), por sua vez, elucidam a formação do movimento operário na cidade, suas reivindicações e organização, dentre outros autores que auxiliaram na montagem do quebra-cabeça complexo que é entender como a urbanização da cidade se constrói.

Neste contexto, é que aparece o jornal *O Operario Orgam de defesa da classe operaria*, fruto independente da atuação política dos trabalhadores em Sorocaba, no início da República no Brasil. Sua circulação, no período de 1909 a 1913 demonstrou combate e resistência à dominação de grupos de industriais locais, pois a maioria dos periódicos, na implantação da industrialização no País, apresentou curta duração (CARVALHO, 2007). Sua importância, junto ao movimento operário da cidade é indiscutível, pois conseguiu concentrar a classe operária em torno de objetivos comuns.

Motivados por ideias de justiça e igualdade, os trabalhadores denunciavam seus opositores pelas páginas deste periódico, revelando tensões do momento vivido, expressando opiniões sobre os problemas existentes dentro e fora do país, mas que eram comuns aos operários do mundo. O Jornal possui várias orientações políticas, a exemplo o Socialismo que figura como vertente principal no editorial do periódico, mas também grande ênfase no anarquismo que é a principal orientação verificada nos discursos analisados neste trabalho. Encontramos também tendências religiosas como o cristianismo e espiritismo.

Outros trabalhos, como o da Professora Maria Nazareth Ferreira (1998), cujo objetivo principal era o de entender a situação da classe trabalhadora dentro do quadro social brasileiro, partindo da análise de jornais operários confeccionados entre os anos de 1880 e 1920, podem ser vistos como fonte de referência para várias pesquisas. Em seu livro, a pesquisadora termina por destacar o operário como um agente comunicador dentro da formação da classe operária brasileira, algo muito mencionado pelo jornal aqui estudado.

Destaca-se a importância dos Gabinetes de Leitura, por conta dessas instituições conservarem valiosos acervos para pesquisa e também para deixar registrado que o Gabinete de Leitura da cidade de Sorocaba é um dos poucos e mais antigos do País, um centro de pesquisa fundamental para compor a história do Brasil.

Buscando rigor e qualidade, recorreu-se a experientes pesquisadores na área de história da educação, Saviani (2004), Louro (1997) e Almeida (1998, 2000), os quais desenvolveram estudos para entendimento dos projetos de educação na conjuntura do Estado Republicano Nacional, considerando seus antecedentes, utilizando fontes escritas como relatórios e leis educacionais, ajudando a entender como a educação foi colocada nos trilhos do progresso da civilização brasileira.

A proposta pedagógica de Francisco Ferrer y Guardia (1976) fornece as bases para a educação anarquista no Brasil, introduzindo novos princípios pedagógicos. Este trabalho destacou a rede formada por todas essas práticas da educação anarquista no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo, desde fins do século XIX até o início da década de vinte do século seguinte. Essas práticas revelam a forte relação existente entre a fundação das Escolas Modernas Racionalistas e o movimento operário. São experiências riquíssimas que contribuíram significativamente no processo de formação de uma cultura operária com forte influência anarquista.

A "história das mulheres" é hoje um campo de pesquisa consolidado em universidades do mundo todo (ainda que em cada país ocorram níveis diferenciados de desenvolvimento e aceitação do campo). Percebe-se, cada vez mais, que a mulher não apenas tem história, mas também fez e faz a sua história.

Perrot (1988, 1991, 2005) destaca o papel público das mulheres, colocando-as em evidência na historiografia e propondo reflexões no movimento de sua liberação, indicando uma nova *escrita* da história. Para Woitowicz (2008, p. 1), os estudos de Perrot possibilitam recuperar olhares sobre os espaços públicos e privados, identidade, igualdade e diferença, sexualização do gênero, o lugar da família e do corpo, e disputas de poder.

Além disso, Perrot tem o mérito de dialogar com autores como Foucault (1987, 2005), que fornece elementos para entender as relações de poder no campo social, apontando o surgimento de novas subjetividades e os jogos das identidades produzidas historicamente nas práticas sociais. Para Foucault, tudo é prática que se constitui discursivamente e exerce poder na estrutura social. O exercício seria a "técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas." (FOUCAULT, 2005, p. 136).

Os debates apresentados na coleção História das Mulheres (Fraisser, Perrot, e Duby 1991), organizada por, fruto de exaustivas pesquisas, constitui rara exceção de estudo e trabalho sobre a mulher, desde a antiguidade até o século XX.

Esses intelectuais foram os pioneiros a quebrar o "silêncio", ressaltando, incansavelmente, os tipos de silêncios impostos às mulheres do passado, enfatizando os

detalhes, como os olhares sobre o corpo feminino, os espaços de fala e debates femininos, e a função da política, da cidadania e das guerras sobre a ação feminina. Em função de todas essas qualidades, esta coleção é uma bela contribuição para o tema, que está em permanente processo de construção.

A temática gênero feminino também é contemplada nesta pesquisa. Duas autoras foram importantes para compreensão das questões relativas ao gênero feminino: Joan Scott (1991) e Margareth Rago (1985, 1997, 1999, 2007). Primeiramente, o texto de Joan Scott, *A mulher trabalhadora*, foi importante para dar a dimensão de como essa personagem da história era concebida na esfera do trabalho pelos diferentes agentes e instituições sociais no final do século XIX e início do século XX, na Europa.

Trabalhando com o mesmo problema de Scott, o da mulher trabalhadora, Margareth Rago trará a temática para o Brasil da Primeira República. Rago investiga o universo do trabalho feminino, o cotidiano da fábrica, a questão da mulher trabalhadora, a moral social e a construção de um ideal de "mãe cívica" para a edificação da nação. A contribuição de Bourdieu (2012) permitiu a análise da dominação de gênero no centro das trocas simbólicas, revelando as formas como se registram as disputas de poder nos corpos e de como as mulheres se inscrevem como sujeitos dominados na história, sem incidir no erro da vitimização, mas a partir do exame de normas sociais sacralizadas e perpetuadas nos hábitos e nos costumes do grupo social no qual homens e mulheres estão inseridos. Desta forma propõe-se o desafio de pensar o corpo, nas relações de trabalho dentro das fábricas, não só numa perspectiva moral, mas também política.

O autor destaca que os corpos têm significados sociais determinantes, neles está registrado o lugar que cada sujeito ocupará na sociedade, se será dominado ou dominante. Esse poder exercido é invisível e Bourdieu o chama de simbólico e é ele quem instaura uma ordem, uma estrutura.

Como afirma Bourdieu, os sistemas simbólicos têm funções políticas que viabilizam o controle dos indivíduos, dos seus corpos. No mundo do trabalho ratificam-se os argumentos do autor, pois as mulheres ocupavam cargos menos importantes e suas remunerações eram menores que as dos homens.

Na perspectiva do autor acima referido, o jornal *O Operario* denunciou, com frequencia, situações de exploração e violência simbólica vivenciadas pelas mulheres operárias. Pelos artigos do Jornal, percebem-se os papéis determinados e muito bem definidos dos dominados e dominadores.

São registros que confirmam não só a dominação entre homens e mulheres, mas o cotidiano dos trabalhadores nas fábricas e indústrias do país, na primeira metade do século XX. Sua investigação pormenorizada possibilita compreender como determinados grupos sociais atuavam e quais suas condições históricas e políticas. Pela análise dos jornais, intenta-se chegar a essa compreensão.

O caminho trilhado por este trabalho centrou-se em pensar as experiências culturais do período estudado, onde a transição, a experimentação, e as novidades vivenciadas pelos operários indicaram uma situação cultural efervescente no Brasil da Primeira República.

O principal desafio foi o exame da escrita de mulheres e compreender de que maneiras foram influenciadas e influenciaram seu meio social. Os discursos das mulheres escritoras no jornal *O Operario* demonstraram sua visão feminina do mundo, o posicionamento da cidadã na sociedade industrial. Destacaram as lutas por emancipação feminina e por melhores condições de trabalhos nas fabricas têxteis da cidade, a postura anticlerical, a participação no espaço público, no projeto de construção da Educação para suas famílias, o direito de não procriar e a livre escolha de seus parceiros.

Nos artigos escritos no jornal *Operario* pelas mulheres, as reivindicações rondavam a esfera do seu próprio corpo, dominado por patrões, maridos e pelos modelos sociais vigentes. Seus apontamentos criticam os dogmas religiosos e propõe a libertação através do conhecimento. Os textos do jornal podem revelar a realidade de mulheres trabalhadoras no início do século XX.

Ao analisar as páginas do *O Operario* percebe-se que os discursos acerca dos corpos eram construídos pensando-os como instrumento para uma revolução social, que passaria pelas experiências individuais, com especial destaque aqui, àquelas focadas na sexualidade. Pontua-se essa observação, pois os discursos sobre a educação feminina formal na época objetivavam o disciplinamento dos corpos e eram nutridos pela ideia de que a moral é essencial para manutenção da ordem e da sociedade. Também a presença dos médicos higienistas, revendo conceitos sobre novas práticas e entendimentos à saúde pública, vem contribuir para confirmação deste discurso.

Este era o modelo de mulher esperado pela sociedade. Em muitos momentos, promovendo a submissão das mulheres e criando estigmas que fortaleciam a figura de mãe sempre doce, da mulher como equilíbrio no seio da família, reforçando sua responsabilidade de manter a ordem.

Esta pesquisa é também uma reflexão acerca da condição feminina no movimento operário de orientação anarquista do início do século XX. Procurou-se perceber quais foram

as reivindicações, as propostas, e o público para que estas mulheres se dirigiram e com quais intenções se lançaram neste projeto de emancipação feminina e humana. Usa-se como exemplo, textos e artigos de algumas militantes do Jornal como Elvira Boni Lacerda, Ernestina Lesina, Nelly Roussel, Joana Doubois, Leonina, Fausta e de uma operária anônima.

A análise desses artigos permitiu a compreensão do contexto vivido por elas, percebendo o universo que as influenciavam. Nesta empreitada, alguns autores foram imprescindíveis para elucidar as frentes teóricas desta pesquisa: Educação, Anarquismo, Gênero e Imprensa Operária.

2 URBANIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E IMPRENSA OPERÁRIA

O processo de industrialização promoveu mudanças na paisagem e estrutura das cidades. Os fluxos imigratórios e o êxodo rural de trabalhadores por busca de novas oportunidades de trabalho determinaram um novo estilo de vida e ações do Estado para garantir as mínimas condições de vida nos centros urbanos.

No final do século XIX, o Brasil passou por mudanças políticas significativas que buscavam adequar as novas forças econômicas voltadas para o desenvolvimento da indústria, especialmente na região Sudeste.

A formação do Partido Republicano concentrou uma nova elite econômica formada, principalmente, pelos cafeicultores do Oeste Paulista, que desejavam maior poder político, e os militares, que ansiavam pelo fim da centralização monárquica e acreditavam poder assumir as rédeas da nação ao garantirem a manutenção da ordem. Havia também outro setor da sociedade urbana a quem o regime imperial não destinou atenção particular, formado por pequenos proprietários, profissionais liberais, jornalistas, professores e estudantes emergentes das camadas médias.

Esses grupos, em muitos aspectos divergiam, pois a questão do trabalho livre não era uma unanimidade entre os Republicanos e nem a concepção e organização da forma de governar a República. No entanto, todos primavam por um processo democrático que permitisse maior participação política. Porém, os contrastes da sociedade brasileira: os negros recém-libertados, os imigrantes e o surgimento do proletariado, acentuavam as discussões em torno do modelo a ser implantado pela República. Sem esquecer que os participantes deste debate eram formados pelas elites educadas da sociedade brasileira, mas que defendiam o envolvimento popular na vida política.

Para Carvalho (1990), as justificativas ideológicas para implantação da República giravam em torno de três modelos: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa, e o positivismo. Cada grupo defendeu intensamente, no início da República, a sua corrente.

Carvalho elucida a essência da cada uma delas da seguinte maneira:

> Embora fundamentalmente de natureza discursiva, as justificativas ideológicas possuíam também elementos que extravasavam o meramente discursivo, o cientificamente demonstrável. Supunham modelos de república, modelos de organização da sociedade que traziam embutidos aspectos utópicos e visionários. No caso dos jacobinos, por exemplo, havia a

> idealização da democracia clássica, a utopia da democracia direta de todos os cidadãos. No caso do liberalismo, a utopia era outra, era a de uma sociedade composta por indivíduos autônomos, cujos interesses eram compatibilizados pela mão invisível do mercado. Nessa versão, cabia ao governo interferir o menos possível na vida dos cidadãos. O positivismo possuía ingredientes utópicos ainda mais salientes. A república era ai vista dentro de uma perspectiva mais ampla que postulava uma futura idade de ouro em que os seres humanos se realizariam plenamente no seio da humanidade mitificada. (CARVALHO, 1990, p. 9).

Apesar da oratória, por parte dos republicanos, contemplar a participação popular, o modelo à americana foi o eleito no Brasil, pois, de certa forma, não excluía o direito de participação política, mas o faria de forma organizativa, priorizando não a liberdade dos indivíduos, mas do mercado, privilegiando também a ordem social e política na organização do poder.

Dos outros dois modelos incorporaram algumas ideias como a valorização do Estado, para controlar recursos de poder econômico e social, e a ideia (mais pela simbologia da ação do que pelas ideias) de povo incorporado nas decisões políticas, principal característica do modelo francês. Soma-se também a esse momento o amadurecimento dos operários das indústrias, que se manifestavam e se organizavam baseados nos princípios do socialismo e Anarquismo, mostrando oposição sistemática ao regime existente.

Para Carone (1988), a ordem econômica e política assumiu proporções complicadas e assustadoras, pois o Estado estava subordinado apenas a interesses de uma insignificante minoria representando e defendendo direitos de pequenos grupos. Para ele, a República estabelecida não poderia resolver os problemas que emergiam naquele momento e referindo-se a esse regime da seguinte maneira:

> A República é o regime do predomínio da minoria, e assim vai dividindo a população em dois povos adversos: um que trabalha, paga e sofre_ o povo pobre, o proletariado; outro que usufrui o trabalho deste, recebe e goza_ compõe-se do capitalismo e do militarismo, a que Magalhães Lima intitula: capital- dinheiro e capital soldado. (CARONE, 1988, p. 225).

O autor afirma que essas duas formas, o militar e o burguês, não trataram de melhorar as circunstâncias do povo e que havia uma oposição à resolução dos problemas da coletividade, acentuando o menosprezo da educação intelectual do povo à maculação da justiça. Para ele, os que ocuparam as posições oficiais mistificaram a opinião pública fazendo-a pensar que participava daquele momento político, o que não passou de uma

operação tática com o objetivo de influenciar a maioria da população no sentido de aprovação do novo regime.

Esse conjunto de manipulações imprimiu ao processo urbano uma nova configuração. Transformações significativas, como a abolição da escravidão e a proclamação da República, instauraram um novo contexto que tinha como palco a cidade, constituindo-se como centro da vida política nacional.

As transformações políticas, sociais e culturais desenvolveram um novo comportamento e possibilitaram a circulação de novas ideias, que incluíram grupos de indivíduos anteriormente excluídos, historicamente, dos espaços de representação política.

Carvalho (1987) elucida a concepção de cidade no começo da República e nela inclui o "novo cidadão":

> As cidades foram tradicionalmente o lugar clássico do desenvolvimento da cidadania. O cidadão era, até etimologicamente, o habitante da cidade. Nela se tornou possível a libertação do poder privado dos senhores feudais. Nela foi que aos poucos se desenvolveram a noção e a prática de um sistema de governo montado sobre o pertencimento individual a uma coletividade. (CARVALHO, 1987, p. 12).

Essa libertação apontada por Carvalho (1987) ocasionou investimentos que passaram a transitar dos espaços agrícolas para os aglomerados urbanos. Como a atividade industrial apontava para um caminho mais rentável e de rápido retorno, muitos empresários concentraram seus investimentos na cidade e os trabalhadores tinham esperanças de que o trabalho assalariado nas indústrias traria melhores condições de vida.

O mundo, essencialmente rural, agonizava por conta de sua estrutura desigual, de um lado os que cultivavam a terra, mas não a possuíam, e de outro, os que produziam as riquezas e as acumulavam, deixando uma classe de pequenos proprietários e um expressivo número de trabalhadores rurais pauperizados.

A realidade brasileira reproduz parte da européia, revelando o processo de ascensão da atividade industrial determinada pela mecanização do trabalho e pela renovação da mão de obra existente, que anteriormente concentrava-se no campo. Este processo intensificou-se a partir da Primeira República, possibilitando o surgimento de novos setores sociais e novos grupos econômicos ligados ao surto da industrialização, Neste momento, surge um período intermediário entre o sistema agrário-comercial e o urbano-industrial, impulsionado em parte pela construção de ferrovias, depositárias do progresso e estimuladoras da expansão dos mercados internos e externos, conforme explica Hobsbawn (2003, p. 32):

> Essa imensa indústria, embora provavelmente não se expandindo de forma suficientemente rápida rumo a uma industrialização realmente maciça em escala moderna, era grande bastante para estimular a invenção básica que iria transformar as indústrias de bens de capital: a ferrovia.

O autor destaca que a rapidez da máquina a vapor inaugurou um tempo de alta rentabilidade para os investidores da época, que a transformaram em símbolo da Revolução Industrial:

> Nenhuma outra invenção da revolução industrial incendiou tanto a imaginação quanto a ferrovia, como testemunha o fato de ter sido o único produto da industrialização do século XIX totalmente absorvido pela imagística da poesia erudita e popular. Mal tinham as ferrovias provado ser tecnicamente viáveis e lucrativas na Inglaterra (por volta de 1825-30) e planos para sua construção já eram feitas na maioria dos países do mundo ocidental, embora sua execução fosse geralmente retardada. (p. 32).

Os caminhos abertos pelas ferrovias acenaram para um tempo de prosperidade, de expansão, desbravamento de territórios, de intercâmbio de produtos, ideias e trocas culturais entre os Países. Um engenho que veio mudar o curso da história, como complementa Hobsbawn (2003, p. 32):

> A estrada de ferro, arrastando sua enorme serpente aplumada de fumaça, à velocidade do vento, através de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que fazia as pirâmides do Egito e os aquedutos romanos e até mesmo a Grande Muralha da China empalidecerem de provincianismo, era o próprio símbolo do triunfo do homem pela tecnologia..

A evidência destacada pelo autor demonstra a importância que este invento obteve na sociedade e o efeito que essa transformação tecnológica gerou nas relações de produção e trabalho. Tornou-se um dos pilares da modernização da sociedade, empreendida por sua capacidade de disseminar os ideais da industrialização.

As formas de desenvolvimento industrial no Brasil reproduzem o movimento feito pela Inglaterra, precursora do modelo de ferrovias posteriormente disseminado pelo mundo. O transporte ferroviário possibilitou o movimento da economia através da circulação de mercadorias, serviços e passageiros simbolizando o progresso material das nações.

A ferrovia inglesa serviu de base para expansão dos trilhos no sudeste do País, pois incrementou as relações comerciais e um ativo comércio importador e exportador. “Os núcleos urbanos que floresceram em torno das estações do trem pareciam ilhas de prosperidade encravadas em um mundo agrário tradicional.” (BORGES, 2000, p. 41).

Contudo, mudanças significativas foram efetivadas nas estruturas tradicionais da sociedade brasileira. A transferência para o Brasil de alguns milhões de pessoas vindas de várias partes do mundo, implicou um processo de redistribuição de força de trabalho a serviço das novas necessidades e, consequentemente, o surgimento de um elevado número de novas cidades, porém os problemas urbanos aumentavam em proporções geométricas. Onde acomodar tantas pessoas? Que ações deveriam materializar-se para que a vida na cidade pudesse fluir sem tantos transtornos? Como satisfazer as necessidades básicas vitais dos indivíduos?

Os referidos grupos, elite oligárquica, militares, sociedade civil e operários das indústrias possuíam interesses diferentes e adquiriram conhecimentos a partir da realidade vivida. Segundo Wood (2003), como as pessoas nunca são reunidas em classes, a pressão determinante exercida por um modo de produção na formação das classes não pode ser expressa sem referência a alguma coisa semelhante a uma experiência comum. "É no meio dessa experiência vivida que toma forma a consciência social e, com ela, a disposição de agir como classe". (WOOD, 2003, p. 277).

O conceito de classe expresso por Thompson (2004, p. 10) é o que mais se aproxima desta verdade:

> A classe acontece quando alguns homens como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujo os interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições sistema de valores, ideias institucionais. Se a experiência aparecesse como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma.

A explanação de Thompson explica as classes como uma formação social e cultural durante um período de mudanças sociais. No período que se refere à Inglaterra havia interesses diferentes nas relações, ideias e instituições dos grupos. Suas experiências não eram semelhantes. E o processo de industrialização acentuava as divergências. O ritmo do trabalho foi alterado e a cidade passou a comportar novos atores e necessidades.

Essa experiência, guardadas suas peculiaridades, também foi percebida na cidade de Sorocaba, na metade do século XIX. Bonadio (2004) destaca que os trilhos construíram os

caminhos econômicos da cidade, potencializando a cultura do algodão e a criação de indústrias de fiação e tecelagem:

> A Estrada de Ferro Sorocabana, concebida como ferrovia a serviço da cultura algodoeira, que então se espalhava por Sorocaba e seu entorno (SAES, 1981:41), só se converteu em realidade a partir do instante em que seus dirigentes passaram a apresentá-la como uma via de ligação- tornada indispensável pela guerra do Paraguai(1864-1870)- entre a Fábrica de Ferro São João Ipanema e a capital paulista. (BONADIO, 2004, p. 129).

No entanto, os planos iniciais não foram alcançados, como explica Bonadio:

> Quando a ligação São Paulo – Ipanema através de São Roque e Sorocaba é concluída, no ultimo dia do ano de 1876, a guerra há muito se encerrara. A via férrea, retomando a vocação original, encorajava a difusão da cotonicultura e oferece aos lavradores transporte seguro e rápido até o entroncamento, em São Paulo com SPR, a custos vantajosos em relação às tropas cargueiras. A etapa final da movimentação até o porto de Santos tocava à ferrovia dos ingleses. (p. 129).

A construção da ferrovia durou três anos e sua principal função foi, inicialmente, o transporte do algodão, que já fazia parte da cultura agrícola do Brasil desde os tempos coloniais.

O algodão simbolizava em 1864 o “ouro branco” e os grandes fazendeiros passaram a cultivá-lo em larga escala, interessados pelo aquecimento do comércio exterior. Segundo Silva (2009, p. 22), “Sorocaba tornou-se a capital histórica do algodão herbáceo em São Paulo.” O investidor Matheus Mailasky, imigrante húngaro, dinamizou a economia da cidade, pois além de possuir conhecimento técnico, foi um dos grandes investidores do período, tornando-se um dos principais produtores em Sorocaba:

> Um homem à frente de seu tempo, Maylasky foi um dos grandes benfeitores da sociedade Sorocabana. Era tão grande sua versatilidade que após um ano de permanência no Brasil, o imigrante húngaro havia se transformado em industrial, atacadista, exportador, comissário e, como noticiou o Cruzeiro do Sul em maio de 1906, sabe-se mais lá o que foi Maylasky. Através de seu esforço e visão de futuro, a cidade passou a contar com um Gabinete de Leitura e, anos mais tarde, por sua iniciativa e empenho, com uma estrada de ferro que ligava Sorocaba a São Paulo. (SILVA, 2009, p. 25-26).

Segundo Araújo Neto (2005, p.19), o húngaro era um típico *Self-made-man* do século XIX e abriu caminhos para novas possibilidades econômicas na cidade, como a instalação da primeira fábrica têxtil, em 1882. A abertura da fábrica Nossa Senhora da Ponte, seguida da

fábrica Votorantim, Santa Rosália (1890) e Santa Maria (1895), estimulou a vinda de muitos operários assalariados e inaugurou o período de crescimento da atividade fabril.

> As novidades comerciais, pessoas diferentes, chegavam rapidamente pelos trilhos, assim como os fatos políticos pelos fios do telégrafo. Poucos anos após a inauguração da ferrovia, intensificaram-se as atividades comerciais não ligadas às feiras de muares já em declínio, mas outras de caráter urbano, inclusive industriais. (ARAÚJO NETO, 2005, p. 20).

Ele refere-se à queda na exportação do algodão que coincidiu com o final da construção da ferrovia, em virtude do declive das cotações no mercado internacional motivado pela guerra da secessão e o prejuízo das tecelagens inglesas, prejudicadas pelo corte dos suprimentos de algodão vindos do sul dos Estados Unidos. Os investidores endividados procuraram alternativas para o uso das linhas. A instalação de indústrias foi a solução encontrada, pois há muito já se sondava essa possibilidade para a cidade. Silva (2009), alerta para as considerações de Maylasky no periódico *O Araçoiaba* em 1867:

> Nós sugerimos a lembrança de apresentarmos algumas considerações tendentes a demonstrar as vantagens que natural e incontestavelmente resultarão da fundação, nesta cidade, de uma fábrica de tecidos.
> {...} Uma fábrica de tecidos de algodão, em nossa localidade, considerada especulação lucrativa de conveniente emprego de capitais, e ao mesmo tempo um avantajado passo no caminho do progresso, um estilo de emulação para novos e idênticos estabelecimentos, uma necessidade indeclinável {...}. O algodão manufaturado produz o triplo do que atualmente fornece simplesmente descaroçado para exportação. (SILVA, 2009, p. 30-31).

A Estrada de Ferro Sorocabana não conseguiu chegar ao objetivo de sua função primeira, mas “a estrada do algodão” trouxe nos seus trilhos a atmosfera industrial. As novas invenções seriam transportadas pelos trens para a construção das novas bases econômicas e serviu como “meio para facilitar as viagens e os transportes, para unir a cidade ao campo, as regiões pobres às regiões ricas, as ferrovias foram admiravelmente eficientes.” (HOBSBAWN, 2003, p. 122).

A ferrovia em Sorocaba gerou grande impacto na estrutura urbana, apressando o desenvolvimento dos bairros da cidade e possibilitando uma maior intensificação das atividades comerciais devido a articulação e contato com outras regiões, constituindo-se em fator de mudança social e progresso. As fábricas implantadas em Sorocaba a utilizaram, durante muito tempo, para escoar produtos.

> No final do século XIX, com o encerramento do ciclo das feiras de muares, Sorocaba direcionou-se a outras atividades econômicas ligadas à criação das fábricas têxteis e à instalação da estrada de ferro. Denominada "Manchester Paulista" em l905, teve a indústria têxtil como responsável pela imagem de progresso que as elites republicanas esforçavam-se por passar – a cidade contribuía para o desenvolvimento do capitalismo no país. Visualizada como progressista, a cidade atraía cada vez mais trabalhadores de outras regiões, da zona rural e um grande número de imigrantes, sobretudo italianos, espanhóis, portugueses, além de alemães e ingleses que trabalharam na parte técnica das fábricas e ferrovia. (CARMO;SANDANO, 2008, p. 111).

A abertura de fábricas, principalmente têxteis, em Sorocaba, instaurou um tempo de composição urbana, rearranjos econômicos, políticos e culturais, o momento de se adaptar às demandas da cidade. A população aumentou num curto espaço de tempo e as forças políticas tiveram também que se adaptar para coordenar a cidade que se erguia e ainda contemplar em seus discursos os novos grupos sociais.

A mão de obra que veio suprir o parque industrial era diversa, pequenos produtores, trabalhadores(as) do campo, migrantes de outras partes do país e imigrantes, ávidos por melhores oportunidades de trabalho, muitos vindos de Países Europeus que já haviam passado pela experiência do modelo industrial. Sensibilizados politicamente sobre seus direitos e a forma de reivindicá-los, foram fundamentais para o surgimento do movimento operário e para unificação da classe trabalhadora em Sorocaba:

> A partir da década de noventa do século XIX, em virtude da aceleração do crescimento fabril do município, uma classe social começa a se destacar, pois anteriormente sua presença era obscurecida pela escravidão, muito embora parte significativa dos trabalhadores das poucas fábricas já em funcionamento no final do Império fosse de operários livres. Como o historiador Caio Prado Jr. Já havia mencionado: "(...) se dantes a servidão corrompia o homem livre, agora é a liberdade que corrompe o escravo" (PRADO JR, 1976, p.191). Obviamente, a formação da classe operária não se deu de uma hora para outra; ela vai se formando num processo gradativo de mais ou menos um século. (ARAÚJO NETO, 2005, p. 25).

Parte dos trabalhadores que compuseram o movimento operário chegaram ao Brasil a partir de fluxos imigratórios incentivados pelo Estado. O recrutamento deste contingente assume características próprias e foi patrocinado em parte pelo governo brasileiro no final do Império e começo da República:

> A política imigratória do governo brasileiro foi sempre voltada, e com maior regularidade a partir de 1875, para a atração de mão-de-obra da Europa. Duas foram as formas de atuação nessa direção: imigração financiada diretamente pelo governo e contratos com empresas particulares para

> introdução de força de trabalho, mediante o pagamento de somas em dinheiro para cada emigrante desembarcado. A esse esforço financeiro centralizado podemos acrescentar também o empenho direto de cada estado, através da criação de seus próprios serviços de imigração na Europa. O exemplo mais significativo desta última prática foi a fundação, no Estado de São Paulo, da sociedade promotora de Imigração em, 1886. (DEL ROIO, 1990, p. 17).

A contratação de trabalhadores livres para atividade industrial era urgente e assegurar esses financiamentos exigia grande esforço do governo, porém necessário para dar continuidade ao novo sistema econômico implantado. Esses contratos foram alvo de corrupção e abusos, forçando o governo brasileiro num dado momento a rompê-los, pois as empresas contratadas, muitas vezes, não garantiam os interesses e direitos dos imigrantes:

> A ausência de critérios e o próprio engano com que era conduzido o recrutamento foi objeto de atritos entre o próprio governo brasileiro e as empresas recrutadoras, sobretudo naquilo que dizia respeito à condição profissional do emigrante; o governo pagava a viagem somente para família de agricultores, enquanto que os agentes embarcavam de tudo: solteiros e casados, camponeses e barbeiros, braçais e sapateiros, pedreiros e alfaiates. Muita gente chegou, portanto, ao Brasil, como trabalhador agrícola para depois recusar-se a trabalhar na terra. Daí, frequentes litígios entre governo e companhias de imigração, e os protestos dos próprios emigrantes que, uma vez desembarcados em território brasileiro, descobriram terem sido ludibriados. (DEL ROIO, 1990, p.17).

A cidade de Sorocaba havia criado a Sociedade de Imigração em 1885 e sua atuação estava ligada diretamente à Sociedade Central de Imigração do Rio de Janeiro. Ela intermediava os contratos, mas muitos trabalhadores também imigravam por iniciativa própria. Segundo Bonadio (2004) boa parte dos primeiros trabalhadores na indústria eram imigrantes e encontravam situações adversas das prometidas quando chamados a assumir postos de trabalho. A necessidade de organização parecia iminente:

> Aos estrangeiros somavam-se os migrantes internos, vindos do campo para a cidade. Os trabalhadores se deram conta, desde logo, que precisariam prover, por seus próprios meios, boa parte dos seus interesses. Inicia-se assim, a fase local do que José Albertino Rodrigues chamou de Sindicalismo mutualista (Rodrigues, 1968:6), com a criação ainda no século XIX das seguintes entidades: Sociedade Beneficente e Protetora dos Chapeleiros, em 1890(Estatuto da SBPCS, cidade de Sorocaba, 1923), Societá Operária Italiana Umberto I, em 1885 (Gaspar, 1954:65), Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Socorro (Aleixo Irmão, 1999:339) e Sociedade Beneficente dos Empregados da Companhia União Sorocabana e Ituana (Estatutos:Sorocaba, Drusky), ambas em 1896. (BONADIO, 2004, p. 251-252).

Essas associações tinham como objetivo resguardar os trabalhadores em situação de risco como conclui Bonadio (2004, p. 252):

> A preocupação dominante dessas organizações era a montagem de esquemas de socorro para ocasiões em que o trabalhador se visse impedido, por doença, de cuidar da própria subsistência. Logo, entretanto, surgem associações de trabalhadores com finalidades mais amplas, como questionar a duração da jornada de trabalho e a remuneração dos assalariados. .

As condições objetivas que os trabalhadores encontraram na sua chegada geraram uma série de polêmicas e acidentes diplomáticos entre países, descontentamento e revolta dos emigrantes que criaram campanhas por meio da imprensa para que os governos interferissem na questão da imigração. Era preciso encontrar uma solução eficaz que comportasse minimamente o bem estar desses trabalhadores que estavam insatisfeitos com o regime de baixos salários, a total ausência de proteção legal e condições miseráveis de vida.

A conjuntura a que estavam submetidos empurrava-os para uma alternativa de autoproteção. Formar associações era uma possibilidade de proteger-se e fortalecer-se na busca por direitos básicos. Desta forma o movimento operário formado na maior parte por imigrantes italianos, iniciou sua marcha com uma grande aliada, a imprensa. Pela circulação dos periódicos apresentaram questões que eram comuns aos trabalhadores da cidade:

> O forte impulso dado pelos italianos ao movimento operário derivou de dois motivos fundamentais: 1) a presença entre os imigrantes de indivíduos já politizados em sua pátria (republicanos históricos, anarquistas ou inscritos no Partido Operário e, mais tarde, no Socialista); 2) o fato dos italianos terem constituído, por muito tempo, a esmagadora maioria do proletariado industrial. (p. 42).

Costa (1982) pede cautela ao analisar os números, pois os dados divulgados referem-se ao estado de São Paulo, principal polo receptor de estrangeiros:

> Segundo o censo industrial de 1920, 60% dos 93.998 trabalhadores registrados eram de nacionalidade brasileira. Nos demais estados, talvez com exceção do Rio Grande do Sul, o número de trabalhadores nacionais era ainda maior. É preciso, portanto, examinar essa questão com mais cuidado, pois a partir do momento que reconhecermos a participação do trabalhador nacional nos movimentos operários da Primeira República, algumas das noções tradicionais, ruirão por terra e novas questões surgirão. Como falar-se então da inexperiência política do trabalhador brasileiro? (COSTA, 1982, p. 224).

No entanto, nos jornais da época, a presença de italianos é inegável. E talvez daí parta a afirmação de Del Roio (1990) sobre a significativa participação dos italianos na base de formação do movimento operário. Segundo Gallota (2009, p, 7), há um consenso entre os autores que pesquisaram a imprensa no período de 1870 a 1940 e a constatação de que expressivas quantidades de periódicos em língua italiana ou bilíngue circularam pelo País. Em algumas edições do jornal *O Operario,* encontravam-se artigos em língua italiana, inclusive no primeiro número saudando os operários pela iniciativa do periódico.

Apesar da dificuldade de relacionamento e hostilidade entre as diversas nacionalidades, os colabores estrangeiros traziam na bagagem experiências políticas que foram importantes para o nível de consciência e de organização do movimento operário, Sobre essa importância Hardman (1980, p. 65) esclarece:

> Porém a nosso ver, dialeticamente, a imigração jogou um papel positivo no processo de formação do proletariado como classe "para si". A presença de núcleos de militantes vinculados à experiência internacional da classe contribuía – por mais tênues que fossem os vínculos – para que se estabelecesse uma ponte mediadora entre a consciência do proletariado em formação, no Brasil, e o proletariado internacional. O internacionalismo, nesta medida não foi apenas uma 'ideologia importada' nem um mero recurso teórico de propaganda doutrinária. Inscrevia-se, pelo contrário, no processo do movimento operário brasileiro, tornando-o, dialeticamente, parte específica e constitutiva do movimento operário internacional.

No *O Operario* é possível observar esse intercâmbio internacional, de notícias e de colaboradores. Articulistas da Itália, França e Espanha discorriam sobre os interesses dos trabalhadores, buscando solidariedade e conhecimento recíproco das causas exigidas. Uma aproximação das situações reais enfrentadas por essa classe nos vários países, na tentativa de unificação do movimento e do combate à exploração por parte dos industriais.

A imprensa operária nasceu nesse contexto turbulento da cidade e do desejo de se fazer ouvir. Tentava expressar suas opiniões acerca das transformações e dos problemas existentes, não só na cidade, mas sobre os fatos ocorridos dentro e fora do País, revelando a subjetividade de pessoas comuns e as situações concretas de seu cotidiano.

Nas cidades onde houve o surto de industrialização, a experiência desses sujeitos promoveu lutas por melhores condições de trabalho e acesso à cidadania. A imprensa operária foi importante veículo para propagação destas reivindicações fazendo um contraponto com as ideias amplamente divulgadas pelo movimento republicano, que se distanciava das preocupações das classes menos favorecidas, apesar de seu discurso democratizante.

A imprensa operária que representava outro posicionamento político e ideológico, se tornaria imprescindível para a unidade dos operários e revelação dos modos de vida do trabalhador. Ferreira (1988) ao se referir à importância dos jornais recorre aos escritos de Lenin:

> Somente um jornal que divulgue de modo consequente os princípios da luta política e levante bem alto a bandeira da democracia estará em condições de convencer todos os elementos democráticos combativos e aproveitar todas as forças progressistas na luta pela liberdade política. Só então se conseguirá transformar o ódio surdo dos trabalhadores à polícia e às autoridades. (LENIN apud FERREIRA, 1988, p. 12).

A leitura dos jornais representava um despertar da consciência política[3], poderia amadurecer ideias e posteriormente lançar o proletariado para luta revolucionária, dando sentido histórico à causa dos trabalhadores.

O surgimento da imprensa operária revela um novo contexto criado pelas cidades que marchavam com avidez para a industrialização do País. A experiência urbana se compunha atropeladamente, sem estrutura para que a vida na cidade fluísse sem a degradação dos indivíduos que nela aportavam. Cruz (2000, p. 63) faz um panorama desse momento:

> No ambiente urbano, as experiências vividas e pensadas por esses diferentes grupos sociais manifestavam-se nos processos de construção dos modos de viver, instituindo espaços novos de convivência, ruas movimentadas, fabricas, oficinas, lojas, associações recreativas, culturais e políticas, cafés, teatros, cinematógrafos, escolas, etc., as experiências sociais desses sujeitos confrontam-se no desenho da nova cidade.

Um dos novos grupos sociais era o operariado que recorreu à imprensa para registrar os acontecimentos e demandas daquele tempo. Astrogildo Pereira (1974), importante gráfico, articulador de jornais operários, escritor, jornalista, critico literário e político, foi um dos fundadores do PCB e disseminador do pensamento marxista no Brasil. Atuando como importante dirigente do movimento operário, traça um breve histórico da imprensa operária, elencando alguns periódicos que circularam pelo País. Em 1947, por meio de um discurso proferido na Academia Brasileira de Imprensa, declarou a importância da imprensa operária:

> Do relato incompleto e imperfeito que acabo de fazer, podemos logo concluir o seguinte: que a história da imprensa operária é a própria história da classe operária, das suas lutas, dos seus sofrimentos, das suas esperanças.

---

[3]Do Informe sobre a Revolução de 1905, publicado, originalmente no pequeno jornal Pravda (Verdade), dirigido por Trotsky. A tradução para o português se deu 1961 pela Editoral Vitoria Ltda, Rio de Janeiro.

> Desde os primeiros periódicos, aparecidos há cerca de um século, quase todos de vida curta e difícil, até aos nossos diários de hoje, o que vemos palpitar em suas colunas é sempre o mesmo pensamento generoso voltado para o futuro, para uma pátria livre e independente, em que o trabalho seja a lei comum, a condição primeira e ultima do bem estar para todos. (PEREIRA apud BORGES, 1972, p. 7).

Para o autor, uma história que é registrada a partir da cidade e que busca formas justas de existência.

Ferreira (1988) dedicou pesquisas referentes à importância da imprensa operária no País e considera esta imprensa de qualidade por estar ligada essencialmente aos problemas internos da classe operária. Evidencia que a proliferação da imprensa operária deve-se a militância anarquista, destacando seu valor como indiscutível, pois as informações produzidas retratavam, com conhecimento de causa, a vida dos trabalhadores nas cidades do País:

> O seu valor como documento vivo desse período é incontestável porque é, acima de tudo, informativo e foi resultado de uma participação efetiva do individual e do coletivo no processo histórico. As condições em que apareceu e se desenvolveu a imprensa operaria estão contidas nela mesmas, ao lado das condições em que se desenrolava esse período do trabalhador brasileiro. Por isso mesmo, seu valor é inegável sob o ponto de vista histórico, pela quantidade e qualidade das informações que revela ao pesquisador. (FERREIRA, 1988, p. 13).

O período a que se refere Ferreira foi marcado por aspirações de uma nova organização política. O que Bonadio (2004) viria chamar de projeto dos exaltados, acalentado pelos ideais republicanos, tinha como proposta um ousado plano para o Estado Brasileiro que contemplava a criação de escolas de primeiras letras, escolas noturnas para alfabetização de adultos e escravos, bibliotecas populares e uma tentativa da construção da cidadania. Exprimia a necessidade de soberania e identidade nacional, buscando a participação popular dentro do novo regime político, uma reformulação que previa a aproximação dos indivíduos à vida política da cidade, pelo menos assim desejavam os propagandistas do movimento republicano. Porém a ideologia da elite dominante (fazendeiros e grandes proprietários de terras) prevaleceu sobre a maioria da população, que apesar de serem cidadãos livres não gozavam do direito ao voto:

> Resumindo, temos que no início da República nasceram ou se desenvolveram várias concepções de cidadania, nem sempre compatíveis entre si. Se a mudança de regime político despertava em vários setores da população a expectativa de expansão dos direitos políticos, de redefinição de seu papel na sociedade política, razões ideológicas e as próprias condições

> sociais do país fizeram com que as expectativas se orientassem em direções distintas e afinal se frustrassem. (CARVALHO, 1987, p. 64).

O projeto de democratização não se efetivou por conta do impedimento por essa elite da criação de mecanismos de participação popular. Mesmo a formação de organização política pelos operários era vetada, pois havia certo temor das classes dirigentes em ter seu poder abalado. Por fim, contraditoriamente, a República trouxe também um tempo de repressão, haja visto o descontentamento da maioria da população da cidade que poderia irromper pela exigência de direitos básicos de condições de vida na cidade. A base deste projeto estava em consonância com a Declaração dos Direitos dos Cidadãos, promulgados pela França em 1789. Aspirava à participação dos indivíduos na vida pública dando acesso ao voto, à formação de organizações políticas, liberdade de expressão e liberdade religiosa entre outros direitos. Enquanto a Inglaterra influenciava o mundo do século XIX com o modelo para ferrovias e fábricas, a França divulgava a ideologia para compor o projeto.

Hobsbawn (2003, p. 38) destaca a contribuição da França nesse sentido:

> A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que até então tinham resistido às ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa..

O conceito da Revolução Francesa exposto por Hobsbawn, expressava um ideário de nação e cidadania que foi incorporado nos discursos políticos no Brasil, tanto pelo partido republicano quanto por trabalhadores, como partes constitutivas da cultura política.

Inicialmente, os movimentos em prol destes direitos foram bandeiras dos trabalhadores, mas foram desfraldados pelo movimento republicano que era composto por cafeicultores, ex-proprietários de escravos, militares (positivistas) e partidários da República. Observou-se um impetuoso despertar de correntes ideológicas das mais diversas, enunciado por Carvalho (1987) da seguinte maneira:

> A República não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Mas, por um momento, houve um abrir de janelas, por onde circularam mais livremente idéias que antes se continham no recatado mundo imperial. Criou-se um ambiente que Evaristo de Moraes chamou com felicidade de porre ideológico, e que poderíamos também chamar, sob a inspiração de Sérgio Porto, de maxixe do republicano doido. Nesse porre ou

> nesse maxixe misturavam-se, sem muita preocupação lógica ou substantiva, várias vertentes do pensamento europeu. Algumas delas já tinham sido incorporadas durante o Império, como o liberalismo e o positivismo; outras forma impulsionadas como o socialismo; outras ainda foram somente então importadas como o Anarquismo. (CARVALHO, 1987, p. 24).

A ampliação dos canais de divulgação das ideias expostas pelo autor mobilizava grupos diversos envolvidos na participação do debate político-intelectual da época, e afetaram de forma decisiva o processo de transmissão da informação e a própria configuração das relações sociais. No entanto, apesar de todos os esforços e manobras feitas pelos partidários da República, o projeto não se efetivou, pois não foram capazes de criar um imaginário popular republicano. Não houve acesso, por maior parte dos cidadãos, às decisões políticas. "Os acontecimentos políticos eram representações em que o povo comum aparecia como espectador, ou, no máximo, como figurante." (CARVALHO, 1987, p. 163).

Nos momentos de crise, havia descontentamento por parte dos populares que reagiam e cobravam respostas, pois muitas das expectativas depositadas no novo regime foram frustradas. Essa dinâmica implicou maior participação nos problemas da cidade, trouxe também uma nova consciência em busca de uma identidade coletiva. Os jornais da época, principalmente os operários, expressavam este descontentamento.

A imprensa foi instrumento fundamental para disseminação de ideias e críticas ao regime. E é neste cenário que desponta a imprensa operária e suas lideranças que também construíram, de maneira particular, um panorama da realidade vivida pelos trabalhadores.

2.1 O jornal *O Operario* na vida da cidade

No inicio *do século* XX, a cidade de Sorocaba firmava-se como polo industrial têxtil com a presença de indústrias do ramo. A população de 12.000 habitantes em 1872 passa a 20.000 ao longo dos anos 1880[4].

Em 1882, a 1ª fábrica têxtil, Nossa Senhora da Ponte, foi instalada em Sorocaba. Inaugurou-se um novo ciclo e as relações de produção se alteraram, pois o sistema escravagista não contemplava o sujeito trabalhador livre e assalariado. Porém com o processo de industrialização em pauta, era impossível ignorar as massas que se formavam na cidade. "A concentração em cidade era o mais impressionante fenômeno social." (HOBSBAWM, 2003, p. 188).

[4] Dados do SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) no final da década de 1920.

Com a chegada da nova mão de obra nasciam novas reivindicações, demandadas por moradia, educação, alimentação, saúde e a urgência de um novo diálogo entre patrões e empregados. A imprensa operária foi instrumento importante na cidade de Sorocaba para pautar essas reivindicações. Neste contexto, o jornal *O Operario* surgiu como porta-voz da classe trabalhadora em Sorocaba, denunciando a exploração por parte dos patrões e as precárias condições de vida a que estavam submetidos, possibilitando perceber quais as relações sociais que permearam o urbano e fizeram parte de um contexto histórico.

Figura 1: Edição Fac-similar de *O Operario*
Foto: Henrique Cunha

O Jornal é um modo de conhecer a cidade e seus habitantes. Segundo Campos (2012), trabalhar no "rastro de velhos jornais"[5] pode ser promissor para garimpar aspectos da vida cotidiana de um determinado período.

> Pela leitura de jornais antigos quase podemos ouvir "a doce música mecânica" de Drummond, que ainda hoje emana de salas imaginárias de linotipos inexistentes. No entanto, mais do que isso, pela leitura de jornais antigos conseguimos nos aproximar de projeções coletivas sobre um tempo de então, sobre atores e espaços dados em relação de anterioridade – *uma anterioridade presentificada no ato e pelo ato da pesquisa*. Por meio da observação feita de uma crônica social, de um poema publicado num canto de página, de um artigo científico, de uma propaganda ou de um editorial, colhemos segmentos de cultura que ancoram dilemas e desejos humanos. (CAMPOS, 2012, p. 65).

Analisar essas fontes pode ainda traduzir o panorama e contextos vivenciados pelos indivíduos como trata no seguinte trecho:

[5]Trata-se do título do artigo de Raquel Discini de Campos(UFU).

> Trabalhar com jornais antigos para a escrita da história da educação significa compreendê-los, portanto, muito mais como *fragmentos verossímeis* da cultura de um tempo e de um espaço do que pensá-los como provas fidedignas do passado. Significam levar em conta além do já mencionado repertório cultural dos envolvidos na sua leitura/escrita, também os interesses econômicos e ideológicos envolvidos na sua edição. Significa reconhecer e problematizar o espaço gráfico dado para esta ou aquela crônica, propaganda, notícia ou artigo. Significa transformá-los também num *objeto* de pesquisa. (CAMPOS, 2012, p. 66).

Essa importância é providencial no caso desta pesquisa, pois o Jornal deixou de circular há exatamente 100 anos e por tratar-se de um veículo que fazia oposição ao poder vigente retrata outro ponto de vista: os anseios da classe operária e suas condições de vida na formação de uma cidade industrial importante no cenário nacional. Pode-nos fornecer bases para compreensão dos caminhos trilhados por esse grupo de pessoas e de como essa imprensa operária se desenvolveu na cidade de Sorocaba.

Segundo Capelato (1988, p.34), "nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade."

Essa afirmação demonstra que é possível identificar aspectos importantes da realidade. Apontando "formas simbólicas de luta pelo poder de representar, afirmando-se, com isso, a memória de um grupo ou mesmo de partidos políticos." (CALONGA, 2012, p. 7).

A circulação de *O Operario*, inicialmente, era quinzenal e trazia como extensão a frase "Órgão de defesa da classe Operária". Após três meses, passa a circular todos os domingos como publicação semanal e inclui em seu slogan a palavra Noticioso destacando a contribuição de colaboradores diversos. O auxílio de vários escritores e escritoras é percebido no jornal: são jornalistas, tipógrafos, professores e operários do Brasil e do exterior, que estavam ligados à causa operária e suas lutas sociais, promovendo um debate articulado que despertasse nos trabalhadores a unificação da classe operária.

O Operario tinha quatro páginas em tamanho que se aproxima de uma folha A4. No primeiro número, um longo artigo com o titulo de *O Operario*, justifica a relevância do mesmo para seu público.

Na pagina 2 do Jornal do primeiro número (13 de julho de 1909), dois artigos de diferentes autores estão em italiano. O primeiro intitula-se *AUGURIO*[6] e é assinado por N.

[6]A tradução do titulo quer dizer Desejo e saúda os operários por adquirir um jornal que trata dos assuntos pertinentes ao interesse dos operários.

LICO e o segundo tem o título de *COME DIVENNI SOCIALISTA*[7], de autoria de MISKO FOTA. Até o momento não encontramos referências a estes nomes, pois a maioria dos colabores estrangeiros era perseguida e, por isso, normalmente mantinha seu nome em segredo. N. Lico e Misko Fota, chamam a atenção para a importância da classe operária ter um jornal próprio, que valorizasse a sua emancipação e organização, que concentrasse as necessidades dos operários no sentindo de representação de um grupo de pessoas. Uma forma de solicitar, através de uma imprensa independente, os direitos dos trabalhadores. Traduzia-se em uma forma de comunicação direta com os pares para conhecimento de interesses comuns.

Williams (1969) entende a comunicação como um processo social baseado na troca e no compartilhamento de experiências vividas, que pode levar o sujeito a dar um novo significado à sua própria experiência a partir da entrada de novos conhecimentos, de outras práticas culturais, do confronto de ideias e opiniões que podem proporcionar a adoção de novas práticas cotidianas. Desta forma, o jornal possibilitou abarcar as relações presentes no processo comunicativo no espaço urbano, e permitiu tomar conhecimento de outras realidades dentro do mesmo universo urbano.

O crescimento acelerado da cidade em um cotidiano cada vez mais atribulado, no caso aqui, o da industrialização, torna os habitantes incapazes de apreenderem a cidade como um todo e a este desconhecimento do urbano em toda sua complexidade, Park[8] (1976), ratifica o valor dos jornais como parte do registro das relações sociais, como uma forma de conversação social que interfere no modo de pensar e na ação dos indivíduos. Para ele "o crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações diretas, face a face, 'primárias', por relações indiretas, 'secundárias', nas associações de indivíduos na comunidade." (PARK, 1976, p. 46).

Os autores que saúdam os trabalhadores nas páginas iniciais do jornal *O Operario* demonstram esta inquietação posicionando o periódico como importante meio de informação e elemento de crítica social, capaz de extrair múltiplos olhares sobre o cotidiano da cidade, tornando-se um veículo importante de comunicação.

Nas páginas do Jornal além de anunciar a orientação socialista em que estava pautado, são recorrentes os assuntos sobre a condição da mulher, a redução de jornada de trabalho, instrução dos trabalhadores, denúncia sobre o trabalho de menores, higiene, chamamento para

---

[7]Como se tornar socialista. Reforça a orientação do jornal em ser de orientação socialista.

[8] Park foi um importante pensador da Escola de Chicago e um dos fundadores da Sociologia Urbana. Este artigo foi apresentado, originalmente, em 1906 e é considerado um dos mais importantes de sua obra.

reuniões e eventos sociais incluindo piqueniques, apresentações teatrais, nascimento e falecimento, exploração e monopólio.

O Jornal intitula-se apartidário e anticlerical, porém é possível observar que muitas tendências partidárias e religiosas aparecem em suas páginas. No decorrer do trabalho, as citações de artigos revelarão essa propensão. A exemplo, um artigo intitulado *Porque os operarios são religiosos*, assinado somente com a letra R. provoca os leitores chamando a atenção para o poder da Igreja:

> O homem é religioso porque durante oito longos séculos a igreja catholica imperou em todo o universo sem nunca dar um passo em beneficio dos trabalhadores, ao contrario os explorou sempre vilmente e os explora até em nossos dias com os taes sacramentos e em muitas partes d'America escravisa os índios enfligindo-lhe castigos horríveis, nunca se preocupou com a instrução dos operarios, mas ensinando-lhe sempre mentiras para humilial-o e conserval-o como uma besta, abrindo-lhe a porta de todos os crimes com o perdão do confissionário, o homem mata, rouba, deshonra, depois arepende-se e conta ao padre, este absolve e torna-se um santo puro para no dia seguinte continuar as suas façanhas e os seus crimes. (O OPERARIO. 12 jan. 1913, p. 1)[9].

O artigo estende-se falando da diferença entre o "crer e saber" e que para combater os vícios é preciso entender o que é viver em sociedade e que os livres pensadores são combatidos porque contrariam e não toleram desvios sociais que a igreja perdoa. Chama a atenção das mulheres e do projeto que a Igreja tem de mantê-las ignorantes:

> A mulher é devota e nos detesta quando lutamos para emancipal-a. Livrar a mulher das calunias seculares, das convenções ridículas, do carolismo, do fanatismo, da superstição, da vaidade, da prostituição legal ou tolerada, dos perigos de faceis suggestões e das romanticas e irrealisaveis fantasias morbosas, é conquistar todo o seu odio. Ella ama os padres, porque os santos da Igreja diziam dela o que nós nunca nem de leve formemos esse juízo. Vejamos: S. João Damasceno sustenta que a mulher é uma serpente envenenada; S. Agostinho esclama. A mulher é a seiva do pecado; S. Antonio diz: a mulher é algo peior do que o Demonio . O Demonio andava só, a mulher anda com o demonio; S. Paulo antes cuja a imagem se curvam as moças, rogando-lhe que as une ao leito do seu coração, dizia da mulher: E'uma vibora infernal, um ser tão miserável que até o beijo de mãe é impuro. (O OPERARIO, 12 jan. 1913, p. 1).

O autor ainda desafia o leitor caso desacredite as informações dadas por ele, compromete-se em mostrar toda a literatura dos textos e santos citados. O artigo revela um

---

[9]Manteremos a grafia da época do Jornal, dispensando o uso do termo sic para indicar que o texto original está reproduzido.

enfrentamento com a postura religiosa em voga e faz parte de um grande repertório dedicado às mulheres, assunto que este trabalho tem como foco de análise.

Percebe-se que a maior parte das mulheres que assinam os artigos de *O Operario* comunga deste ponto de partida. Em sua maioria, não são da cidade de Sorocaba, observa-se um trânsito de estrangeiras pelas primeiras análises do Jornal.

Os imigrantes quando chegaram ao Brasil fundaram diversos periódicos com o objetivo de divulgar suas ideologias políticas, buscando incitar a luta proletária, na tentativa de suprir a ausência de organizações, oferecendo espaço para o debate teórico. No *O Operario*, identificamos duas mulheres de origem europeia: Ernestina Lesina, imigrante italiana radicada no Brasil, e Nelly Roussel, feminista francesa que tem seus artigos publicados pelo mundo. Trataremos dessas escritoras no terceiro capítulo deste trabalho.

Outro aspecto importante que coloca o Jornal alinhado com sua tendência anticlerical, é o romance escolhido para o folhetim, *O Papa Negro* do escritor italiano Ernesto Mezzabota, que narra a história da maçonaria e do estabelecimento da companhia de Jesus, com muitos privilégios, pelo Papa expulso pelo exército de Napoleão. Em algumas capas do livro lê-se a inscrição: *O livro proibido pela Igreja.* A publicação deste folhetim vai do 1º número do Jornal até a edição163.

No jornal *O Operario*, é possível acompanhar os acontecimentos da classe operária, pois o tempo de sua duração demonstra que foi um importante periódico para a cidade, já que a maioria destes possuía vida efêmera seja pela repressão e perseguição de seus idealizadores até a falta de recursos para mantê-los. Apesar de todos esses problemas *O Operario* transitou durante três anos sem interrupção. Às vezes um atraso ou outro, mas sempre justificado para seus leitores nas edições seguintes.

Mesmo em tempos de grande poder pelos empresários industriais e o combate pelo restante da imprensa hegemônica, o Jornal mostrou-se resistente e capaz de mobilizar o operariado da cidade, cobrando constantemente, uma nova postura dos Industriais em relação às condições de trabalhos até então estabelecidas. Manifestavam-se por questões essenciais, dentro elas, a diminuição da jornada de trabalho[10] e, consequentemente, o aumento do tempo para a educação dos operários e de suas famílias.

Educação e emancipação eram as reivindicações mais frequentes das mulheres que escreviam para *O Operario*. Frequentemente reclamavam por espaço mais representativo nas questões de trabalho e educação. Percebe-se na sua maioria, que eram trabalhadoras das

[10]De acordo com as denúncias feitas no jornal *O Operario*, a jornada de trabalho era de 13 a 14 horas por dia.

indústrias ou de associações das ligas ou de jornais operários. Apesar de muitas vezes se esconderem atrás de um pseudônimo e de assinarem somente como “uma operária”, através de suas narrativas é revelada a situação a que eram submetidas no trabalho e na vida social. Pode-se desconhecer os rostos e nomes, mas tem-se um panorama da situação a que eram expostas cotidianamente. Constituíam grande parte do proletariado nas primeiras décadas do século XX nas indústrias (RAGO, 1997), porém sem representação reconhecida para serem porta-vozes de sua classe.

> Afinal, o que sabemos sobre as trabalhadoras dos primórdios da industrialização brasileira? Como foram percebidas pelos contemporâneos? Como interagiram com os diferentes setores da sociedade- industriais, médicos higienistas, jornalistas e literatos, feministas, anarquistas, socialistas e comunistas-, redefinindo sua identidade social, sexual e pessoal, incorporando e recusando as imagens projetadas sobre elas? Como participaram, enfim, da cultura operária, no momento de constituição do mercado de trabalho livre do Brasil? (RAGO, 1997, p. 579).

São inúmeras as matérias do Jornal que denunciavam as precárias condições de serviços coletivos na cidade de Sorocaba, particularmente nas vilas operárias que se formavam nos arredores das fábricas. Desta forma, a imprensa operária revela o outro lado da vida nos centros industriais produzindo material de valor histórico definitivo e chamando a atenção de que a história operária é a narrativa de experiências e ações comuns e coletivas. “Não se pode perder de vista que os trabalhadores são autores de sua própria história, mas não em condições de sua própria escolha.” (COSTA, 1982, p. 221). Uma história particular que aos poucos, revela-se e põe em evidência esse novo sujeito:

> Na imprensa operária esse novo sujeito social em emergência - o trabalhador urbano - transforma a cultura letrada e impressa num vigoroso instrumento de organização e resistência contra a dominação capitalista. Transformada em fonte privilegiada e indispensável para o estudo das classes trabalhadoras no período pela recente historia social do trabalho. (CRUZ, 2000, p. 128).

A análise dos jornais operários permite refletir sobre a dinâmica social no começo do século XX, tempo de profundas e numerosas mudanças na sociedade brasileira. Petersen (1990), argumenta que em muitos estudos ainda não se pensou o movimento operário como objeto historiográfico:

> A historiografia tradicional do movimento operário, macroorientada, privilegia o estudo das organizações formais de classe - sindicatos, partidos - , instâncias de dominação - a burguesia e o Estado - e eixos de resistência

> operária - as greves-, e considera a classe como um efeito da estrutura positiva. (PETERSEN, 1990, p. 1).

Baseia seus argumentos nas palavras de Georges Haupt:

> Essa análise transmite imagens desbotadas e oculta os verdadeiros problemas. Minimiza as dimensões do mundo operário e o aprisiona em quadros fixos e estáticos. É que seu enfoque não tem como objeto a classe operária, mas suas representações organizacionais e ideológicas, particularmente as instâncias dirigentes do partido. (HAUPT apud PETERSEN, 1990, p. 2).

Nas páginas desta imprensa, pode-se observar a consolidação de um modo de vida urbano que vai além da experiência política, a de suas conquistas também na vida social.

Observa-se essa narrativa nas páginas do *O Operario* desde seu artigo de apresentação, datado de 18 de julho de 1909, que possui o mesmo título do Jornal. Nele, os redatores comprometem-se "em conseguir a união ou solidariedade da família operária de Sorocaba", reforçando o desejo de seus editores ao final: "É, pois, nosso desideratum alevantadamente humano, moralisadoramente social: vimos pregar e trabalhar para conseguir a união, a solidariedade, o mutualismo entre os nossos operários." (O OPERARIO, 18/07/1909, p.1). A constituição desta imprensa permite fazer um contraponto do contexto vivido pela cidade de Sorocaba na época da sua industrialização, desempenhando importante papel para o entendimento da experiência social e urbana dos trabalhadores na cidade, visto que a imprensa jornalística hegemônica fortalecia o movimento republicano, que pregava a cidade como a nova *Manchester Paulista*[11], ratificando a imagem de modernidade, promovida por uma elite liberal que desejava eminentemente consolidá-la.

O discurso desta elite apresentava a cidade como um lugar propício e estruturado para o avanço da atividade industrial, o que foi questionado e denunciado muitas vezes pela imprensa operária:

> Devemos...e nós d'aqui destas columnas já começamos a protestar contra o que vai por ahi, por estes centros de trabalho, onde o pobre operário, mal pago, vai à busca do pão encontrar as imposições, um sem numero de moléstias contagiosas, (a que são expostas, principalmente, as creanças) desastres de toda a sorte e muitas vezes a morte e, por cima de tudo, ainda se quer coagir o operário a ser amigo deste ou daquelle a comprar nesta botica, a fazer sortimento naquelle armazém. (O OPERARIO, 22 agos. 1909, p. 1).

---

[11]Referência à cidade inglesa que naquele período era modelo de cidade industrial, principalmente na atividade têxtil. Sorocaba reunia muitas qualidades, desde formas de escoar produtos, localização e um movimento expressivo de republicanos, fomentando por meio da imprensa, esse rótulo.

São denúncias que combatiam o discurso oficial e contrapunham-se às notícias vinculadas na imprensa das elites no momento da industrialização. Nesta transição de cidade artesanal e agrícola para industrializada, os grupos organizam-se conforme seus interesses. A escrita e principalmente a palavra impressa, estabelece novas articulações na vida cotidiana da cidade. (CRUZ, 2000, p. 66).

A leitura passa a ser importante para todos os grupos, uma forma de manejar informações, torná-las públicas e disseminar ideias que doravante seriam importantes para aglutinar sujeitos em prol dos projetos que nasciam nesta nova composição da cidade, exigindo dos indivíduos participação política.

É neste contexto que o movimento republicano por educação intensifica-se, o que Nagle (1976) chamaria de entusiasmo pela educação. Era preciso enaltecer o projeto de educação para que a modernidade, preterida pelos republicanos, fizesse sentido. Desta forma, a escrita passa a fazer parte importante da urbanidade no inicio do século XX. Desce do pedestal e começa a invadir a vida cotidiana da cidade (CRUZ, 2000, p. 66):

> Na imprensa operária esse novo sujeito social em emergência - o trabalhador urbano - transforma a cultura letrada e impressa num vigoroso instrumento de organização e resistência contra a dominação capitalista. Transformada em fonte privilegiada e indispensável para o estudo das classes trabalhadoras no período pela recente historia social do trabalho brasileira, essa mesma imprensa vem reclamando por estudos que a proponham também como tema e espaço central de análise e reflexão. (CRUZ, 2000, p. 128).

É pela imprensa que as notícias desse conturbado momento ganham terreno pelo enfoque social e cultural construídos. O exame do jornal *O Operario*, por exemplo, elucida aspectos do cotidiano da classe trabalhadora, revelando para além do discurso oficial as condições de vida que a cidade construía e destacava a articulação deste movimento com outras cidades do Brasil e do mundo:

> Buscando adequar-se às características plurinacionais da nascente classe operária, as folhas tipográficas vêm à luz em diversos idiomas, em formas bilíngues ou até trilíngues. Só em italiano, em italiano e português, em espanhol e português, encontra-se uma profusão de artigos doutrinários dos teóricos internacionais do Anarquismo e do anarcossindicalismo, de denúncias das condições de vida e trabalho na cidade e nas fábricas e nas fábricas e oficinas, de convocação de assembleia e atividades culturais dos centros e sindicatos, de orientação dos movimentos grevistas, de combate à religião, de critica às versões da imprensa burguesa, para os mais variados acontecimentos, à ação da polícia ou dos políticos burgueses. Assumindo as bandeiras e reivindicações que, por um largo período, constituíram a pauta básica de luta do movimento operário (a campanha pela semana inglesa, a

> jornada de 8 horas, a regulamentação do trabalho da mulher e do menor, as comemorações classistas do 1º de maio), os jornais da imprensa operária rompem com o monopólio dos setores dominantes sobre a palavra impressa, trazendo para o interior da cultura letrada as contradições de classe da cidade em desenvolvimento do ponto de vista dos dominados. (CRUZ, 2000, p. 128).

O jornal *O Operario* discutia todos os assuntos citados por Cruz (2000). Em seus artigos havia um compromisso em preparar os operários para conhecimento dos seus direitos, chamando atenção para a unidade e emancipação do grupo. Em suas páginas, nota-se como as lideranças operárias discutiam os temas políticos e apresentavam tanto o trabalho como a educação operárias como requisito fundamental para conquista de sua cidadania.

No artigo intitulado *Uma e única resposta ao Cruzeiro do Sul*, é possível observar os assuntos que o Jornal pretendia discutir. O editorial responde a uma matéria publicada pelo jornal Cruzeiro do Sul em 30 de setembro de 1909, fazendo os seguintes questionamentos:

> Tem "O Operario" uma orientação social política ou philosophica?{...} segue "O Operario" algum rumo determinado para attingir a um ideal útil e positivo, porque não só útil e proveitoso todo ato do qual deriva um proveito real para o homem isolado, ou em sociedade?{...} tem "O Operario" um corpo de redação idôneo e descoberto?{...} como pretende "O Operario" executar essa reforma; quais os processos práticos de que lança mão? (CRUZEIRO DO SUL, 30 set. 1909, p. 1).

A resposta dada a este artigo do jornal Cruzeiro do Sul elucida as diretrizes que *O Operario* pretendeu seguir e seu compromisso com a classe operária:

> A reforma que desejamos executar, já o dissemos e repetimos, é o melhoramento das condicções moraes e materiaes do operariado: moraes, não se lhe negando a liberdade de consciência sob as mais vis ameaças obrigando o operariado a sujeitar-se às imposições, sob a perspectiva da fome; materiaes obtendo a diminuição das horas de trabalho, incompatíveis com a capacidade phisyca do operário. {...}. Os propagandistas do "Operario" são os próprios operários que pelo seu brio e dignidade não dobram a cerviz, a poderosos e nem a chefes. {...}. A doutrina que pretendemos divulgar é a doutrina sagrada do direito fazendo desaparecer as torpes explorações contra a classe operária. {...} a nossa arma de combate será essa modesta folha ou serão boletins, segundo a urgência dos casos. (O OPERARIO, 10 dez. 1909, p. 1-2).

O artigo elaborado pelo editorial, ainda acusa o jornal Cruzeiro do Sul de estar a serviço dos poderosos, patrões e gerentes, chama o veículo de mercenário e mentiroso. Nesta resposta percebe-se os pontos que nortearam as reivindicações operárias do início do século

XX na cidade de Sorocaba e a proposta para que os operários se unissem com o objetivo de alcançar seus direitos, buscando uma política mais humana para os trabalhadores.

2.2 Os Gabinetes de Leitura

A busca por apreender aspectos relevantes da cultura operária por meio do periódico *O Operario*, que circulou (1909-1913), só foi possível por conta do acervo ter sido conservado pelo Gabinete de Leitura da cidade de Sorocaba. Fundado em 1866 por Matheus Maylasky e mais 30 associados, seu objetivo primeiro era dar opções de leitura à cidade de Sorocaba, por fim constitui-se em um dos Gabinetes mais antigos e importantes do País, pois em seu acervo datam obras do século XVIII. É lá que os exemplares de *O Operário* estão arquivados e atualmente sendo digitalizados para permanência da história. Sobrevive com o pagamento de seus associados e colaboradores.

Martins (1990) destaca que somente dois gabinetes sobreviveram, o Gabinete de Leitura Sorocabano (1866) e o Gabinete de Leitura Ruy Barbosa (1908), em Jundiaí. Foram implementados em cidades ao longo do eixo ferroviário. “Como a educação não era prioridade, os gabinetes tiveram a função de escolas. A sociedade supria lacunas do governo da época.” (MARTINS, 1990, p. 35).

Os gabinetes de leitura formaram-se como um espaço de debates políticos destinados à socialização e à circulação de ideias progressistas da época. Neles, os letrados procuraram fazer da instituição um lugar de reverberação dos valores políticos, possibilitando o acesso à leitura como uma das formas de educar e moldar os sentimentos do povo e revelaram um novo espaço das elites citadinas.

Os idealizadores dos gabinetes, em um período marcado pela socialização da cultura, pelo advento de uma cultura laica, pensaram em um projeto inovador na busca da razão iluminista para formação de um público leitor. Martins registra em sua pesquisa, a composição deste grupo:

> {...} o grupo fundador contava sempre com o apoio da maçonaria local e dos jornais, de cunho liberal então em circulação. Membros da maçonaria, da imprensa, do gabinete de leitura, acabavam por trabalhar conjuntamente, envolvidas com os mesmos projetos, em defesa das mesmas causas. (MARTINS, 1990, p. 132).

No Brasil, foram importantes para o período de transição do regime imperialista para o republicano, pois amparavam o discurso político que viria se estabelecer com a República, o

de uma política cultural que permitisse o acesso às letras, desempenhando um papel educacional importante, além de colaborar com os anseios dos intelectuais brasileiros.

Foram instrumentos importantes para fisionomia que se formava da cidade, pois o ensino da leitura era um meio de transformar os valores e hábitos dos grupos sociais. As considerações de Martins (1990, p. 17), descrevem a atmosfera vivida naquele contexto histórico:

> (...) ao localizarmos esta transição nas cidades, no século XIX, mais exatamente na sua segunda metade, momento de surgimento e/ou consolidação dos núcleos urbanos que formaram a rede de cidades da Província de São Paulo, a mais expressiva do Império; cidades que se constituem no palco adequado para análise de manifestações culturais, laboratório ideal para fenômenos de cultura, espaço estratégico para apreensão do tempo, onde se divisam visões de mundo, grupos sociais diversos, possibilitando o resgate de várias transições vividas pelo país do capital agrário para o comercial, financeiro e industrial, do trabalho escravo para a força de trabalho assalariado, da Monarquia para a República, e, sobretudo da cultura religiosa para a cultura laica, ou seja, do domínio do púlpito para a introdução do livro.

A instituição foi útil, no Brasil, para propagação dos ideias republicanos e abolicionistas, divulgando, principalmente, as ideias francesas de progresso e civilização.

Segundo Soares (2006), os Gabinetes de Leitura datam do século XVII na Inglaterra e tinham como função fazer circular livros e jornais para quem não tinha acesso nem condições de adquiri-los.

> Apesar das diversas denominações que essas instituições receberam nos diferentes países em que se instalaram - o já mencionado “Circulating Library” na Inglaterra e Estados Unidos,” Cabinet de Lecture” na França, “Leihbibliotheken”na Alemanha, “Gabinete de Leitura” em Portugal e no Brasil -, seu traço comum era o de serem estabelecimentos de caráter ao mesmo tempo comercial e cultural que possibilitavam aos seus subscritores a leitura e/ou locação de livros e periódicos, sem que houvesse a necessidade de compra. (SOARES, 2006, p. 20).

Constituíam-se no que hoje chamamos de bibliotecas itinerantes, circulando pelas cidades em princípio através de seus livreiros, que depois de algum tempo ganham prestígio de editores, pois fazem da circulação importante estímulo comercial para os editores. Sua expansão data do século XVIII na França:

> Digam-se, porém, que foram bibliotecas circulantes, de caráter exclusivamente comercial que em pouco tempo alcançaram a preferência de um publico leitor em plena expansão, particularmente das mulheres de classe média. Oferecendo leitura a um preço acessível, as bibliotecas circulantes

> proliferavam nas capitais, nas províncias e até nas pequenas vilas. (SOARES, 2006, p. 22).

As ideias iluministas e a revolução industrial propiciaram um aumento de pessoas alfabetizadas que potencializaram esse acesso e desejo pelos livros e periódicos que antes era privilégio das classes abastada e intelectualizadas. A nova conjuntura, de certa maneira, democratizou a leitura:

> Seja porque leitores de condições humildes tiveram a posse dos livros que não eram particularmente destinados. Seja porque livreiros e impressores inventivos e prudentes colocaram ao alcance de uma grande clientela textos que antes só circulavam no mundo restrito de letrados afortunados. O essencial é compreender como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos. (CHARTIER, 1999, p. 16).

Esses leitores no futuro seriam importantes para a composição de grupos em conjunções de causas, é o que observamos na disputa de poder que se trava através dos periódicos pela história a fora. Os Gabinetes de Leitura, de certo, tiveram papel importante nessa distribuição dos livros:

> Um aspecto importante dessas instituições de caráter ao mesmo tempo comercial e cultural foi o de funcionar como mediadora na relação entre escritores, editores e público leitor {...} Para os editores, era muito mais lucrativo suprir alguns poucos cliente de confianças, com quase a metade da tiragem de uma edição, do que vendê-los no varejo nas livrarias espalhadas no País.{...} Para os escritores, a existência dos Gabinetes de Leitura significou uma alternativa ao mercado editorial antes dominado pelas livrarias, além de abrir uma possibilidade de uma maior divulgação de seus trabalhos. Para o público leitor, a instalação dos gabinetes veio ao encontro do crescente interesse pela cultura letrada e, de certa forma, propiciou o que se pode chamar de "democratização da leitura", permitindo ao leitor comum acesso a uma mercadoria até então considerada de luxo. (SOARES, 2006, p. 26).

A autora ainda destaca que os gabinetes de leitura deram grande contribuição para a história da literatura. No Brasil, os responsáveis pela prática dos gabinetes foram os imigrantes europeus, vindos com o movimento da família real para o Brasil. Instalaram-se no Rio de Janeiro e segundo relatos de um missionário inglês, Robert Walsh, registra a presença de 12 livrarias dentre elas bibliotecas circulantes com um acervo considerável de livros em algumas línguas. Segundo Soares (2006), havia um francês chamado Albino Jourdan que era proprietário de uma famosa livraria chamada A Casa do Livro Azul (1829-1852), na Rua do

Ouvidor. Lá se podia comprar, trocar ou alugar livros. O pagamento podia ser por mês ou por dia.

De fato, os gabinetes de leitura no Brasil foram importantes espaços para apropriação da leitura e de ponto de encontro de alguns grupos. Mesmo que este saber estivesse circunscrito à minoria, pois no final do século XIX e inicio do XX, poucas pessoas dominavam a leitura e a escrita no Brasil. O movimento por educação começava junto com a cidade.

> Mesmo que pareça impossível estabelecer o número desses leitores que não sabiam sequer assinar, ou dos leitores que não possuíam um livro sequer, mas que assim mesmo liam panfletos e cartazes, folhas volantes e jornais, é preciso pensar neles como tendo sido numerosos, para compreender o impacto do escrito impresso sobre as formas antigas de uma cultura que era bastante oral, gestual e iconográfica. (CHARTIER, 1994, p. 25).

Em Sorocaba, circulavam os Almanaques que registravam os acontecimentos da vida pública, muitas vezes acompanhados de fotos para que os não alfabetizados também pudessem se apropriar da notícia. Muitos desses almanaques servem de base, atualmente, para a pesquisa histórica da cidade. Alguns foram reeditados e fornecem informações relevantes. O próprio registro do começo da imprensa na cidade se ancora nos esclarecimentos deixados por esses almanaques e reunidos em artigo, a exemplo o artigo intitulado *Imprensa em Sorocaba* (1842-1920), de Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho.

O autor agrupa notícias do *Almanach illustrado de Sorocaba* para recompor a história da imprensa na cidade. Apesar de Sorocaba ter possuído uma importante editora (a Casa Durski) e várias gráficas entre os anos de 1850 a 1900, os Almanaques só foram editados a partir de 1903, tornando-se, no presente, importante fonte documental para pesquisa. Os Almanaques de 1903, 1904 e 1914 foram reimpressos em edições fac-similares nos anos de 2006 e 2007, custeados pela LINC, Lei de Incentivo à Cultura do Município de Sorocaba. Adolfo Frioli, importante historiador da cidade, justifica que a ação de reimprimir os almanaques permite a aproximação com o passado, formando um elo entre presente e o futuro. A elaboração dos Almanaques foram exaltadas por alguns autores como reflexo do desenvolvimento industrial. Seguramente as imagens da cidade e de sua urbanidade foram retratadas nestes documentos.

Os projetos republicanos e do movimento operário buscavam instaurar uma nova ordem e a utilização destes e outros impressos foram fundamentais como instrumento de

circulação de ideias que viriam alicerçar projetos, seja pelo fomento à educação ou para defender interesses políticos.

Havia um grande percentual de não alfabetizados no País, e os trabalhadores, por conta da extensa jornada de trabalho e pelas poucas escolas existentes, eram, em sua maioria, analfabetos. Disseminar as ideias revolucionárias carecia de algumas estratégias, uma delas, a leitura em voz alta. Manguel (1997), em seu livro *Uma História da Leitura*, relata que nas fábricas de charutos na Cuba espanhola em 1865, os operários reuníam-se para leitura. Um charuteiro e poeta chamado Saturnino Martinez, passou a publicar um jornal de variedades chamado "La Aurora":

> Ao longo dos anos, "La Aurora" publicou trabalhos dos principais escritores cubanos da época, bem como traduções de autores europeus como Schiller e Chateaubriand, criticas de livros e peças de teatro, denúncias sobre a tirania dos donos de fabrica e o sofrimento dos trabalhadores. Em 27 de junho de 1866, perguntava aos seus leitores: "sabem que perto de La Zanja, segundo dizem, há um dono de fábrica que põe grilhões nas crianças usadas por ele como aprendizes?"(MANGUEL, 1997, p. 133).

Porém, os objetivos desejados por Martinez não foram alcançados, pois descobriu que só 15% da população cubana sabia ler.

> A fim de tornar o jornal acessível a todos os trabalhadores, ele teve a idéia de realizar leitura pública. Aproximou-se do diretor de Guanabacoa e sugeriu que a escola auxiliasse a leitura nos locais de trabalho. Entusiasmado o diretor encontrou-se com os trabalhadores da fábrica *El Fígaro*, e depois de obter permissão dos patrões, convenceu-os da utilidade da empreitada. Um dos operários foi escolhido como *lector* oficial, e os outros o pagavam do próprio bolso. Em 7 de janeiro de 1866, "La Aurora" noticiava: "A leitura começou pela primeira vez entre nós e a iniciativa pertence aos honrados trabalhadores de *El Fígaro*. Isso constitui um passo gigantesco na marcha do progresso e do avanço geral dos trabalhadores, pois desta maneira eles irão gradualmente se familiarizar com os livros, fonte de duradoura amizade e grande entretenimento." (MANGUEL, 1997, p. 133).

As leituras públicas ganham adeptos em outras fábricas e rapidamente a prática se espalhou por Cuba, até ganhar o status de "subversivas" e serem proibidas pelo governo cubano através de um decreto sob as seguintes alegações:

> É proibido distrair os trabalhadores das fábricas de tabaco, oficinas e fábricas de todo o tipo com as leituras de livros e jornais. 2. A polícia deve exercer vigilância constante para cumprir esse decreto e colocar à disposição de minha autoridade donos de fábrica, representantes e gerentes que desobedeçam a este ordem, de modo que possam ser julgados pela lei segundo a gravidade do caso. (MANGUEL, 1997, p. 133).

Apesar do decreto, as leituras clandestinas foram disseminadas ainda por algum tempo e depois levadas pelos operários para solo americano e foram práticas desenvolvidas por vários movimentos operários no mundo, porém o discurso opressivo e as formas de arbitrariedade mais uma vez ganham terreno.

Além dos operários, as mulheres estavam à margem do processo de leitura, mas muitas delas com ajuda de parentes e amigos influentes conseguiram sair do espaço doméstico para o público. No Brasil, alguns jornais e revistas foram editados por elas, que passaram também a interferir na vida urbana.

3 IMPRENSA E EDUCAÇÃO

A Primeira República constituiu-se em um dos períodos mais importantes da história da educação popular no Brasil e os projetos por educação tiveram que ser repensados pela dinâmica exigida na cidade: por conta da constante circulação de ideias, novos conceitos educacionais, o avanço da industrialização que requeria mão de obra mais qualificada, também surgia a necessidade da criação de escolas, promovendo um amplo debate referente ao ensino público no país, em vistas de criar um sistema educacional que contemplasse os interesses sociais do período. No projeto de instrução pública destacavam-se premissas como o progresso material, intelectual e moral dos homens. O clima deste período é descrito por Saviani (2004, p. 2):

> No final do império intensificaram-se os debates sobre a questão da instrução pública. A linha geral dos debates apontava na direção da construção de um sistema nacional de ensino. Emergia a tendência a considerar a escola como a chave para solução dos demais problemas enfrentados pela sociedade, dando origem a ideia da "escola redentora da humanidade".

O projeto político republicano voltado para a Educação, aspirava eliminar o estigma da sociedade escravagista com seu exército de não-alfabetizados, elegendo os projetos educacionais como bandeira que pudesse supostamente representar uma democratização do conhecimento, minimizando as desigualdades e defasagens na oferta de ensino, que no período se mostrava insuficiente para atender os habitantes da cidade e abrandar a pressão social existente, pois a maioria da população encontrava-se a margem da política educacional como demonstra Souza (1998, p. 34):

> Eram precárias as condições de ensino público na província de São Paulo e em todo o Império durante o século XIX. Havia poucas escolas providas funcionando em salas impróprias com insuficiente mobiliário e materiais didáticos; a maior parte dos professores eram leigos e recebiam parcos salários. O desinteresse do Poder Público pela educação elementar era desolador o que explica o florescimento das escolas particulares em todos os níveis de ensino.

A autora complementa seus argumentos sobre a importância das práticas educativas no processo de modernização da sociedade brasileira:

> Por isso, o movimento de renovação da escola primária empreendido pelos primeiros governos republicanos teve um profundo significado político, social e cultural. Tratava-se não apenas de sua difusão no meio popular e da democratização do acesso à leitura e escrita – instrumentos culturais cada vez mais valorizados nas sociedades urbanas e nos regimes republicanos -, mas, também, da implantação de uma instituição educativa comprometida com os ideais republicanos e com as perspectivas de modernização da sociedade brasileira. (SOUZA, 1998, p. 34).

O significado político descrito por Souza engloba ainda a necessidade de educação pública universal e gratuita que a estrutura socioeconômica no Brasil não contemplava, mas que no período referido, por conta do progresso industrial, fazia-se urgente, além das pressões sociais pela expansão do ensino que emergiam da ampliação e urbanização dos centros urbanos.

Para Saviani (2006), o período que vai de 1890 a 1931 inaugurou a implantação dos grupos escolares ou escolas graduadas como fenômeno urbano, porém restritos ao campo de escolas privadas sem considerar a popularização efetiva do ensino. Os alicerces das escolas graduadas foram elucidados por Souza (1998, p. 114):

> A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição de classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle de distribuição ordenada de conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimentos de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos de distribuição pedagógica- em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe um professor.

Como se pode observar, uma série de mudanças estruturais e pedagógicas fazia parte desse movimento, porém as condições eram precárias: faltava desde mobiliários até professores capacitados capazes de desenvolver os processos pedagógicos que efetivassem o projeto de instrução preterido pelo movimento republicano. Em Sorocaba, como em outras cidades do país, as mudanças operadas na educação, não passaram de experiências malogradas como esclarece Menon (2000, p. 89):

> A escola proposta pelo imaginário republicano não conseguiu, em Sorocaba, pelo menos até 1906, diferenciar-se da herdada do regime anterior. Sua elite nenhuma mudança introduziu em sua forma de pensar, com discursos dispersivos e desarticulados pela própria vivência, no cotidiano urbano e, acostumada a examinar os problemas concretos sob o seu ponto de vista estreito, não estava preparada para resolver os grandes entraves da educação

> escolarizada. Distante da população empobrecida, não compreendia a necessidade e as questões essenciais locais, para poder enfrentá-las com vontade. Envoltos em querelas políticas de interesses próprios, não conseguiu introduzir uma vigorosa obra de educação em escala municipal, que a cidade pedia para acompanhar o desenvolvimento econômico que atravessava.

Para autores como Fernando Azevedo, não houve "renovação intelectual das elites culturais e políticas necessárias às novas instituições democráticas." (AZEVEDO, 1953, p.134). Desta forma, o grupo hegemônico não acompanhou as transformações de cunho social, político, cultural e econômico que o contexto dado pela urbanização e pela presença de novos grupos sociais pretendia.

A passagem do modelo agrário-exportador para urbano-industrial exigia um novo homem capaz de viver numa sociedade complexa e que pudesse desenvolver seu trabalho nos novos ramos da produção. Conforme ideário da época, a escola como atividade social era apropriada para essa função, inaugurava um novo espírito de ideias baseado na indústria, na democracia e no avanço da ciência.

A ênfase do novo sistema educacional estava na escolarização das classes populares como resolução dos problemas nacionais. A formação dos trabalhadores estava no centro das atenções, de um lado para suprir o mercado industrial que urgia por mão de obra qualificada e por outro garantir os direitos do cidadão. No entanto, o caráter elitizante foi mantido e o aumento dessa desigualdade foi sentido pelo operariado das indústrias localizadas nos grandes centros urbanos, desencadeando um forte movimento por educação por parte das camadas menos favorecidas. Este movimento não se restringia somente as questões educacionais, mas à organização da classe operária, que assumia através de movimentos diferenciados, socialistas, anarquistas, anarcossindicalistas e libertários, relevância por imbricar-se em uma prática de transformação social e libertária.

Para os libertários a educação abrangia todos os setores em que o homem exerce a inteligência. Preparava o homem para liberdade, para criatividade e a solidariedade, contribuindo para formação de caráteres retos, para o despertar do amor pela humanidade, e o tornava responsável por si e pelo grupo.

Na cidade de Sorocaba não foi diferente, a maior parte da sociedade era constituída por não alfabetizados, o que gerava um debate sobre os problemas enfrentados pelo ensino e pela necessidade de formulação de novas políticas que incluíssem essas pessoas. Menon (2000) expôs a situação a partir de sua pesquisa sobre os rumos da educação em Sorocaba:

> A educação escolarizada em Sorocaba, seja no período imperial, seja no republicano, não atendeu em nenhum momento às necessidades da população. Ambiciosa e prepotente, com o objetivo de redimir uma população amorfa, indolente, que necessitava ser civilizada pela ação moralizadora e disciplinadora da educação, segundo os preceitos republicanos, essa escola constituiu-se em enorme fracasso. (MENON, 2000, p. 139).

A estrutura escolar não sofreu uma mudança qualitativa e nem quantitativa, pois as escolas existentes não atendiam ao grande número de indivíduos, deixando-os excluídos do processo educacional como conclui Menon (p. 139):

> O único grupo escolar implantado na cidade, no período estudado, não conseguiu acompanhar a demanda pela educação elementar. Tornou-se, contraditoriamente, por tal motivo, uma escola de prestígio. Atendendo a uma população homogênea, deixou de fora, no entanto, negros, pobres e miseráveis. Essa situação requer um olhar atento para os aspectos propagandeados de uma escola democrática, mas que, na realidade, foi tão segregacionista quanto a imperial.

O grupo escolar referido por Menon é Antônio Padilha, criado em 1896 por meio do Decreto número 248, de 1894, que oficializava a denominação de "grupo escolar", porém a oferta de vagas era limitada e o grupo era frequentado apenas por filhos de famílias da elite Sorocabana, ficando aquém das exigências da população, demonstrando uma falência do sistema na oferta de ensino. Ferreira e Sandano (2007, p.175), ainda destacam que 395 alunos foram matriculados, mas 57 deles não seriam atendidos por falta de vagas. O segundo grupo escolar, Visconde de Porto Seguro, só foi criado em 1914, seguindo os mesmos desígnios do primeiro. As reivindicações por educação aumentaram substancialmente e o movimento operário por meio de suas organizações (ligas, associações e imprensa), encabeçou um debate público para assegurar aos trabalhadores a apropriação do conhecimento.

O jornal *O Operario* cumpriu essa função, de 1909 a 1913 na cidade de Sorocaba. Ferreira e Sandano (2007) destacam sua importância:

> Em relação à educação, nota-se na leitura das edições uma preocupação com a instrução dos operários, procurando prepará-los para o combate à burguesia, relacionando-a à liberdade, à democracia e à justiça. Quanto à educação escolar, evidencia-se nas reivindicações dos trabalhadores, a preocupação com a instrução e a visão da escola como um canal para liberdade, para uma vida melhor para os seus filhos. (FERREIRA; SANDANO, 2007, p. 176).

Em várias edições do Jornal foram encontrados artigos que discorrem sobre a educação da família operária, demonstrando frequente preocupação com o ensino na cidade. Neles, também cobram da sociedade política elaboração de projetos e fundação de escolas. A exemplo o artigo assinado pelo editorial com o título de *Estamos Vencendo*:

> Quanto a creação e manuntenção de escolas para a educação dos operarios, por conta dos respectivos industriaes, foi objecto de vários argumentos nossos, nada porém produziu pelo facto, está claro, da completa indiferença que reina no espírito dos patronatos em favor da classe operaria, única que sabe soffrer sem opporresistência.
> O governo porém, num rasgo de verdadeiro sentimento de humanidade, remediou esse mal, sansionando uma lei que estabellece escolas noturnas para adultos, maiores de quatorze annos, nos diversos pontos industriaes do Estado.
> A creação e funccionamento dessas escolas vem, é incontestavel, melhorar muito a condição actual dos operários, que por serem analphabetos, na sua maioria, vivem sempre de rastos, mergulhados nas trevas da mais crassa ignorância.
> Louvamos, sinceramente, o ato do governo, o que lamentamos porém é não prever a referida lei, em um artigo qualquer, a admissão ás matriculas dos menores de quatorze annos (...) pois que o numero de crianças que trabalham em fábrica e não sabem ler, é avultadíssimo, principalmente em Sorocaba, onde a industria, pode-se dizer, é a única fonte da sua vida econômica. (O OPERARIO, 31 jun. 1909, p. 2).

Há um acompanhamento por parte do jornal das ações empreendidas pelo Estado no sentido de sanar os problemas gerados pela falta de escolas, resultado da crescente urbanização em decorrência da rápida industrialização das cidades. O artigo elogia a criação de sete escolas noturnas, criadas pela lei 1195, de 24 de dezembro de 1909, como expõe o autor no mesmo artigo.

A criação de escolas noturnas era necessária pela dinâmica de uma cidade industrializada que normatizava a vida de seus habitantes pelo apito das fábricas. Diante desse contexto, surgiu a necessidade de organizar um modelo de escola que, além de escolarizar, preparasse para o trabalho os filhos dos trabalhadores. A cidade passou a constituir-se pelo atrelamento da urbanização e escolaridade.

Segundo Souza (1998), essa escola deveria ser organizada de forma a apresentar uma classificação uniforme de idade e de conhecimento, apresentar um nível geral de estudos que constituísse o máximo de conhecimento que deveria ser ensinado durante a escolarização, cuidar de fixar o tempo para as lições e os exercícios escolares. Havia um aspecto civilizador da educação que se evidenciava e que tinha a função de desatrelar as camadas populares de seu obscurantismo, discurso muitas vezes usado também pelos colaboradores de *O Operario*.

O artigo ao mesmo tempo em que elogiava a iniciativa do Estado em função da criação de escolas que permitissem o trabalhador se instruír, critica também por ter deixado de fora uma parcela significativa de crianças menores de catorze anos, pois a utilização do trabalho infantil foi prática comum. Essas crianças eram arrimo de família, trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. O sonho dos pais era que a educação pudesse garantir aos filhos uma melhor condição de vida.

Diminuir as diferenças sociais através da educação escolarizada foi um ideal do pensamento liberal, representado pelo discurso republicano de educação popular.

O jornal operário da cidade, tornou-se assim importante aliados na luta política para instrução da classe trabalhadora, pois a organização era fator preponderante para que os trabalhadores pudessem frequentar as escolas noturnas o que não ocorria devido a forma como estava organizado o trabalho nas indústrias têxteis. O que se constata na luta operária, na Europa, no Brasil, como em Sorocaba é que a relevância da instrução estava na pauta de discussão, nos seus vários aspectos.

No inicio do Século XX, em Sorocaba, constata-se pela impressa operária que o número de escolas noturnas era reduzido e em menor quantidade não permitindo a frequência dos operários e seus filhos, por motivos financeiros. Segundo Araújo Neto (2005) havia duas importantes escolas operárias noturnas, uma no distrito de Votorantin e outra dentro da propriedade Santa Rosália. Desta forma a luta pelo ensino foi uma das principais bandeiras do periódico. Seus colaboradores constantemente chamam a atenção para importância da educação.

Em outro artigo intitulado *A Situação operária*, os editores do Jornal denunciam a excessiva jornada de trabalho que não permitia ao trabalhador instruir-se, e a falta de liberdade de pensamento gerado pela amputação do direito de frequentar as escolas. Destaca o papel do Dr. Freitas Valle, deputado dedicado à causa operária, que argumentava em prol de um projeto que previa a criação de escolas noturnas nas proximidades dos estabelecimentos industriais:

> Só pode merecer applausos e louvoures uma idéa tão feliz e que vem preencher uma lacuna que há muito tempo existia em S. Paulo.Com o grande desenvolvimento que tem tido a nossa capital, os estabelecimentos industriais multiplicaram-se de um modo espantoso, exigindo esse incremento a attenção e o estudo de nossos legisladores para que medidas como essa que vae ser proposta pelo dr. Freitas Valles sejam postas em pratica, em proveito de uma grande collectividade, digna, sob todos os aspectos, da proteção e do amparo que o Estado tem o dever de assegurar-lhe. (O OPERARIO, 31 out. 1909, p. 1).

O editorial continua seus argumentos referindo-se aos menores de idade nas fábricas e ao valor da instrução:

> Sabe-a os muitos milhares o número de menores que deixam de frequentar escolas e ficam privados de receber a luz da instrucção, que deve ser proporcionada igualmente a todos, em proveito ainda maior da sociedade de que dos indivíduos, porque a pobreza exige que as infelizes creanças passam o dia inteiro, das cinco horas da manhã às cinco da tórde, no escuro ambiente de uma oficina asphvxiante, para que possam ganhar honestamente o pão para seu sustento.
> Promovendo a creação de escolas no genero das que imagina dr. Freitas Valle fará uma obra meritoria prestando um benefício aos pequenos operarios que tanto necessitam da instrucção e um serviço de grande alcance á sociedade que só tem a lucrar com a disseminação dos livros, unico elemento capaz de assegurar a verdadeira prosperidade a uma nação. (O OPERARIO, 31 out. 1909, p. 1).

A partir do artigo, percebe-se o tom de cobrança que os colaboradores faziam aos legisladores, para que concentrassem suas ações na construção do projeto de educação. Fundamentavam seus argumentos na expansão da atividade industrial e pelo benefício que a instrução traria a nação, levando em conta o elemento econômico e social. Em suas considerações, a educação deveria servir a um ideal amplo a fim de contribuir para a sociedade a que o indivíduo pertencia, posicionando-se de maneira combativa. Araújo Neto (2005, p. 77), conclui sobre a importância do jornal e de seu projeto por instrução que “a campanha pela educação operária, ou mais propriamente por uma educação para o proletariado, foi uma constante nas publicações do Jornal”. De maneira reticente, os articuladores do periódico, observavam as ações do poder público referentes à formação do operariado em Sorocaba:

> A questão da educação para o operariado sorocabano, nas primeiras décadas do século XX, foi uma luta que não só restringia as questões educacionais, como também a própria organização da classe. A organização era fator preponderante para que os trabalhadores pudessem frequentar as escolas noturnas, o que não ocorria devido a forma como estava organizado o trabalho, nas indústrias têxteis. O que se constata na luta operária na Europa, no Brasil, como em Sorocaba é que a relevância da instrução está na pauta de discussão, nos seus vários aspectos. (CARMO, 2006, p. 12).

A preocupação com a formação do operariado sorocabano não perdeu de vista o princípio da adaptação da escola ao meio social, considerando que a questão social emergia como o problema fundamental a ser solucionado e ainda, que era preciso constituir uma

educação dirigida aos trabalhadores que assumisse a perspectiva de educação popular, efetivando uma nova formatação social adequada aos interesses da sociedade do período.

Ferreira (2009), em sua pesquisa intitulada O Movimento Operário e a Educação na Imprensa Sorocabana na Primeira República, investigo, no jornal, as reivindicações expressas por educação, destacou que *O Operario* representou o papel de mediação entre os sujeitos e a sociedade e que as lutas por educação, ensejavam um sistema social justo:

> Ao lado das reivindicações sobre a criação de escolas e diminuição da jornada de trabalho infantil, o jornal O Operário constituía um universo à margem na defesa de ideias singulares no que se refere à educação. Nota-se, na leitura das edições, uma preocupação da criança operária, procurando prepará-la para o combate à burguesia valorizando a liberdade, a democracia e a justiça. (FERREIRA, 2009, p. 141).

As ideias singulares salientadas por Ferreira referiam-se à proposta pedagógica anarquista no campo educacional impulsionadas pela imigração italiana no Brasil. Suas bases estavam alicerçadas na Escola Moderna ou Escola Racionalista idealizada pelo pedagogo revolucionário Francisco Ferrer, que havia fundado no ano de 1901, em Barcelona, um modelo desta escola. Ferrer foi figura de destaque na imprensa operária no inicio do século XX, inclusive no jornal *O Operario* como demonstram as autoras*:*

> Nas páginas do *O Operário* constatava-se a presença constante de Ferrer em artigos políticos e sobre educação, além de argumentos que o levaram a exercer grande influência na fundação da escola racional de Sorocaba. Desde as primeiras edições do Jornal pôde ser verificada a realização de palestras por líderes anarquistas italianos radicados no Brasil, que aportavam à cidade procurando incentivar à adoção do ensino racional, livre da influência religiosa e burguesa. De acordo com as evidências encontradas, Ferrer tornou-se um personagem emblemático para o jornal, memória oportunamente preservada junto aos operários. (BOSCHETTI ; FERREIRA, 2011, p. 174).

A proposta libertária articulada por Ferrer era bandeira do movimento operário por educação e tinha sua metodologia baseada na cooperação, na autonomia do educando e no respeito mútuo, que possibilitariam pensar a educação como um processo contínuo e transformador, considerando os indivíduos na sua totalidade, adotando como pressupostos a liberdade individual e a igualdade social.

Apesar de alguns autores a nomearem como pedagogia libertária, não é em princípio uma teoria pedagógica, mas um conjunto de ideias complexas que previam o fim de toda autoridade, negando a repressão, a disciplina, a servidão e o dogmatismo. Não tomam também

os pressupostos fundantes da educação tradicional, tais como as avaliações, o conteúdo religioso, prêmios e castigos, prazos e programas preestabelecidos e as relações de competitividade.

Defendiam ainda a coeducação entre homens e mulheres, a importância dos jogos no processo educativo e uma educação científica e racional a serviço das necessidades humanas e sociais.

O significado de Escola Moderna é definido pelo Pequeno Dicionário de Ideias Libertárias da seguinte forma:

> A Escola Moderna, concretamente foi fundada em 8 de setembro de 1901, na Espanha, por iniciativa de Francisco Ferrer Y Guardia, pretendia combater quantos preconceitos dificultassem a emancipação total do indivíduo e para isso adotava o racionalismo humanitarista, que consiste em inculcar à infância o afã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais , para que, com seu conhecimento, possa combatê-la, opor-se a elas. Combater as guerras, a desigualdade entre o homem e a mulher, os inimigos da harmonia humana, a ignorância, a maldade, a soberba e demais defeitos que dividem os homens em vítimas e tiranos.
> O ensino racionalista e científico da Escola Moderna abarca o estudo de tudo o que seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, à paz, ao amor, ao bem estar para todos sem distinção de classe, nem sexo. (RODRIGUES, 1999, p. 132).

E, sobre o fazer pedagógico da Escola Moderna, acrescenta:

> Pode e deve discutir tudo, facilitando à criança a larga via da investigação para que ela possa perceber, após maduro exame, as origens, não só da terra e do homem, mas de todos os males que afligem a humanidade, tiranias governamentais, capitalistas e patronais. Formar indivíduos conscientes do que são e de tudo o que os rodeia, para que em consequência, procedam sempre segundo os conselhos da razão e como o reclama o seu bem estar.
> Dir-se-ia que era uma escola que se opunha à construção, à educação e a cultura industrializada, mecanizada, sem opções para professores e alunos obrigando-os abdicar do direito de pensar para não perder o emprego. (RODRIGUES, 1999, p. 132).

O projeto implantado por Ferrer entendia que sem uma educação livre, racional, o ser humano tenderia a transformar-se em uma máquina, um robô, sem poder de decisão e sem vontade própria. Como a presença de escolas era rara na Primeira República e destinada a uma pequena parcela de crianças em idade estudantil e, na maioria das vezes, filhos da elite dirigente,esta tendência ganhou expressão por considerar as condições estruturais no período da industrialização do país, pois muitas crianças faziam parte da mão de obra das fábricas, mas ficavam a margem do processo de escolarização.

Em Sorocaba, o ensino público não atingia a maior parte de crianças e jovens. E o trabalho infantil, prática comum e de grande relevância no crescimento econômico da cidade, urgia por formas de inclusão dos pequenos trabalhadores. O jornal *O Operario*, apresentou em suas páginas preocupação fundamental na luta contra o Estado e o projeto educacional que ele propunha, tornando-se importante veículo para divulgação dos preceitos da Escola Moderna:

> Ao lado das reivindicações sobre criação de escolas e diminuição da jornada de trabalho infantil, o jornal O Operario, constituía um universo à parte enquanto preocupação com a educação da criança operária, procurando prepará-la para o combate à burguesia, valorização da liberdade, da democracia e da justiça, e, também enquanto defesa de ideais singulares ao pensar educação no âmbito de um desenvolvimento expandido para além dos bancos escolares: um entendimento mais próximo do conceito aristotélico de "ação humana em sociedade", como já apresentado. (BOSCHETTI; FERREIRA, 2011, p.175).

O conceito de ação humana em Aristóteles referido pelas autoras é o de permitir aos indivíduos conhecerem a sua realidade social e poder interferir, por meio de suas ações. Esta ideia, que vai ao encontro dos princípios da Escola Moderna, possibilitaria a construção de um novo homem, autônomo e livre pensador, conhecedor das novas características sociais. A educação proposta pelos anarquistas e que estava destacada nas páginas do jornal, extrapola o universo da escola e abrange todas as formas e possibilidades educativas presentes no cotidiano:

> A concepção libertária é uma concepção de aprendizagem que respeita o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo da criança e que a considera como um agente construtor do seu conhecimento na interação com o outro e com o objeto do conhecimento. É uma proposta com ênfase no trabalho coletivo que resguarda o princípio de liberdade favorecendo desta forma a vivência do conflito, o respeito mútuo, a solidariedade e, sobretudo, favorece a formação autônoma do aprendiz. (KASSICK, 1993, p. 209).

A defesa da educação libertária proposta pelos anarquistas foi pauta constante no jornal *O Operario*, marcando a atuação deste periódico junto à classe operária, permitindo um rico debate pelo fornecimento de informações que provocavam reflexões acerca das ações políticas deliberadas pelos legisladores da cidade. Permitiu ainda a criação de amplos espaços de discussões e de socialização de conhecimento pelos militantes anarquistas. Louro (1997, p. 446) detalhou esse momento:

> Na virada do século, grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticos, como o Socialismo e o Anarquismo não apenas apresentaram

> propostas para a educação de suas crianças, mas efetivamente as tornaram realidade através da criação de escolas. Essas iniciativas foram especialmente significativas entre os anarquistas, que ainda davam atenção às questões relativas à educação feminina. Nos jornais libertários, eram frequentes os artigos que apontavam a instrução como uma "arma privilegiada de libertação" para a mulher. Além da imprensa e dos encontros que, à noite, reuniam mulheres e homens em prolongadas palestras e discussões - entre outros temas, tratavam da educação e da participação feminina no movimento operário e na sociedade – as escolas libertárias também se preocupavam com a instrução de meninas.

O registro da proposta libertária está, em sua maioria, na imprensa de caráter anarquista e socialista. Abarcava, simultaneamente, aspectos culturais, educativos e literários, que não podiam estar dissociados, pois, só assim seria possível um projeto educativo próprio e autônomo, totalmente independente do Estado e da Igreja. Para os anarquistas, os indivíduos são "unidades ativas, independentes, capazes de produzir e gerenciar em autogestão, sem as muletas políticas, religiosas, sem chefes: vai até onde a liberdade e a inteligência o possa levar" (RODRIGUES, 1999, p. 3). Os princípios racional e libertário no pensamento pedagógico anarquista procuravam organizar uma nova mentalidade no processo educacional, incluindo as discussões epistemológicas do século XIX, mas, também, sem deixar de lado a luta contra a desigualdade e pela emancipação do homem, uma educação que buscava a transformação.

No Brasil, se tem notícias de várias escolas que utilizavam a proposta racional libertária. De acordo com os registros de Rodrigues (1999, p. 40), espalharam-se pelo país:

> Em 1902, foi criada a Escola Libertária Germinal, no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo. Outras escolas foram surgindo pelo Brasil, como a Escola Elisée Reclus, em Porto Alegre (1906), a Germinal, no Ceará (1906), União Operária em São Paulo (1906), Liga Operária, em Sorocaba (1911), Escola Operária 1º de Maio, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro (1912), Escola Moderna, em Petrópolis (1913), e as Escolas Modernas nº 1 e nº 2, em São Paulo (1912).

Carmo (2006, p. 22) destacou a importância do Jornal para a cidade de Sorocaba:

> Verificou-se que através da imprensa operária local houve denúncias cuja finalidade foi apontar para necessidade da classe operária ter consciência da educação e propor o retorno dos ideais libertários: a educação integral e a transformação social. Esse procedimento tinha em vista possibilitar à classe operária que alcance sua "independência racional" compreensão essa oriunda da democracia do século XX, em que os homens serão mais conscientes defensores da verdade e da razão o que propicia a esse homem (operário) a libertação de toda sorte de ignorância formando-o para ser o "cidadão do futuro".

A imprensa operária em Sorocaba traduziu o cotidiano da realidade vivida pelos trabalhadores no início da industrialização. Trouxe uma atmosfera de pertencimento ao operário que não se identificava com a postura da imprensa hegemônica diante dos problemas enfrentados por eles.

A concepção de educação, tida como referência pelo Estado Republicano, pôde ser analisada e refletida pelos operários no embate com a ideia de educação libertária divulgada por seus idealizadores por meio das notícias publicadas no Jornal. E como ele priorizou a proposta de Educação da Escola Moderna, faz-se necessário uma análise do movimento educacional desenvolvido pelos anarquistas na Primeira República Brasileira.

3.1 Movimento Anarquista e Escola Moderna

Os ideários do movimento anarquista, ainda que apontados como utópicos, românticos, também promoveram questionamentos e situações de desconforto na estrutura social vigente na sociedade da época. Ainda que as práticas anarquistas nunca tenham sido colocadas efetivamente em prática, não se pode deixar de considerar as influências destas na sociedade brasileira, durante um período relativamente longo, desde o final do século XIX até o início do XX.

O Anarquismo se apresentava como uma doutrina revolucionária inserida no conjunto das ideias socialistas vendo a possibilidade de transformação violenta e rápida da sociedade.

Edgar Rodrigues foi um militante e pesquisador do Anarquismo no Brasil. Por meio de suas obras divulgou o pensamento libertário dos anarquistas que sustentava a luta dos trabalhadores e a participação dos anarquistas nessa luta, inclusive é ele quem redige o prefácio da Edição Fac-similar de *O Operario*. Sua militância foi encarada como uma missão, pois sobre o tema escreveu mais de cinquenta livros, publicados ao longo de cinco décadas em muitos países. Definiu o pensamento anarquista da seguinte forma:

> Nova ordem social baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a educação devem satisfazer às necessidades de cada um e de todos . Os anarquistas propõem-se substituir a organização obrigatória pela organização voluntária, pelo livre acordo espontaneamente firmado e eternamente dissolúvel, não ligando os homens senão pela comunidade de interesses e pela reciprocidade das consequências, afinidades e simpatias. O Anarquismo, filosofia humanista de vida, não aceita que o homem precise

> ser governado, de cujo costume se tornou escravo, razão porque lhe parece utópico, uma verdadeira calamidade pública deixar de o ser. (RODRIGUES, 1999, p. 18).

A nova ordem descrita por Rodrigues baseava o projeto de luta pela instrução em *O Operario*, pois seus articuladores combatiam as formas hierárquicas de poder como se pode observar no artigo *Democracia e instrução*, de Baptista de Santis:

> Será o século da mais pura democracia, e pela qual os homens conscientes, desimpedidos de luctas mesquinhas que lhes aviltam a condição social, erguer-se-ão à altura dum baluarte comum, para a defeza da Verdade – numa egualdade de luz, cahindo com deslumbramentos portentosos da razão sobre as trevas ignominiosas da obsessão do erro.
> Será o seculo, portanto, da independência racional, amando-se a liberdade, não pelo que ella tem de subversiva á ordem publica, mas pelo que ella encerra de verdadeiro como prerrogativa dum cidadão apto, sem coação de molestias nervosas, de preconceitos sociaes e religiosos, e, sobretudo, sem as peias da ignorancia. (O OPERARIO, 01 jan. 1911, p. 2).

Nesse artigo é possível verificar, dentre outros aspectos, o ideal libertário proposto pela educação anarquista, cuja mediação à escola aparece como sendo uma das formas institucionalizadas que instrui o operário para alcançar sua "independência racional". Tal independência, provida da democracia do século XX em que os homens serão mais conscientes defensores da verdade e da razão o que proporcionaria ao homem a libertação de toda sorte de ignorância.

A liberdade, segundo o articulista, resultará na sua independência racional, desde que esteja instruído na "cultura racional do Bem" o que "efetivaria" sua liberdade e possibilitaria respeitar as normas de convivência social, desde que a base dessa instrução fosse norteada pelos princípios democráticos, que deveriam ser aprendidos pela razão. Assim sendo, a instrução aparece como fator fundamental para as conquistas dos trabalhadores, no início do século XX.

Estes princípios citados por Baptista de Santis estão presentes nas formulações teóricas de alguns intelectuais do Anarquismo como Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Robin, Ferrer, que com suas utopias buscaram fundar uma sociedade mais humana, sem opressores nem oprimidos e, nesse trabalho de propagação dos seus ideais, influenciaram muitos libertários brasileiros. Ghiraldelli (1987) expressa um pouco desta utopia em seu livro Educação e Movimento Operário (1987), no qual afirma que,

> A qualquer hora, a qualquer momento, os trabalhadores poderiam cruzar os braços, as mulheres e as crianças sairiam às ruas gritando, a polícia abandonaria seus postos e se diluiria na multidão, a estrutura da sociedade capitalista estaria entrando em colapso e os sinos das catedrais dobrariam, pela última vez, para acompanhar o sepultamento da burguesia, do clero e do Estado. A greve geral destruiria a sociedade burguesa; sobre as ruínas da arcaica forma de vida social surgiria, então, a Anarquia: O homem sobre a terra livre. (GHIRALDELLI, 1987, p. 116).

De acordo com Rodrigues (1999), de 1889 a 1920, o pensamento de esquerda no Brasil foi marcado pelo Anarquismo, um movimento constituído também por operários imigrantes que buscavam defender os interesses do nascente proletariado. Para isso tiveram várias iniciativas, entre elas, a fundação das chamadas Escolas Modernas que se baseavam nas concepções de Paul Robin e Francisco Ferrer, que pregavam o ensino Integral e Racionalista, acreditavam na ciência e combatiam a influência religiosa na educação. Robin e Ferrer foram muitas vezes citados em *O Operario*, pois foram os fundadores dos métodos da pedagogia libertária.

Francisco Ferrer foi fuzilado, sob a acusação de mentor intelectual e incitador das revoltas populares em Barcelona. Fundou nesta cidade a primeira escola mista e laica. No ano de seu fuzilamento, 1909, *O Operario* já circulava e muitas foram as manifestações de repulsa ao seu assassinato. “Continuam ainda em toda parte do mundo civilizado onde pulsam corações nobres e vivem consciências livres, a repulsa contra o acto barbaro, praticado pelo governo da Hespanha contra o pensador professor Francisco Ferrer.” (O OPERARIO, 31/10/1909, p. 3).

Os novos métodos de ensino propostos e implantados por Ferrer buscavam a superação do conhecimento filtrado pelos dogmas e interesses da Igreja bem como a ruptura com o sistema estatal dual, onde o conhecimento separado de disciplina era repassado de forma distinta para ricos e pobres. Gallo (2013, p. 1), elucida a proposta da Escola Moderna:

> A escola de Ferrer era o exato contraponto da escola em que havia estudado e que abominava: uma escola centrada nos dogmas religiosos, com os alunos fechados entre quatro paredes, em condições insalubres e sem higiene, organizada segundo um sistema meritocrático que premiava os acertos e castigava os erros e as falhas. A *Escuela Moderna* era um local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre. Além disso, eram frequentes as atividades fora da escola: visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local e assim por diante. Por entender que os livros didáticos disponíveis à época não eram adequados àquilo e à forma como pretendia educar, criou uma editora, *La Editorial*, para publicar os livros que seriam utilizados em sua escola.

Ferrer também criticou o formato da escola burguesa por possuir uma prática pedagógica autoritária, centrada no Estado e por não considerar a educação como um problema político. Princípios como coeducação dos sexos e de classes sociais, ensino racional e integral apontavam para uma educação livre de dogmas, de preconceitos cuja essência era o respeito à liberdade.

No Brasil, a experiência pedagógica de inspiração libertária, organizada com base nos princípios da Escola Moderna, foi de grande importância para a educação dos trabalhadores brasileiros no início do século, chegando a se constituir quase que na única escola a que efetivamente tinham acesso, dado o desinteresse do Estado pela educação do povo.

No jornal *O Operario* encontrou-se vestígios referentes à Escola Moderna. Em um artigo do editorial chamado *União Operaria* há o seguinte comentário:

> Realizou-se no dia 7 do corrente na sede social, a assembleia geral ordinaria dessa associação a qual esteve bastante concorrida e os debates calorosos que versaram sobre diversos assuntos de capital importante.
> Destacamos a creação de uma escola moderna em Votorantim, para ambos os sexos e, uma outra em S, Rosália. (O OPERARIO, 14 abr. 1912, p. 2).

Não há documentos que provem a existência dessa escola, porém Edgar Rodrigues (1992), afirma que a Liga Operária de Sorocaba fundou uma Escola Moderna em 21 de novembro de 1911. Esta teria sido fechada pela polícia e reaberta em 15 de setembro de 1912. Araújo Neto (2005) também comenta que essas escolas eram mantidas pela União Operária Sorocabana. Dessoti (2009) adverte que talvez os vestígios tenham sido apagados por duas enchentes na cidade de Votorantim, uma em 1929 e outra em 1985. Segundo a autora todos os documentos foram perdidos nas cheias.

Cavalheiro (2009), quando narra o episódio da greve dos tecelões em Sorocaba a favor da Educação, destaca que os operários foram beneficiados com a redução da jornada de trabalho e que o fato permitiu aos trabalhadores frequentarem a Escola Moderna da União Operária. O autor ainda destaca que Joubert Rivier, um imigrante francês anarquista era o professor da referida escola.

O professor Jubert Rivier, citado por Cavalheiro, era um colaborador de *O Operario*, seus artigos apresentavam rigor científico e forte anticlericalismo:

> A morte scientificamente é a dissolução da sociedade formada de elementos anatômicos e ella se manifesta com a falta de pensar, de sentir, e com a mais plena conviquição que nunca mais se pensará e nem se sentirá.
> Esta é a única concepção aseita por todos os philophosos, phisiologistas morto e médicos: “A morte é o desphacelamento da existência pessoal, e

> nem d'outro modo foi comphreendida por Democrito: Empedocle, Simonde, Epicuro, Seneca, Plinio e Lucrecio.
> A morte longe de ser o phantasma desenhado e horrivel como nos descrevem os inpostores de todas as religiões. Sob o nosso ponto de vista racional, ella é a paralysação de todas as funções do corpo e do cérebro e póe definitivamente e em absoluto, fim a nossa existencia individual." (O OPERARIO, 23/06/1912, p. 1).

O professor aponta o desprendimento das ideias religiosas, ratificando os princípios racionais, questionando as grandes verdades apresentadas na escola oficial. Era preciso observar, comparar e criticar, ou seja, usar a visão racional para contestar o *status quo* da Igreja Católica.

A peculiaridade da pedagogia libertária se expressa pelo questionamento de toda e qualquer relação de poder estabelecida no processo educativo e das estruturas que proporcionam as condições para que estas relações se reproduzam no cotidiano das instituições escolares. Deste ponto de vista, Tragtenberg coloca a seguinte questão: "conhecer como essas relações se processam e qual o pano de fundo de idéias e conceitos que permitem que elas se realizem de fato". Sua análise busca apreender como a escola atua enquanto "poder disciplinador" pois, conforme afirma o filósofo Michel Foucault, "a escola é o espaço onde o poder disciplinar produz saber." (TRAGTENBERG, 1985, p. 40).

Em termos gerais, o jornal *O Operario* contribuiu para o desvelamento da ideologia colocada pela classe dominante durante o período estudado e foi um instrumento de propagação da teoria de Ferrer no Brasil , e também um organizador de lutas operárias e abertura de escolas libertárias.

3.2 Mulheres e Educação

A condição de opressão da mulher em geral foi tema da imprensa anarquista por jornalistas, escritoras e educadoras que se destacaram pela atuação em defesa da causa feminina.

As feministas que mais se destacaram no exercício de conscientização da mulher de todas as classes, por organizar palestras, cursos educativos e a fundação da Federação Internacional Feminina, foram: Maria Lacerda de Moura, Josefina Stefani Bertacchi, Matilde Grassi, Maria de Oliveira, Maria S. Soares, dentre outras. Propuseram a emancipação do papel da mulher na sociedade, para a transformação da realidade cotidiana.

Maria Lacerda de Moura afirmou que “a mulher não nasceu exclusivamente para ser mãe, para o lar, para brincar com o homem, para diverti-lo”(RAGO, 1997, p. 99). Enquanto Matilde Grassi propôs instrução à mulher operária, como arma contra a exploração das classes dominantes, do capital e do poder da Igreja. Em defesa da condição feminina, Maria Lacerda de Moura assim se expressou:

> Até aqui, temos vivido a civilização uni-sexual, a mulher não passou de espectador no cenário da vida”... “E o homem continua a querer entravar-lhe os movimentos e, portanto, a cercear-lhe o progresso. A mulher só tem direito de sair, de se locomover se vai trabalhar, ganhar dinheiro. Continua dando conta ao homem de todos os seus passos e até do seu salário. É outra espécie de exploração. É o cafetismo em família. (MOURA apud RAGO, 1997, p. 100-101).

Maria Lacerda Moura não se limitou apenas à defesa dos direitos no campo do trabalho, mas também ao uso do raciocínio feminino, do amor de livre escolha, da preservação das mulheres e crianças fora do trabalho estafante e humilhante das fábricas, da alienação perante os padrões sociais e morais impostos pela classe dominante.

Minardi (2008) também cita o nome de Ernestina Lesina como uma importante defensora do pensamento anarquista por meio de seu jornal *Anima e Vita.* No quinto capítulo deste trabalho, Ernestina terá destaque por ter sido uma das mulheres que escreveu em *O Operario*.

A colaboração das mulheres na imprensa anarquista foi significativa, pois “dirigiam seus petardos contra a opressão, exploração e dominação patronal, apontando o capitalismo como o grande responsável.” (PASCAL, 2006, p. 23). Porém, a atuação dessas mulheres só foi possível em função da conquista do direito à educação que ampliou o protagonismo do papel das mulheres na sociedade.

A educação historicamente se caracterizou como um processo que visou canalizar a conquista dos direitos das mulheres, buscando uma emancipação para essas, mas, no entanto, até esse processo ser uma garantia não foi uma construção fácil. Segundo Almeida (2000), a educação para as mulheres era considerada o abandono da missão destinada a ela. “Para a mulher educada o excesso de instrução faria com que elas se tornassem menos férteis, interferindo na capacidade de dar herdeiros homens, o futuro do país.” (p. 6).

A escola pública brasileira teve como papel fundamental delimitar normas, informar os espaços de meninos e meninas, apresentar concepções de valores, condutas e práticas a serem seguidas. Os ideais dominantes faziam uma maior referência à educação do que à

instrução, uma maneira de estabelecer modelos sociais que atribuíram ao sexo masculino, valores de superioridade em relação ao sexo feminino, como explica Louro (1997, p. 91):

> Da arquitetura aos arranjos físicos, dos símbolos às disposições sobre o comportamento e práticas; das técnicas de ensino às estratégias de avaliação; tudo opera na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres – dentro e também fora da escola (uma vez que a instituição "diz" alguma coisa não apenas para quem está no seu interior mas também para aqueles/as que dela não participam.

Foucault (1987) caracteriza a disciplina como uma forma de fabricação de indivíduos de acordo com as relações de poder predominantes; esse processo se realiza de forma sutil por meio de decretos e regulações ou discursos de autoridades, para a naturalização desse processo.

Louro (1986) salienta que o discurso comum baseado em pressupostos positivistas do século XIX caracterizou a mulher como uma forma de complementar o homem, sendo aceito como natural no momento histórico vivenciado. Posteriormente, no início da República, este discurso ainda se fez dominante: a função da mulher como mãe e formadora dos futuros homens.

Segundo Almeida (1998) essas discussões foram modificadas quando o discurso tradicional caracterizou a mulher como mais sensível e mais apropriada para a educação de meninos e meninas. O ingresso feminino na instituição escolar possibilitou à mulher ter uma profissão. Essa possibilidade não foi simplesmente devido à permissão masculina, mas resultado das transformações ocorridas na sociedade, pelas relações de poder existentes nesse período e pelas lutas e resistência feminina:

> O repúdio à coeducação liderado pela Igreja Católica e a necessidade de professoras reger classes femininas possibilitaram a abertura de um espaço profissional para as mulheres no ensino. A urgência de dar um melhor preparo técnico profissional aos professores de uma escola elementar que se expandia introduziu as Escolas Normais, inicialmente oferecidas somente aos homens mas que, rapidamente, foram ocupadas pelo sexo feminino. (p. 65).

Observa-se como se justificou a dominação de um sexo sobre o outro nesse momento histórico. Somente por meio das evidentes necessidades da participação produtiva da mulher na sociedade ocorreram algumas rupturas desse discurso predominantemente masculino. "[...] sair para trabalhar fora de casa começava a ser aceito com menos preconceito, ainda que isto ficasse restrito às camadas menos privilegiadas." (LOURO, 1986, p. 29).

O sexo masculino foi representado por envolvimento nas questões políticas da sociedade enquanto o sexo feminino foi marcado por seus instintos maternos e por não inspirar receio, por se paciente e boa, características que deveriam ser naturais. Os valores e posturas eram transmitidos pela educação, um instrumento de conservação desses ideais nesse período.

Muitos debates emergiram na época, porém as ideias positivistas e a moral católica, consideraram a coeducação uma ameaça aos dogmas estabelecidos, principalmente à família, sobre a questão Almeida (1998, p. 139) esclarece:

> {...} a concessão dos direitos cívicos, como queriam as mulheres, seriam fatores de desestabilização social e um atentado às recomendações da religião, dado que as leis naturais e divinas tinham estabelecido o lugar da mulher no lar, e o dos homens, no espaço público. Subverter essa ordem, permitindo o trabalho e o voto feminino seria desobedecer a Deus.

Sendo assim, a coeducação dos sexos não foi permitida nesse contexto por apresentar perigo em desestabilizar as normatizações sociais, colocou-se como necessidade à mulher receber uma educação inferior a do homem, com um discurso de manter a preservação da família. Acreditava-se que a emancipação feminina seria um risco ao país por haver a possibilidade de diminuição do número de casamentos e consequentemente a redução do número de filhos, já que o país necessitava de homens fortes para se desenvolver.

A coeducação dos sexos e de classe foi uma das propostas implantadas pela Escola Moderna de Francisco Ferrer y Guardia e dentro desse projeto educacional a educação feminina fica mais clara. Ferrer y Guardia refere-se a esse projeto da seguinte forma:

> O que palpita o que vive por todas as partes na nossa sociedade cristã como resultado e fim da evolução patriarcal, é a mulher não se pertencer a si mesma, sendo nem mais nem menos um adjetivo do homem (...) que a oprime e lhe impõe silencio ou trata-a como uma criança mimada. (FERRER Y GUARDIA, 1976, p. 12).

Dos objetivos das Escolas Modernas, um dos mais importantes seria a eliminação deste fator negativo, pois somente com o fim dessa oposição seria possível uma sociedade justa e igualitária. A escola mista cumpriria desta maneira a função primordial de permitir que a “humanidade feminina e masculina se entrelaçassem desde a infância, chegando a ser a mulher, não apenas verbalmente, mas a realidade, verdadeiramente companheira do homem.” (FERRER Y GUARDIA, 1976 p. 05).

A moral libertária fundamentava-se na oposição à moral burguesa e se colocava como meio para a transformação social e como moral da sociedade futura e ideal. O papel das mulheres libertárias dentro dessa crítica à moral burguesa, assim como suas atuações nos movimentos políticos como as greves, a resistência cotidiana, os movimentos culturais, como por exemplo o teatro libertário e as escolas modernas, foi significativo. Muitos dos libertários acreditavam na arte como meio de propaganda. Arte essa que deveria ser "livre de pressões históricas e estéticas" (MENDES, 2010), mas comprometida com as transformações sociais.

"O artista, nessa concepção, deveria estar comprometido com o social e sua transformação, sem colocar-se de maneira privilegiada ou como profissional mesmo na sociedade capitalista." (MENDES, 2010, p. 217).O jornal *O Operario*, anunciaou em suas páginas constantemente a apresentação de peças de teatro e muitas mulheres faziam parte do elenco. O teatro libertário tornou-se muito importante para conscientizar as mulheres sobre sua emancipação, pois grande parte de seu conteúdo estava relacionada com questões como o casamento, a exaltação da maternidade livre e consciente e princípios de uma sociedade livre e igualitária.

Elvira Boni Lacerda, uma das mulheres mais presentes nas páginas de *O Operario*, era atriz e participou de inúmeras apresentações do teatro libertário. Fez parte do Grupo Dramático 1º de Maio. Este grupo pertencia a Liga Anticlerical e suas temáticas giravam em torno de assuntos que combatiam a interferência da Igreja na vida Social.

Elvira em entrevista para Angela de Castro Gomes (1988) relatou que nos intervalos das apresentações, muitos discursos entre anarquistas e socialistas foram proferidos para elucidar as questões colocadas pelas peças e para fazer realações com a vida cotidiana dos trabalhadores.

As informações contidas no livro *Velhos Militantes* (1988), foram valiosas para conhecer um pouco da história de Elvira, pois são raros os registros sobre essa personagem feminina atuante na luta das trabalhadoras no começo do século no Brasil. No quinto capítulo deste trabalho discorreremos sobre a participação de Elvira no movimento operário.

Segundo Rodrigues (1999), as mulheres articulistas do pensamento anarquista, como Elvira, apresentaram uma nova vertente dentro desse corpo de pensamento, o anarco-feminismo, definido por Minardi (2008, p. 6):

> O anarco-feminismo, por ser mais uma vertente do anarquismo, almeja a construção de uma sociedade não autoritária, baseada na cooperação, no cuidado, no apoio mútuo e no amor livre. Ou seja, almeja o que muitas feministas chamam de "feminização" da sociedade, o que, para as anarco-

> feministas, não pode ser alcançado na sociedade capitalista, onde há igualdade somente do ponto de vista formal (liberalismo). Nesse sentido, o feminismo não pode estar separado da "luta de classes" e da idéia de luta pela construção de uma sociedade anárquica, onde igualdade e liberdade, assim como a vida comum entre todos os indivíduos, estariam presentes não só no discurso.

A maior parte de mulheres ligadas a essa corrente, escreviam para os jornais operários no inicio de século XX, estavam organizadas com o objetivo de disseminar os princípios expostos por Minardi, derrubando a moral social vigente. Propunham uma moral libertária oposta à moral burguesa. Para as anarco-feministas, assim como para todos os anarquistas, a mulher é responsável por sua libertação, opondo-se, assim, a qualquer forma de organização burocrática e autoritária que se digam revolucionárias.

A participação das mulheres anarquistas foi enorme no teatro operário de São Paulo e em muitas atividades culturais organizadas para o lazer dos operários. Mendes (2010) destacou a constante presença de mulheres nesses eventos:

> A participação de mulheres tornava-se mais evidente a partir de 1909, juntamente com a participação das crianças. A parte doutrinária da festa operária era quase que inteiramente executada por mulheres e crianças, como ocorreu com a festa pró-Escola Moderna em 1909, onde havia somente um homem como conferencista e, mesmo assim, tratando do tema "A mulher e o livre pensamento". Porém isso não quer dizer que essa atuação e essas temáticas não estivessem presentes em anos anteriores a 1909. (p. 218).

Esses eventos foram palco para a propaganda das mulheres libertárias através, também, das conferências e discursos; neles foram ressaltadas a importância da luta cotidiana e das lutas revolucionárias como forma de se chegar à emancipação total, para as mulheres e homens, colocados como irmãos e companheiros de luta pela liberdade e pela igualdade.

4 MULHERES E A CIDADE

4.1 As mulheres e o espaço público

O século XIX trouxe a mulher para cena pública e pôs fim à crença segundo a qual as mulheres eram aquela metade de uma espécie que se destinam a procriação como um ciclo vital. Fatos históricos marcantes como o desenvolvimento da indústria, exigindo também mão de obra feminina, a conquista da instrução e o avanço da ciência que as libertou de uma categoria biológica frágil e inferior aos homens, "permitiram" a redefinição dos papéis sociais das mulheres, inaugurando, assim, um momento em que elas podiam reportar-se aos seus pares, um encontro entre as mulheres.[12]

> Os movimentos revolucionários que iniciam o século XIX reuniram as mulheres num âmbito comum, alheio finalmente ao espaço doméstico. Logo silenciadas, servir-se-ão da ambiguidade que não consegue espartilhá-las, e suportando tensões com avanços e retrocessos, utilizarão caminhos tangenciais e esboçarão a imagem da mulher do século XX. (PERROT; FRAISSE, 1991, p. 19).

Pesquisadores(as) (PERROT, 2005; FRAISSE, 1991; DUBY, 1991), indicam, uma ruptura determinada pela passagem do fim da Monarquia para a era democrática, num risco que se tornou permanente das mulheres retornarem ao privado, pois há uma descontinuidade nas práticas femininas visto que estiveram presentes nas marchas pela Revolução Francesa, mas por décadas seguintes desapareceram novamente do cenário público. Percebe-se que os fatos históricos colocam as mulheres numa relação quantitativa, desprovida de ideais, que estavam nas ruas para fazer volume às massas e não como compositoras do momento histórico vivido.

Na França, um forte movimento popular misto foi criado em um novo espaço político, no qual as mulheres desempenhavam tradicionalmente um papel de agitadoras. Foram as primeiras a se agruparem e a marcharem para Versalhes, ocuparam as ruas e incitaram os homens a ação. "Em 23 de maio de 1795, os deputados proibiram as mulheres em se juntarem em número superior a 5 sob pena de prisão." (GODINEUA, 1991, p. 23). As manifestações nos levantamentos da Primavera de 1795 conceberam as mulheres como sujeitos sociais ativos:

---

[12]Perrot e Fraisse referem-se aos movimentos revolucionários, que colocam as mulheres em espaços comuns, que permitiram encontros e, consequentemente, a identificação de seus quereres.

> {...} elas tocam os sinos a rebate, fazem rufar os tambores nas ruas da cidade, zombando das autoridades e das forças armadas, arrastam os transeuntes, penetram nas lojas e nas oficinas, e trepam aos andares das casas para forçar os recalcitrantes a marchar com elas sobre a Convenção, onde chegam em vagas sucessivas, acompanhadas pouco depois pelos homens em armas. Elas desempenham o papel de "bota fogo", escreveram mais tarde as autoridades. (GOUDINEAU, 1991, p. 23).

A Marcha para Versalhes é um dos momentos mais representativos, que destaca não só a participação, mas a insurreição das mulheres na cena política em busca de direitos, pois eram elas as responsáveis pelo orçamento doméstico e pela manutenção de seus lares; a ausência de produtos de subsistência era um incomodo que chegara ao limite de sua resistência. (GODINEAU, 1991).

A Revolução de Saias (Morin, 2009) levou sete mil mulheres a caminharem para protestar contra aumentos abusivos dos preços dos alimentos[13] e cobrar da realeza seus direitos de cidadania. Os protestos garantiram-lhes visibilidade na história e participação pelos direitos civis na sociedade francesa.

Michelet ilustra esse momento:

> As mulheres não se resignavam, elas tinham filhos. Elas vagavam como leoas. Em todos os levantes, eram as mais afoitas, as mais furiosas. Lançavam gritos frenéticos, envergonhavam os homens e sua lentidão; os julgamentos sumário das greves eram sempre demorados demais para elas. Elas enforcavam primeiro. (MICHELET apud MORIN, 2009, p. 66).

Sem o poder das decisões políticas, as mulheres começaram a reunir-se em tribunas públicas, sociedades populares mistas e protagonizaram uma revolução no cotidiano. Mesmo assim não foram incorporadas como membros de pleno direito das organizações revolucionárias.

A Revolução Francesa tornou as mulheres visíveis, escritoras também de uma história; uma mutação decisiva na história das mulheres que teve lugar ao lado da história dos homens, e do questionamento da relação entre os sexos. Estiveram corporificadas ao lado dos homens revolucionários e os incentivaram a não esmorecer no propósito revolucionário.

Mesmo que após a Revolução o poder político tenha sido concedido somente aos homens, a marca deste acontecimento imprime a participação feminina no espaço público, pois "Em tempos de revolução nada é mais poderoso que a queda de símbolos." (HOBSBAWM, 2003, p. 46).

---

[13]Um boato sobre matar o povo de fome alardeava-se por Paris. A escassez e aumentos abusivos dos produtos alimentícios foram o estopim para que a marcha acontecesse.

> A Revolução Francesa é o momento histórico em que a civilização ocidental descobre que as mulheres podem ter um lugar na cidade. Nem as luzes Européias, nem a Revolução Americana tiveram ocasiões de assim politizar a velha questão das mulheres descobrindo que ela não dizia apenas respeito aos costumes. (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 42).

Efetivamente, os direitos de cidadãs não foram contemplados, mas o clima revolucionário gerou na população da França um entusiasmo pelos assuntos da cidade. A leitura passa a ser de interesses de todos, e em meio a efervescência deste movimento, Olympe de Gouges envia para Assembleia Nacional da França a *Declaration dês droits de la femme et de la citoyenne*[14], um documento que cobra os mesmos direitos de cidadania e, consequentemente, denuncia a exclusão das mulheres do cenário político.

A era das revoluções, ainda que timidamente, apontou um lugar social para as mulheres. "A era revolucionária é fascinante pelo fato de misturar o antigo e o novo, juntar ao mesmo tempo a herança dos séculos passados e o balbuciar dos vindouros*".* (GODINEAU, 1991, p. 24). Tempo que supõe a busca por lideranças culturais, independência econômica, e poder político civil.

No imaginário republicano francês a alegoria feminina foi constantemente usada para representar a República, as mães da humanidade. O modelo republicano de mulher é o de mãe. Suas competências e forças são colocadas a serviço da família, educando seus filhos como bons cidadãos e para fazer deles bons republicanos; porém sua ação não se estende às decisões públicas. Segundo Carvalho (1990), o uso simbólico da imagem feminina seria uma compensação para sua exclusão real, pois no caso da França argumenta o pesquisador:

> (...) as mulheres estavam de fato presentes nas manifestações políticas. Eram elas como argumenta Hobsbawm, que (por serem as mais diretamente afetadas) compunham as multidões que protestavam contra escassez de alimentos. (CARVALHO, 1990, p. 92).

4.2 As mulheres e o espaço público no Brasil

No Brasil, a participação foi exclusivamente masculina, apesar da apropriação dos símbolos femininos. Não só as mulheres não participaram como não era considerado próprio que elas participassem, visto que a mulher no espaço público era tida como prostituta. As únicas mulheres que apareceram na implantação da República foram representadas pela tela *A Patria* de Pedro Bruno e fazem referências, segundo a museóloga Isabel Portela, às filhas e

[14]Declaração dos direitos da mulher e da cidadã. Uma versão feminizada da Declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789.

esposa de Benjamin Constant que costuravam a nova bandeira do Brasil elaborada com base nos princípios do positivismo. A pesquisadora Isabela Dória Dantas Reis em seu estudo *A Mulher e seu lugar na "Patria"* comenta o que a obra ilustra:

> A condição da mulher como rainha do lar, doadora do leite materno e com ele sua herança moral, zeladora do bem estar doméstico está explícita e detalhada na pintura. O único homem na cena doméstica é quase inexistente. Um idoso que de tão próximo à parede quase que é inserido ao contexto onde figuram um quadro de Tiradentes e de um militar que parece ser Deodoro. Entre eles a imagem de Nossa Senhora fecharia o marco ESTADO/IGREJA, que regeria a casa e observaria vigilante os passos dessas mulheres. (REIS apud SILVA, 2009, p. 3).

A tela *A Pátria*, deixa transparecer traços de uma das ideologias que permeavam a sociedade naquele período, a positivista, que delegava à mulher somente o papel de mãe, dona de casa e esposa, uma preservadora dos bons costumes.

Na avaliação de Carvalho (1990) essa tentativa de retratar a mulher como símbolo foi malograda, pois os artistas brasileiros, patrocinados, em regra, pelo Regime Imperial, estavam distantes da concepção de República e não conseguiam se libertar do condicionamento externo formado na tradição imperial e também porque inexistia a mulher cívica. Sobre o obstáculo do uso da alegoria feminina Carvalho esclarece:

> A mulher que os melhores pintores da época representavam não tinha lugar no mundo da política, não tinha lugar fora de casa, a não ser nos salões e nos teatros elegantes, ou nas butiques da Rua do Ouvidor. Quando ela se aproximava da alegoria_ uma figura bíblica ou índia_, a referência não era cívica. (CARVAHO, 1990, p. 95).

A representação artística da mulher pelos pintores brasileiros passava muito longe da mulher do povo, fato que justifica a representação na tela *A Pátria* das filhas de Benjamin Constant na implantação da República, no papel clássico das mulheres do Brasil naquele momento: bordando a primeira bandeira republicana.

A descrição desta obra tem muito em comum com a maneira em que os escritos de Maluf e Mott (1998) explicitam a vida cotidiana das mulheres dentro de seus lares e no convívio social. As autoras ressaltam que no final do séc. XIX e começo do séc. XX, as mudanças ocorriam em ritmo acelerado e, com estas, esperava-se que a mulher, considerada agora mais moderna, começasse a reivindicar seus direitos e um lugar no mercado de trabalho, porém o discurso social era apoiado pela igreja, ensinado pelos médicos, divulgado pela imprensa e legitimado pelo Estado.

Nas sociedades industriais, esses anseios serão retomados pela expressiva presença de mulheres nas fábricas, um espaço social diferenciado em que as relações entre os sexos exigiram revisão e puseram em prática a questão da igualdade de direitos, já anunciada anteriormente, em 1789, por Condorcet apud SLEDZIEWSKI, 1991, p. 42 :

> Ou nenhum indivíduo da espécie humana tem verdadeiros direitos, ou todos tem os mesmos: e aquele que vota contra o direito do outro, quaisquer que sejam a sua religião, a sua cor ou o seu sexo, abjurou a partir desse momento, dos seus próprios direitos.

O mundo do trabalho coloca em pauta uma nova categoria, a "mulher trabalhadora". Sua crescente visibilidade possibilitou conquistas no espaço público e privado, apesar da dupla exploração a que foram submetidas durante o período de industrialização. No seio das lutas políticas, abriu-se um espaço para um campo de ação das lutas femininas.

Um dos caminhos encontrados para garantir o direito à expressão e à defesa da cidadania das mulheres, foi o acesso à leitura, à escrita e ao jornalismo. Um caminho que mostra a ousadia e a resistência das mulheres no processo de inserção, gradual, na esfera pública.

4.3 Presença feminina na imprensa

A autoria reconhecida de mulheres na escrita ainda pertence a um campo parcialmente desconhecido, pela falta de vestígios que poderiam transformar-se em importantes fontes documentais para uso da história. Pesquisas sobre o tema foram mais frequentes quando as próprias mulheres interessaram-se pelo universo dos fazeres de outras mulheres.

Neste cenário destaca-se Michelle Perrot, que a partir dos anos 1970 iniciou um movimento de pesquisa que discutia a ausência de mulheres na narrativa historiográfica. Esse movimento foi iniciado pela Escola dos *Annales* que propunha uma ruptura no campo historiográfico, privilegiando "campos de forças estruturais, coletivas e individuais que lhe confiram densidade e profundidade incompatíveis com o que parecia ser a frivolidade dos eventos." (BURKE, 1991, p. 4). Criticava-se a historia convencional e sua pobreza de análises sempre centrada na política e seus jogos de poder. Burke pontuou essa exigência:

> A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. (...) Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer

> historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem, os conceitos e os instrumentos que permitiriam ao historiador ampliar sua visão do homem. (BURKE, 1991, p. 4).

Essa perspectiva contribuiu significativamente para o desempenho da História Social, pois assume o papel de pesquisar e recuperar personagens históricos sem voz, negados em todo seu contexto histórico social. Porém para Perrot (2005), apesar da importante ruptura valorosa no campo historiográfico, a Escola dos *Analles* não reservaram qualquer atenção para a figura feminina, fato que só aconteceu com a terceira geração dos *Analles*, a chamada *Nouvelle Historie,* em 1970. E mesmo que a Escola não tenha reservado um lugar específico para as mulheres, possibilitou a inclusão de estudos sobre a vida privada, as práticas cotidianas, a família, o casamento, sexualidade entre outros que faziam referência direta à ação das mulheres na sociedade.

A iniciativa de Perrot resgata as mulheres do anonimato e preserva suas memórias ao organizar, junto com Georges Duby, uma série intitulada "História das Mulheres". A obra investiga a condição feminina e sua produção desde a antiguidade até o século XX, dando visibilidade às mulheres como objeto de estudo. A intenção é tirá-las do silêncio e colocá-las na cena como produtoras de sua própria história, conforme afirmam Duby e Perrot (1991, p. 11):

> Sincopada, a voz das mulheres aumenta de volume com o decorrer do tempo, particularmente nos dois últimos séculos, devido ao impulso feminista, sobretudo. Não a podemos ouvir linearmente; cada intervenção, cada modo de expressão, devem ser repostos no seu lugar e no seu tempo, e comparados com a forma masculina. Falar, ler, escrever, publicar: é a questão essencial das relações dos sexos com a criação e com a cultura que está subjacente às próprias fontes.

Essa escuta suscitada pelos autores remete à questão da escrita ter, durante muito tempo, pertencido ao universo masculino, que narra os fatos a partir de seu mirante. A escrita, atividade exclusiva do domínio masculino, constrói os princípios de visão social, designando os papéis assumidos pelos sexos, acentuando as diferenças entre eles. Segundo Bourdieu (2012, p. 76), a partir do momento em que as mulheres se apropriaram desta ferramenta puderam contar uma nova história.

Essa inquietação sobre o papel social das mulheres passou a ganhar corpo a partir da segunda metade do século XX, transformando-se em movimento feminista. Porém, muito antes, em 1759, as mulheres já se manifestavam publicamente, por meio de periódicos. Na

França, surge o *Journal des Dames,* escrito tanto por mulheres quanto por homens, cujas páginas reuniam contos, poesias, críticas de livros e peças teatrais. Sobreviveu quase duas décadas sob o comando de mulheres que imprimiram diferentes estilos jornalísticos:

> Apenas com o *Journal des Dames* assistimos o compromisso audacioso de um jornal por e para as damas, cujo auto-definição o declara como um empreendimento pioneiro.
> O mensário *Journal des Dames* publicou-se, embora com algumas interrupções, de 1759 a 1778, longevidade bem respeitável para um período do Antigo Regime. Teve nove diretores sucessivos. Embora o jornal tivesse começado e acabado nas mãos de homens, durante seu período intermédio ostentou o nome de três diretoras que tiveram sobre ele um controle decisivo [...] três mulheres se sucederam à frente dele e foi a sua influência que transformou uma bagatela trivial numa publicação séria da oposição, tratando de questões sociais, pregando a reforma e desafiando seus leitores a pensar, a abandonar a vaidade e a alimentar suas mentes. (GELBART, 1991, p. 504).

O modelo de jornalismo impresso pela França é responsável pela difusão dos periódicos femininos nas Américas. O Brasil também seguiu as linhas do modelo francês, destacando as mulheres no campo literário. Porém foram gradativamente abrindo espaço para a escrita feminina, assumindo, paulatinamente, temas voltados aos direitos das mulheres. Para Telles (1997), escrita e saber, na maioria das vezes, estiveram ligadas ao poder como expõe a seguir:

> A leitura é o que transforma em obra as letras, frases e enredos. E a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado pelo leitor na sociedade num dado momento histórico. Portanto é feita através do crivo de classe, raça ou gênero. Essas mesmas noções de classe, raça e gênero são mutáveis e construídas no decorrer da história. Sendo assim cada romance é um local de inserção de toda uma teia de códigos culturais, convenções, citações, gestos e relações. Durante o período da Revolução Francesa, alguém que soubesse ler lia para os outros nas tabernas. No século XVII, na Inglaterra, um operário que soubesse ler lia para os companheiros à saída das fábricas ou oficinas. Mas no século XIX já se estabelece uma mudança no público leitor. Ele se torna muito maior e se constitui, em grande parte, de mulheres burguesas. (p. 402).

Além de leitoras, as mulheres passaram também a escrever e publicar com mais frequência, pois o acesso ao letramento daria suporte para o aprendizado de conteúdos relacionados às práticas domésticas e educação de seus filhos; também acabaram por viabilizar o ingresso de mulheres no mercado de trabalho, pelo menos em algumas áreas como o magistério feminino que se consolidava como campo legítimo aberto às mulheres e essa inserção aos poucos ia se tornando realidade.

Entre receitas e poesias, as mulheres despontavam talentosamente no mundo das letras e, essa abertura, mesmo que mínima, as fez repensar sua posição na sociedade. Ora educandas, ora educadoras, encontravam nos jornais e revistas da época um canal de comunicação com o mundo externo.

Sobre a importância dos jornais na transição do século XIX para o século XX, Almeida (1998, p. 111) assevera:

> No Brasil, no período que vai de 1890 a 1940, após o advento da República, uma certa agitação feminina representada por educação e instrução, nos moldes do que ocorria no panorama mundial, incomodava os segmentos conservadores da sociedade e as mulheres, assim como o professorado em geral, procuraram organizar-se em associação e para isso o papel dos jornais e revista foi determinante. Nos anos iniciais do século houve uma proliferação de jornais e revistas escritos e dirigidos por mulheres e foram variadas as publicações periódicas da área da educação dirigidas ao professorado.

Essa agitação apelava para uma revolução na consciência feminina e o respeito às mulheres era o primeiro passo para sua proposta de revolução:

> Reconhecer às mulheres a absoluta necessidade de ler, escrever e contar, mesmo sem por em causa sua função social exclusivamente familiar e doméstica, abre ainda assim, o acesso a uma nova cultura, a novos poderes (SONNET, 1991, p. 147).

Poderes que permitem a organização feminina com o objetivo de participar da vida na cidade.

No Brasil, muitas mulheres juntaram-se ao movimento republicano, formaram clubes e sociedades femininas inspiradas pelas ideias européias de liberdade e igualdade. A cidade de Recife, em 1820, constituía-se como um grande pólo açucareiro, uma cidade que criou uma importante atmosfera cultural. Estabeleceu-se ali um centro editorial expressivo, de onde saiam as publicações mais importantes do País. Foi lá que no ano seguinte à independência, 120 mulheres paraibanas publicaram um manifesto no jornal *Sentinela da Liberdade,* de Cipriano Barata, declarando seu apoio ao movimento de independência, pois "como 'metade da sociedade humana' que eram, desejavam reassumir os direitos que lhe haviam sido usurpados e 'quebrar os vergonhosos ferros da vil escravidão em que jazíamos." (TELLES, 1997, p. 404). Porém:

> A implantação do regime não alterou a situação feminina no país e as mulheres não tiveram o direito ao voto pelo regime republicano. O principal

> argumento era que a inserção na vida política contaminaria sua pureza e esta era necessária para manter o lar brasileiro longe das torpezas públicas. (ALMEIDA, 1998, p. 116).

Como na França, as simpatizantes do regime republicano no Brasil tiveram seus direitos cerceados e foram obrigadas a retornar ao espaço doméstico, ou seja, foi negada a participação política às mulheres. No entanto, as ideias por liberdade e igualdade já estavam cristalizadas no imaginário feminino da época.

4.4 Escritoras de vanguarda no Brasil

No Brasil, muitas mulheres divulgaram os feixes de ideias republicanas, duas delas, Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, serão destacadas neste capítulo pelo valor histórico de seus escritos e por abrir caminhos para a escrita pública de mulheres no Brasil.

Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, foi, em parte, responsável pela disseminação no Brasil das ideias européias sobre a posição da mulher na sociedade e de suas reivindicações de igualdade por meio de seu livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Tal obra foi considerada a tradução livre de *A Vindication of de Rights of Women,*, de Mary Wollstonecraft (1759-1797), autora inglesa que se tornou o principal nome em defesa dos direitos das mulheres no século XIX. A obra de Nísia, em uma sociedade patriarcal, escravocrata e recém saída da condição de colônia, provocou reflexões acerca do status social das mulheres, pois defendia o direito de assumir postos na vida pública.

Nísia Floresta iniciou sua carreira de escritora no jornal *Espelho das Brasileiras* em 1831, em Pernambuco. Desde as primeiras publicações, ela tratou da condição feminina e também por isso é considerada precursora do feminismo no Brasil (DUARTE, 2005). Para Telles (1997), a autora elabora questões sobre o direito das mulheres à educação:

> Nesse primeiro livro, nos posteriores como *Conselhos à minha filha* (1842) e nos escritos publicados na Europa, sua preocupação primeira é com a educação de mulheres; pensava que o ensino poderia ser capaz de mudar as consciências e a vida material. Nísia trata, por isso, da ausência da mulher no mundo, dos limites impostos pelos homens à sua educação, pois a eles não interessava contrariar um modelo de sociedade que lhes havia dado o domínio. Essas são ideias que até o final do século podem ser encontradas na obra de algumas escritoras brasileiras. (TELLES, 1997, p. 406).

As ideias abolicionistas e republicanas de Nísia Floresta foram audaciosas para seu tempo e deixaram marcas indeléveis na história das mulheres no Brasil. Abriu espaço para

educação feminina fundando o colégio Augusto no Rio de Janeiro, voltado exclusivamente para a educação feminina e com uma proposta pedagógica inovadora, ensinando às meninas as mesmas disciplinas antes reservadas apenas aos meninos. Incluiu no currículo desta escola as disciplinas de latim, francês, italiano e inglês com suas respectivas gramáticas e literaturas, de Geografia e História do Brasil. Seu objetivo era proporcionar uma educação igualitária e a justificativa de educar as mulheres vinha muito clara em seus textos:

> Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência [...] Eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto quanto os homens. (FLORESTA, 1989, p. 52).

Nísia causava polêmica por onde passava e procurou acentuar a importância da mulher na sociedade e o papel secundário relegado a elas. Expôs sua insatisfação com a condição social das mulheres de sua época:

> Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens... Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar. (FLORESTA, 1989, p. 35).

Suas ideias não foram bem aceitas pela sociedade imperial que não via motivos de se dar às muheres a mesma educação destinada aos homens, pois os papéis que os dois gêneros desempenhavam eram bem diferentes. Por conta de sua ousadia, atraiu muitos desafetos na imprensa carioca, que criticam ferrenhamente sua proposta pedagógica, pois as disciplinas ensinadas por Nísia eram consideradas desnecessárias para educação de uma menina e os jornais da época deixaram claro seu descontentamento:

> [...] Há casas de educação que tem o mau gosto de ensinar às meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhes latim. E porque não grego e hebraico? Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu colégio; está tão persuadida, que o primeiro estabelecimento de instrução do império, que, em verdade, causa dó de arrancar-lhe tão suave ilusão!...É pois natural que D. Nísia que nunca viu senão o próprio colégio ponha acima dos demais. Há mais nessa opinião ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esqueceu um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir úteis e não

> vencer dificuldades sem nenhuma utilidade real. (MERCANTIL 17 jan. 1847 apud DUARTE, 2005).

No entanto, seu inconformismo com a condição das mulheres, seu papel questionador da realidade social em que vivia, reservou a Nísia um lugar de destaque na história das mulheres no Brasil. As palavras de Gilberto Freyre repercutem o impacto de suas ideias para época:

> [...] Nísia Floresta surgiu – repita-se – como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio dos homens a dominarem sozinhos todas as atividades extradomésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase histórias do Trancoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nísia [...] (FREYRE apud DUARTE, 2005, p. 225).

Freyre destaca ainda a importância de sua atuação para contribuição do movimento feminista no Brasil:

> Num tempo em que as sinhás nacionais, segundo o velho ditado português só deveriam sair de casa três vezes: a batizar, a casar e a enterrar – e se afundavam, de cabeção e chinelos, na intimidade do serralho das mucamas, a engordar e fazer rendas, neste tempo, Nísia Floresta era feminista. (FREYRE apud DUARTE, 2005, p. 165).

A intensidade da escrita de Floresta, bem como o propósito maior que a motivava, ficam estampados já nas primeiras linhas de Opúsculo Humanitário: “Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!” (FLORESTA, 1989, p. 2). Proclamar e reivindicar a educação feminina foi o propósito principal desta e de tantas outras obras e artigos seus.

Os escritos de Nísia Floresta abalaram a sociedade de sua época, pois pregavam que a mulher deveria ser aberta ao conhecimento como forma de se libertar e avançou frente ao pensamento de sua época à medida que valorizava a educação feminina. Foi considerada perigosa pelo império e obrigada, por muitas pressões, a viver fora do país. Na Europa, aproximou-se de Augusto Comte e essa aproximação pode ter se dado pelo destacado papel tanto da educação quanto da mulher proposto pelo positivismo, assuntos muito caros para Nísia Floresta. Sobre o estreitamento da relação com Comte, Duarte comenta:

> Primeiro houve o contato da brasileira com as teorias positivistas; só mais tarde conhecerá pessoalmente o filósofo. Em 1851, ela era uma das pessoas interessadas que afluíam ao auditório Palais Cardinal, para as conferências do Curso de História Geral da Humanidade que Comte ministrava divulgando seu pensamento. E só em 1856 se aproxima do filósofo, quando, então, confessa ter se impressionado muito com a filosofia positivista. (DUARTE, 2005, p. 38).

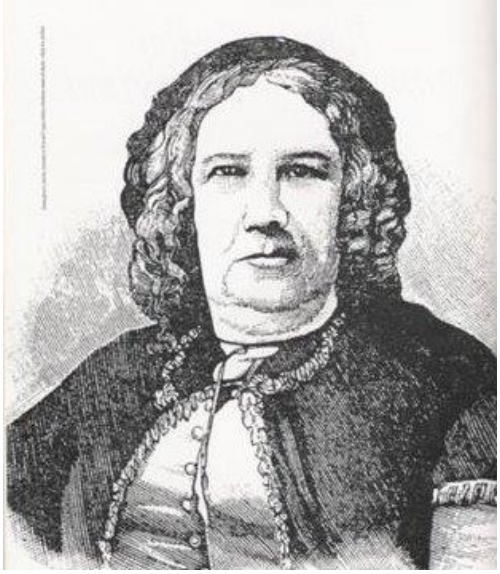
A doutrina positivista também reforçava o papel tradicional da mulher, de dona de casa e mãe de família, apesar de valorizá-lo e de enaltecê-lo, o que talvez explique a admiração de Nísia Floresta pelos ensinamentos de Comte. Até a morte de Comte trocaram correspondências que hoje estão preservadas. As cartas que Comte escreveu a Nísia Floresta estão sob a guarda do Apostolado Positivista do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, e as respostas dela, na *Maison de Augusto Comte*, em Paris.

Na trajetória de Nísia é importante destacar a fundação do Colégio Augusto, um marco para história da educação feminina no Brasil, e sua militância pelo acesso à educação de meninas. A todo o momento, percebe-se em seus escritos, que ela pretendia formar consciências e propor uma reforma em nível de comportamento, posição e atuação política. Sendo considerada "a mais importante de suas reformas: a educação da mulher." (DUARTE. 2005, p. 66). Nísia "usa da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres." (TELLES, 1997, p. 405).

Sua memória está preservada em um Museu, inaugurado em 2012, que tem seu nome, no Município batizado de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte, lugar onde nasceu. Escreveu para os jornais: *Espelho das Brasileiras*-PE (1831), *O Recompilador Federal* (s/d), *O Campeão da Legalidade*-RS (1837) e *O Liberal*-RJ (1851). As obras publicadas foram: *Direito de Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Conselhos à minha filha, Daciz ou a jovem completa, Fany ou o modelo das donzelas, Discurso que às suas educandas dirigia Nísia Floresta Brasileira Augusta,* (todos em 1840), *A lágrima de Caeté* (s/d), *Dedicação de uma amiga* (1850), *Opúsculo humanitário* (1852), *Páginas de uma vida obscura* (1855), *Trois ans em Italie, suivis d'um Voyage em Grèce* (1872) e *Le Brésil* (1871).

Os temas de seus livros e textos percorriam o universo da emancipação e da educação feminina, da degradação do índio brasileiro, da República e do abolicionismo, deixando um legado de destaque ao papel da mulher na sociedade.

Figura 2: Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885)
Fonte: http://www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria/wordpress/?page_id=189



Outra mulher de expressão, Maria Firmina dos Reis (1825-1917) foi fundadora da primeira escola primária mista do Maranhão. É considerada por muitos historiadores como autora do primeiro romance brasileiro, intitulado *Úrsula*, na literatura abolicionista, por meio do qual denunciava o regime escravagista e a sociedade patriarcal do século XIX.

Em um período no qual pouquíssimas mulheres tinham acesso às letras, Maria Firmina dos Reis, na aprendizagem da leitura e da escrita, foi autodidata, posteriormente, professora. Escreveu para os jornais: *Jornal do Comércio*, *A Moderação*, *A verdadeira Marmota*, *Jardim dos Maranhenses*, *A Imprensa*, na segunda metade do século XIX no Maranhão. Foi comprometida com a educação de muitas crianças, criando escolas e possibilidades de educação para quem não tinha condições e nem acesso, para isso; muitas vezes deslocava-se até os lugares onde a demanda por educação urgia.

Seus esforços eram percebidos desde a sua formação, pois como filha ilegítima, poucas alternativas lhe sobravam. Independente das condições desfavoráveis em que nasceu, formou-se como professora primária e foi aprovada em concurso público no ano de 1847 para mestra régia.

Atuou como professora até 1881, data de sua aposentaria, porém com muitos feitos para a educação do Maranhão. Seu romance *Ursula*, apesar de pouco reconhecimento, destinou um tratamento inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro. Seu real reconhecimento pela historiografia brasileira só veio à tona em 1975, a

partir do lançamento da edição fac-similar de seu romance organizada por Horácio de Almeida.

O valor dos escritos desta autora é o de destacar o ponto de vista dos oprimidos. Seus romances criam uma atmosfera na literatura brasileira em que os mitos de origem surgem efetuados fora dos padrões tradicionais, pois os heróis são os mandados, não os que mandam.

Silva (2009, p. 6), comenta o sentido que suas obras adquiriram na segunda metade do século XIX:

> O que percebo no romance "Úrsula" de 1859, nos contos "A Escrava" de 1887, no conto "Gupeva" de 1865, nos hinos que compôs, pois também era compositora, autora do hino de libertação dos escravos no Maranhão, assim como de sua obra poética, espalhada em diversos jornais do período entre eles "Jornal do Comércio," A Moderação", "A Verdadeira Marmota", "Jardim dos Maranhenses", "A Imprensa", é que Maria Firmina dos Reis construiu uma voz dissonante sobre a escravidão e a forma de falar sobre os cativos no Maranhão e também na literatura brasileira no período. Pioneira, enquanto escritora de romance, abolicionista, fundadora da primeira escola primária mista para meninos e meninas, no interior de Guimarães.

Seus personagens, apesar de fazerem parte das minorias sociais, não se reportam como vítimas, mas protagonistas de suas histórias, deixando implícita a lógica social do período. A individualidade de seus personagens é colocada no mesmo patamar de igualdade com os personagens brancos, além de figurar como umas das primeiras mulheres negras abolicionistas no século XIX. Em trechos do seu romance *Úrsula* esse posicionamento transparece pelas palavras de Suzana, personagem principal da trama:

> Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Dava-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS apud SILVA, 2009, p. 5).

Escrevia sobre os escravos de uma perspectiva completamente diferente, pretendendo denunciar a escravidão e seus males numa sociedade escravocrata e elitista do Maranhão. *Úrsula* também denuncia a situação da mulher submetida à ordem patriarcal que a silenciava em sua própria sociedade. Segundo Duarte (2004), *Úrsula* é um romance a favor da mulher

“ao publicar Úrsula, Firmina desconstrói uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes.” (DUARTE, 2004, p. 279).

A recuperação da obra da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis tem sido aos poucos resgatada desde 1975, a partir da pesquisa de Nascimento Moraes Filho. O historiador, por ocasião dos 150 anos da escritora, publica a obra *Maria Firmina dos Reis - fragmentos de uma vida*, colocando em evidência sua literatura que ficou por muito tempo esquecida.

As duas escritoras, Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, foram marcantes na produção de uma literatura singular, mesmo havendo muitas vezes um silêncio a respeito delas, de suas trajetórias e suas produções. Donas de uma cultura excepcional para quem tinha pouco acesso à educação formal, essas mulheres buscaram na escrita uma via para expressar suas opiniões, estados de ânimo e questionamentos sobre sua marginalização social.

Figura 3: Maria Firmina dos Reis
Fonte: http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=351&idC=2067#

4.5 Os primeiros jornais femininos no Brasil

A imprensa levou três séculos para chegar ao Brasil. Segundo Luca e Martins (2006), a falta de vontade política da Coroa, o rigor da Igreja e o peso da censura coibiram o inicial funcionamento da imprensa no País. Porém, algumas experiências episódicas com gráficas clandestinas aconteceram: “o exemplo mais conhecido foi aquele do tipógrafo Antônio

Isidoro da Fonseca, cuja tentativa de impressão no Rio de Janeiro, em 1747 custou-lhe a apreensão da tipografia e o exílio para Lisboa.” (LUCA; MARTINS, 2006, p. 17).

A divulgação de notícias que circulavam nas cidades da colônia era feita em praça pública pelos emissários do rei. Liam em voz alta e depois afixavam as notícias na porta das autoridades mais altas do local. Martins e Pieranti (2006, p. 2) destacam a conjuntura do período:

> Duradouros foram os séculos em que não houve acesso à informação escrita no Brasil, pelo menos, do ponto de vista legal. Livros foram, em parte, proibidos durante a fase colonial do país. Jornais eram distantes objetos de curiosidade, ainda afastados do padrão cultural da nobreza imigrante. A ignorância total, ao raiar do século XVIII, era castigo destinado exclusivamente aos brasileiros: mexicanos conheceram a imprensa em 1539; peruanos, em 1583; habitantes das colônias inglesas, em 1650.

Em 1808, com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, a imprensa aportava no Rio de Janeiro com uma tipografia completa. “Nesse novo quadro, a circulação de impressos tornou-se imprescindível, razão pela qual D. João criou oficialmente a Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808.” (LUCA; MARTINS, 2006, p. 18). Só entre 1852 e 1855, na cidade do Rio de Janeiro, é que surgiria o primeiro jornal feminino, feito por mulheres: O Jornal das Senhoras como, afirmam Cabral (2008), Lima (2010), Lobo (2009), Minardi (2008), Souza (2012), Savelli e Vasconcellos (2006) este foi o primeiro jornal organizado por mulheres e voltado ao público feminino.

No seu primeiro editorial, Joana Paula Manso de Noronha, argentina radicada no Rio de Janeiro, discorre sobre a importância do jornal:

> Redigir um jornal é para muitos literatos, o apogeu da suprema felicidade, *já sou Redator* esta frasezinha, dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo.
> No circulo ilustrado, o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém.
> Ora pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha e nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura, colaborando [em] diferentes jornais.
> Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade? (NORONHA apud MUZART, 2003, p. 227).

O Jornal das Senhoras tratava de temas como moda, arte, literatura e reivindicava melhores condições educacionais e acesso ao mercado de trabalho. A partir daí vários jornais

dirigidos por mulheres passaram a circular pelo Rio de Janeiro, tais como O Bello Sexo, Espelho, Jornal das Moças, Jornal das Famílias entre outros.

A imprensa feminina de 1800 foi um lugar de efervescência intelectual, de relação afetiva, como também um viveiro e espaço de sociabilidade, identificada pela manifestação e organização das mulheres escritoras na cidade ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates, já que "o jornalismo era a melhor opção para a divulgação de idéias." (GONTIJO, 2005, p. 263-264).

Uma importante representante de um jornalismo mais comprometido, de defesa dos direitos das mulheres, foi Francisca Senhorinha Diniz, que discutia o voto feminino e a importância de educar as mulheres, com vistas à sua emancipação. Conforme relata Céli Pinto (2003, p. 31):

> Francisca Senhorinha Motta Diniz foi possivelmente a primeira mulher a fundar um jornal no Brasil com o objetivo de divulgar a "causa das mulheres". Em 1873 fundava em Minas Gerais *O Sexo Feminino*, que teve dois anos de duração naquele estado. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e reeditou o jornal, que durou até 1890, passando a chamar-se *15 de Novembro do Sexo Feminino* a partir da Proclamação da República. Este era um jornal que tinha tiragem quinzenal e algumas peculiaridades, pois além da preocupação com o voto, generalizada entre as mulheres que lutavam por direitos, interessava-se pelos direitos civis. Já em 1873, Francisca Diniz alertava em artigo para a ignorância em que as mulheres se encontravam em relação a seus direitos no casamento e o perigo a que estavam expostas diante de maridos que faziam do casamento uma forma de enriquecer. segundo Francisca, as mulheres tinham de estar conscientes de seus direitos e não podiam se deixar enganar. Diante dessa situação, pregava uma educação real das mulheres, que as levaria à emancipação.

Em seus artigos, Senhorinha Motta Diniz fazia questão de frisar a importância da educação. Alertava que a ignorância intelectual feminina era uma forma de prisão, que precisaria ser elaborada para que as mulheres pudessem atuar em todos os campos do saber. Percebe-se na sua retórica que há um apelo por uma educação igualitária, e a formação de uma nova identidade feminina que provocava a mulher para independência e emancipação feminina,

> ... (há urgência) em fazer compreender a necessidade de nos emanciparmos da tutela eterna e injusta que pesa sobre o nosso sexo. [...] Não estamos mais nos tempos em que o saber estava encarcerado nos claustros. [...] Vemos, graças à luz da civilização, que a verdadeira liberdade consiste na soberania da inteligência. Mas, verdade seja dita, sem se efetuar uma transformação radical e completa no regime da atual educação do nosso sexo, nada ou pouco, muito pouco, conseguiremos em benefício de nosso desideratum. [...]

> Precisamos pugnar pela emancipação da mulher, adquirida pela tríplice educação: física, moral e intelectual. (DINIZ apud PINTO, 2003, p. 25).

Seus argumentos passavam também pela emancipação física da mulher, chamando a atenção para que as mulheres tivessem autonomia sobre seus corpos socialmente submissos. Corpos que ficaram sujeitos ao longo do tempo à legitimação das estruturas dominantes. De acordo com Foucault (2005), esse estigma intensificou-se a partir dos séculos XVII e XVIII representando um momento de repressão da sexualidade, trazendo consigo pudores de linguagem, preservação do corpo e valorização das práticas sexuais exclusivamente no espaço matrimonial. Sobre a prática disciplinadora dos corpos, Foucault(1998, p. 28) assegura:

> Aprender a comportar-se, movimentar-se, ser preciso e ter ritmo. Gestos são fabricados e sentimentos são produzidos. Este adestramento é resultado da aplicação de técnicas positivas de sujeição baseados em saberes pedagógicos, médicos, sociológicos, físicos etc. O corpo torna-se útil e eficiente, mas ao mesmo tempo torna-se dócil e submisso: o corpo só pode se tornar força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.

Senhorinha Motta Diniz alerta, em seus escritos, como o corpo na sociedade é disciplinado, provocando inquietações que viessem a romper com a imprensa tradicional dedicada ao público feminino que destinava temas como bordados, cosméticos e moda criando assim um canal para as reivindicações de mulheres no espaço público. Defendeu a tese que que a solução dos problemas brasileiros dependia exclusivamente das mulheres e sua participação efetiva na sociedade.

Outras experiências de imprensa independente também marcaram a história do feminismo : O Domingo (1874), Jornal das Damas (1874), Myosotis (1875), Echo das Damas (1879), A Voz Feminina (1900) e A Família (1888). Este último, produzido por Josefina Álvares de Azevedo, jornalista e dramaturga sufragista, Sua presença é marcante por reivindicar, enfaticaticamente, o direito ao voto, chegando a exigir o título de eleitor e também por conseguir abrigar nas páginas de seu jornal um número considerável de mulheres que concordavam com a emancipação feminina. O Jornal também publicava artigos de escritoras estrangeiras, fato raro naquele período. Pinto (2003), recupera a proposta do jornal *A Família* e sobre Josephina:

> Outro jornal importante da época foi editado por Josephina Álvares de Azevedo, irmã do famoso poeta. Entre 1888 e 1897, publicou em São Paulo o jornal A Família, que tinha grande preocupação com a educação da mulher como forma de liberação. (...) Josephina foi uma das mais ferrenhas militantes do voto feminino nos primeiros anos da República, tendo escrito

> uma peça de teatro (O voto feminino) que, em tom de comédia, ridicularizava os homens que não aceitavam o voto das mulheres; teve apenas uma apresentação pública. (...) Quando não conseguiu mais encenar a peça, transformou-a em um folhetim que publicava no rodapé de seu jornal. (PINTO, 2003, p. 32).

Josephina apresentava-se como professora, jornalista e escritora no jornal *A Família*, onde também publicava contos e poesias. Seus personagens estavam sempre alinhados com os problemas de seu tempo provocando em seus leitores uma identificação. O tempo de circulação de seu jornal, de 10 anos (1888-1898), atribui-lhe um valor histórico importante e deixou para as gerações que sucederam um rico panorama da situação social e cultural das brasileiras das décadas finais do século XIX.

As causas feministas defendidas nas páginas de *A Família* apresentavam em sua essência uma insatisfação diante das condições educacionais femininas no Brasil. Desta forma, o Jornal, por meio de Josephina e suas colaboradoras, foi porta-voz das conquistas femininas pelo mundo, com o objetivo de ilustrar o atraso brasileiro no que diz respeito à situação social da mulher. As escritoras estrangeiras que cooperavam com o jornal encorajavam as mulheres brasileiras a lutar pelos seus direitos.

Uma das primeiras estrangeiras a fundar um periódico no Brasil foi Ernestina Lesina, imigrante italiana ligada ao movimento operário e movida pelos ideais anarquistas. Sua luta foi pela emancipação da mulher operária por meio da fundação da revista *Anima e Vita*, em 1905, revista de caráter socialista publicada em italiano, pela qual denunciava os maus tratos e exploração, sobretudo das costureiras têxteis. Segundo Alvin ([s/d], p.16), poucas foram as mulheres reconhecidas como militantes, quase não há menções sobre a organização destas mulheres e Ernestina foi uma delas. Sobre a importância de Ernestina Alvin conclui:

> Um nome feminino de destaque no quadro socialista é a Italiana Ernestina Lesina, já militante na Itália e fundadora aqui da Revista "ANIMA E VITA" - um dos raros nomes que conseguiu sair do anonimato. Nos números das revistas a que tivemos acesso tratava-se muito pouco da realidade brasileira. As tentativas de chamar a mulher à militância eram feitas, podemos dizer de forma totalmente indireta; isto é, por artigos que falam da participação feminina em movimentos europeus, principalmente no movimento italiano. Contudo esse esforço já era imenso num país como o nosso, onde o elemento feminino vivia quase que recluso à casa e à Igreja. Fazer uma revista com artigos anti-clericais, com referências ao papel que a mulher livre deveria desempenhar dentro da família e na educação dos filhos, bem como relatar atividades de mulheres já engajadas em longos anos de luta pela liberdade na Europa, foi um mérito digno de todo o nosso respeito. (ALVIN, [s/d], p. 16).

As fontes sobre Ernestina são raras. Os exemplares de seu jornal estão preservados no Arquivo Edgar Leuenroth, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas.

Na trilha dos jornais é possível perceber que um grande número de mulheres passou a escrever e a publicar num período em que elas se encontravam impedidas da participação política e excluídas da vida social. A opção pela escrita pode ser percebida como uma estratégia de resistência, pois essa prática de certa forma era aceitável socialmente, pois a maioria dos textos dizia respeito a "uma memória do privado voltado para família e para o íntimo." (PERROT, 1998, p. 15).

Os periódicos femininos, apesar de ainda não se constituírem em feministas, foram instrumento de conscientização das mulheres, enfatizando a educação como preparo para a vida em sociedade.

5 ESCRITAS FEMININAS NO JORNAL *O OPERARIO*

Na República, por conta das mudanças que se operavam na sociedade industrial e também pela oportunidade que a cidade trouxe, pelo direito de discutir as questões políticas, assistiu-se o nascimento de uma imprensa operária combativa.

As fábricas de tecidos instaladas em Sorocaba se constituíram em um espaço de trabalho significativo para população feminina, que contribuiu para manutenção e sustento da casa, também para possibilidade de uma nova ocupação e maior renda, junto a isso a inserção delas no espaço público e masculino. Sobre essa situação Lima ([s/d], p. 22) esclarece:

> O que se viu foi um grupo de mulheres fragilizadas em termos sociais e econômicos, que encontrou nas nascentes fábricas de tecidos a alternativa contra o acirramento da miséria. E assim o fizeram, trabalharam com dedicação, servindo à fábrica de modo exemplar. Eram economicamente mais rentáveis, pois ganhavam menos e raríssimas vezes eram contempladas com alguma gratificação extra. Eram também mais constantes e assíduas, trabalhando a maior parte delas, por produção e quando moradoras dos conventos, encarregavam-se do próprio sustento. Além disso, dada as condições em que se encontravam, a necessidade de trabalho era grande e, assim, ao que parece, submetiam-se melhor à dominação, ao controle e à vigilância patronal e masculina imposta por estes estabelecimentos industriais. Por isso puderam ser consideradas "os melhores empregados."

No cotidiano das fábricas, as tarefas executadas por mulheres eram menos valorizadas, tanto em termos salariais quanto de prestígio. Eram designadas como sem qualificação, a que executam operações simples e repetidas que exigem apenas atenção e coordenação motora. Dentre os desafios por elas enfrentados estavam a menor remuneração que a do homem, as tarefas mais monótonas e sujas, acréscimo dos trabalhos caseiros, exclusão do mundo do lazer e o salário como finalidade única do trabalho.

Nas palavras de Bosi (1986), "nas fábricas as mulheres são colocadas em postos que exigem menor capacidade e são classificados como femininos os trabalhos que exigem menor conhecimento e responsabilidade." (BOSI, 1986, p. 97). Somado a estes fatores estava também a questão do ambiente físico ilustrado aqui por Lopes (1985, p. 136):

> Uma espessa camada de poeira, pouca iluminação, umidade combinada com calor e um ruído ensurdecedor da batida dos teares. Poucas fábricas fugiam a esses padrões de insalubridade. O número excessivo de teares colocados muito próximos tornava o local perigoso, com alta freqüência de acidentes. As espúlas constituíam um enorme perigo, pois de vez em quando, escapavam dos teares e projetavam-se, atingindo os olhos e os rostos das tecelãs.

A imprensa operária encarregava-se de denunciar todo este quadro, referindo-se atentamente ao trabalho da mulher, o que possibilita, nos dias atuais, buscar as marcas deixadas pelas trabalhadoras do início do século XX, valorizando a produção deste sujeito social silenciado.

Dos registros existentes, aparecem sempre como figuras frágeis, vitimizadas e sem protagonismos na cena política. Porém, era possível constatar a atuação feminina em alguns jornais da época, como se viu no capítulo anterior, buscando seus direitos dentro da indústria de fiação e tecelagem na qual eram maioria. Desta forma, os periódicos eram os instrumentos que podiam acenar para algumas descobertas nesse campo.

A proposta deste capítulo é destacar as mulheres que escreveram para o jornal *O Operario*, torná-las conhecidas, e entender, a partir de suas narrativas, como perceberam as transformações ocorridas na sociedade brasileira.

Informações como a exploração nos locais de trabalho, o destaque dado à educação, a necessidade de uma maior participação política, entre outros assuntos, foram importantes para captar o cotidiano vivido por essas mulheres.

A seguir, um registro em forma de pequena biografia das autoras dos artigos de *O Operario*. O destaque será dado somente a três mulheres, pois por conta do uso de pseudônimos e anonimato de algumas, não foi possível obter informações sobre as mesmas. Das anônimas, serão explorados seus textos na análise de categorias.

5.1 Mulheres que escreveram para o jornal *O Operario.*

Ernestina Lesina, já citada anteriormente neste trabalho por ter editado um dos primeiros jornais femininos no Brasil, era imigrante italiana dedicada à defesa das mulheres operárias, defendeu a emancipação das mulheres e da classe operária. anarquista, destinou sua militância à transformação das condições de vida da mulher operária, expressando suas reivindicações. Foi uma das poucas mulheres a conquistar um espaço na imprensa brasileira do período. Ajudou a fundar a revista operária *Anima e Vita*, importante veículo de comunicação entre trabalhadores e esteve presente em várias greves como oradora, discursando, inclusive, em italiano. Sua história foi objeto de investigação de Gonçalves (2011, p. 13), que nos esclarece sobre sua trajetória:

> Encabeçada por Lesina, foi fundada a Associação das Costureiras de Sacos (1906) em parceria com as companheiras pela luta da redução da jornada de

> trabalho, pelo aumento pago pela costura e pela organização sindical (MATOS, 1999; 2002). O que expressava o papel decisivo das mulheres nas greves de 1901 a 1917 era a denúncia de maus-tratos e exploração, sobretudo de costureiras têxteis, Lesina também participou, ao lado de Antonio Piccarolo, da Sociedade "Galileo Galilei", promovendo em São Paulo durante maio de 1904, um congresso das sociedades e instituições italianas no Brasil. Tal evento apresentava como qualidade o pluralismo, dando lugar para todas as facções regionais e políticas (desde clero aos socialistas), entre os temas abordados tinha-se o intuito de promover meios para difusão da língua e da cultura italiana no Brasil (TRENTO,1989), influenciando a cultura operária, uma vez que a maioria dos operários no Brasil eram italianos.

Nas informações apresentadas, nota-se a intensa atuação de Ernestina. Inclusive em outros periódicos da época. No jornal *O Operario,* identificamos um artigo da anarquista, intitulado *A Caminho do fim?*. Em suas linhas, em tom contundente e provocador, discorria sobre a corrupção que levaria o homem a seu fim, acusava os clericais de implacáveis inimigos, reivindicava por instrução e pela queda dos privilégios sociais e ainda pela emancipação de homens e mulheres das máquinas.

Nos seus argumentos percebe-se o quanto estava envolvida com a causa dos trabalhadores e ideologicamente fundamentada para um embate com os símbolos criados pelo poder hegemônico do período, que propagava, apoiado no Positivismo (corpo teórico considerado revolucionário depois da Revolução Francesa), que a moral era essencial para manutenção da ordem e da sociedade.

Figura 4: Ernestina Lesina(século XX).
Fonte: poderosamentemulher.blogspot.com

Nos escritos de mulheres como Ernestina, percebia-se o combate ao modelo de mulher, responsável por manter a ordem na sociedade ao transmitir aos seus filhos os valores vigentes. Baseavam-se nos princípios anarquistas, no qual liberdade e igualdade, assim como a vida comum entre todos os indivíduos, estariam presentes não só no discurso.

Os méritos destes princípios estiveram em colocar na ordem do dia, a discussão do papel das mulheres na vida pública, considerando as circunstâncias políticas e culturais.

Seguindo a trajetória das ativistas anarquistas, a defesa da maternidade consciente era bandeira de luta da ativista Francesa Nelly Roussel (1878- 1922), que também escreveu um artigo presente nas páginas de *O Operario*, no qual exigia a independência das mulheres fundada em novas relações entre os sexos. Proferiu palestras pela França, disseminando as ideias do neomalthusianismo, proposta que preconizava a utilização de meios anticontraceptivos, exaltando a maternidade consciente dos corpos e menos ridicularização do sexismo.

Segundo Freire e Lousada (1985) este movimento ganhou expressão social e política pela atuação do francês anarquista Paul Robin, e suas bases apoiavam-se em uma justificativa ideológica para redução da natalidade. Comprometia-se por um lado, em melhorar as precárias condições da vida do operariado e por outro, e na defesa do prazer no amor por outro. Firmava-se como arma de luta contra o capitalismo, declarando que a redução da natalidade implicaria diminuir o número de operários e soldados reduzindo o exército de reserva e defesa do capital. As formas de combate por essa doutrina são expostas da seguinte maneira:

> Finalmente, teoria e prática estando aqui estreitamente associadas, vamos encontrar notícia de que os militantes neomalthusianos procuravam não só convencer os operários e o povo da bondade da sua doutrina, como estavam prontos a fornecer-lhes os meios práticos recomendados: receitas, dispositivos, produtos e conselhos anticoncepcionais. De tal se encarregavam, como já vimos, os secretariados da organização neomalthusiana, os jornais propriamente neomalthusianos e os apoiantes que já enumerámos. E bem assim um certo número de «farmácias amigas». (FREIRE; LOUSADA, 1985, p. 8).

A escolha das mulheres pela maternidade e métodos para evitá-la, eram defendidos pela corrente neomalthusianista, encabeçada por Nelly Roussel, adquirindo uma expressão política e social e ainda, neste período histórico, tomada como bandeira de luta pelo movimento anarquista.

Nelly ainda trabalhou em jornais e revistas (*A Fronda, La Mère Educador, La Vox Dezembro Femmes, La Femme Libertou* entre outros) e escreveu vários livros sobre a causa feminina. Possui uma biografia intitulada *Bendita maternidade, fruto amargo: Nelly Roussel e a política de dor feminina na terceira República na França*, elaborada, em 2006, pela escritora Elinor Accampo.

Figura 5: Nelly Roussel (1879- 1922)
Fonte: http://lescenobitestranquilles.fr/tag/nelly-roussel/

A terceira mulher a ser identificada assinava pelo nome de Elvira; seu nome completo era Elvira Boni de Lacerda (1899-1990). A descoberta de seu sobrenome deu-se na leitura do livro *Invenções do Trabalhismo,* de Angela de Castro Gomes, no qual Elvira Boni é citada pela autora no período que marca a divergência entre anarquistas e socialistas. Posteriormente em pesquisa na internet, encontrou-se uma referência no *Dicionário Mulheres do Brasil* (2000). Neste livro, aparecem cinco Elviras, porém o lugar de nascimento, o período em que viveu, a atuação na imprensa operária e formação política ratificaram Elvira Boni de Lacerda como a escritora do *O Operario.*

No Dicionário ela é retratada como *ativista, política e líder grevista.* Filha de imigrantes italianos nasceu em São Paulo na cidade de Espírito Santo do Pinhal, mas ainda menina mudou-se para cidade do Rio de Janeiro. Entrou em contato com as ideias socialistas no seio de sua família, pois seu pai e irmãos eram trabalhadores, participantes do movimento operário.

Em todos os documentos em que há referências sobre Elvira, seu nome está sempre relacionado ao anarcossindicalismo, forma anarquista em que os sindicatos podem ser utilizados como instrumento para mudança social. Apesar de costureira de formação, o trabalho sindical foi uma das suas principais ocupações, que por meio de sua atuação nos sindicatos, fundou a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, em 1919, no Rio de Janeiro.

Outra informação importante sobre Elvira é que participava de um grupo de teatro operário, elemento fortemente presente na cultura dos trabalhadores brasileiros, a partir do final do século XIX. Indícios dessa participação como atriz foram encontrados no site da Cinemateca Brasileira do Ministério da Cultura, no filme chamado *O Sonho não acabou: Teatro Libertário* (1980). Na sinopse do filme é destacado o depoimento de Elvira e sua atuação em peças de teatro junto a grupos anarquistas. Em contato com o diretor do filme, Claudio Kahns, o mesmo relatou que o filme está gravado em 16mm e no momento faz parte do acervo da Cinemateca Brasileira. .

Elvira Boni de Lacerda escreveu frequentemente para o jornal *O Operario* a partir do ano de 1912. Em seus escritos observa-se uma postura anticlerical combativa aos costumes e moral da época, defendendo, inclusive, o amor livre e a escolha de parceiros. No *O Operario*, Elvira assina sete artigos, inclusive em um deles faz-se presente nas discussões dos problemas locais. A descoberta da identidade de Elvira veio reconhecer um lugar para esta mulher na história da imprensa operária em Sorocaba.

Figura 6: Elvira Boni de Lacerda
Fonte: http://www.anarquista.net/elvira-boni/

5.2 O que as mulheres de *O Operario* disseram

As mulheres do *O Operario* foram percebidas pelos historiadores da cidade dada sua presença nas páginas do jornal como escritoras e também pelas matérias, na maioria das vezes elaboradas pelo editorial, que demonstravam preocupação em relação à exploração do trabalho das mulheres nas fábricas têxteis.

Desta produção pode-se destacar trabalhos que focalizaram, com especial atenção, a passagem das mulheres pelas páginas do jornal, a exemplo o artigo de Barreira (2004), intitulado *Entre o profano e o sagrado: imagens de mulher nas páginas do jornal Sorocabano O Operario,* que investiga as representações sociais da mulher trabalhadora de Sorocaba.

O autor reuniu vários artigos do Jornal que faziam referência direta às mulheres, procurando imagens que revelassem suas representações sociais naquele dado momento histórico. Na análise dos escritos, constatou que a imagem da mulher como sagrada (filha dedicada, esposa zelosa e mãe amorosa) impregnava muitas das práticas da mulher operária sorocabana daquele período.

Na contra mão, destaca o papel vanguardista e progressista de Elvira, como uma voz que destoou da maioria dos colaboradores do Jornal, pois a escritora considerava a ação educativa da mulher anarquista, principal agente no processo de formação do novo ser social. Sua concepção educacional pretendia orientar as ações políticas do ser social em direção oposta a da educação católica, que tinha por objetivo preparar as mulheres para os cuidados com a casa e os filhos.

Segundo Barreira (2004), apesar dos esforços de Elvira tentar ler criticamente a sociedade em que vivia, não fugiu da representação do papel social da época: o de ser mãe. “A mesma secular representação social que atribui à mulher o exercício da maternidade, parece cimentar o consenso vigente no início do século XX, em Sorocaba, sobre o assunto” (BARREIRA, 2004, p, 24). Mas o autor destaca que a concepção que orienta o projeto pedagógico de Elvira, representa um salto de qualidade frente a outros que circulavam no Brasil.

O artigo intitulado *Imprensa Operária: expressão das condições da mulher e dos movimentos sociais urbanos*, elaborado por Boschetti e Ferreira (2011), destaca o posicionamento das mulheres de *O Operario* em relação à defesa da educação, inspirada na teoria racional da escola moderna. As autoras analisam questões educativas nas primeiras décadas do século XX e destacam que nas páginas de *O Operario* as concepções educacionais de Francisco Ferrer, idealizador da Escola Racional, eram defendidas vigorosamente,

principalmente por demonstrar preocupações com as mulheres no que se referia ao acesso à educação e por estender a educação feminina para o universo dos direitos e da cidadania ativa.

O Operario serviu também "como instrumento de educação e conscientização das mulheres, na dimensão do papel de assumir na sociedade que estava sendo construída, e que se mostrava sob novas perspectivas políticas e culturais." (BOSCHETTI; FERREIRA, 2011, p. 177). A participação das mulheres no Jornal demonstrava um posicionamento contrastante com a sociedade do início da República, principalmente pelo enfrentamento dos valores morais vigentes sempre regidos pelo pensamento cristão, e incentivavam outras mulheres a também participar das transformações sociais do período.

Cavalheiro (2009, p. 26), também nota as articulações feitas por mulheres no Jornal em seu livro *Memória Operária*, e destaca a presença das mesmas desde os primórdios da industrialização em Sorocaba, salientando que "há mais de 120 anos a mulher sorocabana ingressou na árdua missão de ser operária.".

O autor comenta ainda que os discursos das operárias nos eventos promovidos pela União Operária eram complexos e que, possivelmente, tenham chocado a sociedade local da época. Cavalheiro baseia-se em vestígios encontrados em um artigo do *O Operario* intitulado *União Operaria*. O conteúdo da notícia sugere uma possível aproximação das mulheres com os preceitos da Escola Moderna, de Francisco Ferrer, uma vez analisado o teor dos discursos proferidos na ocasião:

> Fallaram mais, as gentís operárias: Faustina Scamussi, que pronunciou um formoso discurso sobre a questão social. Isaura Gomes de Freitas, que falou sobre a necessidade da instrução no seio operário recebendo muitas palmas. Maria Luna, que brilhantemente discorreu sobre o clero convencedo o audictório que o padre em nenhum tempo se interessou pela classe opeária. Maria da Conceição que discorreu sobre as três virtudes theologaes n'uma eloquência apostólica; Maria José Dias, que com sua voz clara e palavra simples enthusiasmou os presentes discorrendo sobre a União; Tereza Peres, sobre a revolução social do México sendo muito feliz em sua peroração. Maria Munhoz, sobre a emancipação da mulher. Luiza Candiota, uma criancinha pode-se dizer, arrebatou do grande audictorio uma tempestade de palmas, discorrendo sobre a Escola Moderna e seu valor. (O OPERARIO, 26 mai. 1912, p. 2).

Este artigo foi publicado após a reunião mensal da União Operária da cidade de Sorocaba, momento em que a classe operária aproveitava para apresentar as experiências referentes aos problemas comuns enfrentados pelos trabalhadores, popularizando as estratégias, informando sobre o movimento operário em outros países. Permitia aos trabalhadores brasileiros criarem uma visão coletiva da luta por melhores condições de

trabalho, compreendendo assim que cada indivíduo e que cada grupo não estavam isolados e que os avanços sociais eram possíveis.

Os encontros eram possibilidades dos operários se organizarem politicamente e difundirem os sucessos de suas lutas e conquistas. Eram também uma forma de educação espontânea articulada com outras práticas culturais e de lazer, de caráter popular.

Os temas citados nos pronunciamentos das mulheres sugerem que tiveram, na sua trajetória de vida, preocupações de cunho social e ideológico claramente manifestadas em seus discursos, uma preocupação da Escola Racional que tantas vezes foi divulgada nas páginas do *O Operario*.

Os discursos publicados pelas mulheres em *O Operario* demonstravam preocupação com as questões do campo moral e da educação, bem como suas opiniões sobre os debates que aconteciam . As temáticas relacionadas ao corpo das mulheres, foram destaque de algumas escritoras. Outros assuntos como o amor livre, a maternidade livre e consciente e a livre união, ainda vistos como tabus e de importância secundária no início do século XX, foram pautas de suas escritas.

Segue-se um quadro com as informações de títulos de artigos e suas autoras, datas da edição, números e indicação de páginas dos exemplares originais de *O Operario* e localização de páginas na edição fac-similar:

Quadro 1: Relação de Mulheres que escreveram no jornal *O Operario*

Mulheres do Jornal	**Título**	**Data**	**Resumo da notícia**	**Página fac-similar**
Ernestina Lesina	A caminho do fim?	Nº 13 12/12/1909 Pg.3	Reivindicação por instrução e emancipação feminina	40
Nelly Roussel	Amor fecundo e amor estéril	Nº 14 19/12/1909 Pg.2	Questiona as duas alternativas que a mulher tem: a castidade ou a fecundidade sem limites.	43
Maria Amaral	Insultos Votorantim	Nº 17 09/01/1910 Pg. 2	Denuncia a perseguição de um contramestre a uma operária.	48
Joana/ Jeanne Doubais	A greve dos ventres	Nº 20 30/01e 06/02 de 1910	Aborda a questão da livre maternidade e coloca no mesmo patamar as questões de procriação e	58 e 60

		Pg.2 e Pg.1-2	trabalho.	
Leonina	Para nossos filhos por uma amiga de infância.	Nº 21 ao Nº 99 30/01/1910 Pg.3	A autora diz ser um diário que tem como mira da educação, inspirar sentimentos virtuosos nas crianças e chama a atenção de educadores e mães para o peso da responsabilidade em seus ombros sobre a missão de educar. A obra está dividida em 3 partes: 1 - Infância; 2 - Adolescência; 3 - Juventude. Classifica o conteúdo de seus textos em: bons pensamentos, conto edificante e prática piedosa. Seus escritos são editados como folhetins.	59 a 348
A.Zulmira	O que é a Mulher?	Nº 42 10/07/1910 Pg.3	Elogio à natureza doce da mulher.	144
Uma operaria	As mães Operarias	Nº 115 01/12/1911 Pg.1	Pede união às operárias para que seus filhos sejam instruídos e relata o desprezo das mulheres ricas.	395
Fausta	O que é a vida?	Nº 133 19/05/1912 Pg. 2	Uma reclamação sobre a vida dos operários explorados e miseráveis, apontando o luxo sem limites dos ricos.	450
Elvira	O Jury do João, O Lacerda	Nº 136 09/06/1912 Pg.1	Escreve sobre a condenação de um assassino e a justiça feita no referido Júri.	458
Elvira	A nossa futura família	Nº 139 30/06/1912 Pg.1	Enaltece a futura sociedade comunista que cuidará das crianças e velhos. Que nessa nova sociedade as mulheres terão escolhas.	467
Elvira	Projecto grandioso (!)	Nº 151 6/10/1912 pg.1	Critica um artigo do jornal Cruzeiro do Sul sobre a construção da vila operária, chama-o de conto do vigário, por demorar 10 anos para realizar o	503

			projeto.	
Elvira	O Divorcio	Nº 154 27/10/1912 Pg. ½	Em defesa da lei do divórcio, do amor livre. Critica o casamento como uma relação mercantilista.	512
Elvira	O ensino Superior-Operarios!	Nº 158 24/11/1912 Pg. 1	Crítica as Universidades como lugar de formação da ordem liberal, que está a serviço do clero e do governo.	524
Elvira	Desconfiemos das leis do governo	Nº 162 22/12/1912 Pg. 1	Alerta sobre a proteção dada pelos governos aos comerciantes ricos e que, as leis favorecem a acumulação do capital e a posse da terra.	536
Elvira	A Burguesa e a Anarchista	Nº 165 12/01/1912 pg.1	A verdadeira mãe é a anarquista que ensinou a seus filhos o valor do trabalho e emancipa-os.	546

Fonte: Edição Fac-Similar, 2007 – Compilação: Marcélia Picanço Valente.

A produção deste quadro auxiliou no mapeamento das mulheres, nove no total, sendo elas: Nelly Roussel, Elvira Boni de Lacerda, Leonina, A. Zulmira, Fausta, Joana/Jeanne Doubais, Maria Amaral, Ernestina Lesina, e uma mulher que assina como "Uma operária". E também na organização dos assuntos tratados por elas, permitindo conhecer o objeto de suas narrativas, em um contexto pouco acostumado à palavra pública feminina, sobretudo a da escrita.

A escolha de categorias para análise deste grupo particular de mulheres emergiu da leitura dos discursos de *O Operario*, portanto, captadas no próprio texto das autoras. Não foram pré-concebidas, mas identificadas a partir de assuntos recorrentes tratados por elas.

Franco (2005, p. 30) orienta a escolha deste tipo de análise:

> As categorias vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas [...] infere-se, pois, das diferentes "falas", diferentes concepções de mundo, de sociedade, de educação, de indivíduo, etc).

As categorias devem levar em conta os lugares de onde essas pessoas se reportaram, seu contexto histórico e suas condições de vida, permitindo com que se elabore algumas

questões tais como: “quem diz o que, a quem, com que efeito, para quem e por que?” (FRANCO, 2004, p. 20). Procedendo desta forma, a definição e análise de categorias permite aprofundar a investigação em relação ao objeto de estudo, identificando os traços marcantes nos discursos produzidos. Decifrá-las, por meio da análise de seus conteúdos, resulta na identificação de características importantes para o desvelamento do discurso.

No caso de *O Operario*, trata-se de uma investigação de cunho histórico e social por conta das condições em que essas mulheres escreveram, ou seja, a implantação da indústria e absorção de mão de obra feminina somado à mudança de regime político, fatores que influenciaram consideravelmente a produção de seus textos.

Para criar as categorias deste trabalho, leituras recorrentes do jornal *O Operario* foram feitas. A primeira leitura concentrou-se em explorar o material disponível; a segunda leitura preocupou-se em garimpar textos escritos pelas mulheres; a terceira privilegiou o encontro de aspectos comuns que posteriormente embasaram a criação de categorias. É importante ressaltar que durante as duas primeiras etapas, os principais elementos para definição das categorias já começavam a ser sinalizados. Entretanto, a terceira etapa, permitiu a escolha definitiva de categorias por eixo temático. Ou seja, os temas mais evidentes e discutidos pelas mulheres no jornal *O Operario*.

Portanto deu-se ênfase a três temáticas centrais para compreensão dos discursos transmitidos, quais sejam: os direitos trabalhistas, a educação e a emancipação feminina.

5.3 Condições de trabalho

Pressionadas pelas mais primárias condições de sobrevivência, as mulheres penetraram no espaço das fábricas recebendo salários mais baixos (por se entender que apenas complementavam a renda familiar), em postos inferiores na hierarquia de trabalho e em tarefas mais desqualificadas. Em Sorocaba, a incorporação da mulher ao mercado de trabalho urbano não pode ser considerada um fenômeno contemporâneo. “Ainda como escrava, trabalhou em meados do século XIX na fábrica de tecidos de Manoel Lopes de Oliveira e na fábrica de chapéus de Antônio Rogick.” (CAVALHEIRO, 2009, p. 26).

As condições de vida das mulheres tornadas trabalhadoras agravaram-se significativamente. Elas não eram apenas vítimas da exploração geral. Elas eram os mais explorados de todos os explorados. À carga da vida doméstica somavam-se os muito longos horários de trabalho que chegavam a atingir 16 horas. Eram sujeitas a vexames de toda a ordem, ao sistema de multas, a castigos corporais e ao assédio sexual sob a chantagem do

desemprego. *O Operario* registrou em suas páginas muitas denúncias que demonstraram esses aspectos.

No artigo intitulado *Mais uma merecedora de estrondosa manifestação*, o editorial do Jornal denunciava os maus tratos a que eram submetidas dentro das fábricas em Sorocaba:

> Pessoas de nossa intima confiança traz-nos a noticia seguinte:
> Paulino Evaristo célebre contra-mestre, da Sta Maria, tinha entre as numerosas victimas de sua má educação, uma moça filha do Srn. Bento Brandão, a quem de há muito vinha maltratando com a sua linguagem de homem mal e inimigo dos bons costumes e da boa educação.
> Não satisfeito com os excessos que ja havia praticado, planejara e executara, na convicção da impunidade, em que ficaram crimes anteriores, o nefando e reprovável acto de espancar uma pobre moça, a quem a fragilidade do sexo impedia de reagir energicamente de modo a repellir a offensa na proporção da agressão.
> É preciso por um paradeiro a esses systema que esta se implantando nas nossas fábricas. Tomem os nossos gerentes de fábricas as providências necessárias ou a polícia quando tiver um pouco de folga nos seus grandes e affanosos trabalhos. (O OPERARIO, 02 jan. 1910, p. 2).

Apesar do artigo não revelar o motivo que levou a moça a ser castigada, os maus tratos dentro das fábricas eram comuns, traduziam uma forma de disciplina que condicionava os operários (as) a desenvolverem o trabalho dentro de um rigoroso esquema de punição e as mulheres foram as mais prejudicadas pelas arbitrariedades patronais. As primeiras fábricas de tecidos foram instituições idealizadas, organizadas e gerenciadas por homens. Isso talvez tenha sido mais um dos fatores que contribuíram para considerar as mulheres as mais adequadas para o trabalho nestes espaços produtivos, já acostumadas que estavam à obediência, à submissão, ao mando e ao poder masculino. As fábricas apenas transpuseram para o espaço público aquilo que já estava, de alguma forma, consolidado no espaço privado. Segundo Rago(1985, p. 67-68):

> Estabelece-se então uma relação pedagógica, paternalista, de subordinação da mulher frente ao homem, exatamente como no interior do espaço doméstico. O pai, o marido, o líder devem ser obedecidos e respeitados pelas mulheres, incapazes de assumirem a direção de suas vidas individuais ou enquanto grupo social oprimido.

No espaço fabril, como ratifica Rago, se reproduziam as relações do espaço privado e, nesse sentido, Perrot (1988) alerta que junto com outras instituições cumpriu um papel de socialização e conformação onde as diferenças entre homens e mulheres acabavam por submeter os sujeitos a determinadas conformações, papéis sociais, lugares e estereótipos.

A fábrica, juntamente com outras instituições sociais, produzia uma racionalidade e uma ordem próprias da sociedade industrial. Por meio da "disciplina industrial", essas instituições iam criando regulamentações que serviam para conformar os sujeitos de acordo com os interesses sociais. Conforme Perrot (1998, p. 178):

> O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes [...] "Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos", declara um delegado, operário da exposição mundial de 1867".

A partir dessa determinação dos papéis sociais, o corpo das mulheres não lhes pertencia e, no espaço social, ele pertencia aos senhores que organizam o trabalho. Segundo Pena (1981), este fato deve-se a dependência herdada do antigo regime, "onde a criadagem continua a ser fortemente marcada pela servidão corporal." (PENA, 1991, p. 76). Essa condição agravava-se pela mulher depender deste trabalho para sua subsistência o que a fazia sucumbir, muitas vezes, as brutalidades cometidas pelos contra mestre como se viu no relato do editorial de *O Operario*.

Outro problema enfrentado pelas mulheres concernia à dupla jornada de trabalho. Pena (1981) afirma que a submissão da mulher à vida doméstica, bem como sua inserção no mercado de trabalho, são fatores indispensáveis para o sistema capitalista. O vinculo entre o trabalho remunerado da mulher e a manutenção da família é evidenciado pela história, pois as mulheres das camadas pobres da sociedade sempre estiveram ativas na produção, contribuindo para o sistema econômico e para subsistência da família. "Enquanto a família existiu como uma unidade da produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental." (SAFFIOTI, 1976, p. 32).

O trabalho feminino foi marginalizado pelo sistema produtivo industrial, que legitimou a situação de desigualdade que se encontrava a mulher em relação ao homem. Além disso, o fato de não romper com a lógica que a submete a esfera privada, a levou a dupla jornada de trabalho. Para Perrot (2005, p. 241), as mulheres participaram de uma situação ambivalente:

> A separação crescente entre local de "trabalho" e domicilio privado, consecutiva à regressão do trabalho doméstico e à concentração industrial, fez do trabalho doméstico uma especialidade, economicamente desvalorizada porque não- quantificável- um trabalho sujo que os burgueses confiam a suas empregadas- e, do lar, o lugar do consumo das despesas. Visão dicotômica simples demais que leva a ocultar o problema da

> reprodução e da manutenção da força de trabalho e negar o imenso trabalho não pago das mulheres “do lar”.

Um trabalho intermitente, sem pausas, que segundo Perrot (2005), era ritmado pela condição matrimonial, pela necessidade da família. Sobre este cotidiano, rígido e desumano, uma mulher de *O Operario*, que assinava apenas como Fausta, expressou sua opinião no artigo intitulado *O que é a vida?*:

> Não é vida para um ser racional levar uma existência cheia de tormentos de oppressão e violências; não é tão pouco vida, trabalhar como besta de carga noite e dia sobre o olhar severo dum verdugo; como não é também vida alimentar-se mal e cahir na mais esquálida miséria, quando nos banquetes luxuosos rebentando indiggestão; como não pode ser também vida ter por casa uma infecta pocilga sem luz e sem ar, onde só engenha todo mal e corrupção e nunca poderá ser vida cobrir o corpo de andrajos e caminhar descalço enquanto, os ricos sem produzir cousa alguma, ostentam um luxo sem limites; nunca será vida também derrubam rios de suores e sucumbem sob um sol abrazador, enquanto a sombra amenizada se sorveteiam traidores e velhacos; nunca acreditaria que seja vida ser ignorante: sem sentir, sem querer, sem amar e sem gozar. Essa vida diz um poeta espanhol: “Esta vida es el ludibrio, la tristeza, la amargura el crudo desequilibrio, el baldon por el matirio, la muerte por la tortura." (O OPERARIO, 19 mai. 1912, p. 2).

A realidade descrita por Fausta sobre a condição de vida de operários e operárias das fábricas em Sorocaba revelava uma pouco da cultura operária, denunciando a exploração do trabalho, as más condições de moradia, a ausência de instrução e a falta de qualquer qualidade de vida.

As condições de moradia, descritas por Fausta como “uma infecta pocilga”, enfatizavam a vida miserável que as operárias tinham quando obrigadas a morar nos cortiços das cidades que, em regra, eram tidos como “antros de infecção”, “insalubres”, “infectos”, “repulsivos” (Bonduki,1980). Além de constituir-se em um espaço “impossível de ser coletivizado da forma que o era: promíscuo, pequeno, apertado, superpovoado, sem luz nem ventilação; e as famílias que nele habitavam apareciam como pessoas amontoadas, misturadas, aglomeradas sem ordem alguma.” (KOWARICK; ANT, 1981, p. 12).

Em Sorocaba, vilas operárias foram erguidas em bairros próximos às fábricas, na busca de conciliar trabalho, transporte e moradia. Esses espaços também foram estratégias usadas para o controle dos operários, pois caso perdessem o emprego, perderiam também a moradia, como expõe Pena (1981, p. 85):

> A organização das vilas operárias variava muito. Havia aquelas que eram concessões só a mestres e contra-mestres ou então eram oferecidas como

> moradia àqueles trabalhadores cujas as funções os obrigavam a estar disponíveis para fábrica a qualquer hora do dia ou da noite. Em outros casos, às casas só eram concedidas aqueles cujas famílias tivessem mais de dois membros trabalhando para a fábrica. Desta forma a família funciona como mais uma forma de controlar a vida dos operários, pois a assiduidade e disciplina de todos os seus membros era uma garantia contra a perda de emprego e também de moradia.

A construção das vilas facilitou também a vinda dos operários ao local de trabalho, pois ter a mão de obra à disposição representava um investimento seguro para estabilidade da empresa e uma forma de atrair o trabalhador. "A continuidade das famílias na vila operária, através do emprego da parentela, garantia a constituição e a permanência de uma força de trabalho fabril, permanentemente renovada através do crescimento da prole." (HERÉDIA, 2003, p. 2). Nas vilas, as famílias passaram a constituir-se como "unidades assalariadas", cuja reprodução dependia frequentemente da contribuição do trabalho assalariado de todos os seus membros.

A respeito da construção das vilas em Sorocaba, Elvira no artigo *Projeto grandioso (!)*, também expôs sua opinião. Ela contestou as edificações como mais um plano arquitetado pelos industriais na demonstração de que estavam preocupados com a qualidade de vida dos operários. Ela escreve criticando um artigo do jornal Cruzeiro do Sul com o mesmo título, que destacava as vilas operárias como um grande projeto para a cidade:

> O grandioso projeto visa simplesmente o interesse dos proprietarios das fabricas e, unicos que poderão construir casas para abrigo dos que trabalham nas fabricas. A industria cresce e os operários escasseiam pela falta de casas; Demais o grande melhoramento só tem praso de dez annos, isto é: o tempo de poderem construer a villa operaria e ao terminol-a, já se esgotou o prazo de insenção dos impostos. Isto não passa dum bello counto do vigário que pretendem passar nos operários com o fim de colherem algum voto. Nós porém os havemos de pol-os em guarda, para que abandonem de uma vez para sempre a politicagem. (O OPERARIO, 06 out. 1912, p. 1).

Ao que parece, o artigo referia-se a uma promessa feita pelos industriais que ela alertava ser um engodo. Elvira neste artigo mostrou a proximidade que partilhava com o movimento operário da cidade de Sorocaba.

Outro aspecto revelado nas páginas de *O Operario* era o cotidiano enfrentado pelas trabalhadoras na criação de seus filhos, pois ao inserir-se no mercado de trabalho, a mulher adquiria múltiplos papéis que se somavam à atividade materna, trabalho não reconhecido e na época sem legislação que pudesse amparar as operárias.

O artigo *As mães operarias*, de autoria desconhecida, assinado apenas como "uma operaria", de certa forma, suscitou essa questão, pois não havia nem por empregadores, nem pelo Estado qualquer preocupação, fosse com as mulheres, fosse com as crianças. Esta operária narrou as particularidades de ser uma mãe pauperizada comparando sua condição com as mulheres das classes mais abastadas e lamentava pelo fato dos filhos não terem uma educação adequada. Seu artigo, apesar de longo, será transcrito na íntegra, pois esta anônima é uma das poucas mulheres que parecem viver o cotidiano das fábricas em Sorocaba:

> A voz, pobres mães operarias, que seis obrigada a abandonar os vossos míseros e humildes casebres, os vossos ternos e queridos filhinhos, deixando-os muitas vezes em poder dos estranhos, ou de algumas filhas ainda de menor idade, a fim de poderdes ajudar os vossos esposos na dura luta quotidiana (...).
> Em quanto as mães ricas viram-se descuidosamente no seu leito macio, pensando muitas vezes, no que melhor empregar o seu ouro, nós, os operários lutamos desde cedo até a noite com o trabalho; enquanto os seus filhos freqüentam collegios, boas escollas, os nossos pobres vêem-se obrigados passar o dia todo no fundo dessas fábricas sem tempo quase para aprenderem alguma couza a noite.
> Choramos e temos razão para isso porque não obstante somos pobres operarias que vivemos chorando amargamente não encontramos uma alma caridosa que venha suavizar as nossas dores de mães amantíssimas.
> As lagrimas são guardadas como que guarda thesouros.
> Se vóz, caras collegas fazeis economias para comprar alguns meios de grosso tecido para com elle agazalhar o mizero corpinho de vossos filhos semi-nus, elles, os ricos gastam com abundancia em sedas e finas cambrais pende-se em seguida a se exhibirem envolvendo-nos com seu olhar desprezador e altivo!...
> Porque toda essa indifference, esse orgulho todo se tudo neste mundo é nada, tudo é pó?...
> Por ventura não tereis vóz o mesmo direito de desfructar com ellas pobres operarias?
> Não! Vóz responderei – porque ellas são ricas, e por isso não comprehendem os nossos martírios.
> Aquelle, dinheiro que ellas atiram as mãos cheias ao rigor da moda, não é mais do que ganho com o nosso suor...
> Ensinae, pois, mães os nossos filhinhos, mande-os para escola, afastaeos desses terriveis sangue-sugas que se chamam industriaes, para que mais tarde possais ver em nossos filhos um cidadão activo, instruído. Vamos minhas boas amigas, deixeis de muita crença, que tudo que nos contam não é mais do que illusão. Unamo-nos operarias, instruímos nossos filhos, para que elles mais tarde sejam homens, cidadões livres, fortes, defensores de nossa classe. (O OPERARIO, 31 dez. 1911, p. 1).

A escrita desta operária revelava o sofrimento que as mães trabalhadoras passavam no seu dia a dia, padecendo com a entrada precoce dos filhos no ambiente insalubre das fábricas e que a única forma de não prescindir do salário da fábrica era retornar, com os filhos ainda pequenos ao emprego. Era uma atividade de sobrevivência e em regra uma experiência vivida

pela maior parte das mulheres deste período. A frágil e precária relação com a fábrica impunha ao grupo de mulheres trabalhadoras, uma estratégia de sobrevivência e ficar em casa sinalizava uma desvantagem social.

A operária anônima também estava consciente da relevância da instrução escolar para a superação das dificuldades, porém naquele momento não havia escolas suficientes para abrigar a todos e esta se constituía em uma das principais reivindicações do movimento operário.

A diferença entre o padrão de vida das classes pobres e ricas é destacado pela operária e, na definição da autora do artigo, as mulheres ricas estavam dentro dos padrões destacados por Engels (1985) quando discute as características da classe burguesa: uma classe calculista, egoísta, dominante e que possuía um forte sentimento de cobiça.

As questões destacadas neste artigo pela operária fundaram os debates em torno da necessidade de organização das mulheres, pois traduziam também os motivos de suas insatisfações. Posteriormente ,se transfomaram em formas de manifestações contra o processo de opressão vivido pelas mulheres. É, principalmente, por meio da imprensa operária, que elas conseguiram se expressar na busca de seus direitos.

O fato de constituírem grande parte da força de trabalho tornou a mulher alvo de debates. Segundo Scott (1991), como produto da revolução industrial, ela foi "observada, descrita e documentada com uma atenção sem precedentes." (SCOTT, 1991, p. 443). Suas lutas no combate à opressão e desigualdades, a favor da emancipação econômica e social, intensificaram-se, colocando-as na cena publica:

> A visibilidade da mulher trabalhadora resultou da sua percepção como problema, um problema de criação recente e que exigia uma resolução urgente. Este problema implicava o próprio sentido da feminilidade e a sua incompatibilidade com o trabalho assalariado; foi posto e debatido em termos morais e categoria. Fosse objeto de atenção uma vulgar operária fabril, uma pobre costureira ou uma compositora tipográfica emancipada; fosse ela descrita como uma jovem mulher solteira, uma mãe de família, uma viúva idosa ou como uma mulher de um trabalhador desempregado ou de um hábil artesão; quer fosse tomada como exemplo ultimo das tendências destrutivas do capitalismo ou como prova das suas progressivas potencialidades, as questões que ela levantava eram as mesmas: deve a mulher trabalhar por um salário? Qual o impacto do trabalho assalariado no corpo feminino e na sua capacidade de desempenhar as funções maternais e familiares? Que gênero de trabalho é adequado às mulheres? (SCOTT, 1991, p. 443).

As questões levantadas por Scott estavam na agenda das mulheres trabalhadoras no início do século XX na cidade de Sorocaba. Foram, principalmente, as mulheres da classe

operária indóceis, não convencionais, insolentes e subversivas, dotadas de forte consciência de classe, e consciência feminina, que encabeçaram a luta por visibilidade do trabalho na instância do privado e do público, pela quebra do estigma de trabalho "não qualificado" e parcamente remunerado, pela proteção da vida familiar e doméstica entre outras questões, levaram-nas a requerer uma legislação que as valorizassem.

5.4 Educação: resgate das vozes femininas

"Todo órgão de imprensa era um objeto de lutas." (PERROT, 2005, p. 77). Fato percebido pela trajetória dos poucos jornais destacados neste trabalho. Neles, as mulheres registraram sua presença, evidenciando que a instrução seria uma ponte para as conquistas de um espaço social.

O discurso das mulheres em *O Operario,* no que se refere à educação, era permeado pelas concepções libertárias. Não objetivava apenas alfabetizar ou promover a ascensão social dos trabalhadores, mas sim possibilitá-los entender a sociabilidade na qual estavam inseridos, com vistas à construção de projetos emancipatórios.

Elvira, no artigo intitulado *A Burguesa e a Anarchiista*, deixou transparecer essa preocupação quando fez uma crítica enfática apontando o tratamento desigual que uma e outra dispensavam para educação de seus filhos desde a infância no seio das famílias, elencando os valores que deveriam permear essa educação:

> A irregularidade e a falsidade de muitos indivíduos depende da educação que recebeu na sua infância. Tanto o homem como a mulher modernos passam de um estado ao outro sem enthusiasmo, sem fé.
> A mulher especialmente o unico fim que ella aspira é aquelle de ter uma casa propria, de brilhar segundo o grau e de gosar todos os prazeres. As moças ricas se fazem esposas e mães sem verem o verdadeiro senso da vida na maternidade – os filhos são sempre um accidente de desagrado que lhe deforma o corpo e consoma-lhe a belleza – mais o senso da vida o procuram nos prazeres amorosos, na comodidade, nas relações mundanas. (O OPERARIO, 12 jan. 1913, p. 1).

Para Elvira, a instrução tornou-se fundamental para o ser social do mundo moderno não ser um mero expectador dos acontecimentos de seu tempo. Denunciou os padrões tradicionais da sociedade burguesa e criticou os privilégios desta classe, muitas vezes centrada no consumo e na conformação do papel destinado a ela, de reprodutora de um modelo existente que não contribuía para formação social do indivíduo.

A família burguesa adquiriu novos hábitos no espaço urbano marcado pela valorização da intimidade; o casamento era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manuntenção do *status quo*. A importância dada a esta nova conjuntura é descrita por D'incao (1997, p. 229):

> Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a idéia de que ser mulher é quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que se pode ser atingindo dentro da esfera da "família burguesa e higienizada" .

O sentido de instrução era restrito a desempenhar papel de "dama" da sociedade. Essa forma limitada de educação para as mulheres esclarecia o modelo patriarcal que se limitava a prepará-las para o bom desempenho no espaço familiar. É essa dama que Elvira criticava e, de alguma forma, tentava chamar a atenção para a repetição dos padrões que acabavam por privilegiar um grupo pequeno de pessoas em detrimento da maior parte da sociedade e para o papel disciplinador da educação:

> É apaixonada, é ebria de todas estas vaidades e cria os filhos como foi criada e educada: os nutre delicadamente, ensina-lhe, não as normas que os rende capazes do sacrificio, do trabalho e de energia, mais tudo o que destes os deve livral-os e os rende seres inutis a sociedade, ociosos, ipocritas, perversos, perseguidores como os nossos orgão da justiça. Se estas mulheres não são mundanas mais burguezas, e que o marido faça de tudo para accumular riquezas, aproveitando o trabalho alheio, ellas auxiliarão os maridos na obra de explorar, e como ellas e os pais, educarão os filhos deshonestos e rapinas. Dest'arte vêmos essas mulheres estimarem as pessoas não pelo o que ellas são, mas pelo que essas pessoas trazem de herança, ou adquirem desta ou d'aquella forma, tanto roubado como de explorar o trabalho alheio, escolhendo para seu filho uma mulher como ellas ou para sua filhas um homem como o seu marido, explorador e cruel. (O OPERARIO, 12 jan. 1913, p. 1).

De fato, por muitos anos, essa noção da mulher preparada para ser esposa e dona de casa submissa permeou a educação, ainda que esse ganho de oportunidade para as mulheres venha ser algo positivo, sua educação continuava sendo justificada pela necessidade de se prepará-la para o que seria seu destino de esposa dedicada e mãe. A lei de instrução pública do Brasil demonstrava exatamente esses princípios, segundo o documento:

> As mulheres carecem tanto mais de instruções, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e

> maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas. (Lei de Instrução Pública, 1827 apud LINS, 1985).

A crítica de Elvira recaía sobre esse modelo de mulher que, a partir de sua educação, mantinha e repetia o comportamento do grupo, o de reforçar a manutenção das ordens impostas à mulher pela sociedade machista e de se voltar para o espaço doméstico, com tarefas relacionadas à conduta de seus filhos, transferindo assim a total responsabilidade para elas do caráter a ser criado de seus filhos. Apresentava a mãe anarquista como verdadeira e ideal, baseada nos seguintes argumentos:

> A verdadeira mãe, a mãe ideal, diferente destes tipos, prepara os seus filhos ao trabalho, ensina-lhe o sacrificio, desenvolve-lhe a energia e a sua vontade. Esta è a verdadeira anarchista porque diz a seus filhos que o trabalho é a primeira condição da vida, é a primeira lei natural, o trabalho é santo, enobrece o homem que é a alma do mundo, e n'estes preceitos mais de que em qualquer instrucção, forma o verdadeiro homem. Uma mulher destas, longe está de impellir seu marido para um trabalho falço que tem o unico fim a exploração do trabalho alheio, o persuadirà desse proposito, lhe fallarà que o amôr nos deve render todos irmãos, que o trabalho deve ser igual para todos os homens, que accumulação da verdadeira riqueza está no accumular todos os bons sentimentos na consciencia e no coração. (O OPERARIO, 12 jan. 1913, p. 1).

Elvira destacava que a verdadeira mãe é a anarquista, pois seus ensinamentos estão pautados na preparação do sujeito social. O trabalho é quem formaria o verdadeiro homem e suas lutas por condições mais justas concretizaria os direitos inerentes à condição humana em todas as suas dimensões:

> não escolherá para sua filha um marido usurpador e perverso, mas um homem amante do trabalho, rico de bondade e de energia e desprezará tudo quanto for contra a esses principios. Uma mãe anarchica não ambiciona para seus filhos e seu companheiro, cargas de cruzes, diplomas e galões que dão o direito de explorar o trabalho dos outros, mas ensinará a seus filhos a energia do dever na vida pratica, ainda com o custo da propria vida porque sabe que nesse dever consiste a verdadeira felicidade. A verdadeira mãe! Oh, sublime realidade das gerações futuras, este tipo de mãe anarchica é o sonho de todos os corações bons, a luz inacessivel da humanidade nova, fundada sobre as bases do trabalho e do amor. Na mulher anarchista está pois a salvação do mundo. (O OPERARIO, 12 jan. 1913, p. 1).

Do discurso de Elvira percebia-se a ênfase no papel social representado pelas mulheres dentro da educação libertária. Toda a responsabilidade do bom andamento da humanidade estaria nas mãos deste modelo mãe, ratificando os propósitos da Escola Moderna de que as

crianças deveriam ser instruídas na justiça, na verdade, capazes de raciocinar, sendo o objetivo principal capacitar o trabalhador tantas vezes oprimido para a transformação social. “Os oprimidos, os espoliados, os explorados hão que ser rebeldes, porque hão de reclamar seus direitos até alcançar sua completa e perfeita participação no patrimônio universal.” (FERRER Y GUARDIA, 1976, p.35).

Observam-se também no discurso as distâncias sociais que compunham o universo de cada mãe. Como refere Bourdieu (2012), “apesar das Mulheres terem em comum experiências específicas estão separadas uma das outras por diferenças econômicas e sociais.” (BOURDIEU, 2012, p. 25). Em muitos casos, as mulheres das classes populares eram sós, viúvas, abandonadas por maridos e acometidas por outros problemas de ordem econômica. Suas concepções de casamento eram bem diferentes das mulheres burguesas que viam no casamento uma forma de ascensão social. Desta forma:

> Convergiam as preocupações para organização da família e de uma classe dirigente sólida- respeitosa das leis, costumes, regras e convenções. Das camadas populares se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada. Especificamente sobre as mulheres recaia uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos. (SOIHET, 1997, p. 362).

Apesar da semelhança no papel de quem educa, independente da classe a que pertenciam, cada uma participava e se expressava de acordo com as suas condições concretas de existência e assumiam a responsabilidade integral pelos filhos, pois nas linhas expressas do artigo, percebe-se que a responsabilidade de educação era assunto de mulher.

As diferenças entre mulheres ricas e pobres em relação à educação dos filhos aparece em outro artigo de *O Operario*, intitulado *As mães operarias*. Quem escreve é uma mulher anônima que assina como “Uma operária”. A autora lamentava ter que deixar os filhos tão pequenos nas casas as quais chamava de casebres, pois as crianças não tinham acesso a escolas ou creches. Reclamava da falta de garantia desses direitos e da falta de solidariedade das mães ricas:

> Em quanto as mães ricas viram-se descuidosamente no seu leito macio, pensando muitas vezes no que melhor empregar o seu ouro, nós, os operários lutamos desde cedo até a noite com o trabalho; enquanto seus filhos freqüentam colégios, boas escolas. Os nossos pobres filhos obrigados a passar o dia inteiro no fundo de uma fábrica, sem tempo quase para aprenderem alguma couza a noite. Choramos e temos razão para isso porque não obstante nós pobres operarias não encontramos nenhuma alma caridosa que venham suavizar nossas dores de mãe amantíssima.

> As lagrimas das ricas são guardadas como quem guarda um tesouro.
> Se voz caras collegas fazei economia para comprar alguns meios de grosso tecido para com ele agazalhar o mizero corpinho de vossos filhos semi-nus, ellas, os ricos, gastam em abundancia em seda e finas cambraias pondo em seguida a se exhibirem envolvendo-nos com seu olhar desprezador e altivo.
> Porque toda essa indifferença, esse orgulho todo se tudo na vida é pó? (O OPERARIO, 31 dez. 1911, p. 1).

O artigo deixava clara a percepção da dinâmica social da época, de um lado as ricas damas com vagas garantidas nas escolas da cidade e de outro as trabalhadoras pauperizadas sem direito nenhum garantido. A ação educativa das mulheres anarquistas é que faria a diferença para elaboração do novo ser social.

Souza-Lobo (1991) explica que os movimentos de mulheres se fortaleceram quando buscavam organização para as conquistas de seus direitos por melhores condições de vida, revelando outra face dos movimentos femininos que era a formação de identidades, de sujeitos sociais e políticos, como elucida a seguir:

> A análise dos movimentos como portadores de demandas, e das mulheres como consumidoras (de bens públicos) estabelece uma relação de causalidade: a miséria provocaria o movimento reivindicatório ou a expansão dos serviços públicos estimularia a demanda. Mas a própria reconstituição dos movimentos mostra em que medida a emergência da demanda supõe a formulação coletiva da demanda _ que já não é mais uma reivindicação imediata e isolada, mas passa pela noção de direito, pelo reconhecimento de uma coletividade de iguais, o que faz do movimento não apenas um portador de reivindicações, mas um sujeito político. (SOUZA-LOBO, 1991, p. 221).

A partir das experiências práticas comuns, criou-se um discurso que buscava a possibilidade de igualdade e solidariedade para a questão da educação e que ao mesmo tempo condenava as práticas das mulheres burguesas ou damas ricas, como se observa na continuidade do discurso da operária:

> Porventura não tereis voz o mesmo direito de desfrutar com ellas, pobres operarias?
> Não! Voz responderei;_ porque ellas são ricas, e por isso não comprehendem os nossos martírios.
> Aquelle dinheiro que ellas atiram as mãos cheias ao rigor da moda, não é mais do que ganho com o nosso suor...
> Ensine, pois, os nossos filhinhos, mande-os para a escola, afaste-o desses terríveis sangue-sugas que se chamam industriais para que mais tarde possais ver em vossos filhos um cidadão activo, instruído. (O OPERARIO, 31 dez. 1911, p. 1).

A autora denunciava que os excessos das damas ricas eram patrocinados pelo suor dos operários, de mães operárias pobres e, no final do seu discurso, convocava as outras mulheres a construírem um caminho diferente para seus filhos:

> Vamos, minhas boas amigas, deixeis de muita crença que tudo o que nos contam não é mais do que illusão.
> Unamo-nos operárias, instruímos os nossos filhos, para que ells mais tarde sejam homens, cidadãos livres, fortes, defensores da nossa classe. (O OPERARIO, 31 dez. 1911, p. 1).

O artigo revelou que há uma compreensão da relação de exploração por parte da sociedade dominante e uma partilha desigual dos direitos. Refletiu também no sentido de encontrar novos caminhos para a realidade posta, apontando para a necessidade de mudança significativa na forma de educar. Um novo tipo de educação pautada em "princípios que poderiam conduzir uma luta permanente pelos direitos e deveres de uma sociedade igualitária que seria a base de uma educação integral, que tem como meta a capacitação dos oprimidos." (FERRER Y GUARDIA, 1976, p. 18).

Nota-se nos artigos analisados acima uma inquietação das mulheres em busca de melhores condições de vida para suas famílias. Nesse sentindo, a educação apresentou-se como uma grande aliada para a luta por uma sociedade mais justa e que fizesse mais sentido para sua realidade. Porém não estavam requerendo qualquer tipo de escola, mas uma educação que levasse em conta a cultura operária.

No *O Operario*, as mulheres, em maciça maioria, não discutiam temas reservados ao espaço doméstico, mas assuntos ligados à garantia de direitos sociais e políticos, mesmo que ainda estivessem imbuídas da função de mãe e formadoras dos futuros homens, como é facilmente notado quando associavam as atribuições de educadora e mãe.

Os princípios da Escola Moderna vinham ao encontro dos seus anseios, principalmente por esse pensamento também considerar a educação de mulheres importante, fato que a escola pública brasileira em sua origem não considerou, mostrando uma visão limitada no que diz respeito à coeducação dos sexos, pois os discursos republicanos eram conservadores e consonantes com a moral cristã, que atribuía um papel secundário à educação de mulheres.

Esse papel secundário foi ratificado pela força religiosa, pelos valores e costumes morais ditados pela igreja como sendo corretos e naturais. Inclusive a figura do confessor, como ressalta Almeida (2006), ainda no século XX, era marcada como referência fundamental quanto à influência das regras de conduta e moralidade originadas no sexo.

No depoimento dado por Elvira para Gomes (1988), ela faz uma observação a respeito da influência dos padres na sociedade da época. Elvira contou que nos sindicatos, os operários diziam ter um grande inimigo que eram as mulheres, “traidoras em potencial”, que ao ouvir as conversas nas reuniões do grupo iam se confessar com o padre e acabavam contando todas as estratégias do grupo. Elvira afirmava que ir contra a religião de forma sumária, dificultava a aceitação da propaganda anarquista. “As mulheres foram uma questão de jogo de poder constante entre a Igreja e a laicidade.” (PERROT, 2005, p. 337). Este jogo de poder, em regra, ratificou a incompreensão das mulheres pelas atividades sindicais como demonstra Perrot:

> A reivindicação da igualdade política, por sua vez, é singularmente freada pelo argumento que será, por muito tempo, o argumento de toda a esquerda: as ligações da mulher com a Igreja_ a mulher, o padre, sombria e temível imagem, em que a mulher, mais uma vez, tem o papel de mediadora, de portadora do irracional. (PERROT, 2005, p. 184).

Esta influência religiosa cristã, contraditoriamente a postura anticlerical do Jornal esteve largamente presente nas páginas de *O Operario*, nos artigos de uma mulher que assinava com o pseudônimo de Leonina, intitulado *Para nossos filhos por uma amiga de infância: AOS EDUCADORES*. Escreveu em aproximadamente 100 edições do Jornal em forma de diário, como ela mesma fez questão de frisar no artigo de estreia.

Suas publicações tinham o objetivo de divulgar a doutrina cristã por meio da educação religiosa e revelavam estreita assimilação com o pensamento católico. De fato, neste aspecto, da mulher se esperava a fé, a religiosidade, na qual a igreja católica desempenhava um papel importante para que a mulher continuasse submissa, exercendo o seu papel, tendo que alcançar um patamar de serenidade e compaixão como o da Virgem Maria. Assim a educação era vista como disciplinadora das mulheres e não mais como sua perdição, conforme se acreditava em décadas anteriores. (Almeida, 2000 p. 8).

Leonina, em seu primeiro artigo, enfatizou que a palavra de deus era uma missão nobre e que deveria ser a missão verdadeira de um educador da infância, evocando as mães para o seu ministério, para enriquecer as “almas cândidas” no caminho da felicidade. E sobre essa forma de educação proferiu:

> O mais sagrado de todos os interesses sociais é a educação popular, e é por isso que os espíritos verdadeiramente humanitários consideram esta missão com um dos mais poderosos meios de fazer o bem. Como a principal mira da educação é inspirar sentimentos virtuosos nas crenças, penso fazer um pequeno benefício às mães e aos educadores, escrevendo esse modesto

> diário, onde encontrarão, um bom pensamento, um conto edificante ou uma prática piedosa, os quaes lidos e comentados, podem resultar salutares fructos ao juvenil auditório. (O OPERARIO, 30 jan. 1910, p. 3).

Seus contos tinham sempre como personagem principal uma menina ou uma mulher que possuíam a responsabilidade de disseminar os melhores valores à sociedade, com custos irreparáveis a sua função "suprema" de mãe e educadora, caso aqueles valores não fossem introjetados. Comprometeu-se em dividir seu diário, no primeiro bloco, em ensino de gramática e matemática; no segundo, em geografia e história; e, no terceiro, em geometria e as ciências naturais, seguidos do ensino de música, desenho e trabalhos manuais, que segundo a autora não demandam esforço intelectual.

Julgou-se desnecessário a reprodução de seus escritos na íntegra no corpo deste trabalho, pois em análise aprofundada chegou-se a conclusão que são repetitivos e giram sempre em torno dos mesmos temas: obediência a deus, resignação, submissão a vontade de deus e progresso moral, enfatizando o sacrifício a que a mulher deveria se submeter em prol da sobrevivência da família.

A educação feminina, nestes artigos escritos por Leonina, foram basicamente direcionados pela força religiosa, pelos valores e costumes morais ditados pela Igreja como sendo corretos e naturais. "A essência social do feminino como prova de uma relação privilegiada das mulheres com Deus." (GIORGIO, 1991, p. 234).

A publicação de seus artigos pelo Jornal é contraditória, pois *O Operario* valorizava como princípios a luta por emancipação humana na qual se esperava que estivessem mulheres e crianças, transparecendo a falta de diálogo entre as principais orientações do Jornal, Socialismo e Anarquismo, que além de dispensar as formas hierárquicas de poder, assumiam uma postura anticlerical, hostilizando o privilegiado papel institucional desempenhado pela Igreja.

Os dogmas católicos foram frequentemente questionados no Jornal, inclusive pelas mulheres que defendiam um projeto educativo independente do Estado e principalmente da Igreja. Ernestina Lesina ao iniciar seu artigo intitulado *A caminho do fim?*, deixa explícito a necessidade de se desvencilhar do poder dos padres, para que a instrução seja efetiva:

> O mundo corrompe-se, vão-se tornando maus os homens: já não há religião, já não se ama a pátria, desconhece-se a obdiência, os sentimentos melhores vão-se pervertendo. Que será dos homens se a tão grandes passos se caminha para o fim de todo o bem.
> Este é o maior temor que agita os sonos dos nossos adversários, especialmente dos nossos mais implacáveis inimigos, os clericais; elles

> quereriam fazer crer a todos que, não por interesses especiais, mas por puro amor de seus similhantes temem essa, para elles immoral ruína dos homens. Nós francamente não somos da opinião delles. (O OPERARIO, 12 dez. 1909, p. 2).

O sono interrompido dos inimigos a que Ernestina se referiu, é o afastamento do homem da Igreja, da prática religiosa, processo iniciado a partir do século XVI. O homem moderno por conta das mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais, instauradas a partir do modo capitalista de produção, começou a questionar os dogmas católicos, também por influência do Iluminismo e Positivismo, que provocaram uma busca por instrução, uma necessidade de conhecimento da realidade. Ernestina, na sequência de seu artigo, questionou as intenções de seus adversários:

> Nós não dizemos, nem tal nos seria permitido por toda a ciência positiva e pelo progresso, que o mundo se corrompe porque aprende a raciocinar; nós não vemos preverterem-se os homens porque nelles vai despertando cada vez mais a tendência para instrução, para o aperfeiçoamento na alma e no cérebro.
> E'afinal, certissimo, e somos os primeiros a confirmá-lo, que "para um fim" se caminha com efeito e com passos bastante largos; não é, porém, seguramente, "para o fim" de todo o bem, para depravação dos melhores sentimentos humanos, mas sim para queda do privilégio social, cujo "fim", inelutavelmente arrastará consigo todo um sistema de injustiça que até hoje imperou sobre a maioria dos homens e do qual os nossos "piedosos" adversários católicos e burgueses se serviram sempre para oprimir os fracos _ os fracos não porque privados de força material ou da faculdade de pensar, mas porque pobres e desprovidos de instrução; sistema de injustiças que pôs nas mãos de nossos adversários os mais refinados meios de exploração e de domínio, que só pelo privilégio social podem ser dados. (O OPERARIO, 12 dez. 1909, p. 2).

Nas palavras de Ernestina, a rejeição aos privilégios sociais tanto do Clero quanto do Estado, era necessária para por fim a um sistema de exploração e para construir uma maior democratização da sociedade, pois os meios de propaganda e educação eram controlados e apoiados pelo Estado. Maram (1979, p. 74) elucida o funcionamento do sistema criticado por Ernestina:

> A religião é uma ferramenta importante para o Estado burguês, pois pacifica o trabalhador, leva-o a aceitar a miséria sem qualquer protesto, o induz a abrir mão de sua liberdade e aceitar a dominação dos que roubam os frutos do seu trabalho. Os sistemas educacionais são utilizados para ensinar aos jovens a obediência às instituições estabelecidas. Homens são treinados para adorar seu país- o patriotismo- de modo a estar sempre prontos a sacrificar suas vidas no interesse dos exploradores.

Em consonância com o pensamento anarquista, Ernestina criticou as formas de poder hierárquico da sociedade e denunciou a relação entre os clérigos e o Estado, associação considerada perigosa pelo movimento. O artigo compunha parte de uma campanha disseminada pelos anarquistas por meio da imprensa operária, que objetivava deixar claras a opressão política e a exploração econômica, colocando-as como principais responsáveis pelo estado de decadência da sociedade.

Dentre os diferentes projetos elaborados por inspiração do Anarquismo, acreditava-se em uma transformação social, por meio da qual se construiria uma sociedade mais justa e igualitária. No artigo *A caminho do fim?*, Ernestina denunciou a miséria crescente das classes trabalhadoras, os privilégios da burguesia, apontando o efeito maléfico deste sistema, criticando a falsa moral burguesa e os discursos alienantes da Igreja. Desta forma, percebe-se que o movimento feito por Ernestina e pelos colaboradores de *O Operario* constitui-se em uma proposição alternativa que de certa forma ameaçou o poder vigente.

A publicação de Ernestina, *A caminho do fim?*, relaciona o anticlericalismo como um entrave para educação integral e política dos indivíduos. A mesma motivação, do anticlericalismo, é percebida nos escritos de Nelly Roussel e Joana Dubois, porém as duas usavam o argumento para dissertar sobre a emancipação do corpo feminino.

Nos seus discursos, essas mulheres "desnudavam o corpo" quando se propunham a discutir, nas páginas de *O Operario*, o amor livre, o divórcio e a emancipação feminina, desvinculando estes temas do campo puramente moral e ligando-os ao campo social e, especialmente, ao campo das experiências.

5.5 Emancipação dos corpos femininos no *O Operario*

Os movimentos feministas ao longo da história travaram lutas contra as imagens estigmatizadas e incorporadas pelas mais variadas classes sociais com relação à mulher. As mulheres que se apoiavam no pensamento anarquista do começo do século XX foram impulsionadas por um amplo movimento de redefinição da mulher na modernidade, possibilitando o domínio de conhecimentos e maior participação nas questões de campo social. Propuseram a emancipação do papel da mulher na sociedade, para a transformação da realidade cotidiana.

O universo das lutas feministas não se limitou apenas à defesa dos direitos no campo do trabalho, mas também ao uso do raciocínio feminino, do amor de livre escolha, da

preservação das mulheres e crianças fora do trabalho estafante e humilhante das fábricas, da alienação perante os padrões sociais e morais impostos pela classe dominante.

O artigo de Nelly Roussel intitulado *Amor fecundo e amor estéril*, problematizava a interpretação libertária das relações amorosas e propunha um questionamento da disciplinarização do amor e do sexo. Segundo Rago (1998, p. 2), temas como estes foram colocados em prática inicialmente pelos anarquistas como explica:

> Não há dúvidas de que os anarquistas abriram as portas, já no século passado, para um repensar das práticas sexuais e das concepções da sexualidade que informavam o imaginário social. Discutiram questões fundamentais como o casamento monogâmico, o divórcio, a maternidade obrigatória, o aborto, a prostituição e propuseram o amor livre e o direito ao prazer. Problematizaram um campo de temas-tabus que, naquele momento, estavam passando da mão da Igreja para o poder médico, sem sofrer grandes alterações em sua normatividade.

Era o tempo do enquadramento aos métodos de moralização, organização e higienização dos extratos mais pobres da sociedade.

Entre 1890 e 1930, conforme aponta Matos (2003), com o desenvolvimento da urbanização e a expansão da ação da medicina, na capital paulista, os médicos sanitaristas se colocaram no direito de disciplinar a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres. Às mulheres ficaria o cuidado com a saúde e o bem-estar da família, condenando-se o trabalho extra doméstico e as práticas abortivas.

A ciência e a política ficaram representadas pela medicina. Tentava-se introduzir, pela figura da mulher, elementos de higiene voltados para reprodução e a preservação moral e material dos seres humanos. Mais uma vez as mulheres ficariam restritas ao espaço privado. Perrot (2005) contrapôs esse “privado” ao silêncio do corpo feminino, que se configurava no silêncio das práticas abortivas, do abuso sexual, do incesto e da violência doméstica.

De acordo com Perrot (2005), esse silêncio permeia a função anônima e impessoal da reprodução, bem como a reprovação do prazer sexual, que através dessas práticas sociais constitui a “frigidez” feminina. “Esse silêncio oprimente é reforçado pelo discurso médico no que se refere às doenças das mulheres (sempre considerada eternas doentes) e ao seu restrito papel familiar.” (MATOS, 2001, p. 39).

O discurso anarquista vinha na contramão do discurso médico, alertando as mulheres sobre o direito aos seus corpos, demonstrando a possibilidade de arbítrio sobre o próprio corpo e o acesso a uma sexualidade não reprodutiva.

Estes corpos que emergem nos discursos anárquicos, eram dotados de sexualidades e desejos que não ficavam relegados ao segundo plano, mas que se destacavam como importantes elementos de poder[15]. Nessa perspectiva, os discursos anárquicos criavam uma resistência às políticas e suas formas de vigilância sobre o corpo presentes no sistema fabril do final do século XIX e início do século XX e fundavam uma crítica ao modelo familiar da época, como se percebe no artigo de Nelly Roussel em *O Operario*:

> Sem dúvida, o amor fecundo na mulher é sublime; sai como que realçado, magnificado, de todas as dores que ella aceita, de todos os perigos que ela afronta! Mas, no homem a fecundidade não passa amiudadas vezes do egoísmo do macho, que não quer restringir ou perturbar o seu prazer afim de poupar à amante confiada uma tortura por vezes moral...
> Não, não! O amor esteril não é feio, nem culpado!!!
> E pode ser estéril o amor? O amor que reconforta e que exalta; o amor fonte da alegria, fonte de ardor, não produz somente obras de carne. Quantas criações sublimes nasceram de um grande amor!...
> É tempo que a velha doutrina da Igreja, que coloca a criatura humana entre os sofrimentos da castidade absoluta e os da fecundidade sem limites; que pretender prohibir todos os prazeres do amor aos que por gravíssimas razões hesitam ante a obra da vida...é tempo que essa doutrina tirânica e cruel vá juntar-se, no caos das coisas mortas, a todas as ideias de coerção e de servidão varridas pelo sopro de revolta!
> Ah! por certo, exaltem a maternidade! Glorifiquem-lhe a gloriosa grandeza!...Mas não façam dela a única razão de ser, e como o que a desculpa do amor. O amor traz em si próprio a sua belleza, e não necessita de desculpa!
> A maternidade, consciente e voluntária, será mais sublime ainda. Ninguém tem o direito de se impor, como ninguém tem o direito de a proibir. Escolha cada mulher por si mesmo o seu destino. Fala-se muito da "felicidade da humanidade"; cada um traz a sua formula ou sistema. Mas a felicidade, coisa essencialmente relativa, variando com os indivíduos, não se pode regulamentar;...e as únicas doutrinas de felicidade são as doutrinas de liberdade. (O OPERARIO, 19 dez. 1909, p. 2).

Na leitura do artigo percebe-se o tom transgressor frente às normas morais do período e o desejo de rompimento com os padrões religiosos, daquele dado momento,

A autora estava preocupada em denunciar o aprisionamento do desejo feminino e em reivindicar a igualdade do instinto sexual da mulher e do homem, pensamento bastante complexo para época, principalmente num momento em que:

> são numerosos os textos que prestigiam calorosamente a pureza da mulher mãe, seus altruísmo, seus dons filantrópicos naturais. É visível a intenção de idealizar culturalmente o espaço privado da casa, enobrecendo a função da

[15] Adotando o conceito de poder a partir das perspectivas apontadas por Foucault (1987).

> mãe e definido-o como o avesso do mundo exterior.” (RAGO, 1991, p. 78-79).

Nelly representou, portanto, uma das poucas figuras a transitar na imprensa feminina do começo do século XX partidária de uma outra proposta que levava em conta temas como o respeito a natalidade e que trouxe, a partir da imprensa operária, a propaganda neomalthusiana, que preocupava-se com o controle da própria vida e não de sua produtividade.

O neomalthusianismo diferenciava-se da teoria demográfica de Thomas Malthus (1766-1834) por atrelar o controle de natalidade à questão de cuidado de si e da saúde de cada um e não somente controlar o aumento populacional justificado pela incompatibilidade entre o crescimento econômico e disponibilidade de recursos. Incorporado pelos anarquistas esse movimento, volta-se para dar fim às péssimas condições dos operários nas fábricas e aos nascimentos que poderiam vir a formar o corpo militar do Estado.

No Brasil, além da propaganda em jornais operários, a apresentação desse pensamento foi por meio da exibição da peça *Greve dos Ventres!*, inspirada na obra de Luís Bulffi, médico e escritor anarquista de 1906. Sobre a proposta de Bulffi, Freire e Lousada esclarecem:

> Bulffi procurou expressar certo modo de gozar o amor e meios para evitar a concepção ao mesmo tempo em que declarava um boicote a sociedade burguesa, já que o autor a considerava uma negação do direito à vida. Naquele momento estava em jogo ampliar o conhecimento a respeito de receitas, produtos e conselhos anticoncepcionais justaposto às melhores condições de vida do operário e à defesa do “prazer no amor”. (FREIRE; LOUSADA, 2012, p. 20).

O neomalthusianismo procurou diferenciar o ato de fazer amor, do ato de fazer filhos para mostrar que uma fonte inesgotável de prazer e amor seria um meio de fugir “a miserável lei de vosso ventre se tornar um gerador inconsciente de carne para alimentar o açougue burguês.” (FREIRE; LOUSADA, 2012, p. 22).

Em *O Operario*, encontrou-se um artigo de Joana Doubois com o mesmo título da peça baseada na obra de Bulffi. Nele, Joana divulgou a importância das práticas contraceptivas entre a população urbana e a importância da “procriação consciente”. Iniciou criticando Malthus e seus seguidores por partirem do principio que a base da sociedade é justa, ignorando as desigualdades sociais e deixando a própria sorte os miseráveis. Chamou os oprimidos para luta, destacando que muitos indivíduos são explorados enquanto outros usufruem de seu trabalho. Enfatizou a greve dos ventres como uma escolha para a procriação e justificou da seguinte forma:

> Não temos certamente a intenção de sovar os que procriam o mais que podem, mas cremos que os encargos familiares excessivos impedem que muitos explorados se façam revolucionários, visto que, mesmo não sendo irrisório o salário, bem dificilmente acha o trabalhador tempo e recursos bastantes para tomar consciência dos seus direitos pela leitura, pela discussão nas reuniões públicas; visto que, ainda que o Pae consiga se emancipar, a mai sempre metida em casa e não tendo um só instante para refletir, não pode abandonar as suas idéias cobardes, mesquinhas, estreitas e obriga com as suas lágrimas, ou censuras mais ou menos amargas, o marido ou o amante a calar as suas opiniões e a renunciar à revolta, visto que se afronta menos facilmente a prisão, a expulsão da oficina, a perda do ganha pão quando se tem atrás de si um exercito inteiro de boquinhas ávidas. Não nos parece pois erroneo dizer que deminuição de nascimento, efeito do pauperismo por um lado, pode por outro lado aumentar a velocidade do movimento revolucionário. (O OPERARIO, 30 jan 1910, p. 2).

Segundo Joana, a procriação sem limites afastava homens e mulheres das lutas sociais, pois os cuidados com os filhos demandavam uma série de atribuições dentro do lar, principalmente para as mulheres, impedindo-as de realizar a transformação social. Evitar o nascimento dos filhos para Joana, não era o único meio revolucionário de emancipação, mas uma forma de despender o tempo já reduzido no proveito da educação revolucionária e justificou o aproveitamento deste tempo:

> (…) pensamos que menos filhos é menos carne de fábrica, de canhão e de prazer vendido e mais anticapitalista, antimilitarista e mulheres conscientes. Numerosas demais as crianças não deixam que os genitores se preparem a as preparem para realizar a transformação social. (O OPERARIO, 30 jan. 1910, p. 2).

Sua justificativa é semelhante a de Bulffi quando se expressava a favor da redução do nascimento de indivíduos como exército de reserva para suprir o sistema capitalista fosse na guerra, no trabalho ou no corpo como apropriação mercantil.

As críticas de Joana dirigiam-se também a alguns neomalthusianistas revolucionários que de certa forma defendiam a procriação como algo natural e belo, pois não contemplavam a questão de assegurar a vida material das numerosas crianças. Para ela não se deveria procriar o quanto a natureza permitisse e conclui seu artigo com as seguintes palavras:

> Não me limito a reivindicar a livre maternidade; considero a fecundidade natural como um dos perigos sociais e não a maneira de Malthus como o perigo social. Em qualquer época quer se tratem de escravatura passada e presente das relações dos homens entre si e com as outras forças da natureza as condições da procriação e as condições de trabalho parecem-me ser da mesma importância. (O OPERARIO, 30 jan. 1910, p. 2).

A preocupação de feministas como Joana, era o grande número de mulheres desamparadas legalmente tanto pelo Estado quanto pelas indústrias; por isso colocou a questão da procriação e das condições de trabalho no mesmo patamar, demonstrando a exploração e abandono a que as mães estavam destinadas. Nas palavras de Helene Stocker, “a maternidade contém as raízes mais profundas da escravatura, assim como a libertação do sexo feminino.” (STOKER apud BOCK, 1991, p. 452).

Outro aspecto importante do neomalthusianismo é que as técnicas contraceptivas estavam à disposição de homens e mulheres no século XIX e de alguma forma, tornaram os casais mais conscientes da sua sexualidade, fizeram-os pensar o ato sexual como algo independente do ato reprodutivo. Alguns historiadores depositam nessas técnicas, o aborto em particular, como algo pensável dentro do casamento, um recurso possível da mulher caso os métodos contraceptivos falhassem. Sobre esse tema Walkowitz esclarece:

> O aborto, como prática especificamente feminina, acrescentou uma dimensão adicional a autoconsciência sexual: ele fez das mulheres agentes particularmente ativos no drama sexual, tornando de imediato claro o fato de que as mulheres que o utilizavam, estavam empenhadas no sexo sem intenção de procriar, praticam o sexo em si mesmo (para satisfazer o “desejo masculino”, quando não o seu próprio). (WALKOWITZ, 1991, p. 422).

O ato de decidir acerca do próprio corpo trouxe para mulher, principalmente a trabalhadora que teria que arcar com cuidados e educação dos filhos dentro do lar, algum controle sobre sua pessoa. Segundo Walkowitz (1991), criou-se uma rede de solidariedade entre mulheres da classe operária que disseminaram a informação sobre o aborto entre vizinhas e colegas de trabalho. “Nos patamares dos prédios operários, na padaria, no talho, na mercearia, as mulheres aconselham as vizinhas cujos maridos, tão brutos como sem perspicácia, lhes impõe uma gravidez não desejada.” (PELLETIER apud WALKOWITZ, 1991, p. 422).

Os métodos contraceptivos foram amplamente consumidos pelas mulheres da classe trabalhadora, pois o emprego e a maternidade tornavam-se dificeis de administrar dificultando o cotidiano dessas mulheres. Um grande comércio se ergueu em volta desses métodos, principalmente do aborto. “Por meados do século XIX o comércio do aborto tinha-se tornado uma indústria, uma fonte de lucros considerável para médicos, farmacêuticos, herbanários, veterinários, massagistas e curandeiros, assim como para indústria de drogas.” (WALKOWITZ, 1991, p. 423).

Esse comportamento gerou uma série de represálias por parte do Estado que por meio de legislações tentou limitar essas práticas. O movimento neomalthusiano foi duramente criticado pelos setores governamentais que estavam preocupados com a decadência populacional. Outro público criticado foi o das feministas; acusavam-nas de encorajar a "fuga a maternidade". Era um movimento de inovação que gerou muitas polêmicas e repressões como demonstra Perrot (2005, p. 307):

> Entre médicos e parteiras, excluídas da cesária e do fórceps, a batalha é rude, agravada pela suspeita de aborto, que pesa cada vez mais sobre as parteiras. No fim do século 19, a angustia demográfica transforma a questão dos nascimentos em questão de Estado. A repressão judicial contra o aborto e o neomalthusianismo endurece, levando as mulheres a tomar consciência política de seu corpo.

Os poderes institucionais da lei e da medicina estiveram a frente do controle para reprimir as condutas femininas, porém não evitaram a oposição pública e a resistência feminina. De acordo com Foucault (2007), os burgueses, através da pedagogia, medicina e economia transformaram o corpo num objeto de constante vigilância. A figura da mulher foi a primeira a sofrer com tal procedimento. Tida como elemento frágil, a sexualidade feminina começava a ser vítima de receitas medicinais diversas que iriam preservar o seu corpo para que dele saísse uma prole saudável.

Qualquer elemento do sexo feminino estaria predestinado a garantir a saúde de sua família e consequentemente de toda uma nação. Uma série de regras passou a conduzir com mais vigor a conduta feminina, que deveria conservar-se perfeita para o casamento. Assim, durante muito tempo, as regras da sociedade é que passaram a governar o corpo feminino.

Os debates públicos sobre o tema abriram novas possibilidades para o tratamento da vida sexual e para subjetividade da mulher trabalhadora, e também ajudaram a compor as reivindicações pelos direitos de proteção social das mulheres das classes mais baixas. "O Estado-providência foi simultaneamente causa e consequência da segunda grande transformação por qual passaram as mulheres para o reconhecimento de seu valor como mulheres." (BRITTAIN apud BOCK, 1991, p. 438).

Outro tema polêmico discutido em *O Operario*, desta vez por Elvira, foi o divórcio, que desde o século XVI era visto como uma patologia social. Só com a industrialização, urbanização, a diminuição das práticas religiosas e a emancipação da mulher por conta da entrada no mercado de trabalho é que esta visão foi alterada, porém Estado e Igreja reforçavam a ideia do casamento como elemento importante para estabilidade social. A igreja

Católica posicionava-se abertamente contra o divórcio, pois acreditava que era o símbolo da desorganização não só da estrutura da família tradicional que tinha dominado até o momento, como também das diversas esferas da vida social. Elvira percorre seu artigo provocando estas instituições:

> Anda por toda parte a carolada que cheira a sebo da sacristia protestando contra lei do divórcio que os *hereges* pretendem adoptar como medida para sanar o mal que lhe affeta o casamento interesseiro.
> Parece incrível que essa jesuitada de casaca e outros tantos de batina se preocupem tanto com a resolução que tomaram meia dúzia de homens de repelir os preconceitos da infernal Madre-Igreja. Não contentes essa corja de destruírem o amor livre e levantarem códigos para o affecto e legislações para o poema do beijo, criando leis para a união passional de duas almas complementares que se encontraram e se amaram nos embates da luta; não satisfeitos de cobrirem com seu ridículo anathema, todos aquelles que não quiseram sujeitar-se à scenas burlescas do registro e de curvarem a cerviz diante da justiça que transforma em balança para pesar o máximo dos transportes e da toga que se transforma n'uma alconviteira, o qual sem o seu ridículo salvo-conduto, duas almas não se podem unir-se e amar-se. Tentam ainda imporem sua vontade na vida privada dos que se acham divorciados dos seus preconceitos.
> O motive é facil saber-se:
> O casamento sempre foi uma união por conveniência e uma combinação necessária ao mercantilismo da vida, chegando a ponto dos pais mercandejarem a honra das filhas como nos demonstra a história dos séculos passados, o qual se tornava o leiloeiro das próprias filhas e as entregavam aquelles que maior lance de fortuna lhe offereciam. E a carolada ainda hoje pretende conservar essa infâmia.
> A donzella, incauta e ingenua, estranha a perfidia de seus pais, desconhece em absoluto a miséria dos homens e do mundo, é suggestionada e entregue a um indivíduo rico. E para que mais tarde não tenta n'um outro ímpeto de revolta recobrar a sua liberdade, pretendem os carolas manter a união indissolúvel. Por isso combatem o divórcio. (O OPERARIO, 27 dez. 1912, p. 1-2).

Elvira foi enfática ao atacar a estrutura familiar tradicional e os discursos moralizantes da Igreja em prol do casamento como instituição divina. Referiu-se à intromissão da Igreja nos momentos cruciais da vida do homem, na sua educação em escolas religiosas e na formação moral, imbuindo cada vez mais a sociedade de valores e princípios cristãos. A luta que aí se travava é das mais particulares, porque questionava diretamente a figura e a autoridade divinas e lançava uma crítica contundente aos modos tradicionais, masculinos e hierárquicos de pensar e agir das instituições religiosas.

No Brasil, o regime republicano trouxe o fim do monopólio católico no campo religioso, pois o Estado, influenciado pelo pensamento liberal, introduziu mudanças e assumiu uma postura que muito desagradava a Igreja, a exemplo a proibição do ensino religioso nas

escolas. Porém, uma reação por parte da comunidade eclesiástica se desencadeou e algumas estratégias foram postas em ação para que a Igreja pudesse ter uma participação política na vida da cidade como explica Saviani (2007):

> A mobilização da Igreja no Brasil expressou-se na forma de resistência ativa que articulava dois aspectos: a pressão para o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas e a difusão de seu ideário pedagógico "mediante a publicação de livros e artigos em revistas e jornais e, em especial, na forma de livros didáticos para uso nas próprias escolas públicas assim como na formação de professores, para o que ela dispunha de suas próprias Escolas Normais." (SAVIANI, 2007, p. 179).

O poder da Igreja se manteve por conta dessas estratégias em usar o ensino como ferramenta para continuar formando bons cristãos. Saviani também destaca que a Igreja criticou medidas laicizantes como a precedência do casamento civil sobre o religioso e a inelegibilidade e exclusão dos clérigos do direito de voto nas eleições, fato que "estimula os católicos a participar da política dando forma à idéia do Partido Católico." (SAVIANI, 2007, p. 180).

A crítica de Elvira apontava essa intervenção frequente e histórica da Igreja na vida pública, na sua relação com a população no sentido de construir uma determinada realidade social, gerando crenças inquebrantáveis, transformadas em poder de manipulação como explica Chartier:

> As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados; a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas . Por isso esta investigação sobre as representações supõe – nas como estando sempre colocadas num canto de concorrências e de competições em cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação . As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender mecanismos pelos quais um grupo impõe , ou tenta impor , a sua concepção do mundo social , os valores que são os seus , e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 16).

O importante em Chartier, e que Elvira não ignorava em seu discurso quando acusava de "levantarem códigos para o afeto e legislações para o poema do beijo", é a utilização do conceito de representação entendido como um "instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de figurar como ele é." (CHARTIER, 1990, p. 20).

O subsídio que Chartier fornece, é fundamental para entender que tanto as igrejas, naquele momento muito presentes na vida do povo, e o Estado se utilizaram destas estratégias para construírem suas imagens no cotidiano da sociedade com o objetivo de conquistar e preservar os seus poderes. Desta forma o artigo de Elvira chamou a atenção para o controle ideológico das instituições religiosas sobre os comportamentos sociais desejáveis por essa ordem e deixou claro essa premissa quando avaliou a postura contrária ao divórcio, pondo em xeque a instituição casamento como um combinado mercantilista.

O divórcio para a Igreja significava "a desestruturalização da família, a morte lenta do organismo social pela asfixia, pelo esvaziamento, pela corrupção pura e simples dos valores morais" (GIORGIO, 1991, p. 202) e a responsabilidade pelo equilíbrio desta instituição caberia à mulher:

> A perpetuação dos ensinamentos católicos cabia às mulheres, essencialmente, enquanto responsáveis pela felicidade e integridade do espaço doméstico. Dessa forma, o lar católico configurava-se como uma espécie de micro-célula da instituição religiosa. A reabilitação da mulher e o reconhecimento da sua importância estavam, para os padres, centrados primeiramente em sua ação no interior do espaço doméstico por meio do cuidado e da transmissão de ensinamentos aos filhos. (BROTTO, 2009, p. 61).

Nos escritos de Brotto percebe-se o papel social rigidamente fixado à mulher dentro do espaço privado: o lar. Como unidade central da família, a mulher deveria por em ordem a sociedade partindo do espaço doméstico e, muitas vezes, suas ações dependeriam da autorização do marido, que pela legislação vigente poderia ser o senhor de sua ação. Maluf e Mott traduzem esse momento:

> Vale lembrar que o Código Civil de 1916 guardou certa distância da legislação de 1890. Nesta, era conferido ao marido, sem qualquer dissimulação, a chefia da sociedade conjugal, bem como a responsabilidade publica da família, além de caber a ele a completa manutenção dos seus, e a administração e usufruto de todos os bens, inclusive dos que tivessem sido trazidos pela esposa no contrato de casamento. (MALUF; MOTT, 1998, p. 375).

Para muitas mulheres deste período, o casamento representou um cárcere, pois não possuíam nenhuma autonomia dentro da família. Segundo as autoras, muitos processos de divórcio, inclusive de famílias ricas, revelavam recursos frequentes à repressão física das mulheres, que se davam sob a proteção de regras de costume. "Pesquisas registram que o

marido, tal como um pai, se sentia no dever de punir com violência sua esposa quando desobedecido.” (MALUF; MOTT, 1998, p. 375).

É para o poder patriarcal que Elvira também emitia suas críticas, pois nesta expressão a sujeição feminina legitimava-se. A reivindicação pela legalização do divórcio era necessária para também desnaturalizar a ideia de propriedade que ainda vingava nas relações amorosas, mesmo as não oficializadas. Para Perrot (2005), o direito do divórcio “representava fundamentalmente, o reconhecimento das mulheres como indivíduo, o primeiro passo no caminho da cidadania das mulheres.” (PERROT, 2005, p. 308).

O discurso de Elvira estava permeado pelo pensamento anarquista e pelas lutas travadas por mulheres desta corrente como Emma Goldman[16] uma das maiores divulgadoras do Anarquismo. Sobre o casamento, Emma Goldman (1908) expressou a seguinte opinião:

> O casamento é uma instituição que fornece ao Estado e a Igreja uma tremenda renda e os meios de se meter na fase da vida que pessoas finas a muito consideram como propriamente sua, sua coisa mais sagrada. O amor é o fator mais poderoso no relacionamento humano que desde tempos imemoriáveis tem desafiado todas as leis feitas pelo homem e rompido com as grades de ferro das convenções na Igreja e da moralidade. O casamento é normalmente um puro arranjo econômico, provendo à mulher uma apólice de seguro de longa vida e ao homem um perpetuador de sua espécie e um bonito brinquedo. Ou seja, o casamento, ou o treinamento para isso, prepara a mulher para uma vida de parasita, uma dependente, desamparada servente, enquanto concede ao homem o direito sobre a hipoteca de um bem imóvel de uma vida humana. (GOLDMAN apud EHRENREICH, 2012, p. 2).

Emma e Elvira reivindicavam em seus escritos a independência e emancipação das mulheres, dissociando a questão do amor e do casamento. Foram mulheres que inovaram e deram um novo viés, um novo enfoque ao Anarquismo, tanto em termos teóricos como em termos de atuação no movimento. Como anarco-feministas, mostraram a opressão sentida em aspectos que vão desde a moral até a economia e a política, manifestando claramente os problemas da vida cotidiana e do trabalho, principalmente nas fábricas no inicio do século XX.

---

[16] Atuante anarquista Russa, envolvida com a questão social dos trabalhadores, foi brilhante conferencista e ativa colaboradora da imprensa libertária mundial. Converteu-se ao Anarquismo em 1889, lançando-se a fazer propaganda desse pensamento em Nova Iorque, onde foi presa diversas vezes e condenada à prisão em 1893. Sua contribuição foi fundamental e significativa em favor da libertação das mulheres. Representou no ano de 1912 os revolucionários mexicanos e, de 1936-39, os revolucionários espanhóis em defesa dos quais escreveu muitas páginas e realizou comícios e conferências pela Europa. A Fundacion Anselmo Lorenzo, de Madrid, publicou o livro Vivendo Minha Vida(1931)em 2 volumes, em um total de 1.068 páginas sobre sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de elaboração deste projeto permitiu o conhecimento aprofundado sobre a história das mulheres e suas trajetórias na sociedade. Permitiu ainda, a revelação da história de uma cidade onde moro há 10 anos, Sorocaba, no Estado de São Paulo, e que não conhecia.

O período estudado, início do século XX, momento de implantação da República e intensa industrialização do País, revelou que a cidade de Sorocaba é um lugar importantíssimo na história do Brasil e me leva a concordar com o historiador de Sorocaba, Geraldo Bonadio, que esse valor ainda não lhe foi atribuído. Vivemos com a identidade do Tropeirismo, sem ao menos referendar o processo urbano veloz por qual a cidade passou e que está estampado em suas ruas.

Ao caminhar por Sorocaba atualmente, percebo, na arquitetura da cidade, a identidade com uma cidade industrial. Suas linhas de trem que, ainda hoje, em parte, funcionam para escoar produtos das empresas que aqui se instalaram desde o século passado, suas estações ferroviárias, abandonadas em sua maioria - só a Sorocabana foi restaurada e apropriada pelo Museu de Arte Contemporânea -, suas vilas operárias habitadas por descendentes de trabalhadores e por fim as fábricas. Passo diariamente por uma delas e, antes da pesquisa, eu simplesmente não a percebia como um lugar que abrigou o início do progresso na cidade, como um lugar que comportou centenas de trabalhadores e trabalhadoras.

Hoje, ao penetrar as antigas fábricas da cidade, pelo intenso envolvimento que tive com a minha pesquisa, imagino o barulho frenético dos teares e imagino também as condições de trabalho, a opressão e exploração pela qual esses sujeitos foram submetidos.

Os artigos das minhas mulheres, sim, minhas mulheres - porque a partir de agora posso chamá-las assim - em *O Operario* me remetem há essa época. Tempo em que elas, nas páginas de um periódico operário, relatavam sua rotina. Vigiadas, punidas, exploradas e assediadas, por meio de seus escritos, recuperam e nos põem à luz parcelas esquecidas de sua história.

Essas figuras femininas do começo do século XX protagonizaram cenas, movimentando-se entre engrenagens, sob a cadência das máquinas, embalando as crianças, usando o corpo como força de trabalho ou objeto de prazer para uso alheio.

Nas mesmas páginas percebe-se, com a intensificação da industrialização e da movimentação social, o desabrochar de atividades militantes de mulheres e a atitude ousada que assumiram em seus escritos, abrindo espaço para que a geração de escritoras tivesse

maior liberdade de expressão e mais acesso à cultura e foram fonte para as feministas dos anos subsequentes.

Suas lutas, guiadas pelo pensamento libertário, além de defenderem os direitos no campo do trabalho, destacavam o uso do raciocínio feminino, do amor de livre escolha, da preservação do trabalho estafante e humilhante das fábricas, da alienação perante os padrões sociais e morais impostos pela sociedade da época.

Não pregaram uma supremacia da mulher sobre o homem e sim uma convivência solidária e harmônica entre eles, em que se respeitassem a personalidade, a autonomia e a individualidade de cada um.

Assim, as libertárias da Primeira República apontaram a opressão da cultura dominante e das religiões cristãs sobre as mulheres, principalmente das classes mais baixas. Escreveram textos desconstruindo as teorias científicas que afirmavam a inferioridade natural da mulher, lutaram por uma maternidade mais consciente e fruto da vontade da mulher. Foram as precursoras da preocupação com o que hoje chamamos de planejamento familiar, divulgando os métodos contraceptivos para que mulheres pobres não sofressem com um grande número de filhos. Discutiam, dentre esses métodos, o aborto, tema até hoje considerado um tabu e que, segundo Saffiot (1976), leva à morte 400 mil mulheres por ano no Brasil, porque não é enfrentado pela sociedade brasileira como uma questão de saúde pública e por ser analisado sempre do ponto de vista moral.

Elvira, Ernestina, Fausta, Maria Amaral, Nelly, Joana, a operária anônima estavam, indiscutivelmente, a frente de seu tempo. Eu arriscaria dizer à frente do nosso tempo, pois promoveram intensas discussões sobre os problemas práticos do seu cotidiano no começo do século XX.

Insistiam na necessidade da educação como instrumento de atuação social. Era necessária instrução para melhor reivindicar, ao mesmo tempo em que era necessário reivindicar para poder estudar mais. Questionavam o modelo de educação formal, tanto na transmissão do conhecimento quanto na formação da cidadania, pois seus interesses eram antagônicos aos projetos pedagógicos propostos pelo Estado e pela Igreja.

A educação é ponto fundamental em suas retóricas. As mulheres de *O Operario* exaltavam a instrução como forma de libertação, porém a educação a que se referiam possuía seus alicerces na Escola Moderna de Francisco Ferrer Y Guardia, figura rara nos livros de educação. No Brasil, poucas referências são feitas a ele. O esquecimento desse pensamento deve-se a falta de conhecimento proveniente de preconceitos criados ao redor da palavra anarquismo distorcidos por conceitos do senso comum, imaginação popular e segundo Gallo

(2013), da intensa perseguição política pelos aparelhos de Estado, que não se contentavam em acabar com as Escolas, mas quiseram acabar também com sua memória.

Um dos méritos desta prática pedagógica é a co-educação dos sexos que defendia o aprendizado de meninas e meninos na mesma sala e escola habilitando as mulheres a tornarem-se independentes, à semelhança dos homens sem os constrangimentos impostos pelas convenções sociais. Baseado neste princípio, as mulheres seriam capazes de ocupar posições semelhantes no mundo do trabalho e na vida política de forma a serem menos descriminadas.

As libertárias anarquistas nunca defenderam uma política educacional propriamente dita, visavam uma mudança educacional a partir da reformulação pedagógico-didática. Para isso, adotaram os princípios da 'Escola Racionalista', idealizada por Francisco Ferrer, e da 'Escola Integral', idealizada por Robin. Foram estas as pedagogias experimentadas pelas anarcossindicalistas nas 'Escolas Modernas'.

A educação integral proposta pelo educador e pedagogo Paul Robin pressupunha uma educação onde o intelecto e o trabalho fossem igualmente privilegiados, um processo político baseado no direito de todos em se desenvolver livremente, não um ensino que forme uma classe trabalhadora e uma elite pensante. Para que tal educação se consolide, é preciso levar em conta o desenvolvimento físico, intelectual, moral e manual do indivíduo, seja ele homem ou mulher. Um sujeito educado politicamente, não alienado e, portanto, não explorado.

O movimento da Escola Moderna, orquestrado por Francisco Ferrer y Guardia, na Espanha, fundou, em 1901, a Escola Moderna de Barcelona, com os princípios da Educação racionalista, que prima pela idéia de liberdade, recebendo apoio dos anarquistas até mesmo no Brasil onde, em 1912, é fundada a Escola Moderna n.1 em São Paulo, seguida por outras escolas e cursos que mantinham a metodologia e a didática racionalista de Ferrer, onde a educação era considerada um ato político, nunca neutro, princípio este que se mantinha em consonância com os ideais anarquistas, que não acreditavam na neutralidade em nenhum campo (MORAES, 2000).

Não encontramos documentos que comprovem a existência de Escolas Modernas na cidade de Sorocaba, porém a memória coletiva dos operários revelada no Jornal apresentava muitos vestígios de que essa escola, existiu, talvez duas delas tenham funcionado na região, como apresentado em nota referente ao balanço da reunião da União Operária de Sorocaba, em que os operários decidiram sobre a fundação das escolas.

Essa dificuldade em encontrar documentos, pode também ser resultado da intensa perseguição que essas escolas sofreram no começo do século XX.

Em 1919 o diretor geral de instrução pública de São Paulo determinou o fechamento de todos os estabelecimentos de ensino fundados pelos libertários, alegando que estes não cumpriam as exigências legais de funcionamento, fato que se intensificou quando da perseguição aos anarcossindicalistas. Neste período, as escolas foram fechadas e seus professores perseguidos.

As mulheres de *O Operario* estavam, seguramente, implicadas com as ideias libertárias dos anarquistas. Elvira, a única brasileira que pudemos identificar, demonstrou em seus discursos o envolvimento com as ideias pedagógicas da Escola Moderna.

Os relatórios dos eventos expostos no Jornal, falavam dos assuntos proferidos por mulheres operárias e é possível perceber que esses estavam em consonância com as preocupações referentes ao universo operário.

A partir deste projeto, pudemos identificar que a Elvira, de *O Operario,* é a militante anarquista chamada Elvira Boni Lacerda, importante personagem na construção e consolidação do movimento operário brasileiro.

Constatamos, também, que as mulheres estavam presentes na cidade e foram sujeitos do movimento operário e da História, pois no período estudado elas constituíam grande parte das trabalhadoras da indústria têxtil na cidade de Sorocaba e no Brasil. Nas páginas de *O Operario* além do espaço reservado para seus escritos, os homens articulistas do periódico em questão, constantemente escreviam a respeito das condições insalubres de vida que estas mulheres estavam fadadas.

A memória do movimento operário da cidade, aos poucos, vai se revelando e tem sido alvo de pesquisa de estudiosos e artistas da cidade, a exemplo da montagem do espetáculo do Grupo Teatral Coletivo Cê que, durante os meses de novembro e dezembro, exibiu a peça *Desmedida* que resgata a história do Bairro da Chave, importante vila operária da cidade, localizada no então Distrito de Votorantim, elevado a município em 1963. Os atores invadiram o bairro, proporcionando aos expectadores um olhar sobre o começo da industrialização na cidade.

Esta pesquisa revelou a identidades de algumas mulheres escritoras do periódico *O Operario* e deu visibilidade aos seus discursos, ratificando que as mulheres estiveram presentes em mais um momento da história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998.

_____. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** São Paulo**.** v. 81, n. 197, p. 5-13, jan/abr. 2000.

ALVIN, Zuleika M. F. A participação política da mulher no início da industrialização em São Paulo. **REVISTA DE HISTÓRIA**. São Paulo, n. 114, abr. 1983. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/5089 >. Acesso em: 12 dez 2013.

ARAUJO NETO, Adalberto Coutinho. **Sorocaba operária:** ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897- 1920. Sorocaba: Crearte, 2005.

AZEVEDO, Fernando de. O Estado e a educação. In: A Educação e seus Problemas. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

BARREIRA, Carlos. Entre o profano e o sagrado: imagens De mulher nas páginas do jornal Sorocabano *o operário* (1909-1913). **Quaestio Revista de Estudos de Educação,** Sorocaba, . V.6, n. 4. 2004. Disponível em: < http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path%5B%5D=23.>. Acesso em 10 out 2012.

BOCK, Gisela. Pobreza feminina, maternidade e direito das mães na ascensão dos Estados-providência (1890-1950). In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Orgs.) **História das Mulheres:** O século XX. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

BONADIO, Geraldo. **Sorocaba:** a cidade industrial (Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril), São Paulo: autor, 2004.

BONDUKI, Nabil. **Notas e hipóteses preliminares sobre a habitação popular em São Paulo**. Relatório de pesquisa. Mimeo, 1980.

BORGES, Barsanufo G. **O despertar dos dormentes**. Goiânia: Editora UFG, 2000.

BORGES, Fragman Ramos Neto. **Nome de guerra**. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, 1963.

BOSCHETTI Vânia Regina; FERREIRA, Valdelice Borghi. Imprensa Operária: expressão das condições da mulher e dos movimentos sociais urbanos**. Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 42, 2011. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/42/art11_42.pdf>. Acesso em 06 abr 2012.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BROTTO, Renata Batista**. Médicos e padres:** maternidade e representações dos papéis sociais da mulher (1860-1870), 138p. **Dissertação (Mestrado em História)** – Programa em História, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1997.

CABRAL, Eugênia Melo. Primeiras histórias: o surgimento da imprensa feminina e feminista no Brasil. Biblioteca **On-line de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 01-05, 2008.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O Jornal e suas Representações: objeto ou fonte da história? In: 1º Encontro centro-oeste de história da mídia – ALCAR, 2012, Dourados, MS. **Caderno de resumos Comunicação & Mercado**. Dourados, MS: Centro Universitário da Grande Dourado, 2012. Disponível em: www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/7.pdf >Acesso em: 09 mai 2013.

CAMPOS, Raquel Discini. No rastro de velhos jornais: considerações sobre o uso da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História em Educação.** Campinas, V. 12, n. 1, 2012. Disponível em: < www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/320/306> Acesso em 03 mar 2013.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à história**. 5º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CARMO, Jefferson Carriello do. A fábrica têxtil em Sorocaba, imprensa operária e educação nos anos de 1889-1914. **Ideação**, Foz do Iguaçú, v. 8, nº 9, p. 23-37, 2006.

CARMO, Jefferson Carriello; SANDANO, Wilson. **A Imigração Italiana na cidade de Sorocaba e a experiência escolar no final do século XIX e inicio do XX.** Sorocaba: Uniso, 2008. Mimeo.

CARONE, Edgar. **A Primeira República (1889-1930)**. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados:** O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____, **A formação das almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALHEIRO, Carlos. **Memória operária**. Sorocaba: Crearte, 2009.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**.** Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. **A história cultural:** entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. A **emancipação da mulher e a imprensa feminina (séc. XIX séc.XX)** Disponível em: < http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/monografias/educacao.pdf> Acesso em 13 mai 2013.

COSTA, Emília Viotti, A nova face do movimento operário na Primeira República, **Revista Brasileira de História.** São Paulo**,** n. 2,p. 217-232, set. 1982.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta:** Periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

DEL ROIO, José Luiz. **Trabalhadores no Brasil:** imigração e industrialização**.** São Paulo: Ícone, 1990.

DESSOTTI, I. C. C. **História da educação de Votorantim:** do apito da fábrica à sineta da escola. Sorocaba, SP: Crearte, 2009

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.

DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. "Pósfacio: Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira." In: Úrsula. Atualização do texto e pósfacio idem. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas 2004.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres:** O século XIX. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

_____ **. História das mulheres:** O século XX. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

EHRENREICH, Barbara. Amor y Anarquia. Disponível em: <http://amoryanarquia.wordpress.com/2012/01/03/em-que-acredito-emma-goldman/> Acesso em: 23 dez 2013.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: Difel, 1976.

FERREIRA, Maria de Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FERREIRA, V. Borghi. **O movimento operário e a educação na imprensa sorocabana na Primeira República.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2009.

FERREIRA, V. Borghi; SANDANO, Wilson. Educação escolar e movimentos sociais no início da República (1889/1920**)**. **Revista HISTEDBR** on-line, n. 27, set. 2007, 172-178. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br. > Acesso em: 20 abril 2013.

FERRER Y GUÀRDIA, F. **La escuela moderna.** Madri: Ediciones Jucar, 1976.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. 5 ed. Petropólis-RJ: Vozes, 1987.

FREIRE, João e LOUSADA, Maria Alexandre. O neomalthusianismo na propaganda libertária. **Análise Social,** Lisboa v. XVIII, (p. 72-73-74), 1982. Disponivel em: < http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223461180E5bHL9jl7Ge12KE1.pdf> .

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do Século XIX**. Recife: Massangana, 1985.

GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer: o marti da escola moderna. **Revista Eletronica Pro-Posições.** v.24 n.2 Campinas May/Aug. 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072013000200015&script=sci_arttext> Acesso em: 13 out 2013.

GALLOTA, Brás Ciro. **A Imprensa italiana em São Paulo**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6, 2008, Niteroi. Grupo de Trabalho 1. Niterói: 2008, p. 73.

GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XII e XIII. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres**: do Renascimento à Idade Moderna. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In**:** FRAISSE, Geneviève ;PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres:** O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In**:** FRAISSE, Geneviève ;PERROT, Michelle (org.). **História das mulheres:** o século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GOMES, Angela de Castro. **Velhos militantes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GONÇALVES, Caroline. Alma e Vida: Os deslocamentos de Ernestina Lesina, o Cotidiano e a Luta das Mulheres Operárias**,** In: **Anais do XXVI** SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo: ANPUH, 2011.

GONTIJO, R. História, cultura, política e sociabilidade intelectual In: SOIHET Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA , Maria de Fátima S.. **Culturas Políticas**: ensaios

de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 259-284.

GONZALES, Jorge Luiz Cammarano e SANDANO, Wilson. A Formação da Educação Escolar Pública em Sorocaba 1850-1880. **Revista HISTEDBR on-line**. Campinas, n. 16, p. 36-60, dez. 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br. >. Acesso em: 20 abril 2013.

GROSSMAN, Hadassa. **A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889 a 1922:** Uma exposição Sumária, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot. **A estratégia do desterro (situação operária e contradições da política cultural anarquista/Brasil, 1889-1922)**. 1980. 280 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Campinas, Campinas, 1980.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. A construção de vilas operárias no Sul do Brasil. **REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES** Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98 V. VII, n. 146(p. 80), 1 de agos 2003. Disponível em: < http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146(080).htm> Acesso em: 24 out 2013.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**, 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KASSICK, Neiva Beron. **Os caminhos da ruptura do autoritarismo pedagógico:** a ruptura das relações autoritárias para a construção coletiva do conhecimento. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

KOWARICK, Lúcio; ANT, Clara. **O cortiço, sua história e atualidade**. São Paulo, Mimeo, 1981.

LIMA , Joelma Varão . “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na Corte. **Cad. CERU**. São Paulo, vol. 21, n º 2 , dez 2010. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11926> Acesso em: 22 ago 2013.

LIMA, Junia de Souza. **Fiandeiras e tecelãs**: O cotidiano de operárias têxteis fabris em Minas Gerais no final do século XIX - Um estudo na Cia. de Fiação e tecidos Cedro e Cachoeira (1872-1930), s/d

LINS, Ana Maria Moura. **A ciência dos homens versus Educação**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós Graduação em História. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 1985. 166p.

LOBO, Luiza Juana Manso: Uma exilada em três pátrias**. Gênero**. Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-74, 2009.

LOPES, Eliane da Silva. **Fragmentos de mulher**: dimensões da trabalhadora 1900 -1922. (Dissertação de Mestrado) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula **In:** DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed.-São Paulo: Contexto, 1997.

_____. Prendas e antiprendas: Educando a mulher gaúcha. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul/dez. 1986.

LUCA Tania Regina de e MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. Recôndito do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil – República**: da Belleépoque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p. 368-421.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890 – 1920)**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1979.

MARTINS, Ana Luiza. **Gabinetes de leitura da província de São Paulo:** A pluralidade de um espaço esquecido 1847 – 1890. (Dissertação de Mestrado), Departamento de História FFLCH – USP. São Paulo, 1990.

MARTINS, Emílio Matos e PIERANTI, Octavio Penna. Nelson Werneck Sodré e "História da Imprensa no Brasil": uma análise da relação entre Estado e Meios de Comunicação de Massa. INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UnB Set 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **Um breve histórico das representações do corpo feminino na sociedade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p. 243.

MENON, Og Natal. **Educação Escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República.** 2000. 3 v. Tese (Doutorado em História) - Educação, História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930).** Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) Franca: Unesp, 2010. . disponível em:http://www.franca.unesp.br/poshistoria/samanta.pdf. Acesso em: 12 de mai 2013.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. **Mulheres do século xx:** memórias de trajetórias de vidas, suas representações (1936 a 2000). Curitiba, 2004.

MINARDI, Ines Manuel . Trajetórias de luta: Mulheres Imigrantes Italianas Anarquistas. **Anais do XIX Encontro Regional de História da ANPUH/SP - USP**. São Paulo, set 2008. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads /CD% 20X IX /PD F/Autores % 20e % 20Artigos/Ines%20M.%20Minardi.pdf> Acesso em: 06 abr 2013 .

MORAES, J. D. de. **A Trajetória educacional anarquista na Primeira República**: das escolas aos centros de cultura, 282 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Educação/UNICAMP, 1999.

MORIN, Tânia Maria Machado. **Práticas e representação das mulheres na Revolução Francesa: 1789-1795,** 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. **Mulheres e menores no trabalho industrial**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982.

MUZART, Zahidé Lupinacci**.** "Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX". **Estudos Feministas**, volume 11, número 01, Florianópolis, 2003. 225-233.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

O OPERARIO. Edição fac-similar. Organização: CARVALHO, Rogério L. Pinheiro. Sorocaba: Crearte, LINC/PMS, 2007.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para investigações do comportamento humano no meio urbano. IN: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, Editores, 1976.

PASCAL, Maria Aparecida. A pedagogia Libertária, um resgate histórico. In: **Educar para o trabalho**: estudos sobre os novos paradigmas. São Paulo, Editora Arauco, 2006.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e Prisioneiros. Rio de Janeiro:Ed. Paz e Terra, 1988.

_____. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Ainda o Movimento Operário como Objeto Historiográfico.** Porto Alegre/ PPG em História da UFRGS. 66-78. Dezembro 1990.

PINHEIRO e HALL, Paulo Sérgio e Michael M. **A Classe Operária no Brasil:** Condições de Vida e de Trabalho, Relações com os Empresários e Estado. Campinas-SP: Funcamp, 1981.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.

RAGO, Margareth. GUIMARÃES, Renato Aluízio de Oliveira (orgs). **Narrar o passado, repensar a história.** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp:Campinas, 2000.

_____. Anarquismo feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Do Cabaré ao Lar – a utopia da cidade disciplinar (1890 - 1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil**. In: Olhares Feministas**. Brasilia: Ministério da Educação: UNESCO, 2007.

_____. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.); **História das mulheres no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RODRIGUES, Edgar. **História do Movimento Anarquista no Brasil**. Florianópolis: Editora Insular, 1999.

_____. **Pequeno Dicionário de Idéias Libertárias.** Rio de Janeiro: CC&P Editores, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda,1976.

SAVELLI, Ivete Maria e VASCONCELLOS, Eliane. **A imprensa feminina**. Verbo de Minas. Juiz de Fora, v.5, p. 89 - 102, 2006.

SAVIANI, Dermeval. A Escola Pública Brasileira no Longo do Século XX (1890-2001). In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2., 2004,** Curitiba, PR. Anais... Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. Disponível em: < http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/483.pdf>. Acesso em: 20 set, 2013.

SCOTT, Joan. A História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp niversidade Estadual Paulista, 1992.

_____. A mulher trabalhadora. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **A história das mulheres**: o séc. XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

SILVA, Régia Agostinho. “A mente essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão”. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SILVA, Wesley Carlos da. **Cianê:** auge, decadência e outras histórias. Sorocaba/SP: do autor, 2009.

SLEDZIEWKI, Élisabeth G. Revoluçao Francesa. A Viragem. In**:** DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Orgs.). **História das Mulheres:** O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

SOARES, Maria Ângela Lau Pereira. **Visão da Modernidade:** A Presença Britânica no Gabinete de Leitura (1837-1838), 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

SONNET, Martine. Uma filha para educar In**:** DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Orgs.). **História das Mulheres:** do Renascimento à Idade Moderna. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A Classe Operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SOUZA, Cássia R. S. Rodrigues. Periódicos Feministas do Século X IX: Um Chamado à Resistência Feminina. ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - RIO. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/133 7815812_ ARQUIV O_ARTIGOANPUH2012.pdf Acesso em 08/02/2013.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. **O Legado educacional do Século XIX**. Araraquara: UNESP- Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras**.** In**:** DEL PRIORI, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2.ed.São Paulo: Contexto, 1997.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRAGTENBERG Maurício. "Memorial". In: **Educação & Sociedade** – Ano XIX – Nº 65 – Dezembro de 1998. Campinas: Cedes, 1988, p. 07-20.

VIANNA, Lucia Helena. Mulheres Revolucionárias de 30. In: **GÊNERO**: Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero – NUTEG. Niterói: IOF, 2000.

WALKOWITZ, Judith R. Sexualidades perigosas.In**:** FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). **História das mulheres:** O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**. A renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003.

WOITOWICZ, Karina Janz. Ecos de uma história silenciosa das mulheres. **Revista ESTUDOS FEMINISTAS**. Florianópolis, n. 1, jan. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100024&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jan 2012.

ANEXO – Artigos do jornal *O Operario*

1.N. Coli. Augurio. O Operario, Sorocaba, n. 1, p. 2, 18 de julho de 1909. Fac-similar p. 2 .

2.Editorial. O Operario. O Operario, Sorocaba, n. 1, p. 1, 18 de julho de 1909. Fac-similar, p. 1. Fac-similar, p. 1 .

3.N. Coli. Come Divenni Socialista. O Operario, Sorocaba, n. 1, p. 2, 18 de julho de 1909. Fac-similar, p. 2 .

4.R. Porque os operários são religiosos. O Operario, Sorocaba, n. 165, p. 1, 12 de janeiro de 1913. Fac-similar, p. 546 .

5.Editorial. Monopolio!!!. O Operario, Sorocaba, n. 3, p. 1, 22 de agosto de 1909. Fac-similar, p. 8 .

6.Editorial. A situação operaria. O Operario, Sorocaba, n. 9, p. 1, 31 de outubro de 1909. Fac-similar, p. 28 (p. 51).Baptista de Santis. Democracia e Instrução. O Operario, Sorocaba, n. 66, p. 2, 1 de janeiro de 1911. Fac-similar, p. 239 .

7.Editorial. Francisco Ferrer. O Operario, Sorocaba, n. 9, p. 3, 31 de outubro de 1909. Fac-similar, p. 30 .

8.Editorial. A união operaria. O Operario, Sorocaba, n. 128, p. 2, 14 de abril de 1912. Fac-similar, p. 435 Elvira. O Divorcio. O Operario, Sorocaba, n. 154, p. 1-2, 27 de outubro de 1912. Fac-similar, p. 512/513 .

9.Editorial. União operaria. O Operario, Sorocaba, n. 134, p. 2, 26 de maio de 1912. Fac-similar, p. 453.

10.Editorial. Mais uma merecedora de estrondosa manifestação. O Operario, Sorocaba, n. 16, p. 2, 2 de janeiro de 1910. Fac-similar, p. 46.

11.Fausta. O que é a vida? O Operario, Sorocaba, n. 133, p. 2, 19 de maio de 1912. Fac-similar, p. 450 .

12.Elvira. Projeto grandioso. O Operario, Sorocaba, n. 151, p. 1, 6 de outubro de 1912. Fac-similar, p. 503 .

13.Uma operaria. As mães operarias. O Operario, Sorocaba, n. 115, p. 1, 31 de dezembro de 1911. Fac-similar, p. 395 .

14.Elvira. A burguesa e a anarchista. O Operario, Sorocaba, n. 165, p. 1, 12 de janeiro de 1913. Fac-similar, p. 546.

15.Leonina. Para os nossos filhos por uma amiga de infância. O Operario, Sorocaba, n. 20, p. 3, 30 de janeiro de 1910. Fac-similar, p. 59 .

16. Ernestina Lesina. A caminho do fim?. O Operario, Sorocaba, n. 13, p. 3, 12 de dezembro de 1909. Fac-similar, p. 40 .
17. Nelly Roussel. Amor fecundo e amor estéril. O Operario, Sorocaba, n. 14, p. 2, 19 de dezembro de 1910. Fac-similar, p. 43.
18. Joana Doubais. A greve dos ventres. O Operario, Sorocaba, n. 20, p. 2, 30 de janeiro de 1910. Fac-similar, p. 58 .

EXPEDIENTE
"O Operario"

Orgam de uma Associação Operaria para a defesa da Classe.

Publicação Quinzenal

Assignaturas $200 Reis mensaes Pagamentos adiantados.

As pessôas de fóra que quizer lêr O Operario, deve mandar a esta Redacção, o Nome, o n. da Casa que reside, Rua Cidade e o Estado.

A Redacção não se responsabilisa pelas idéas de seus Collaboradores.

Não se devolve originaes mesmo não publicados.

Toda a Correspondencia deve ser dirigida a Rua Coronel Cavalleiros n. 23

SOROCABA

E. S. PAULO

desmarcando-se aqui e alli, em brutalidades e asperezas, que precisam ser contidas, ou por uma nova orientação de iniciativas particulares, ou por iniciativa do poder publico, que tem, tambem, obrigações attinentes a vigiar e a premunir a saude das camadas populares tão escurecidas por numerosos problemas afflictivos da, apparentemente brilhante, existencia da sociedade contemporanea.

Vimos, neste ponto, por sem duvida, para reagir—em favor dos seres fracos, cujas condições de precariedade physica pedem remedio urgente; e, noutro ponto, para a demonstração de que o operario não é um *servo da gleba*, porque revivescencias feudaes são impossiveis nos dias que correm, e sim um cidadão, como qualquer outro, escravisando sómente o seu braço pela lei natural do trabalho e por amor às leis sociaes da permanencia da Familia, mas com direitos adquiridos, por uma já longa civilisação, á independencia individual da consciencia. E', pois, o nosso *desideratum* alevantadamente humano, moralisadamente social: vimos prègar e trabalhar para conseguir a união, a solidariedade, o mutualismo entre os nossos operarios.

A união não faz sòmente a força classica, constitue, ainda, uma homogeneidade de aggremiação, uma unidade de vistas, uma synergia de organisação, que impõe o respeito e o recúo ás tentativas de ordem mercantilisadora o inferior; e traz o consolo aos que se vão enfraquecendo, e uma esperança e auxilio aos que se sentem inferior, entre as agruras do trabalho; e redundará num beneficio ás victimas das injustiças inherentes á natureza falliveis do homem. Unidos, tudo conseguiremos, dentro do Direito e da Justiça: desmembrados, não passaremos de forças dispersas e fragmentarias, desmorteando-se e embatendo-se, na impotencia confessa e imilludivel duma reacção salutar ou dum melhoramento satisfactorio.

Os intuitos esboçados e que nos esforçaremos por cumprir na medida de nossos recursos, não decorrem, certamente, duma fonte ou origem suspeita—mas exclusiva e fundamentalmente do estudo calmo e da serena analyse do estado psychico, das aspirações justas, de todos os sentimentos que comprimem e carregam de apprehensões a alma energica e vibrante do operariado de Sorocaba: por outro iman não propenderá a direcção dos combates do *Operario*, cuja bandeira é paz sem transigencias de espirito e è amor sem fraquezas de coração.

AUGURIO

Salve! a voi compagni dell' *Operario* che a forza di sacrifici sapeste scuotere le coscienze dei vostri compagni di sventura, facendo conoscer loro la necessità di avere um giornale proprio per difenderci. e combattere tutte quelle aspre battaglie fra capitale e lavoro che si presenteranno, per sgombrare sempre piu la via al proletariato per la sua emancipazione.

A voi o compagni redattori dell' *Operario* vi giunga gradito il mio saluto di incoraggiamento, per la lotta altamente umanitaria coll' educazione colle masse operaie, che con slancio e amore saprete intraprendere, nella certezza che, con la vostra intelligenza forza di volontá, getterete in questa ridente Sorocaba, un bagliore di organizzazione per l' emancipazione dell, operaio.

Sia con voi l' unione e l' armonia unendo i vostri pensieri a pró della grande riscossa che dovrà avvenire fra non molto, se veramente sarete uomini e come tali saprete agire risoluti.

Salve! ancora a voi tutti augurando che il novello baluardo di civiltà sappia tenere sempre alto, la bandiera dell' indipendenza e della libertà.

N. Coli,

COME DIVENNI SOCIALISTA

Non è certamente leggendo o sentendo narrare delle avventure socialiste chè si puó divenir tali; ma coll' esser vissuti in ambiente assolutamente sano, dove gli uomini combattono con tenacia tutte quelle piccole miserie sociale: come l' ipocrisia menzogna e sottefugio; dove ogni senso di libertá e di eguaglianza sociale lè spone per la convinzione completa dei piu increduli alla nostra dottrina.

Io da giovinetto quando ancora il mio cervello non aveva un orientazione fissa, sentivo un sentimento vago, indistinto, che mi faceva passare lunghe ore assorto in profondi pensieri, esaminando, secondo la mia fiacca intelligenza, tutte le ingiustizie umane che gli uomini dovevano soffrire. Poi hó vissuto molto tempo fra il popolo, ed ho imparato ad amarlo, perché l' ho conosciuto generoso, leale, altero sempre; tranne qualche falso, che rivestito del nome di libèro pensatore, s' internava nelle nostre file per seminare discordie.

E cosi, ho cominciato a dar forma a questo sentimento indistinto che sentivo agitarsi nell anima mia, e piano piano con buoni aiuti, (leggo molto) sono riuscito a fare della mia coscienza il Santuario dell' Idea e vorrei far ora tanto. tanto bene.

S. Paulo 20 Giugno 1900

N. Lico

La ragione . . . per cui

Un nuovo giornale? Ma perche?

Forse se ne sente proprio bisogno, mentre ve ne sono già sparsi tanti nella capitale e nell' interno dello stato? In verita, dei giornali vene sono molti troppi anche, ma di quei che si dedicano al vero apostolato di redenzione, di quei buoni insomma che stiano all' avanguardia dei combattimenti sociali moderni, che indichino alla famiglia del lavoratore il cammino dell umana solidarietá ove tutti avranno pane, ove l' istruirsi non sarà un privilegio, ne contiamo davvero ben pochi—quindi.

Se un nuovo sorge non può essere se non motivo di gioia "L' Operario" ideato da operai, mantenuto da operai che fra breve uscirà qui nella nostra Sorocaba colmerá, parmi una lacuna. E sia il benvenuto dunque, in questo momento acuto in cui le forze, le passioni la perversità e l' ingordizia padronale si scozzano fra loro e amareggiano tutta la classe lavoratrice—Sia esso la fiaccola in luce che illuminerà il nuova fiamma la vita operaia indicandole il retto sentiero per combattere le battaglie moderne, per rivendicare i diritti—Apra gli occhi, ed a occhi ai ciechi, ed a coloro che non vogliono vedere come la miseria la cui sono avvinti e, opera di loro stessi perché coltivano, adunano invece d' infrangere l' odiata nemica—la broghesia Vero è che la societa non portorisce senza dolore ma è altresi vero che la miseria dell operaio non è una legge di natura—Ragione per cui il giornale che sorge sotte gli auspici dei lavoratori saprá convincerli che le moltitudini operai esercitano il loro sacro santo diritto quando con sforzi vostri o circoscritti, fornuati o sfortunati incitano la loro classe a migliorare il proprio stato escogitando nuovi problemi e forme di funzioni sociali per riformare l' attuale societá decrepita e venale. Un antico filosofo diceva « Che cosa sarà di noi se ci abbandona il panettiere?»

La povertà dicono i preti (specialmente quei grassi ben pasciuti) alimenta la filosofia cristiana, e pone a prova la nostra rassegnazione—Sul pane diciamo noi, si batano tutte le più alte idealità tutte le piu ardite imprese dello spirito, *Ragione per cui* il piu convincente, il piú logico, sarà sempre quello che saprà fabricare per acquistare le esigenze dello stomaco.

(Misko Fota.)

PELA LIBERDADE

Quanto é sublime a missão de uma imprensa livre e independente na defeza dos oppressos.

De pouco a pouco, vai desapparecendo essa nuvem negra do despotismo feudal, que com suas sombras tenebrosas, procuram encobrir um direito sagrado, independente de tudo e acima de tudo « *que é a liberdade de pensamento.* »

Não é com estas pallidas linhas que venho doutrinar um ideal, mas é para scintificar que em todas as camadas sociaes devem ter uma representação daquelles que vivem numa obscuridade profunda, serviado como verdadeiros escravos submissos ao senhor.

O OPERARIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

SOROCABA, 12 DE JANEIRO DE 1913 — ANNO IV — NUM. 165

A Burgueza e a Anarchista

A irregularidade e a falsidade de muitos individuos depende da educação que receberam na sua infancia. Tanto o homem como a mulher modernos passam de um estado ao outro sem enthusiasmo, sem fé.

A mulher especialmente o unico fim que ella aspira é aquelle de ter uma casa propria, de brilhar segundo o gráu e de gosar todos os prazeres. As moças ricas se fazem esposas e mães sem verem o verdadeiro senso da vida na maternidade!— os filhos são sempre um accidende de desagrado que lhe desforma o corpo e consomalhe a belleza—mais o senso da vida o procuram nos prazeres amorosos, na comodidade, nas relações mundanas.

A mulher moderna é apaixonada, é ebria de todas estas vaidades e cria os filhos como foi criada e educada: os nutre delicadamente, ensina-lhe, não as normas que os rendem capazes do sacrificio, do trabalho e de energia, mais tudo o que destes os deve livral-os e os rende seres inutis a sociedade, ociosos, ipocritas, perversos, perseguidores como os nossos orgão da *justiça*. Se estas mulheres não são mundanas mais burguezas, e que o marido faça de tudo para accumular riquezas, aproveitando o trabalho alheio, ellas auxiliarão os maridos na obra de explorar, e como ellas e os pais, educarão os filhos deshonestos e rapinas. Destarte vêmos essas mulheres estimarem as pessoas não pelo o que ellas são, mas pelo que essas pessoas trazem de herança, ou adquirem desta ou d'aquella forma, tanto roubado como de explorar o trabalho alheio, escolhendo para seu filho uma mulher como ellas ou para sua filha um homem como o seu marido, explorador e cruel.

A verdadeira mãe, a mãe idéal, diferente destes tipos, prepara os seus filhos ao trabalho, ensina-lhe o sacrificio, desenvolve-lhe a energia e a sua vontade. Esta è a verdadeira anarchista porque diz a seus filhos que o trabalho é a primeira condição da vida, é a primeira lei natural, o trabalho é santo, enobrece o homem que é a alma do mundo, e n'estes preceitos mais de que em qualquer instrucção, forma o verdadeiro homem. Uma mulher destas, longe está de impellir seu marido para um trabalho falço que tem o unico fim a exploração do trabalho alheio, o persuadirá desse proposito, lhe falará que o amôr nos deve render todos irmãos, que o trabalho deve ser igual para todos os homens, que accumulação da verdadeira riqueza está no accumular todos os bons sentimentos na consciencia e no coração.

Uma mãe anarchica não escolherá para sua filha um marido usurpador e perverso, mas um homem amante do trabalho, rico de bondade e de energia e desprezará tudo quanto for contra a esses principios. Uma mãe anarchica não ambiciona para seus filhos e seu companheiro, cargas de cruzes, diplomas e galões que dão o direito de explorar o trabalho dos outros, mas ensinará a seus filhos a energia do dever na vida pratica, ainda com o custo da propria vida, porque sabe que nesse dever consiste a verdadeira felicidade. A verdadeira mãe! oh, sublime realidade das gerações futuras, este tipo de mãe anarchica é o sonho de todos os corações bons, a luz inacessivel da humanidade nova, fundada sobre as bases do trabalho e do amor. Na mulher anarchica está pois a salvação do mundo.

Elvira

Papel Leão —em caixa com envellopes no «Clarim».

Porque os operarios são religiosos

Não importa que mil maldições cahem sobre mim, que todas as escomuniões pesam sobre meus ombros e todas as ameaças sobre a minha cabeça. O que digo é a verdade e desafio quem me conteste o que escrevo nestas linhas.

O homem é religioso porque durante oitos longos seculos a greja catholica imperou em todo o universo sem nunca dar um passo em beneficio dos trabalhadores, ao contrario os explorou sempre vilmente e os explora até em nossos dias com os taes sacramentos e em muitas partes d'America escravisa os indios enfligindo-lhe castigos horriveis, nunca se preocupou com a instrucção dos operarios, mas ensinando-lhe sempre mentiras, para humilial-o e conserval-o como uma besta, abrindo-lhe a porta de todos os crimes com o perdão do confissionario, o homem mata, rouba, deshonra, depois arepende-se e conta ao padre, este o absolve e torna se um santo puro para no dia seguinte continuar as suas façanhas e os seus crimes. Este é o que o operario quer, que o atolerem e lhe perdôam todas as suas faltas para ganhar um cantinho no paraizo. Por isto nós livre pensadores somos odiado e maldiçoados dos operarios inconscientes, porque lhe vedamos os crimes e lhe apontamos a consciencia, a perpetua accusadora, que os castiga durante a vida com o remorso. Somos detestados por elles porque lhe ensinamos a verdade e todos os meios de manifestarem os pensamentos por meio da escripta ou da pallavra, e isto custa um pouco de sacrificio, mostrando-lhe a differença que existe entre o crêr e o saber: combatemos todos os vicios que depravam o individuo, ao passo que a igreja atolera tudo, basta que creiam em suas mentiras e se deixem tosquiar sempre a lã, por isso soffrem uma contrariedade e prefiram fugir de nós para correr na igreja.

A mulher é devota e nós detesta quando lutamos para amancipal-a. Livrar a mulher das calunias seculares, das convenções ridiculas, do carolismo, do fanatismo, da superstição, da vaidade, da prostituição legal ou tolerada, dos perigos de faceis suggestões e das romanticas e quão irrealisaveis fansasias morbosas, é conquistar todo o seu odio. Ella ama os padres, porque os santos da igreja diziam della o que nós nunca nem de leve formemos esse juizo.

Vejamos: S. João Damasceno sustenta que a mulher é uma serpente envenenada; S. Agostinho esclama. a mulher é a seiva do peccado; S. Antonio diz: a mulher é algo peior do que o demonio. O Demonio andava sò, a mulher anda com o demonio; S. Paulo antes cuja imagem se curvam as moças, rogando-lhe que as une ao eleito do seu coração. dizia da mulher: E' uma vibora infernal, um ser tão miseravel que atè o beijo de mãe é impuro.

Outro santo dizia que o inferno está calcado de linguas de mulheres: no concilio de Latrão chegaram a negar a alma na mulher.

Se ouver quem queira desmentir-me, eu me comprometto exhibir os livros em publico, para julgar se è verdade ou mentira. A mulher como o homem cristalisada na fé do perdão do confissionario, foge das conferencias instructivas, abandona o lar, o esposo e os filhos para ouvir as palavras carinhosas do padre que ha suggestiona com as imagens, com pinturas, com armamentos, a perfuma com incenso e carinhos e lhe promette tambem um cantinho no céo. Prohiba-lhe a leitura de livros instructivos, de jornaes e re-

O OPERARIO

Orgam de Defesa da Classe "Operaria"

PUBLICAÇÃO QUINZENAL — COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO I — SOROCABA, 18 DE JULHO DE 1909 — NUM. 1

"O OPERARIO,,

Antes do nosso apparecimento, já merecemos a honra de um combate: attribuiram-nos uma origem mesquinha, a causa embryonaria duma paternidade politica, claramente apontada. Neste presupposto, atacaram o que apenas se esboçava, o projecto desta publicação, que visa um *desideratum* muito legitimo, qual o de conseguir a união ou a solidariedade da familia operaria de Sorocaba—necessariamente para o exercicio de sua actividade, dentro das nórmas moralisadoras que nos faculta a cultura democratica, e de maneira a serem progressivamente acautelados e defendidos os interesses respeitaveis da classe, por um tirocinio regular, sem reacções intempestivas, nem movimentos inconfessaveis de esteril tumulto.

Não pretendendo, ostensivamente, qualquer ligação partidaria no municipio, porque nosso fito é outro, teremos, todavia, em occasiões opportunas, de lançar a publico uma serie de verdades orientadoras da conducta do operariado, cuja educação civica percisa ser completada, nem tanto para o conhecimento lucido de seus deveres para com a Patria, quanto para a propria valorisação individual, de que resultará, integra e perfeita, a concepção de seus direitos de espirito e de consciencia. Longe de nós a fatuidade ou a veleidade de julgarmos que vamos, pela nossa proficiencia e pela nossa só propaganda, conseguir tão magno objectivo: o nosso esforço, a que dedicaremos perseverança e um methodo mais ou menos racional, valerá por uma tentativa, atirada com bôa vontade. *Majora potentes*: outros nos darão auxilios e luzes, temos disso certeza; os espiritos cultos, comprehendendo facilmente o nosso intuito, não se dedignarão de nos acompanhar na róta traçada e de nos offerecer o seu braço, para a continuação da cruzada que antevemos, mas com desassombro, iniçada de obstaculos e dissabores; e nós nos daremos por compensadissimos, ante o fructificar duma idéa, muito modesta segundo as nossas forças e que não germinou dentre a sementeira dos odios ou perseguições de qualquer partidarismo.

As nossas convicções vêm formadas e amadurecidas desde muito, de molde a sustentarem se sem basofia e a usarem do vigor combativo, sem necessidade de violencia de linguagem. Inclinar-nos-emos sempre para o terreno limpo, para a serena região, donde a polemica não deslise para os baixios mal-sãos das lutas pessôaes, porque o nosso fim maximo é o de elucidar as questões, discutil-as ao lume dos principios, encaminhando-as e canalisando-as no diapasão correntio, que não aggrida sensibilidades, porém acarrete suggestões, impressione o cérebro, faça pensar e reconhecer direitos. O que não obstará a que não declinemos da energia precisa para impor certas verdades, em que se crystallisaram conquistas do espirito actual da civilisação humana; e para repellir conceitos, que nos attinjam o brio e tendam, mediante uma phraseologia vasia e falsa, a figurar-nos numa situação incompativel com aquellas conquistas e deprimente á nossa cultura de operarios, mas de um trabalho que já tem sua carta de alforria mais que secular.

Assim é que senhores muito sisudos, antes de nos conhecerem, muito sisudamente nos aconselham que devemos fugir de tudo quanto nos envolva nas *lides politicas*, porquanto a politica do operario é o *trabalho honesto*, que lhe proporciona a subsistencia e á sua familia: o que não podemos deixar passar sem protesto, pela completa noção que temos adquirido do que são e valem certas e muito apregoadas *operariophilias*, si nos permittem a palavra. Percebemos ahi, nisso, e no mais em que se condensou uma *paternal* advertencia, uma atormentada e apprehensiva intenção de quem pretende que as cousas se conservem como estão no dominio das *conquistas* e dos *direitos* usufruidos pelo operariado nesta cidade industrial por excellencia: não se esconde um retrogrado proposito de manter a digna classe na situação actual—com trabalho nem sempre bem remunerado e bem entendido sob o ponto de vista da economia physica, mas sem o minimo exercicio effectivo da menor das liberdades espirituaes de ha muito adquiridas, desde a queda da Bastilha, onde residiam os resquicios e accumulos expressivos do feudalismo e da escravidão do mundo antigo.

O *Operario* propõe-se mostrar, gradativamente, sem as graves perturbações temidas por espiritos incultos, que o regimen do obscurantismo, neste paiz concretisado no regimen dos *caçadores de indios* e dos *Capitães-móres*, não póde subsistir, nem reviver sob uma sujeição de nova especie; e que "o Estado moderno reconhece *todos os direitos do homem*, tendo supprimido a escravidão como uma injustiça... O homem não tem mais a propriedade do homem, não é mais uma *cousa*, mas um *ser juridico*. O trabalho é livre e estimado, tomando todas as classes, politicamente, parte no Estado, e sendo extensivo aos operarios e aos famulos o direito publico do voto»—palavras estas dum preclaro publicista allemão. Tudo quanto, neste sentido, fôra dos horisontes estreitos deste futuroso recanto de S. Paulo, é havido por conquista nobilitante do espirito humano na actualidade e posto em pratica no exercicio das liberdades hoje abrigadas em todos os estatutos constitucionaes, menos no do Congo e das regiões circumjacentes—vamos tentar implantar entre nós sem estrepito, nem alvoroços, não só pelos nossos modestos cabedaes e os que nos virão em soccorro, como, e principalmente, pelas lições e ensinamentos dos philosophos luminares cuja vida se tem escôado no amago das multidões soffredoras, dos centros do Trabalho, procurando-lhes quotidianamente o coração para, na quebra do rythmo e do isochronysmo das palpitações, estudar e medir as necessidades e as angustias dos convivas pacientes das machinas monstruosas do hodierno industrialismo.

Em que pese ás maledicencias, estão inscriptas em nossa bandeira de combate os fulgurantes verbos Paz e Amor, em bôa hora lembrados pelo primeiro magistrado da Republica: paz com áquelles que nos dão o trabalho e nos merecem respeito e o amor reciproco, christão, unindo todas as camadas, sem distincção de raças e de credos do vasto corpo trabalhador de Sorocaba. Não vimos guerrear a torto e a direito, sem programma: procuraremos doutrinar, com a ajuda de ponderosas observações de fôra e dos exemplos de casa. Seria irrisorio pretender, e muito mais divulgar, que a organisação do trabalho, em nossos estabelecimentos industriaes, é perfeita, attendendo, simultaneamente, aos interesses dos patrões e de seus subordinados: faz-se mister convencer que o operario dá o trabalho, o suor de seus braços, pelo pão de sua subsistencia e da subsistencia de seus filhos, não abdicando, porém, direitos que entendem com o seu fôro intimo, com a sua consciencia, e dizem com a altivez natural do homem a quem o Creador concedeu, a par da verticalidade da estatura, uma intelligencia, que por vezes se submette e parece adormecida, mas para um dia acordar e levantar-se melhor. Fôra ridiculo pretender, e muito mais assoalhar, que dentro das fabricas da industria sorocabana corre uma atmosphera paradisiaca, cortada ou repassada de hymnos festivos: existe ahi uma turba de mulheres e crianças. Onde ha crianças e mulheres, obrigadas ao trabalho diario, continuado, para ganhar o pão, ha igualmente penosos soffrimentos, phenomenos anormaes de ruinas physicas precoces, de risco immanente e crescente ás porvindouras gerações pobres: o trabalho nem sempre é commedido e adaptado á economia de taes creaturas,

Estamos Vencendo

Quando iniciamos a publicação deste jornal, fructo de enormes sacrificios e não pequenas contrariedades, o nosso fim principal, o nosso programma em summa, fora o de defender em todo terreno a classe opprimida que é e tem sido como todos sabem, a do proletariado.

Revestidos de coragem, munidos da mais risonha esperança, enveredamo-nos atrevidamente pela arena da imprensa independente, cavando masmorras aos prepotentes, aos bipedes tyrannos, aos corações de gelo, e mostrando ás victimas innocentes, aos miseros submissos, qual devia ser o seu procedimento, quaes os seus deveres quaes os seus direitos.

Doze mezes ja são decorridos, doze mezes sim, em que o nosso espirito tem trabalhado em favor dos que precisam, em favor dos que soffrem sem murmurar uma queixa, envolvidos nas trevas da ignorancia, como si fossem seres irracionaes, sem vontade, sem pundonor, sem nada.

As ameaças que hão surgido por ahi contra nós, nenhum receio tem nos infundido, porquanto só verberamos a verdade, por mais terrivel que seja, attinga quem atingir, e aqui esperamos impavidos a contestação do que affirmamos, certos de que não as virão, pois do contrario já poderiamos ter sido processados por mais de uma vez, em virtude das pezadas denuncias que lançamos em publico, minuciando occurrencias vergonhosas e até criminosas.

Que estamos vencendo não resta duvida alguma; basta notar se que as nossas reclamações tem diminuido um pouco, o que prova exhuberantemente que a cousa vae melhor, que já se não praticam tantas patifarias como outróra, que o receio de figurarem nas columnas *d'O Operario como illustres personagens*, tem contribuido directa ou indirectamente para a realização do nosso ideal.

Antes do apparecimento do nosso modesto jornal, quando a obscuridade dos pobres operarios era, por assim dizer muralha que occultava a mais requintada malvadez, quantos e quantos não succumbiram debaixo do fardo tremendo de um trabalho excessivo e miseravelmente pago.

Agora, porém, que a luz da verdade irradia por todos os lados, que se exhumam os cadaveres putrefactos de iniquas perseguições, de abusos intoleraveis, de vinganças mesquinhas, a vergonha, o caracter, a honradez, a amizade leal e desinteressada que até ha pouco não existiam, já se vão fazendo sentir e temos esperança que mais tarde, quando a comprehensão do dever de cada um penetrar no espirito de todos, como um balsamo salvador, abrir-se-á para a classe operaria uma nova éra, em que a alegria ha de ser o mais precioso incentivo da sua não menos preciosa existencia.

Quanto a creação e manutenção de escolas para a educação dos operarios, por conta dos respectivos industriaes, foi objecto de varios argumentos nossos, nada porém produziu, pelo facto, está claro, da completa indifferença que reina no espirito dos senhores patronatos em favor da classe operaria, unica que sabe soffrer sem oppor resistencia.

O governo porém, num rasgo de verdadeiro sentimento de humanidade, remediou esse mal, sanccionando uma Lei que estabelece escolas nocturnas para adultos, maiores de quatorze annos, nos diversos pontos industriaes do Estado.

A creação e funccionamento dessas escolas vem, é incontestavel, melhorar muito a condição actual dos operarios, que, por serem analphabetos na sua maioria, vivem sempre de rastos, mergulhados nas trevas da mais crassa ignorancia.

Louvamos sinceramente o acto do governo, o que lamentamos porêm, é não prever a referida lei, em um artigo qualquer, a admissão ás matriculas os menores de quatorze annos. Passou provavelmente, pelo espirito do legislador essa falta, temos porém esperança que hão de modifical-a nesse ponto, pois que o numero de creanças que trabalham em fabricas e que não sabem ler, é avultadissimo, principalmente em Sorocaba, onde a industria, póde-se dizer é a unica fonte da sua vida economica.

A instrucção para o operario é tão necessaria, tão imprescindivel, como a sciencia, como a erudição para o sabio, pois que o operario sem instrucção nunca será bom operario, assim como o sabio sem sciencia nunca será sabio.

Todos comprehendem perfeitamente que a instrucção facilita tudo abrevia o tempo e não produz fadigas.

Sinão vejamos: Qual não seria a difficuldade de um mechanico si não conhecesse os principios basicos da sua profissão por meio de um estudo theorico e pratico conscienciosos; e a do carpinteiro, pedreiro, alfaiate etc, si o mesmo lhe acontecesse? Não passariam de maus artistas e dentro em breve ninguem lhes confiaria trabalho algum.

E' preciso, pois, que o operario saiba ler, escrever e contar perfeitamente.

Com esses principios aliás elementares muito poderão lucrar, ao passo que nada sabendo jamais chegarão á perfeição em uma arte qualquer, e terão que sujeitar-se a trabalhos pezados, sujos e grosseiros por não terem habilitação para outra cousa.

As escolas nocturnas creadas pelo governo vão preencher essa lacuna ha muito suspirada.

Em seguida publicamos os artigos e paragraphos da Lei já citada.

«Artigo 1.º — As escolas nocturnas, criadas pela lei n. 1195, de 24 de dezembro de 1909, se destinam ás pessoas do sexo masculino maiores de 14 annos.

Artigo 2.º — Estas escolas funccionarão todas as noites, das 6 horas e meia ás 9, salvo os dias feriados por lei.

Artigo 3.º — O curso das escolas nocturnas comprehenderá as seguintes materias: leitura, escripta, linguagem, arithmetica e licões geraes, comprehendendo noções de geometria, desenho, hygiene, e educação moral e civica e principaes applicações das sciencias physico-naturaes.

Paragrapho unico. — Estas materias serão explicadas em lições diarias, de acordo com o programma annexo.

Artigo 4.º — A matricula das escolas estará aberta tres dias antes do inicio dos trabalhos lectivos.

Paragrapho unico. — E' de 50 o numero de alumnos a matriculas em cada escola, a qual não poderá funccionar com frequencia media a 25.

Artigo 5.º — As escolas nocturnas serão localisadas em centros de população operaria, tendo preferencia em seu provimento aquellas para cujo funccionamento as municipalidades offereçam predios adequado.

Artigo 6.º — Nas localidades onde existirem mais de duas escolas poderão ellas, a juizo do governo, funccionar nos predios dos grupos escolares, competindo a sua direcção ao director do grupo. Em outros casos, caberá cumulativamente a direcção a um dos professores que for designado pelo governo.

Paragrapho 1.º O governo poderá nomear um servente para as escolas assim agrupadas.

Paragrapho 2.º — O pessoal administrativo dos grupos que servir nas escolas nocturnas terá uma gratificação «gratificação» arbitrada pelo governo.

Artigo 7.º — As escolas nocturnas serão regidas pela legislação escolar em vigor em tudo o que não estiver previsto neste regulamento.

Artigo 8.º — As disposições deste regulamento serão applicadas aos cursos nocturnos no que se referir á matricula, horario e programma de ensino e localisação das escolas.

Artigo 9.º — Este regulamento entrará em vigor desde já.»

Em face da realidade do que ha pouco parecia um sonho, podemos dizer com inteira satisfação, que os industriaes não nos ouviram, mas que o poder publico competente pensou como nós e que daqui ha alguns annos a classe opprimida de então abandonará a obscuridade, em que vive, para penetrar no templo da luz.

Só lamentamos que as creanças não possam gosar por emquanto do tão util melhoramento.

Um pouco de caridade

As occurrencias criminosas da mal fadada noite de 20 do p.p, lançaram em estrema miseria, as familias das tres pobres victimas da sanha assassina dos entrincheiradós da rua Monsenhor João Soares.

A Redacção d'O Operario, interpretando os sentimentos caridos os da população sã de Sorocaba, resolveu abrir nas columnas do seu modesto Orgão, uma subscripção, cujo producto reverterá a favor das familias dos operarios que foram victimas de tão cobarde, como reprovado assassinio.

A todos áquelles que em seu coração, abrigarem um sentimento de caridade, e quizerem contribuir com seu obulo, O Operario, em nome das familias das victimas, de antemão fica agradecido

Quantia publicada	27$500
Henrique J. da Silva	$500
Germano Wey	5$000
Porfirio de Almeida	1$000
Francisco Velangieri	1$000
Cap. Claudio E. de Madureira e familia,	6$000

O OPERARIO

Orgam de defesa da Classe Operaria e Noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL — COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO I — SOROCABA, 31 DE OUTUBRO DE 1909 — NUM. 9

A situação operaria

Sorocaba, a Manchester do Estado de S. Paulo, conta um numero elevadissimo de operarios que são obrigados pelos seus patrões a trabalharem 13 e 14 horas diarias para não morrerem de fome! Mal tratados pelos prepotentes gerentes e seus auxiliares que são os mestres e contra-mestres bajuladores que, não trepidam sómente em maltratar tambem os seus companheiros, roubando-lhes o suor, em proveito de seus patrões, impondo-lhes multas exageradas e, reduzindo a classe ao estado a que se acha: —sem horas para se instruir, sem horario para o seu descanço e sem liberdade de pensamento.

Elles, os mandões, quasi sempre são os que mais escandalos praticam em taes estabelecimentos e ficam impunes, apenas soffrem uma modesta reprehensão, para salvar as apparencias.

No numero passado de nossa folha fallemos dos abusos commettidos em certa Fabrica, pois houve alguem que duvidásse de nossas palavras; pois bem, se em nossa folha existe alguma calumnia, recorram aos poderes competentes, tirem dè nós a CALUMNIA se tiverem coragem para isso.

Nestas columnas, já dissemos e tornamos a repetir: não se calumnia, chama-se a attenção dos poderes competentes para os desmandos praticados nas Fabricas.

Vejam os leitores: sem auctorisação dos operarios, retiraram dos seus minguados ordenados importancias que lhes punham desembaraço na vida, pois que os seus ordenados diminutissimos, mal dão para o sustento da casa; surgiram os «protestos» feito pelos bajuladores e logo denunciamos consas torpes praticadas pelo honrado gerente, temos ou não temos razão para protestarmos com energia contra tantos actos immoraes que praticam, contra os nossos companheiros?

Tambem as infelizes companheiras já são maltratadas pelas horas elevadas de trabalho perdendo a sua saúde pelos mizeros tostões, ainda ha grandes typos que tudo quer, póde e manda, tentando sobre o que existe de mais sagrado no bello sexo.

Porque tanto desprezo á honra de nossas companheiras e torpes máo tratos, quando existe tanta protecção aos despoticos e bandidos bajuladores!

Se por ventura não fossa nós operarios, terião os patrões as suas fabricas? não teria passado pela sua mente que nos dias de sua vida precisou do operario, quem cozeu a sua primeira camisa, não seria um operario? Quem fez o seu berço não seria um operario? Quem desenhou as suas moedas e as cunhou, não deve ser tambem operario? Enfim, tudo quanto tem os patrões fora feito pelos operarios, porque razão somos tão mal tratados, nós operarios, quando os patrões no fim de cada anno têm 300 e 400 contos ganhos com o suor nosso.

Precisamos levantar ás 4 horas da manhã para morrermos na mizeria e os patrões no leito, até alta hora do dia, com toda a opulencia.

Barbaros! Lembraes que somos irmãos e temos tanto direito como vos e queremos respeito para nós e para com a honra de nossa familia.

Infelizmente é tristissima a situação operaria nesta cidade.

Da secção «Dia a Dia» do nosso collega «O Commercio de São Paulo», de 26, transcrevemos o seguinte, que bem demonstra a dedicação e o esforço que emprega em beneficio da classe operaria o dr. Freitas Valle,—é um projecto, para o qual chamamos a attenção da classe operaria, eil-o:

«Uma folha da tarde noticiou que o dr. Freitas Valle fundamentará brevemente, perante a Camara dos Deputados, um projecto creando escolas nocturnas nas proximidades dos estabelecimentos industriaes em que trabalham menores.

Só póde merecer applausos e louvores uma idéa tão feliz e que vem preencher uma lacuna que ha muito tempo existia em S. Paulo.

Com o grande desenvolvimento que tem tido a nossa capital, os estabelecimentos industriaes multiplicaram-se de um modo espantoso, exigindo esse incremento a attenção e o estudo dos nossos legisladores, para que medidas como essa que vae ser proposta pelo dr. Freitas Valle sejam postas em pratica, em proveito de uma grande collectividade, digna, sob todos os aspectos, da protecção e do amparo que o Estado tem o dever de assegurar-lhe.

Sóbe a muitos milhares o numero de menores que deixam de frequentar escolas e ficam privados de receber a luz da instrucção, que deve ser proporcionada igualmente a todos, em proveito ainda maior da sociedade de que dos individuos, porque a pobreza exige que as infelizes creanças passam o dia inteiro, das cinco horas da manhã ás cinco da tôrde, no escuro ambiente de uma officina asphyxiante, para que possam ganhar honestamente o pão para o seu sustento.

Promovendo a creação de escolas no genero das que imagina, o dr. Freitas Valle fará uma obra meritoria prestando um beneficio aos pequenos operarios que tanto necessitam da instrucção e um serviço de grande alcance á sociedade, que só tem a lucrar com a disseminação dos livros, unico elemento capaz de assegurar a verdadeira prosperidade a uma nação.»

Se nós, operarios tivessemos deputados que tratassem com interesse de beneficiar a classe, a exemplo do dr. Freitas Valle, podiamos julgar felizes e agradecer reconhecidos a esses bemfeitores, mas, são poucos os representantes do Estado, que cuidam de melhorar a situação da classe.

La questione sociale

E IL SOCIALISMO

Gli strumenti di lavoro, la terra, la miniera, le macchine, quanto é arma di benessere e garanzia di libertá è nelle mani di una minoranza di cittadini che ne trae ricchezza prima, forza politica e poi quindi ancora ricchezza.

Le classi lavoratrici smisuratamente numerose e fornite di una forza meravigliosa: il lavoro—prive come sono degli strumenti di lavoro, sono costrette a vendere l'energia delle loro braccia e là scintilla del loro ingegno a un prezzo troppo vicino ai più elementari bisogni dell'esistenza.

La miseria, genera miseria. L'operaio nella povertá trova anche la sua catena politica. Senza strumenti di lavoro, è anche civilmente soggetto. La sua uguaglianza politica non é che una funzione legale.

Il partito socialista esprime questo stato di cose, denuncia questa lotta sorda che si agita nel sottosuolo della societá, e rappresenta lo sforzo continuo e fatalo delle classi lavoratrici a liberarsi da questa condizione di inferioritá economica che genera a sua volta una inferioritá politica e intellectuale.

Il dissidio pratico tra capitale e lavoro potrà essere risolto sulla direttiva che il partito socialista caldeggia.

Le forze economiche ed il pensiero dell'uomo potranno in-

Democracia e Instrucção

O seculo vinte, depois de ter por precursor o seculo das luzes leveria, como eminentemente se manifesta, apresentar-se desde logo em seus primeiros lustres, com aquellas alcandoradas visões, que, nos horisontes longiquos da magia do tempo, se destacam em series de conjecturas humanitarias, pondo em relevo o bem estar possivel da humanidade congregada em torno da cultura racional do Bem.

Será o seculo da mais pura democracia, e pela qual os homens conscientes, desempedidos das luctas mesquinhas que lhes avultam a condição social, erguer-se-ão á altura dum baluarte commum, para a defeza da Verdade—uma egualdade de luz, cahindo com deslumbramentos portentosos da razão sobre as trevas ignominiosas da obsessão do erro.

Será o seculo, portanto, da independencia racional amando-se a liberdade, não pelo que ella tem de subversiva á ordem publica, mas pelo que ella encerra de verdadeiro como preerrogativa dum cidadão apto, sem a noção de molestias nervosas, de preconceitos sociaes e religiosos, e, sobretudo, sem as peias da ignorancia.

Mas, isso pela instrucção.

Não é preciso ser um genio para antever toda grandeza do cidadão futuro, quando familiarizado com o seu codigo civil, estribado em sua independencia de caracter, illustrado pelas conquistas soberanas das sciencias e artes, elle avultar em todas as espheras sociaes, como homem de seu seculo, isto é, forte no corpo, forte no espirito, e, mais ainda, em seus ideaes, que saberá defender pela palavra ou pela penna, como esclarecido que será, sem dar satisfações de conveniencias a quem quer que seja, senão que a si mesmo pelos seus actos livres.

—Nesse dia então teremos o homem ideal, que pouco se importará com o socialismo sendo-elle mesmo o operario mais illustrado, e que pouco ainda se envolverá com a metaphisica da religião, porque compreenderá tambem que a fé, como virtude, se acata pela razão, deve ser respeitada, e se acata pelo coração, mais que respeitada deve ser apoiada. Mas, isso pela instrucção ainda, visto que só por ella o homem se nobilita, e impõe-se á consideração social.

—Ora, os governos conhecem o valor da instrucção e como certos paes que mantêm relativa ignorancia no seio de sua familia, mandam instruir-os povos, pondo-se de atalaya porém contra a erupção do progresso que esplode das classes populares.

—No dia que a instrucção publica, portanto, fôr um facto em todo o Brasil, como quasi que o é em São Paulo, se o governo não tiver medo, simples covardia de tyranos,—o brasileiro do futuro formando uma nacionalidade viril, terá conquistado a ultima cousa que lhe falta, a independencia de si mesmo pela instrucção.

—Nesse dia em que o jornal, o livro a escola, a penna, o mestre ou o litterato, tiverem feito a sua evolução mental, as mães brazileiras, como Cornelia, acharão que as suas joias mais preciosas, são os seus filhos, esses novos Gracchos, educados pelas virtudes civicas. Então, tambem o mundo saudará na patria brazileira a encarnação da democracia da instrucção.

Baptista de Santis.

Ext. do Tietê

Boas Festas

A nossos bons assignantes desejamos boas entradas no anno e toda a sorte de felicidades no decorrer do mesmo.

Desastre na Fabrica Fonseca

Deu-se neste estabelecimento industrial um grande desastre, do qual saiu ferida uma mocinha, operaria dalli.

O facto em questão teve lugar no dia 26 do corrente, ás 6 e meia da tarde e quanto aos pormenores diremos algo depois.

Sociedade Beneficiente 25 de Dezembro

Organisou-se, nesta cidade, uma nova associação com o titulo supra, que muito deve prestar, aos necessitados o seu valioso concurso.

Aplaudimos os bons sentimentos da illustre directoria da alludida sociedade, pelo que damos abaixo o nome dos seus fundadores.

Resultado da eleição da directoria:

Mario Mascarenhas Martins Presidente; Francisco Simões Baptista Vice Presidente; Eliezer Barbosa Lima Secretario; Leopoldo A. Nascimento Thesoureiro; Wilson Pereira Procurador.

Commissão de contas Javme Corrêa, João Felicianto e Antidorio Batista.

Vida social

Anniversarios

Colheu mais uma rosa no jardim de sua bella existencia no dia 26 do passado, a linda e atraente senhorita Florezina Cattani filha do sr. Guilherme Cattani nosso bondoso amigo e companheiro.

Fez annos a 27 do passado, nosso companheiro e amigo sr. Affonso Cavalini, Machinista da Sorocabana Railway.

Tambem completou no dia 29 mais um primavera, o sr. Manoel R. Exposto, enfermeiro da Santa Casa de Misericordia de Itapetininga.

Felicitações do «Operario»

Charadas

1:

1—2 Esta nota do papa é mentira.

2:

2 Mudas o H. em V. que teremos bixos em vez de um politico militar.

3:

2—2 O fogo na torre deve ser preso.

Pergunta

1:

Qual o doce que não se emplica?

2:

O que é que se dá e fica-se magnado?

Para Anno Bom e Reis

Castanhas, figos, nozes, amendoas, avelans, passas, ameixas, tamaras, queijos, vinhos finos etc.

Manoel Affonso
Rua Commercio 27
Telephone 80

Boas-Festas

Tivemos recebido delicados cartões de boas-festas dos seguintes pessoas:—sra. cap. Otto Wey e familia, M.ta el Affonso, Domingos Salgado e familia, Isaac Pinheiro, Abilio de Freitas, Jacomo Graziano e Rachel C. Graziano, Paschoal Passarelli, M. R. Esposito, João H. Marciano e Silva, Antonio Salgado, Antonio Martins e Silva e Egydio de Oliveira.

Publicamos os votos de boas-festas e felicitamos aos assignantes, que nos foram enviados.

Para as Festas DO NATAL

A CASA LOUREIRO, acaba de receber um grande sortimento de artigos proprios para as festas do NATAL, pede-se ao publico visitar a grande exposição que está montada em o mesmo sito á Rua Direita, esquina da Rua do Commercio.

Por estes poucos dias a venda da Casa de Fazendas, modas, armarinhos etc. etc., no mesmo predio que está a exposição.

Todos a Casa Loureiro
RUA DIREITA

A mulher comparada aos bons petiscos

A morena — vatapá.
A clara — pirulito prato
A loura — pão de ló.
A negra — ká cerrado.
A magra — bacalhau assado.
A gorda — peru recheado.
A regular — gallinha ensopada.
A bonita — moqueca á bahiana
A feia — carne crua.
A sympatica — canja quente.
A casada — ovos estalados.
A solteira — manteiga derretida.
A viuva — feijoada completa.
A compromettida — salada de pepino
A rica — suco de presunto.
A pobre — carne secca.
A remediada — ciscos de milho.

Porque Antonio Bernardo é amigo do peito do «joven clinico dr.» Julio Cagnasca, em quem tem um emulo de sua moralidade; e, porque infelizmente, Julio Cagnasca é «gerente technico», do alludido estabelecimento, tendo pelo seu espirito de bajulação, subjugado a vontade do sr. Wladmir Fonseca, socio da firma proprietaria da Fabrica, com a responsabilidade de gerente geral!

Mas poderá este moço permitir que á sombra do seu nomo e da do seu respeitavel pai, infelizmente ausente, se continue na pratica de actos que só podem prejudical-os, moral, industrial e commercialmente?

Quererá elle que em poucos dias, pela sua fraqueza róde para a valla do despreso a reputação do mais antigo estabelecimento industrial desta cidade, tão severamente defendida pelo seu velho e honrado progenitor até dias dos primeiros mezes deste anno, quando, infelizmente, para os seus operarios ausentou-se, partindo para Europa em tratamento de saude?

Estamos certos que não porque, apezar de moço tem-se revelado tambem um bom caracter, apenas dominado algumas vezes, pelos ardis de Julio Cagnasca.

E' portanto a s. s. para quem appellamos, pedindo, pela punição dos culpados, uma reparação ao pudor da referida menor e a continuação da estabilidade do credito moral da Fabrica de N. S. da Ponte, sob pena de termos de aconselhar aos paes das infelizes menores operarias que as afastem das garras dos abutres que fizeram ninhos naquelle centro operario.

Noticiario

Coronel José Loureiro de Almeida

Na segunda-feira passada, finou-se nesta cidade, victimado por pertinaz molestia o sr. coronel José Loureiro de Almeida, amigo da classe operaria.

Logo que soubemos do sentidissimo passamento, um nosso companheiro fora á residencia de sua distinctissima familia e, transmittiu-lhe pezames em nome de nossa folha.

Ao seu enterramento compareceu grande numero de amigos que foram acompanhal-o á morada dos mortos, rendendo o seu preito de homenagem ao prestante e estimado cidadão.

Orou no Cemiterio Municipal, ao baixar o corpo á sepultura o nosso distincto amigo sr. Antonio de Oliveira.

—

Reunião Operaria

Realisou-se, domingo passado, no salão dos Atiradores á rua de São Bento, a reunião annunciada para a fundação de uma Sociedade Operaria, que tenha por fim zelar dos interesses da classe.

Presente mais de cem operarios, assumio a presidencia o nosso companheiro sr. José de Castro Lima, servindo de secretario o sr. Pedro Mesquita.

O sr. presidente expoz o fim da reunião e concedeu a palavra ao companheiro Antonio Argento, que o secundou, historiando com argumentos a necessidade da creação da Sociedade.

Em seguida foi acclamada uma commissão para redigir os estatutos que será discutido em assembléa geral, previamente noticiada.

Nessa modesta reunião, ninguem exerceu pressão contra os operarios, ninguem foi obrigal-os a fazer este ou aquelle protesto com o fim mais que claro de exploral-os vilmente.

Ahi está mais uma prova palpavel de que o operario não precisa e jámais precisará de imposições arbitrarias, com as celebrisadas manifestações feitas á pulso e com a assistencia de creanças.

—

Francisco Ferrer

Continuam ainda em toda a parte do mundo civilisado onde pulsam corações nobres e vivem consciencias livres, a repulsa contra o acto barbaro, praticado pelo governo da Hespanha contra o pensador professor Francisco Ferrer.

—

Em Milão, diz-nos o telegrapho, na fabrica de velas de Bareggio cahiu um operario numa caldeira de stearina em fusão, fallecendo horrivelmente.

Os companheiros presentes, ficaram sentidissimos com o lancinante espectaculo e retiraram apenas da caldeira os ossos da infeliz victima.

—

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que vae incerto noutra columna de nossa folha. São bolas de foôtball que, por preços baratissimos serão vendidas, á rua Monsenhor João Soares n. 11.

Pedra tunel

Extrahimos da revista «O Arauto da Verdade», o seguinte:

«Uma verdadeira obra prima da natureza póde ser admirada em Cacimbas, municipio de Pesqueiras, Estado de Pernambuco. 15 kilometros ao oeste de Alagôas.

Sobre um dos contrafortes da cordilheira de Bucú destaca-se uma enorme pedra que os indigenas daquella região designam pelo nome de «pedra furada» devido a uma abertura que a atravessa de um lado a outro, numa altura de 3.100 pés acima do nivel da planice.

Esta abertura simula um tunnel de 3.500 pés de diametro, com 10.500 de comprimento, excedendo, portanto, em 1.444 pés o da maior ponte no mundo, que é a de Santo Laurent, ou perfazendo quasi oito vezes a extensão da ponte suspensa de Brooklyn em New York.

A superficie da circumferencia dessa pedra gigantesca poderia conter um numero de pessoas equivalente á população de uma grande cidade.

As faces lateraes são revestidas de desenhos que representam diversos animaes, taes como elephantes, kangurús e outros, tão bem gravados que parecem obra de um habil esçultor. Os habitantes do logar attribuem esses desenhos aos hollandezes.

Entre essas esculpturas notam-se alguns hyeroglyphos de remota antiguidade, testemunhando que o Brazil foi habitado muito antes de seu descobrimento, por um povo civilisado, egypcio ou phenicio.

A formação do tunnel é tão antiga como a da propria pedra que assenta em terreno de origem vulcanica.»

Club Dançante «Campos Salles»

A directoria deste Club, actualmente empossada, é a seguinte:

Presidente, Rodolpho Haeber; vice-presidente, Roque Soares, secretario, Euclides de Camargo; thesoureiro, José de Lima; 1.º Fiscal, Benjamim Neves; 2.º Fiscal, Luiz de Martos; 1.º Mestre-sala, Pedro Wirsiger; 2.º Mestre-sala, Benedicto Cleto; 1.º Procurador, Manuel dos Santos e 2.º Procurador, Antonio Barboza.

Desejamos a essa Directoria um futuro de rosas, ignoradas colhidas pelas Directorias passadas.

—

Diz «O São Paulo», diario da capital que o sr. ministro da Agricultura mandou organizar edital de concorrencia para o arrendamento da Fabrica de Ferro Ipanema.

Propuzeram-se arrendar essa fabrica, independente de concorrencia, a Empresa Electrica de Sorocaba e os srs. Luiz F. Gonzaga de Campos, Bruno Stolle, Manuel da Silva Gonçalves e Herl Seidl.

—

Vida Social

ANNIVERSARIOS

A gentil menina Lucinda de Goes, filhinha do nosso amigo Angelino de Góes, completa no dia de hoje, mais um anno de existencia. Parabens do «Operario».

—

NASCIMENTO

Acha-se enriquecido o lar do nosso amigo sr. Vicente Luchesi, com o nascimento de mais um galante filhinho.

Annuncios

SELLARIA

Rua Mons. João Soares n. 11

Encontra-se nessa casa, à venda, bolas de "foot-baall", por preços de São Paulo, de todos os numeros e qualidades.

Aproveitem! aproveitem, a pechincha!

crês por ventura na existencia de Deus?

Si crês nessa Divindade deves crer em minhas palavras, pois é elle o unico que conhece o meu intimo e a elle que invoco como testemunho do amor que te consagro.

Si o testemunho que te mostro, nenhum valor tem, nelle não crês e então—impia; deves com um bysturi rasgar o meu peito e effectuar a analyse do meu coração.

Crês que os astros resplandecem, que as flores tem perfume e só não crês que o meu amor seja puro como a innocencia, inquebrantavel como o bronze, como o bronze sonoro, forte como o tufão, terrivel como a procella, medonho como o cyclone?!...

Não ha palavra com que se possa exprimir o amor que te consagro. Tu foste a unica mulher capaz de varar o meu miserrimo coração com as settas de Cupido. Como não ha fim sem principio o vosso amor tambem teve origem. Donde nasceu nosso amor?

Não nasceu do encontro de nossos olhares, porém da convicção de nossas palavras Acreditei piamente em tuas palavras e acreditaste nas minhas. A horigem do vosso amor é um mysterio insondavel porem teve principio.

Mario de Oliveira.

(Continua)

Votorantim

Continuam as injustiças com os nossos companheiros, da fabrica Votorantim tem visto os abuzos dos dois inquizidores que se dão a conhecer pelos nomes Demartins e Duarte. Pois bem continuem senhores bajuladores com as injustiças, contra nossos irmãos de soffrimentos que verão em breve quanto vale essa massa de infelizes submissos. Operarios, gritai aos ouvidos de vossos exploradores, nao podemos suportar as infamias, não podemos trabalhar um mez inteiro com o material em pessimo estado, carregando dos 190 metros —e 150 para caza, não podemos pagar aos 4 mil réis de multa em cada peça, não podemos como homens dignos suportar toda a sorte de injustiças. Vêde quantos abuzos!! Quanta vingança. Aproveitem imfames em quanto se dorme o somno da ignorancia. Todos os dias sai companheiros nossos desse antro, honde esses dois tigres cometem toda a sorte de tropelias com essas victimas do trabalho.

Virá o dia que o gigante desperta, e ahi vereis o quanto va le esse misero pano coberto de andrajos sem pão, sem luz e sem agasalho, mas que tudo produz. Mais uma vez pedimos a esses dois carrascos sem coração, que sejam mais tolerantes e benevolos para com os nossos companheiros e companheiras de lutas pela conquista do negro pão quotidiano, do contrario saberemos dar-lhe uma valente lição, custo o que custar suceda o que suceder, especialmente ao falço anarchista, ao renegado Duarte.

Emquanto o Demartins já se esqueçeu da misera vida que levava quando se rostejara no numero dos desventurados da sorte e da fortuna, tenha porem em conta que nada um dia depois do outro; tudo evoluciona tanto para o bem como para a desgraça, o futuro ninguem o conhece. N. B. se as infamias continuarem levaremos ao conhecimento da directoria do Banco União e pediremos as necessarias providencias a quem temos direito. *Um Revolucionario.*

União Operaria

Realisou-se no dia 7 do corrente na séde social, a assembléa geral ordinaria dessa associação o qual esteve bastante concorrida e os debates calorosos que versaram sobre diversos assumptos de capital importancia.

Destacamos a creação de uma escola moderna em Votorantim, para ambos os sexos e, uma outra em S. Rosalia; a proclamação da greve geral no dia 1 de Maio, como protesto contra o fusilamento levado a cabo pela barbara policia Americana em 1886 contra os companheiros que se declaram em greve geral. Resolvendo commemorar esse dia, com passeata, conferencia e Cinema gratuito a todos os socios; enviar uma moção de apoio a Federação dos Mineiros inglezes, em Londres; enviar uma moção ao Parlamento Francez pedindo a annistia geral de todos os supostos criminosos por delictos de manifestação de pensamento, inclusive o grande antimilitarista Hervé; uma moção ao Congresso Legislativo da Republica Argentina, pedindo a revogação da *«lei de defesa social»* e a annistia de todos os presos que se acham na Patagonia; uma moção ao parlamento Japonez, protestando contra o assassinato *«legal»*,—e outras propostas que deixamos de dar a publicidade por falta de espaço. mas que tudo foi unanimamente approvado pela Assembléa Geral, inclusive o balancete de dispesas.

São Roque

Conferencia. Sabbado 6 do corrente o nosso valente companheiro P. S. de Oliveira Mesquita realisou na bella cidade de S. Roque, na «Sociedade Beneficiente Operaria»: uma pequena conferencia discorrendo o mesmo sobre o thema «Solidariedade e Instrução» sendo vivamente applaudido.

Notas... a Vapor

Temos a grata satisfação em communicar aos nossos queridos leitores que entrou para o corpo de collaboradores *d'Operario*, o ardoroso publicista, e vibrante orador, Snr. Joseph Revier atualmente professor da *Liga Operaria de Sorocaba*.

Joseph Revier é um nome bastante conhecido nas lides da imprensa Operaria, lutador franco leal e desinteressado.

***

Operarios! Agora que estamos já quasi nas vesperas da grande data Operaria—1 de Maio, d'esse dia em que o operariado alcançou uma das grandes conquistas muito embora a custa de sangue: é mister que vos appello ao cumprimento d'um dever; que é trabalharmos afim de podermos solenisa-lo como merece.

A' gloriosa *Liga Operaria* nosso centro de união, desde já, trabalha no afan de mostrar n'esse dia a burguezia á essa orla de vampiros, a esses negregandos escravocatas, que amparados pela policia, pelo governo, querem-se apoderar dos nossos direitos, da nossa dignidade lançando-nos ao mais triste captiveiro; o quanto somos, e quanto valemos.

Operarios! lembrai-vos do dia 1 de Maio!...

Ao som da *Marselhesa* devemos entoar na praça publica um hymno à Liberdade, aurora rutilante que vae, aos poucos aparecendo, trasendo nos seus reflexos um alento vivificador, Sol triumphante para aquecer as nossas almas de combatentes.

Devemos venerar, n'esse dia a memoria daquelles que subiram ao patibulo em holocausto a causa Operaria.

Sorocaba P. Trus

"Radium Cinema"

Consta-nos de fonte limpa que acha-se fundado e brevemente será inaugurado mais um novo centro de diversões com o nome acima.

Mais uma casa de diversões em Sorocaba!... Mais uma noticia que por certo encherá de satisfação a todo aquelle que deseja ver esta terra na altura que ella tanto merece.

Um *bravo* pois, aos denodados Sorocabanos que honram o seu berço natal.

Club Votorantim

Recebemos do digno secretario do «Club Votorantim» a seguinte circular:

«Exmo Snr. Redactor d'Operario Sorocaba.

Communico-vos que em Assembléa geral ordinaria realisada aos 27 dias do mez de Março 1912, foram eleitos directores do *Club Votorantim* os Snrs. Cecil Cook, presidente James Adamson, vice presidente Santino Silvestrini 1o secretario, José C. Gusmão, 2o secretario, Silvio Toledo, thesoureiro, Fernando Arcuri Procurador.

Saudações

Secretaria, 29 de Março de 1912.

O 1o Secretario Santine Silvestrine»

A' nova directoria do *Club Votorantim* os nossos ardentissimos votos de felicidades.

Por absoluta falta de espaço deixamos,de publicar hoje diversos artigos.

A Redacção

imprensa

«Bromil»

Dos Snrs. Dant Laguinha recebemos o ultimo numero da sympathica revista a mais conhecida em todo o pais—O Bromil illustrada de arte, Hygiene, Agricultura, Humorismo: que se publica na Capital da Republica

O presente n. e consagrado a memoria sempre chorada do immortal Barão do Rio Branco.

Penhoradissimos agradecemos a remessa.

O OPERARIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

SOROCABA, 23 DE JUNHO DE 1912 ANNO III NUM. 138

Expediente

«O Operario» é orgam de defeza da classe operaria, noticioso, litterario e de combate.

Assignatura para a cidade, por mez $300

Assignatura para fora, por anno 5$000

Redacção e officinas: Rua Coronel Cavalleiros, nº. 23.

A Redacção não responsabilisa-se pelas ideias emittidas pelos seus collaboradores.

Pagamento adiantado

Sorocaba—E. de S. Paulo

Beijo

Era em oito de Novembro
Por uma noite agradavel;
A hora já não me lembro,
Que momento inegualavel!

Defronte de mim sentava,
Eu apertava sua mão,
Sua mão que eu levava
Por sobre o meu coração.

Fallamos em terno amor;
Aproveitando o ensejo,
E o aroma da flôr,

Qual mimoso colibri
Em seus labios dei um beijo,
Outro na face imprimi.

16—11—11

Mario de Oliveira.

A Vida, a Alma e a Morte.

A meus alumnos e alumnas

A vida não está verdadeiramente nas substancias chimicas do protoplasma, ella nasce sempre por um desenvolvimento de um germe, proveniente de um ser vivo, como já demostrou o grande Pasteur.

Se o protoplasma é vivo, não é porém a vida como muitos pensam não; a vida não passa de uma conbinação dos movimentos das particulas dessa gelatina conhecida scientificamente sob o nome de protoplasma. Sendo a vida um movimento, póde ella transformar-se em outros movimentos mais ou menos complexo, e dessa forma póde ella ser considerada uma *força*, e nesse caso podemos aplicar-lhe o termo de força vital, como na physica se emprega o nome de *força electrica*. Uma massa de protoplasma, não passa de uma machina de grande complexidade, cujo resultado é a vida que depende da sua estructura por um lado e da sua energia do outro. A vida vem pois consistindo nos movimentos vibratorios das moleculas bioplasticas que facilitam a formação dos compostos instaveis e complexos que costituo os seres vivos,

Certos autores affirmam que a vida provem do fluido calorifico, esta affirmação è completamente destituida e refutada do mundo scientifico.

Lavoisier estudando a origem do calor animal, concluiu afirmando que, o calor animal provem da oxidação, e portanto a combustão dos nossos tecidos, é feita pelo oxygeneo do ar. Esta oxydação que não se poderia affectuar por si só a tão baixa temperatura, torna-se possivel graça a acção de substancias chimicas chamadas fermentos. Estes fermentos podem diz Lavoisier, serem extrahidos dos tecidos e obrarem exterior do corpo como verdadeiro reactivos chimicos. Uma só cellula póde conter um numero consideravel de fermentos. Num exame minucioso feito a pouco tempo, já se tem encontrado doze fermentos em uma só cellula, no figado dum homem.

O conjuncto dos movimentos, conhecido pelo nome de *vida*, perante as analyses: revela-se da *nutrição, reproducção, mobilidade, propriedade, crescimento, chlorophyllina e innervação*, resultados directos das forças physico—chimica. A mais importante de todas porém é a nutrição, do qual depende directamente a reproducção e o crescimento.

Ouvimos agora algumas opiniões sobre a vida:

Claudio Bernard, insistia que a *vida* é a morte, por isso que toda a manifestação vital é acompanhada de gasto e destruição.

«Nunca (diz elle) a mesma materia serve duas vezes. O gasto molecular é sempre proporcionado à intensidade das manifestações vitaes. A vida é a morte»

Spencer, da a seguinte definição: «A vida é o continuo accordo entre as relações internas e as relações externas».

Letourneau define a vida: «Um duplo movimento de composição e de decomposição continuas e simultaneas no seio de substancias plasmaticas ou de elementos anatomicos figurados, que sob a influencia desse movimento intimo funcionam em conformidade com a sua estructura.»

Um professor de Zoologia que não me vem o nome a memoria, define a vida desta forma mais ou menos: A vida è a troca constante com o meio ambiente, de substancias chimicamente definidas, donde resultam decomposições e recomposições successivas, dando lugar a permanencia com producção de movimentos particulares diversos.

Deixo de dar-vos o parecer de Darwrin por se estender em muitas considerações e acaba por afirmar que, a materia protoplasmatica originaria, é a mão primeira de todos os organismos, e que appresenta como caracter constante o phenomeno da reproducção.

A Alma, longe de ser como a define a imbecilidade religiosa que não córam de vergonha quando nos dizem: «A alma é incomprehensivel, mysteriosa sem corpo nem base materiaes, mas que vê, sente, soffre, e gosa num mundo que não è este.» São as respostas que nos dão quando lhe perguntamos quaes são as suas propriedades chimicas, e a que reino pertence ella.

A alma meus caros alumnos, não é mais do que o conjuncto das funções intellectuaes que existe em todos os seres dotados de um cerebro, e se apaga com a morte deste orgão que a produz.

No monismo a alma è considerada o conjuncto das funcções cellulares, sendo os actos psychicos os movimentos das cellulas. A «alma» do monismo é baseada na mechanica, e tem por defensores esta theoria experimental, os mais robustos talentos como seja o Hae-Kel e Hartmann, isto é, o sabio e o philosopho.

A Morte, a morte physiologica leva consigo a morte espi-

O OPERARIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

SOROCABA, 27 DE OUTUBRO DE 1912 — ANNO IV — NUM. 154

Ao governo Federal, ao governo do Estado e ao Povo!

Ao supremo chefe do poder executivo, ao representante de 23 milhões de habitantes d'este infeliz Paiz digno de melhor sorte—devolvo a nomeação de tenente da guarda Nacional, restitue-me o titulo de eleitor e de cidadão brazileiro, e me declaro rebelde contra todas as suas leis, decretos ou qualquer outra forma sancionada para inganar o povo.

Não quero e não devo por mais tempo pertencer a um paiz cuja Constituição se tornou um qualquer papel de toillet de latrina. Sim, a vergonha queima-me as faces pertencer a uma nação, onde o cidadão não tem garantias e nem liberdade, onde o foro competente para disputar os direitos foi substituido pelo arbitro prepotente de qualquer gerente de fabricas; onde o cidadão em pleno goso de seus direitos civis e politicos é assaltado e preso por qualquer gatuno fardado posto a disposição dum chefete d'Aldeia e gerente de fabrica, como se deu comigo Domingo 20 do corrente em Votorantim.

Ao governo do Estado, representado e encarnado na pessoa do carolissimo e beatissimo Rodrigues Alves, offereço-me para ser deportado pelas regiões pestiferas do Acre ou em qualquer outro presidio que possa roubar-me a existentencia, ja que os capangas assalariados do seu representante em Votorantim, por duas vezes tentaram assassinar-me, mas tremeu-lhe o pulço a ultima hora e paralisou-lhe o braço inclusive e Tarcizo amigo do gerente, que se lhe grudou a mão ao revolver por duas vezes. Bandidos!

Ja que eu não sou proprietario nem de um palmo de terra e sou condemnado a pisar a terra alheia, que por muito favor se compadecem de mim e me deixam andar pela rua, quando lhe convem e não abro a bocca para dizer o que veio e o que soffro com o povo que como eu tambem vive pisando a sagrada terra alheia que ha de encher a bocca de seus donos o dia que o destino da egualdade mortal os tingir: peço que risque o meu nome entre os habitantes do Estado.

Joseph Jubert

Cartões com vistas de Sorocaba e S. Paulo na Typographia «Clarim da Luz».

Com a Camara Municipar

E' aos homens de coração generoso: é aos que praticam o bem sem bater tanto a caixa: é aos que se interessam pelo melhoramento do povo independente de ambicionar colocações de 75$000 e 100$000 por dia; e aos que detestam a Jesouja e a idolatria: é que nós se dirigimos e pedimos a sua attenção para a carestia da vida que atravessamos nesta época de especulações sobre todos os generos da primeira necessidade.

E cremos que não falamos ao deserto, pois que na Camara ha homens que comprehendem o quanto é imperiosa a necessidade do povo, o quanto é doloroso a fome e como contrista a miseria, geradora de todos os crimes. Ninguem melhor do que esses homens que o povo elegeu para zelar do seus interesses na administração do municipio, conscio de que saberiam consagrar a sua notavel actividade ao exame das questões que afectam directamente a vida e o seu bem estar, com especialidade para com as classes desherdadas.

Ninguem melhor do que o medico cabe-lhe cultivar com paixão a sciencia da sociologia, estudar as instituições fundamentaes das sociedades necessitadas: suas familias, a propriedade da miseria, a escravidão imposta pelo capital, a guerra surda e impiedosa que o rico lhe move; a falta de poderem receber uma educação regular; o direito só de se humilharem, a liberdade de perecerem, a moral dos bordeis e tantas outras miserias que esta infame sociedade actual mantem e defende. Cabe como ja dissemos aos medicos, fazer um curado estudo de tudo isso, e com especialidade esses que o povo escolhen para procurarem por todos os meios e todas as formas de melhorar-lhe a sua condição. Não é por ser-mos revolucionarios, que não se deve ter em conta o nosso appello que fazemos aos que representam a maioria e que julgam que a riqueza accumulada a custa da fome e da exploração de mil gerações, não pode ser distribuida entre os operarios que operam com tanto sacrificio para produzir tudo quanto consome a burguezia.

Nos somos revolucionarios, porque queremos reformar esta sociedade engendrada de todos os vicios, que depravam e envelece o ser humano; queremos a egualdade social e economica, unico meio para estabelecer as relações de amor e solidariedade entre os homens, e se nos estamos em minoria, é porque a maioria dos homens não nos comprehende e aquelles que nos comprehendem, acham impossivel realisar o mais sublime idéal, mas a evolução marcha acelerada para a grande revolução social.

Appellamos pois para os que tem o dever, pelo compromisso que prestaram, de bem representarem a vontade do povo e zelar pelos seus interesses: de activarem a prohibição de exportação de generos de primeira necessidade, e não permittirem que estes sejam vendidos sem primeiro terem sido expostos durante 6 horas no mercado, com a maxima fiscalisação que durante essas horas não poderão serem vendido por atacado.

Dessa forma todos os operarios nos Domingos poderão fazerem suas compras necessarias dos productores, sem cahirem victimas dos exploradores negociantes.

O lavrador vende um alqueire de feijão por 8$000, o negociante o compra para revendel-o por 11$000, quando não o guarda para que o possa vender por 16$ ou vinte mil reis, na occasião que a falta se faz sentir.

Em todas as cidades até de terceira classe, onde tem um mercado, não é permittido venderem pelas ruas, a um só individuo um cargueiro de feijão ou de farinha como acontece nesta cidade, sem primeiro estar exposto no mercado a disposição dos que só podem comprar *picado*, ou em piquena porção.

K.

Cartões de Visita—de 1.500 para cima, cada cem. Só no «Clarim da Luz»

O Divorcio

«Un jour tu sentiras peut-être
«Le prix d'un caeur qui nous comprend,
«Le bieu qu'on trouve á le connaitre
«Et ce qu'on souffre en le perdant!

Anda por toda a parte a carolada que cheira a sebo da Sacristia, protestando contra a lei do divorcio que os *hereges*

pretendem adoptar como medida para sanar o mal que lhe affecta o casamento interesseiro.

Parece incrivel que essa jesuitada de casaca e outros tantos de batina se preocupem tanto com a resolução que tomaram meia duzia de homens de repellir os preconceitos da infernal Madre-Igreja. Não contentes essa corja de destruirem o amor livre e levantarem codigos para o affecto e legislações para o poema do beijo, criando leis para a união passional de duas almas complementares que se encontraram e se amaram nos embates da luta; não satisfeitos de cobrirem com seu ridiculo anathema, todos àquelles que não quizeram sujeitar-se á scena burlesca do registro e de curvarem a cerviz diante da justiça que se transforma em balança para pesar o maximo dos transportes e da toga que se transforma n'uma alcouviteira, o qual sem o seu ridiculo salvo-conducto, duas almas não se podem unir-se e amar-se: Tentam ainda imporem a sua vontade na vida privada dos que se acham divorciado dos seus preconceitos.

O motivo é facil saber-se:

O casamento sempre foi uma união por conveniencia e uma combinação necessaria ao mercantilismo da vida, chegando a ponto dos pais mercadejarem a honra das filhas como nos demostra a historia dos seculos passados, o qual se tornavam o leiloiro das proprias filhas e as entregavam aquelles que maior lance de fortuna lhe offereciam. E a carolada ainda hoje pretendem conservar essa infamia.

A donzella, incauta e ingenua, extranha a perfidia de seus pais, desconhece em absoluto as miserias dos homens e do mundo, é soggestionada e entregue a um individuo rico. E para que mais tarde não tenta n'um impeto de revolta recobrar a sua liberdade, pretendem os carolas manter a união indissoluvel. Por isso combatem o divorcio.

Elvira

Papel Leão—em caixas com envellopes no «Clarim».

O que queremos

A palavra *egualdade* que as monarchias constitucionaes e as republicas systema franceza e Suissa, registraram em suas leis, não passam, historico e socialmente falando, de um escarnemento e uma mentira com que continuam enganar o povo. A egualdade, a unica egualdade economica, social é mora' a verdadeira egualdade cujo raios beneficos seram extensivos a todos os seres que povoam o universo, é aquella que faz muito tempo que inspiram os homens altruistas de todos os paizes.

E porque?—Porque nós queremos que *tudo pertença a todos*: queremos que as inachinas sejam expropriadas dos detentores delas a fim de constituil-as em propriedade commum dos operarios que as fazem mover e produzir. Queremos que a terra, hoje em poder de meia duzia de proprietarios que vivem pelas grandes cidades no meio das orgias e do luxo, seja entregue aos campouezes que são os que ha cultivam e a fazem produzir. Queremos em fim que todos os instrumentos de trabalho pertencem aos trabalhadores livremente associados, e que todos os productos naturaes, sejam de todos. Declaramos, em consequencia communista, e desafiamos a todos aquelles que se deixam guiar pelo egoismo, que nos demostrem como a verdadeira egualdade, seja possivel existir sem o communismo que syntetiza o debito e o haver entre o individuo e a sociedade subordinada a velha formula «De cada um segundo suas forças: e a cada um segundo suas necessidades».

. . . . . .

Mas sem a completa liberdade, não é possivel a completa egualdade, como sem a verdadeira egualdade não se pode conceber o verdadeira e propria liberdade.

O que nada tem, é escravo d'aquelle que tudo possue, da mesma forma que os que dominam economico e politicamente procuram serem os dirigentes e governantes.

(Continua)

Envelopes commerciaes no «Clarim da Luz» preços que não tem competencia.

Noticiario

A União Operaria, recebeu uma circular da Confederação Operaria do Rio, declarando que tendo tido em conta o 1º Congresso e todas as suas resoluções justificadas, confirmadas e coroadas com exito mais completo e lisongeiro, não só nos movimentos que surgiram nesta parte do mundo, sinão em todas onde os mesmos se tem dado, o qual chama attenção de todos para a tactica e methodo de luta adotados nos dias que correm pelo proletariado universal. Dizendo que o operariado Brazileiro esteve até bem pouco tempo afastado dessa luta colossal onde os nossos irmãos de outros paizes fizeram valer os seus direitos alcançando victorias imorredouras Mas que hoje porém o despertar acentua-se e as grandiosas idéias amanciadoras surgem magestosas neste vasto e fecundo solo, que se estende do Amazona ao Prata.

A Confederação lançou essa circular avisando que com diversas Federações e associações de classe do interior nomeou uma commissão para organisar o segundo Congresso Operario Brazileiro, que se realisará no Rio em 1913.

***

Na noite de 25 para 26 de Setembro, as 3 horas da manhã em Kiew, pagou com a propria vida Dimitri Bogroff, o heroe e justiçador do Candido Stolypine. Mais um grande heróe e martyr da nova civilisação que pagou com a propria vida a futura liberdade. Diante desses actos individuaes, como na violencia colectiva das classes trabalhadoras, é que está a possibilidade da nossa libertação. Veneral-os e exaltal-os é o cumprimento de nosso dever.

***

O Pedro Mesquita, na sua conversão ao jesuitismo publicado na Aurora, orgão catholico do Vigario desta cidade e santo como o padre Faustino, martyr como Corsini; confessou que a sua inspiração é almejar um futuro, que traduzida em lingua popular é desejar ser deputado. Nós não mentimos quando dissemos que se fingia amigo dos operarios, só com o fim de ser chefe politico. Mas ha de ser a moda *manque*.

***

Completou 23 annos o nosso amigo e companheiro José de Lima, no dia 28 do corrente. Colheu pôis nas tribulações da vida, mais uma primavera que sorriu nas faces do sol abrasador e da tenpestosa chuva que marcha todas as nossas existencias. Nossas felicitações ao bom companheiro.

***

A Liga Operaria, organisada pelos policias e guardas civicas do Mario Hermes, telegraphou a União Operaria de Sorocaba, appelando para que esta organisação se faça representar no 4º Congresso policial, disfarçados em operarios. A União porém fez o vido la mercador.

***

A Italia e a Turquia fizeram a paz, ficaram [illegible] como [illegible]tes. A Italia que declarou a guerra com o [illegible] de levar a civilisação na Lybia, fez [illegible] depois de sacrificar tudo o que ella tinha de mais [illegible] na [illegible]ciedade, que com a sua coragem e valentia, deixaram a vida no campo da batalha. As rezas do Vaticano sempre valem alguma couza, ao menos para dar cabo dos valentes patrioteiros, unico meio para acabar com as guerras, o qual é com essa [illegible] que as nações fazem guerra. Os rebeldes e os medrosos não inspiram nunca confiança aos governos. No tratado de paz a Italia se comprometeu respeitar os usos e costumes e religião *[illegible] selvagem*. Mais uma prova que se matá a gente, mas os costumes e as ideias ficam sempre.

***

Um general do Montenegro, suicidou-se por ter-lhe o rei feito uma observação, num combate com os turcos. Esse tinha mais um pouco de brio e de vergonha do que o Mariz e o Demartins do Votorantim. Esse general, soube interpretar bem o quanto vale o apreço e consideração, cujo acto demonstrou que o homem não póde sobreviver, faltando lhe essas virtudes.

***

«O Reporter» jornal que vê a luz em Paranaguá, deu um numero especial, comemorando o fuzilamento de Ferrer, trazendo da primeira pagina o retrato do martyr, na segunda o conselho de guerra, na terceira do verdugo infame Mauro, na quarta um quadro alegorico onde se vê um lutador impugnando a tocha da razão e na setima pagina o retrato do bandido La Cierva, um dos principaes perseguidores de Ferrer.

***

Sabbado 19 do andante a sociedade E. D. F. Estrella do Oriente, composta de moças distinctas, realisou uma partida dançante no Club Campo Salles, comparecendo o que ha de *chic* e elegante no sexo gentil. Aos acordes maviosos dos instrumentos, respondia-lhe o sorriso gracioso dos pares. O *buffet* foi de um paladar agradavel. Agradecendo o convite, fazemos votos para que progrida essa associação de diversões.

Envelopes—transparente no "Clarim da Luz".

economia Social.

Não poderei jamais fazer literatura, ou arrostar com a philosophia scientifica, porque bem pouco é o meu cultivo intellectual, mas procurarei os termos que na rusticidade do meu cerebro julgar acertados e capazes de deixarem bem clara a minha idéia sobre tal ou tal ponto.

Assim sendo, por hoje pouco vos direi.....

Agora me direis vós, que nada tendes com a carestia da vida em S. Paulo.

Puro engano, tendes muito, ou para melhor, nós os operarios, devem enteressar-nos todas as questões que a economia Social Suscite, e é Sobre ellas que devemos firmar o nosso ponto estrategico, baze na luta pela vida, pois que de um movimento consciente dará em resultado para que mais facilmente possamos libertar-nos das peias capitalistas que tanto nos infelicitam.

E sem mais caros leitores até breve.

Augusto da Fonseca

S. Paulo, Maio de 1912

"Santa Rosalia"

Todos os operarios desta fabrica conhecem um tal senhor, Ledovino apontador das victimas do trabalho, aquelles que lhe cuem—em simphatia o nosso homem deixa-os entrar 10 minutos depois do ultimo apito da Fabrica, mas os outros!...

Que lhes são indeferentes estão sujeitas a penna unica. Se esse bandido não arranjasse collocação no escriptorio talvez que a estas horas, estivesse no barro vermelho, porque não acharia serviço de especie alguma. Todos conhecem suas farças de hypocrita e phariseu. A poucos dias o nosso homem, arranjou um grande embrulho com um nosso companheiro, denunciando o imediatamente ao Senhor Speres, sendo chamado o mesmo companheiro a sua presença que, lhe expôz o facto verificando-se que não passava de uma vil calumnia.

Para bem da moral operaria, os nossos companheiros de «Santa Rosalia» devem correr a bofetadas esse bandido da fabrica para fôra. Oh, bajulador queres um conselho!!... Tens familia não é verdade?... Pois então não faças aos outros aquillo que não queres que te façom ouviu?

N. B. Levamos ao conhecimento do Sr. Oetter Speres, para boa regularidade do serviço da fabrica, e para que seus operarios não cometam algum atricto desagradavel, ponha na rua, essa féra que infelismente ocupa o logar de apontador, unico culpado de haver qualquer movimento na sua fabrica, porque os operarios não podem mais tolerar semelhante bajulador.

Continuaremos.

Um grupo de trabalhadores quasi acabando a passiencia.

Saudade eterna

Recordando....

Tudo neste mundo é passageiro! A Infancia quadra da innocencia, a Mocidade quadra do amor e das illusões, nobreza, pobreza prantos e risos: tudo o colo do esquecimento carrega. Somente a Saudade é immorredoura, somente ella e imperecivel.

Nem *Atila* com o seu soberano poder destruidor supplanta a sua soberania Os annos não correm: voam! A nossa existencia e tão passageira como o vento impectuoso, e nesse continuo cerrer volvemos o olhar para o passado e lembramo-nos daquelles que se foram, daquelles que partiram para o reino do *Nada* nas asas lugubres da Morte.

Lembro-me agora, como sempre e eternamente; da memoria augusta do excelso amigo Dr. Ferreira Brága o homem que pagou com a vida o acrisolado amor pela terra que lhe servira de berço, lembro-me daquelle que tombou por terra no dia 29 de Setembro de 1911, covardemente assassinado.

E que dura, que acerba, que funda saudade não me punge o coração.

Descansa Ferreira Braga!...

Eu não lastimo a sua sorte, não, porque encontrou ello o almejado porto—o descanso eterno, mas lastimo a sua falta sinto a sua ausencia.

E quem não sentirá a falta d'um lucador intemerato, verdadeiro apostolo do Bem, como fora em vida Dr. Ferreira Braga?...

Os que não sentem na sua morte, a perda d'um homem do Povo d'um defensor acerrimo dos opprimidos, d'um coração adamantino; hão-de ser somente os que aprenderam no cathecismo do crime no evangelho da calumnia.

Deixemo-los: a maldição da posteridade responderá por elles.

Sorocaba 17 de Maio de 1912

Pedro S. Oliveira de Mesquita.

União Operaria

Com assistencia de um elevado numero de socios e socias e gentillissimos convidados, realisou-se sabbado 18 do corrente a costumada *Velada mensal* da *União Operaria* d'esta cidade.

As 9 horas da noite deu-se o inicio a uma brilhante sessão litteraria onde fallaram os seguintes oradores: Pedro de Oliveira Mesquita que n'uma pequena conferencia discorreu sobre a *Escravidão moderna e a antiga*, sendo vivamente applaudido. Em seguida o Dr. Passos Cunha que n'uma das suas vehementes peças oratoria prendeu o compacto audictorio n'um verdadeiro enthusiasmo por longo tempo.

Fallaram mais, as gentis operarias: Faustina Scamussi, que pronunciou um formoso discurso sobre a questão social. Isaura Gomes de Freitas, que fallou sobre a necessidade da instrucção no seio operario recebendo muitas palmas. Maria Luna, que brilhantemente discorreu sobre o clero convencendo o audictorio que o padre em nenhum tempo se intereçou pela classe proletaria. Maria da Conceição que discorreu sobre as trez virtudes theologaes n'uma eloquencia apostolica: Maria José Dias, que com sua vós clara e palavra simples enthusiasmou os presentes discorrendo sobre a União: Thereza Peres, sobre a revolução social do Mexico sendo muito feliz em sua peroração. Maria Munhoz, sobre a emancipação da mulher. Luiza Candiota, uma criancinha pode-se dizer: arrebatou do grande audictorio uma tempestade de palmas, discorrendo sobre a Escola Moderna e o seu valor.

O menino João Martins que fallou, sobre a anarchia filosofica.

Todos os oradores e oradoras foram vivamente applaudidos com verdadeiro enthusiasmo pelos presentes.

As gentis e inteligentes companheiras acima, bem assim o ultimo o menino João Martins são alumnos do distincto e esforçado professor da *União Operaria*, Snr. Joseph Revier.

Em seguida um animado baile.

Foi enfim, uma festa encantadora.

Brèvemente

«RADIUM CINEMA»

No Votorantim

Mais uma!...

O nosso presado amigo e camarada Emilio Kerche n'uma amavel palestra comnosco contou-nos o seguinte: Que em dia da semana passada foi obrigado a pedir a sua *conta* devido as infames perseguições movidas contra aquelle distincto operario, pelo já *célebre* mestre geral Snr. José Demartini.

Este offendeu o nosso amigo Kerche com palavras pesadissimas pondo em voga a sua acostumada *educação* para com os seus subalternos e se não fosse a dignidade do nosso amigo offendido *outro gallo cantaria*.

Conhecemos de sobra quem é Emilio Kerche; um operario honesto, cumpridor accerrimo de seus deveres.

Pedimos providencias ao Snr. Antonio de Mariz para que com a boa vontade que sempre demonstra faça cessar os abusos commettidos por *esses celebres* mestres de infame *celebridade*.

No itupararanga

Um estreante

Chegaram a esta reducção diversos Operarios afim de pedirnos para que protestemos contra os actos do Agente da Estação do Itupararanga Euclides de Barros, *ex sachristão* que deu agora em querer fazer papel de algóz no afan de sacrificar os nossos pobres companheiros que trabalham sob seu mando.

No dia 13 de Maio o mesmo, sem moctivo justificavel, despachou o limpador Benedicto Domingues moço morigerado cumpridor de ordens e enfim um bom operario.

Sabemos que este, ainda não foi pago apenas lhe deram a demissão, mas o *cobre*.... mandaram por certo fabricar e ainda não está prompto.

Bonito, Snr. Euclides! continue e verá como o feitiço virará contra o feiticeiro.

Leilão no Votorantim

Em beneficio da festa Sportiva por occasião da recepção do *São Paulo Athletic Club*, realisou-se domingo passado no Votorantim um faustoso leilão levado a effeito pelo *Saxoia*.

Prendas ri ssimas e rematadas por alto preço demostran-

suas culminante a justiça do operario, e do seu patrão.

Um empregado, quando é bom, isto é, que nunca o seu patrão lhe disse uma palavra siquer, sobre o seu procedimento em serviço, é de crêr, que o seu patrão, considera-o, e nunca maltrata-o, ou dispensa do serviço que elle faz

Porque?—Porque este empregado é bom; procura zelar d'aquillo que é do seu patrão.

Ora; é este o dever do empregado; é este o papel que elle deve pol-o em pratica, porque, nós que nascemos para lutar com o trabalho, devemos meditar, imaginar, o porvir de nossos filhos.

Assim tambem, como este dever, este papel, o empregado deve pol-o em pratica, o seu patrão parallelamente falando, tambem o deve para o seu empregado, porque é este que dia por dia, augmenta o seu capital.

.....

Somos irmãos, e por isso, devemos, temos a obrigação de trabalhar em pról da «Fraternidade».

Olympio Noël

Theatro São Raphael

Hoje duas funcções.

Matinée ás 6 horas, e soirée ás 9 horas em ponto.

Serão exhibidos os grandiósos *filmes* da importante casa Biograph, de New-york.

Ao Theatro! Ao Theatro!

Pic-nic

Realisa-se hoje um esplendido pic-nic, em S. João de Ipanema, para o qual fomos honrados com um convite, o que muito agradecemos.

E' por iniciativa da "Associação Recreativa musical seis de Janeiro", que se realisa este agradavel divertimento.

Muito desejamos que elle tenha todo brilho para satisfacção dos que lá forem expandir as suas maguas.

Nascimento

Em 25 do corrente enriqueceu-se o lar do nosso bondoso amigo snr. José Gabriotti, com o nascimento de uma formosa creança, que recebera o nome de Natalino Bernardo Carlo.

Nossas felicitações.

Diversos amigos.

Bôas Festas

Enviaram-nos cartões de Bôas Festas os cidadãos, cujos nomes transcrevemos abaixo, pelo que muito gratos ficamos e do todo coração retribuimos estas gentilezas, que muito nos lisongeam. Ellas são prova de que temos cumprido á risca nosso dever e que por isto o «Operario» tornou-se digno da estima de todos, sendo por esta razão muito desejada a sua prosperidade e vida duradoura.

Aceitem, pois, estes nossos queridos apreciadores a nossa sincera retribuição, que é o desejo ardente de que todos tenham tido muito Bôas Festas e que lhes seja propicio o entrar e decorrer do novo anno. São os seguintes cidadãos os que nos enviaram cartões.

Srs: Julio Cagnasca, Pedro Salles de Oliveira Mesquita, Herine Sabatine, Sebastião da Cruz Martins e Familia, Angelino de Góes e familia, Coriolano Alves e Familia, Agenor Ribeiro, Ignacio Loureiro de Arruda e Associação Recreativa e Musical "6 de Janeiro"

Joaquim Marcolno e familia, Paschoal Verlangeri.

Gratos

Mais uma merecedora de estrondosa manifestação!

Pessôa de nossa intima confiança traz-nos a noticia seguinte:

Paulino Evaristo, celebre contra-mestre, da Sta Mari, tinha entre as numerosas victimas de sua má educação, uma moça, filha do Snr Bento Brandão, a quem de ha muito vinha maltratando com a sua linguagem de homem mau e inimigo dos bons costumes e da bôa educação.

Não satisfeito com os excessos que já havia praticado, planejara e executara, na convicção da impunidade, em que ficaram crimes anteriores, o nefando e reprovavel acto de espancar uma pobre moça, a quem a fragilidade do sexo impedia de reagir energicamente, de modo a repellir a offensa na proporção da aggressão.

E' preciso por um paradeiro a este systema que se está implantando nas nossas fabricas. Ponem os nossos gerentes de fabricas as providencias necessarias ou a policia quando tiver um «pouco de folga nos seus grandes e affanosos trabalhos».

E' preciso reprimir estes abusos com energia, mas energia desusada.

Se isto não se der, se assim não succeder, o recurso é cada um fazer justiça por suas mãos, será voltarmos a barbaria, será a negação do direito e da justiça.

"O operario"

Apresenta aos seus numerosos collegas, amigos collaboradores, e assignantes, os mais sinceros votos de felicidades no correr do anno de 1910.

A verdade

A verdade, luz celeste, representada pela estrella que outr'ora appareceu aos reis magos, é a unica consa digna dos cuidados e das investigações do homem.

Ella só é a luz do nosso espirito, a regra do nosso coração, a origem dos verdadeiros prazeres, a base das nossas esperanças, de um dia erguer o estandarte, do allivio dos nossos males, o remedio para todos os nossos desgostos: Só ella é a origem da boa consciencia, o terror da má a pena secreta do vicio, a recompensa interior da virtude.

Só ella immortaliza os que a amárão, illustra as cadêas dos que por ella soffrem, proporciona honras publicas ás cinzas dos seus martyres e dos seus defensores, e torna respeitaveis a abejeção e a pobreza.

Devemos, pois, limitar-se todos os nossos cuidados em conhecer, todos os nossos talentos em improl a bem de todo o nosso zêlo em defender a nossa classe operaria.

Mais abusos no Votorantim

A nossa redacção veio o nosso companheiro, o operario Renato Ribas, trazer uma queixa contra a gerencia da «Fabrica Votorantim» pelo facto que passamos a expôr. Renato Ribas era operario daquella fabrica e obtivera do snr Eugenio Mariz, gerente da mesma, auctorisação para auzentar-se do trabalho durante 15 dias; pois, precisava de ir á capital tratar de negocios de seu particular interesse.

De posse da licença seguiu na confiança de que não perdiria o seu emprego, dadas as condições em que fora á capital; entretanto ao voltar fôra surprehendido pela noticia que lhe deram alguns companheiros, de que o snr Mariz tomara a resolução de não admittil-o mais na fabrica, visto a sua ausencia prolongada; quando é certo que elle tivera ordem do gerente para auzentar-se e voltara antes de terminar a licença! Sabedor disto o snr Renato Ribas tomou o alvitre de não ir mais ao escriptorio daquella fabrica para fugir a maus tractos que de certo lhe preparavam, porque disse-nos ser de costume ali quando se despede um operario, a companhar este acto dos mais grosseiros e pesados insultos.

Sahiu pois o nosso companheiro, daquelle bairro, indo as escondidas e passou pelo dissabor de ser a sua espoza a victima dos insultos quando fôra entregar a chave da casa em que habitavam.

Entre outros qualificativos atiraram-lhe o de —ladrão— pelo facto de ter ficado devendo do 100$000!

Alega o nosso companheiro que se isto succedeu a culpa não foi sua, porquanto foi despedido, quando a sua vontade era trabalhar na fabrica para manter-se e pagar as suas dividas, sendo o unico recurso de que dispõe o seu trabalho de operario honesto. Declarou-nos mais que, durante o tempo em que lá esteve, foi muito explorado no seu ordenado; por quanto mensalmente soffria grandes descontos no seu ordenado sob os diversos titulos de *Cartões*, *Cinema* (propiedade do Sinhosinho Mariz) sociedade Recreativa, pharmacia, onde as contas vão desregradas e finalmente a *Caixa Medica* de tudo isto tem utilidade a pharmacia e a caixa medica; mas deviam ter mais consciencia os que descontam do ordenado do operario, quantias relativamente avultadas para essas instituições.

Vida Social

ANNIVERSARIOS

Completou hontem, mais um anniversario natalicio, o sr. Sebastião da Cruz Martins.

Parabens

O que é a vida?

Não é vida para um ser racional levar uma existencia cheios de tormentos, de oppressão e violencias; não é tampouco vida, trabalhar como besta de carga noite e dia sob o olhar severo e grave dum verdugo; como não é tambem vida alimentar-se mal e cahir na mais esqualida miseria, quando nos banquetes luxuosos rebentando indigestão; como não póde ser tambem vida ter por casa uma infecta posilga, sem luz e sem ar onde se engenha todo o mal e corrupção; e nunca poderá ser vida cobrir o corpo de andrajos e caminhar descalço enquanto os ricos sem produzir cousa alguma, ostentam um luxo sem limites; nunca será vida tambem para os que derraram rios de sucres e succumbem sob um sol abrazador, enquanto a sombra amenizada se sorveteiam traidores e velhacos; nunca acreditaria que seja vida ser ignorante: sem sentir, sem pensar, sem querer, sem amar e sem gosar.

«Essa vida diz um poeta hespanhol: «Essa vida es el ludibrio, la tristeza, la amargura el crudo desequilibrio, el baldôm por el martirio, la muerte por la tortura.

Fausta

Os olhos d'ella

Todos as tardes quando sigo para o labor quotidiano, onde um numero de creaturas me attendem para administrar-lhe a arte de exprimir os pensamentos: quasi sempre encontro uma pequena fada que se dedica ao estudo do idioma da minha origem. Não sei porém que impulço superior as minhas forças que attrahi-me, a Luz magnetica dos seus olhos parece um imã que me impelle á fital-a: e porque?—Porque os seus olhos são dois mensageiros do amor! Pegureiros de sonhos d'uma eterna primavera cheia de vida que parece convidar-me com seu cortejo de flôres e risos, a tomar uma vereda estelliféra que ella singra por entre as illusões de uma aurora.

E no seu olhar de vividos clarões parece que sinto ser a eleita de minh'alma, feita de estrellas explendente e de alvoradas irisiante que tudo quer confessar-me com o seu meigo sorriso.

Oh! E' na retina do seus olhos luminosos e feiticeiros que eu leio como si fosse um livro de amor, as suas aspirações juvenis, os seus ideaes floridentes e risonhos; e leio n'elles anciosamente, como se eu sorvesse a longos haustos o nectar delicioso que distillam os seus mãdidos labios co de carmim.

E no traçar estas linhas, sinto todavia a doce impressão do seu olhar, que é para mim, um cantar de passaros, semelhante ao arrulho d'uma pomba amôrosa que me falla de amor n'uma linguagem muda que só eu comprehendo! Parece-me ouvir todas ás vezes que a vejo,—Recitar os fulgores crepusculares e balladas gracil e dum affecto acrysolado que faz desaparecer da minh'alma, todo o tedio d'uma vida solitaria.

E quando tenho a ventura de fital-a, sinto minh'alma inundar-se de luz e de prazer e, como que unido a ella por um só pensamento, tugimos até perdermos de vista pela ethera regiao da phantasia: pela via lactea dos sonhos sorridentes, colhendo flôres cor da esperança, e contando as melopéas dum amor mysterioso no idioma de Voltaire.

J. J. Rivier

Anoitece...

Na hora que Phebo derrama os seus ultimos raios sobre a terra, escondendo-se no occidente, en sentado a beira de um rio, ouvindo o doce murmurio das aguas que correm para o mar immenso... ou escutando o suave ciciar da brisa, que agita mansamente os ramos verdes das arvores que pendem preguiçosas sobre o rio, deixando cahir de vez em quando algumas folhas... eu só penso em ti, querida!

Num sino badula ao longe, esse som mortuario, faz-me pensar se os meus sonhos se realizarão. Enterrego-me.

Ella me ama? Não sei; o coração da mulher é cheio de mysterios!

O véu da tristeza invade pouco a pouco a terra, o orvalho chóra, a ave agourenta pia de espaço a espaço: e esta incerteza me mortifica...

No céu brilha Vesper com todo o seu esplendor e ao silencio da noite junta-se o horror da treva fria, tão cheia de anciedade e mysterios, tão repassada de melancolia...

Nessa hora julgo vêr-te ao pé de mim; parece-me que os seus olhos fitam-se nos meus e que as nossas mãos se entrelaçam...: Hora de luz! de ventura! é de amôr!

E' então que eu vejo a belleza da natureza; na terra, o vai-vem de centenas de pyrilampos, o ciciar da brisa, o murmurio das aguas e o perfume das flores: no céu, o brilhar de infinidades de estrellas...

Rouxinol

Sorocaba, 14—5—912.

Convite amavel

Da veterana «Sociedade União Operaria de Santos» recebemos um delicado convite para assistir-mos á festa que a mesma effectua comemorando os seus felizardos 22 annos de existencia

Do fundo do coração lhe agradecemos fazendo votos ardentissimos de grandes felicidades promettendo representarmos.

S. Raphael

O grupo dramatico dirigido pelo actor sr. J. Bragança, levou á scena, no sabbado ultimo, neste theatro, o drama intitulado —*O rapto de Fernanda*, que teve bom desenpenho agradando geralmente.

Todos os artistas houveram-se com raro talento no desempenho de seus papeis.

Em seguida, a comedia—*Por causa de uma camelia*, na qual tomaram parte os srs. Demetrio, Bragança e d. Herminia e para finalizar—*O Bico da Chaleira*, comedia de assumpto local, da lavra do cap. José Dias, que manteve os espectadores em constante gargalhada

Tocou ao piano, nos entre-actos, a eximia professora d. Lydia Hungria.

Antes, um pouco de terminar o espectaculo, apresentou-se no theatro a orchestra do *High Life* que executou ainda algumas peças do seu escolhido repertorio.

O producto deste espectaculo será revertido em beneficio dos morpheticos, ou melhor, da villa que se projecta construir para os mesmos.

Vida social

ANNIVERSARIOS

Completa hoje mais um anno de existencia a gentil menina Cotinha Areas filha do Snr. Francisco S. Areas

No dia 12 de Maio fez annos a estimada senhorita Elvira Florio

Dia 12 do mesmo, completou mais um anno na sua feliz existencia colhendo mais um ramilhete de frores, o nosso amigo Francisco Cereta e em 8, o nosso bom amigo Antonio Vial distincto Operario do Votorantim

BAPTISADO

O nosso bom amigo Augusto Gonsalves festejando o baptisado do seu extremecido filho Euclides convidou os seus amigos a tomar uns gostosos copitos de cerveja—PARABENS.

Diversões

High Life

Esta bella casa de diversões tem sido ultimamente o centro das familias Sorocabanas.

Cinematographia ultimos *films* novidades.

Os Colombos receberam como mereciam os applauses do pessoal de bom gosto.

Colyseu Sorocabano

Continúa na senda dos successos esta maravilhosa empresa cinematographica Sempre com programas excelentes.

Para hoje um bello espectaculo.

Pavilhão

O conhecido bom gosto da empresa «Pavilhão Sorocabano» tem sido corespondido amavelmente pelo «Zé Povo» de Sorocaba que não se cansa em dar sua presença ao querido *Pavilhão*.

Para hoje, já sabem; Um soberbo programa!

Cinema Votorantim

Este faustoso cinema sempre feliz como é, teem atrahido verdadeiras enchentes.

Sabbado e Domingo exhibiu entre outros *films* *Huldu Rasmussem*, Irmão dedicado, Salvando Trem Eepecial Josephina de Beaunhamais, Casamento a meia noite, A Batalha, Uma esperança Perdida, O vigario de Wakefield.

Verdadeiros estupendos Successos.

Fallecimento

No dia 11 do corrente, pelas 11 horas da noite, falleceu repentinamente nesta cidade, o estimado cidadão sr. Manoel de Moraes Pinto, zeloso funccionario da Sorocabana Railway.

A morte de Manoel Pinto causou profunda consternação no circulo de suas amizades.

Ao seu enterramento, que realizou-se domingo as 4 e meia da tarde compareceu grande numero de pessoas.

A' familia enlutada as nossas condolencias.

O OPERARIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

SOROCABA, 6 DE OUTUBRO DE 1912 — ANNO IV — NUM. 151

A Lei e o seu valor

Continuação dos nos precedentes

Vêmos em fim o carcereiro, que perdeu completamente o sentimento humano; a policia só converte em cães de presa; o espia menospresando-se a si mesmo; a delação transformada em virtude; a corrupção erigida em systema; todos os vicios; todos os males da natureza humana, favorecidos, e cultivados para o triumpho da lei.

E como nós vêmos tudo isto, por isso em lugar de repetir a velha formula: «respeito a lei,» gritamos com toda a força dos nossos pulmões: desprezemos a lei e seus atributos! Esta phrase ruim: «Obedeceis a lei!» a substituimos por esta: «Rebelaivos contra as leis!»

Compareis sómente as mal dades réalisadas em nome da lei, com o que ella tem podido produzir de bom: peseis o bem e o mal e vereis se temos razão.

A lei é um producto relativamente moderno, pois que a humanidade tem vivido seculos e seculos sem ter lei alguma escripta, nem tampouco gravada em simbolos sobre pedra na entrada dos templos.

Nessa época as relações dos homens eram regulamentadas pelos simples custumes, pelos usos habituaes que a constante repetição venera e que cada um adquire desde a sua tenra infancia, como aprende a procurar-se o alimento por meio da caça e fazer uso dos animaes nos trabalhos agricola.

Todas as sociedades humanas tem passado por essa phase primitiva e até hoje uma grande parte da humanidade não conhece leis escriptas. Os povos primitivos tinham usos, costumes, um «direito rutinario», como dizem os juristas, tinham habitos sociaes e isto é quanto bastava para manter as boas relações entre os habitantes de uma villa, da tribu e da communidade. Entre nós mesmo, homens civilisados, quando sahimos das grandes cidades, e nos dirigimos ao campo, vêmos ainda que as relações mutuas entre os habitantes são reguladas, não segundo a lei escripta dos legisladores, mas segundo os antigos costumes, geralmente acceitos. Os camponezes da Hespanha, da Italia, da Russia, da França e de Inglaterra, não tem ideis alguma da lei escripta; esta apenas vem entremeter-se em sua vida sómente para regular suas relações com o Estado; em quanto as relações entre elles, algumas vezes muito complicadas, os regulam simplesmente segundo os velhos costumes. E isto tambem d'a-se no nosso paiz, com excepção dos trampolineiros politicos o qual geralmente são legisladores, fabricantes de leis, que sem o nosso consentimento, nos querem impor a sua estupida vontade e regular as nossas relações até no amor.

Continua

Sonhando

Tudo é negro em redor de mim. O firmamento outr'ora tão azulino quaes olhar de uma loura, apresenta-se negro e feio. O céu que era adornado de milhões de scintillantes astros que fulguravam na abobada celeste, no meio da qual Diana sobresahia, magestosa, enviando-nos seus fracos e esmaecidos raios de luz, estava despido de todos adornos naturais, estava ameaçador.

Um tédio indizivel de mim se apoderou; sentia antes de tristezas, procellu de desespero e como tudo me passasse monòtono e aborrecido, deitei-me invocando Morpheu.

Dormia profundamente. Parecia ser um lethargico somno. Si o somno é a imagem da morte, e o sonho será a imagem da vida?

* * *

Sonhava. Estava perdido numa floresta virgem cujas arvores magestosas davam uma sombra agradavel. O ar era embalsamado pelos diversos perfumes que se desprendiam das flores selvaticas.

Qual estatua da contemplação eu estava admirando uma parasyta oriunda aparhal a quando fui surprehendido por um homem alto, robusto, trazendo numa das mãos um ramo de cypreste. Tive receio do vulto enigmatico e quando quiz fugir, agarrou-me e disse:—Sou Sylvano—o Deus dos bosques, larga essa flor e foge. Enquanto me puz andando o vulto desappareceu como que por encanto.

(Continúa)

Mario de Oliveira

Projecto grandioso (!)

Camaradas, este titulo foi emprestado do «Cruzeiro do Sul», orgão instrumental, que possue uma objectiva pelo menos de cinco mil diametros. Talvez não tenha outro no Brazil no seu genero de augmentar os objectos.

O olho *intelligente* de seu attento observador, dá o maior valor aos phenomenos mais triviaes do mundo. Nós sabemos que uma cousa tão insignificante como uma planta marinha flutuando perto do navio de Colombo, bastou para reprimir a insobordinação dos seus marinheiros, que estavam no auge do desespero por não avistarem terra, e segurar-lhe o tão desejado novo mundo. Mas longe estavamos de pensar, que um novo aventureiro que navega nos bastidores do parlamento, engendrasse um plano tão ridiculo para caçar votos dos operarios nas proxima eleições. Nós que aprendemos com Isambert Brunel, que para furar o tunel do Tamisa, foi aprender com aquelle infinio bichinho que rói a madeira dos navios: nós que temos o mau vezo de esfolhar a historia, e ficamos surprehendidos quando descobrimos que Brossen lançou uma ponte sobre o Iseed, estudando a teia de uma aranha: confessamos que não nos suprehende *O grandioso projecto*, da trampolinagem politica; cuja força é querer apparecer amigos dos operarios.

«O grandioso projecto» visa simplesmente o interesse dos proprietarios das fabricas e, unicos que poderão construir casas para abrigo dos que trabalham nas fabricas. A industria cresce e os operarios escasseam pela falta de casas;

Demais o grande melhoramento só tem praso de dez annos, isto é: o tempo de poderem construir a villa operaria, e ao terminol-a, já se esgotou o praso da insenção dos impostos. Isto não passa dum bello conto do vigario que pretendem passar nos operarios com o fim de colherem algum voto. Nós porém os havemos de pol-os em guarda, para que abandonem duma vez para sempre a politicagem.

Elvira

Entre dois Operarios

Pedro e Chico, são dois operarios. Um trabalha na fabrica de S. Maria e o outro na fabrica Fonseca; ambos travaram o seguinte dialogo, n'uma esquina da rua do Hospital:

—Não se póde mais viver na fabrica Fonseca, depois que entrou esse máldito *portuguez* na gerencia.

—Agora mesmo venho da União Operaria, onde foi me queixar tambem lá da fabrica de S. Maria, pois não se ganha

O OPERARIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

SOROCABA, 31 DE DEZEMBRO DE 1911 — ANNO III — NUM. 115

Anno Novo

Poucos instantes nos resta, para vêr mais sepultado na noite tristonha do passado, o anno de 1911.

Envolta nas brumas crepusculares dos tempos que já se foram, muitas illusões irão para sempre repousar no tristor das realidades deixando-nos apenes os ligeiros reflexos das saudades, uma recordação sentida! E para outros o olvido será o mais benigno balsamo para as dores que soffreram nos transcorrer do anno que amanhã se finda.

A despeito porem d'esse mixto de dores e prazeres que pairá no ambiente de todas as eras a esperança estende, cada vez mais, as suas azas na classe operaria que sem duvida caminha para um futuro cada vez mais luminoso. A esperança anima a classe operaria no seu surto gigantesco, para um viver melhor.

Essa asserção se confirma com a satisfação que tivemos no anno expirante, em cujo anno tivemos o grato contentamento de vermos surgir em varios pontos do universo legiões de operarios conscientes e esclarecidos que abraçando a união bendita entrarão para a arêna da peleja, lutando e triumphando.

Esses homens no seu labaro sagrado em busca de luz e liberdade vencerão muitos corações emperdenidos concorrendo assim para a felicidade geral.

O que porem nos entristeceu bastante é que com o grito de revolta que trouxe o bem estar, relativo para muitos companheiros, uma parcella d'esses faltos da luz da razão offerecem ensejo para serem espezinhados pelo o «poder do oiro».

Mas essa dor não nos desalenta.

E é com a mais viva alegria que aproveitamos o ensejo para comprimentar todos os nossos companheiros d'essa luta insana em prol da liberdade e do conforto—lage esse onde se acha o nosso ideal e as nossas aspirações!

Tudo nos anima e tudo nos deslumbra, visto que, antegozando esse aprêro de metas caliolegas divizamos por uma collina suave e rendilhada de flôres onde a classe operaria irá divizar novos horizontes onde encontrará em farta o louvaminoso messo de seus esforços aproveitados.

N'essa espectativa deixamos, pois, sepultado nas brumas parideentas do passado o anno de 1911 e accariados por meigos e risonhas esperanças apresentamos nós nossos cumprimentos no raiar do anno novo as Boas Festas, na luta da intermina Felicidades.

Porque estamos certos de que, os nossos companheiros depósse da experiencia dos factos proseguirão em luta destemida e valorosa por essa éra que vem surgindo proxima.

Por isso é que bastante satisfeitos e confiados na nunca desmentida solidiedade do operariado em geral entraremos para o anno de 1912.

A's mães operarias

A vós, pobres mães operarias, que sois obrigadas a abandonar os vossas mizeros e humildes cazebres, os vossos ternos e queridos filhinhos, deixandoos muitas vezes em poder dos extranhos, ou de algumas filhas ainda de menor idade, a fim de poderdes ajudar os vossos esposos na dura luta quotidiana, dedico hoje esta minha mesquinha e obscura collaboração.

***

Em quanto as mães ricas viram-se descuidosamente no seu leito macio, pensando, muitas vezes, no que melhor empregar o seu ouro, nós, os operarios, lutamos desde cedo até á noite com o trabalho; enquanto os vossos filhos trefegos e cheios de saude, hão de frequentar as escolas, os nossos, talvez, vamos obrigados passar todo o fundo de seus sabiamos tempo quasi para aprenderem alguma cousa a ler.

Chamamos e temos razão para isso porque, não obstante sermos pobres operarios, que vivemos chorando amargamente, não encontramos uma alma caridosa que venha aturdir as nossas dores de mães mundissimas.

As lagrimas das ricas são guardadas como quem guarda um thesouro...

Sem voz, caras amigas, temos economia para comprar algumas metros de grosso pano para com elle agasalhar o nosso tesouro de mães filhos mi-nhos, elles, os ricos, gastam com abundancia em sedas e fina cambraia, produzem em seguida a se exhibirem, envolvendo-nos com o seu olhar desprezador e altivo!...

Porque toda essa indifferença, esse orgulho todo, si tudo neste mundo é nada, tudo é pó?...

***

Porventura não teria vós o mesmo direito de desfrutar com elles, pobres operarias?

Não! vós respondereis—porque elles são ricos, e por isso não comprehendem os nossos martirios.

Aquelle dinheiro que elles atiram as mãos cheias ao sigo da moda, não é mais do que ganho com o nosso suor...

***

Ensinae, pois, mães, os vossos filhinhos, mandae-os para a escola, afastae-os desses terriveis sugue-sugas que se chamam industriaes, para que mais tarde possais ver em vossos filhos um cidadão activo, instruido. Vamos, minhas bôas Amigas, deixeis de muita crença, que todo o que nos contam não é mais do que illusão. Unamonos, operarias, instruimos os nossos filhos, para que elles mais tarde sejam homens, cidadãos livres, fortes defensores da nossa Classe.

Uma Operaria.

A essencia do socialismo

A reforma do socialismo

Karl Marx foi o theorico d'esta phase da evolução do socialismo. Compenetrado da importancia da organisação dos trabalhadores, impressionado pela grandeza da luta travada entre o Capital e o Trabalho, bem que elle foi testemunha, por meio classico do capitalismo e da organisação operaria, concebeu um arrojado plano scientifico, interpretando-os como as influencias e productos da constituição economica (*concepção materialista da historia*). Deriva os factos economicos (lucros, rendas, interesses, salarios) da exploração de força de trabalho (*theoria da mais valia*). Julgou que pelo proprio mechanismo da exploração capitalista, a accumulação da riqueza augmentaria; que o proletariado se encontraria reunido e muito numeroso; e que um choque final produziria a destruição do systema (*lei d'accumulação capitalista e luta das classes*).

Vamos examinar estes differentes pontos da doutrina.

Concepção materialista da historia. «O modo de producção da vida material domina em geral o desenvolvimento da vida social, politica e intellectual.

«A sujeição economica do trabalhador aos detentores dos meios de trabalho, isto é das origens de vida, é a causa principal da sua servidão e todas as formas, miseria social, enviletimento intellectual e dependencia politica.

«A estructura economica da sociedade è sempre a base real, e dá a explicação de toda a superstructura das organisações

O OPERARIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

SOROCABA, 12 DE JANEIRO DE 1913 — ANNO IV — NUM. 165

A Burgueza e a Anarchista

A irregularidade e a falsidade de muitos individuos depende da educação que receberam na sua infancia. Tanto o homem como a mulher modernos passam de um estado ao outro sem enthusiasmo, sem fé.

A mulher especialmente o unico fim que ella aspira é aquelle de ter uma casa propria, de brilhar segundo o gráu e de gosar todos os prazeres. As moças ricas se fazem esposas e mães sem verem o verdadeiro senso da vida na maternidade!— os filhos são sempre um accidende de desagrado que lhe desforma o corpo e consomalhe a belleza—mais o senso da vida o procuram nos prazeres amorosos, na comodidade, nas relaçõer mundanas.

A mulher moderna é apaixonada, é ebria de todas estas vaidades e cria os filhos como foi criada e educada: os nutre delicadamente, ensina-lhe, não as normas que os rendem capazes do sacrificio, do trabalho e de energia, mais tudo o que destes os deve livral-os e os rende seres inutis a sociedade, ociosos, ipocritas, perversos, perseguidores como os nossos orgão da *justiça*. Se estas mulheres não são mundanas mais burgnezas, e que o marido faça de tudo para accumular riquezas, aproveitando o trabalho alheio, elias auxiliarão os maridos na obra de explorar, e como ellas e os pais, educarão os filhos deshonestos e rapinas. Dest'arte vêmos essas mulheres estimarem as pessoas não pelo o que ellas são, mas pelo que essas pessoas trazem de herança, ou adquirem desta ou d'aquella forma, tanto roubado como de explorar o trabalho alheio, escolhendo para seu filho uma mulher como ellas ou para sua filhas um homem como o seu marido, explorador e cruel.

A verdadeira mãe, a mãe idéal, diferente destes tipos. prepara os seus filhos ao trabalho, ensina-lhe o sacrificio, desenvolve-lhe a energia e a sua vontade. Esta è a verdadeira anarchista porque diz a seus filhos que o trabalho é a primeira condição da vida, é a primeira lei natural, o trabalho é santo, enobrece o homem que é a alma do mundo, e n'estes preceitos mais de que em qualquer instrucção, forma o verdadeiro homem. Uma mulher destas, longe está de impellir seu marido para um trabalho falço que tem o unico fim a exploração do trabalho alheio, o persuadirá desse preposito, lhe falará que o amôr nos deve render todos irmãos, que o trabalho deve ser igual para todos os homens, que accumulação da verdadeira riqueza está no accumular todos os bons sentimentos na consciencia e no coração.

Uma mãe anarchica não escolherá para sua filha um marido usurpador e perverso, mas um homem amante do trabalho, rico de bondade e de energia e desprezará tudo quanto for contra a esses principios. Uma mãe anarchica não ambiciona para seus filhos e seu companheiro, cargas de cruzes. diplomas e galões que dão o direito de explorar o trabalho dos outros, mas ensinará a seus filhos a energia do dever na vida pratica, ainda com o custo da propria vida, porque sabe que nesse dever consiste a verdadeira felicidade. A verdadeira mãe! oh, sublime realidade das gerações futuras, este tipo de mãe anarchica é o sonho de todos os corações bons, a luz inacessivel da humanidade nova, fundada sobre as bases do trabalho e do amor. Na mulher anarchica está pois a salvação do mundo.

Elvira

Papel Leão —em caixa com envellopes no «Clarim».

Porque os operarios são religiosos

Não importa que mil maldições cahem sobre mim, que todas as escomuniões pesam sobre meus ombros e todas as ameaças sobre a minha cabeça. O que digo é a verdade e desafio quem me conteste o que escrevo nestas linhas.

O homem é religioso porque durante oitos longos seculos a greja catholica imperou em todo o universo sem nunca dar um passo em beneficio dos trabalhadores, ao contrario os explorou sempre vilmente e os explora até em nossos dias com os taes sacramentos e em muitas partes d'America escravisa os indios enfligindo-lhe castigos horriveis, nunca se preocupou com a instrucção dos operarios, mas ensinando-lhe sempre mentiras, para humilial-o e conserval-o como uma besta, abrindo-lhe a porta de todos os crimes com o perdão do confissionario, o homem mata, rouba, deshonra, depois arepende-se e conta ao padre, este o absolve e torna-se um santo puro para no dia seguinte continuar as suas façanhas e os seus crimes. Este é o que o operario quer, que o atolerem e lhe perdòam todas as suas faltas para ganhar um cantinho no paraizo. Por isto nós livre pensadores somos odiado e maldiçoados dos operarios inconscientes, porque lhe vedamos os crimes e lhe apontamos a consciencia, a perpetua accusadora, que os castiga durante a vida com o remorso. Somos detestados por elles porque lhe ensinamos a verdade e todos os meios de manifestarem os pensamentos por meio da escripta ou da pallavra, e isto custa um pouco de sacrificio, mostrando-lhe a differença que esiste entre o crêr e o saber; combatemos todos os vicios que depravam o individuo, ao passo que a igreja atolera tudo, basta que creiam em suas mentiras e se deixem tosquiar sempre a lã, por isso soffrem uma contrariedade e prefiram fugir de nós para correr na igreja.

A mulher é devota e nós detesta quando lutamos para amancipal-a. Livrar a mulher das calunias seculares, das convenções ridiculas, do carolismo, do fanatismo, da superstição. da vaidade, da prostituição legal ou tolerada, dos perigos de faceis suggestões e das romanticas e quão irrealisaveis fansasias morbosas, é conquistar todo o seu odio. Ella ama os padres porque os santos da igreja diziam della o que nós nunca nem de leve formemos esse juizo.

Vejamos: S. João Damasceno sustenta que a mulher é uma serpente envenenada; S. Agostinho esclama. a mulher é a seiva do peccado; S. Antonio diz: a mulher é algo peior do que o demonio. O Demonio andava sò, a mulher anda com o demonio; S. Paulo antes cuja imagem se curvam as moças, rogando-lhe que as une ao eleito do seu coração. dizia da mulher: E' uma vibora infernal, um ser tão miseravel que atè o beijo de mãe é impuro.

Outro santo dizia que o inferno está calcado de linguas de mulheres; no concilio de Latrão chegaram a negar a alma na mulher.

Se ouver quem queira desmentir-me, eu me comprometto exhibir os livros em publico, para julgar se é verdade ou mentira. A mulher como o homem cristalisada na fé do perdão do confissionario, foge das conferencias instructivas, abandona o lar, o esposo e os filhos para ouvir as palavras carinhosas do padre que ha suggestiona com as imagens, com pinturas, com armamentos, a perfuma com incenso e carinhos e lhe promette tambem um cantinho no céo. Prohiba-lhe a leitura de livros instructivos, de jornaes e re-